

Encontro na praia

Brian Moore

Círculo de Leitores

Digitalização e Arranjo

Agostinho Costa

Título do original: Doctors Wife

Tradução de: Clarisse Tavares

Encontro na Praia

Brian Moore

Revisão de: Luís Candeias

Edição integral

4ª Edição: 5000 exemplares

Dezembro de 1978

Para Jean

Introdução

O avião de Belfast chegou à tabela, mas, depois de os passageiros desembarcarem, houve que esperar longo tempo pela bagagem.

- Este avião anda cheio sete dias por semana - disse um rapaz que estava junto do Dr. Deane a observar as primeiras malas que surgiam a oscilar sobre o tapete rolante. - É a viagem mais lucrativa das Ilhas Britânicas - continuou o rapaz.

O Dr. Deane acenou afirmativamente, não gostava muito de



conversar com estranhos. Avistou a sua mala de lona que descia a rampa, com um ar um pouco gasto nos cantos, o que não era de admirar. Tinha sido um presente de casamento dos seus colegas internos, vinte anos antes. Pegou na mala, saiu e tomou o autocarro para o Terminal II, a fim de apanhar o voo das doze para Paris. Chovia em Londres. O tempo estava bastante ameaçador quando saíra de casa, nessa manhã, mas a previsão meteorológica falara em boas abertas na zona sudeste das Ilhas Britânicas. Na sala do aeroporto, depois de lhe terem visado o bilhete, decidiu tomar um pequeno uísque. Ainda era cedo, mas lembrou-se da velha lei irlandesa. Um viajante genuíno tem direito a beber fora das horas normais.

A caminho do bar, o Dr. Deane parou no balcão dos jornais e, depois de uma rápida observação, comprou o Guardian e a revista Time. Depois, foi encostar-se, alto e solitário, ao longo e moderno balcão do bar.

- Foi John Jamerón que pediu? - perguntou o barman, começando a procurar a garrafa.

Quando o Dr. Deane viu a quantidade de líquido que o empregado lhe despejara no copo recordou-se que estava em Inglaterra.

- Quero duplo - disse.

- Duplo, muito bem.

Saboreou o uísque. Pelo altifalante, uma voz anunciava voos para Estocolmo, Praga e Moscovo. Ainda lhe parecia curioso pensar que havia pessoas que saíam daquela sala para apanhar aviões para locais que, para ele, não passavam de nomes lidos no jornal. Acabando o uísque, tomou dois comprimidos de Geluril. Tinha úlceras, uma doença de família, que já haviam rebentado por duas vezes, por isso, devia ter cuidado. Ultimamente, tinha feito o contrário. Claro, toda a gente bebia mais, naquela época. Era de esperar.

Quando chamaram o seu voo, foi um dos primeiros a tomar o autocarro que ia levar os passageiros até ao avião que os aguardava. Dentro do autocarro, desabotoou a gabardina, que trazia sobre um fato de tweed verde, com uma camisa amarela e uma gravata verde. As cores faziam que o seu rosto parecesse pálido e cinzento. A mulher gostava de lhe escolher as roupas. Mas não tinha gosto. Ele sabia-o, mas não discutia com ela. Apreciava mais a paz do que ela. Mais adiante, como brinquedos de corda, uma fila de aviões rastejava em direcção ao local de descolagem. O Dr. Deane observou um enorme jacto americano que se erguia no céu cheio de chuva e perguntou a si próprio se iria descolar na direcção errada. Então, com uma arremetida dos motores, o seu próprio avião elevou-se nos ares e ele começou a ver o campo inglês, lá em baixo. Se é que se lhe podia chamar campo. Muito mais casas, estradas e pessoas do que na sua terra. Cinquenta milhões naquela ilha e menos de cinco milhões em toda a Irlanda.

O avião atravessou a chuva e as nuvens, até atingir as abertas preconizadas pela previsão dessa manhã e, algum tempo depois, surgiram as hospedeiras, a vender cigarros e bebidas. Pediu um Haig e verificou que, livre de direitos, lhe custava um quarto do que pagava pelo Jamerón no bar do aeroporto. Desafivelando o cinto, ergueu o copo olhando o amarelo pálido do Scotch. A mulher era, de todo, contra aquela viagem, considerava-a como procurar uma agulha num palheiro, um acto

absolutamente inútil, enfim, todos os lugares-comuns que ela havia metido na cabecinha. Tinha-a avisado para não falar do assunto a pessoa alguma, mas talvez fosse pedir-lhe demais. Baixou o olhar, viu que o avião já voava sobre a água e torceu o pescoço de modo a ver ainda, de relance, os rochedos brancos de Dover. As hospedeiras passavam de novo pela coxia, com as bandejas do almoço frio. Pensou na carta que tinha chegado a Paris, dois dias antes, uma carta do americano, dirigida a Sheila, ao cuidado de Peg Conway. A sua taquicardia de novo. São apenas nervos, o coração está bem. Estava perfeitamente bem. Ia ter com Peg e falar com aquele padre.

8

Para ver o que conseguia descobrir.

A hospedeira inclinou-se para ele, estendendo-lhe a bandeja de plástico com um prato de carnes frias, um bolo de creme e uma salada verde.

- Deseja comer?

O Dr. Deane não sentia fome, mas tinha de alimentar a sua úlcera. Aceitou a bandeja.

A pequena Peg Conway regressou do hall do apartamento para se postar, de pé, como uma criança, diante da alta e solitária figura do Dr. Deane. Antiquado como era, ele erguera-se do sofá quando ela regressara à sala.

- Por favor não te levantes - pediu Peg. - Aqui está ela.

O Dr. Deane fez rodar a carta entre os dedos, reparando nos selos americanos e no endereço para que tinha sido expedida:

Mmadame SHEILA REDDEN Ac. de PEG CONWAY 29 QUAI SAINT-MICHEL
PARIS, 75005 FRANÇA

Faire Suivre, r. v. p. Urgente. Favor expedir.

E o endereço de onde fora enviada:

T. LOWRY
PINE LODGE RUTLAND, VERMONT 05701
E. U. A.

- Como vês, foi posta no correio em Vermont na segunda. Quatro dias depois de se supor que saíram de Paris.

O Dr. Deane reclinou-se no sofá gasto de veludo castanho. Batia com o sobrescrito no joelho.

- Porque não a abres? - perguntou Peg.

Ele sorriu, nervosamente, e olhou de novo para a carta.

9

- Ah, não. Acho que não o devo fazer. Não seria correcto.
- É uma emergência, afinal.
- Eu sei.
- Olha! - disse Peg. - Ela devia estar na América.

Bem, estará mesmo? Repara na data do sobrescrito. Se ele Lhe escreveu essa carta, isso quer dizer que já não se encontram juntos.

- Não, necessariamente. - O Dr. Deane acendeu um Gauloise que tirou dum maço amachucado. - Ela pode ter-se acobardado nessa noite e depois ter ido ter com ele.
- Depois de a carta ter seguido?
- Exactamente. - Aspirou o cigarro e expulsou o fumo pelo nariz.
- Julgava que os médicos não fumavam, actualmente.
- Voltei atrás.
- Bem, que vais fazer agora?
- Estava a pensar nisso - disse o Dr. Deane. - É possível que ela esteja junto dele agora, neste endereço de Vermont. Podia tentar telefonar-lhe.
- Telefonar para a América? Para essa Pine Lodge?
- Sim.
- Preferes fazer isso a abrir a carta?
- Sim.
- Bem, está bem - disse Peg. - É uma ideia. Olha, vou começar a fazer o jantar. Assim não te incomodo, se tentares falar com Sheila. O telefone está ali.
- Eu pergunto quanto custa a chamada, claro.
- Não te rales com isso.

Ele ergueu-se quando ela saiu e depois ouviu-a fechar a porta da cozinha com força, para lhe indicar que não estaria a escutar. Um grande gato malhado surgiu silenciosamente do hall, arqueando o lombo, e encostou-se às suas calças. Voltou a olhar para o remetente da carta e dirigiu-se à secretária, sobre a qual se encontrava o telefone. Através das janelas de sacada de Peg, podia ver o Sena lá em baixo contorcendo-se através da cidade; à sua esquerda, o espiral da Sainte-Chapelle, iluminada por projectores, por trás dos tribunais, e mais abaixo, a fachada assustadora e sepulcral da Notre-Dame. Estar a olhar para uma paisagem como aquela, tão diferente da que via de sua casa, pegar no telefone e dizer palavras que seriam levadas pelo cabo submarino até àquele

imenso continente que nunca vira, era como se não estivesse a viver a sua própria vida, mas sim a interpretar um filme, um detective à procura de uma pessoa desaparecida, ou, mais provavelmente, um criminoso tentando desculpar-se diante da sua vítima. E agora, depois de marcar o número, e de falar com a telefonista do serviço internacional, ouvia uma campainha a tocar, lá longe, nítida e normal, como se estivesse a ligar para alguém que morasse ali à esquina.

- Pine Lodge - respondeu uma Voz americana.
- Tenho uma chamada pessoal de Paris, França - disse a telefonista. - Para a Senhora Sheila Redden.
- Lamento muito, não temos ninguém registado com esse nome. O Dr. Deane interrompeu:
- Têm o número do Senhor Tom Lowry?
- Um momento, deseja pedir uma chamada para o Senhor Lowry?
- perguntou a telefonista.
- Sim, se faz favor.
- Obrigada. Está, Vermont? Têm aí um Senhor Tom Lowry, por favor?
- OK! Um momento - disse a voz americana. - Tom? Paris!

Atenda no dois.

- Está? - uma voz jovem, muito excitada.
- Senhor Lowry? Sou o irmão de Sheila e estou a falar de casa de Peg Conway, de Paris. Chamo-me Owen Deane.
- Oh! - A voz esfriou. - Faça favor.
- Tenho tentado entrar em contacto com Sheila. Queria falar com ela sobre um dinheiro que tenho de enviar-lhe. Ela está aí?

Houve um momento de hesitação.

- Lamento. Não posso ajudá-lo.
- Estou a telefonar porque chegou aqui uma carta sua, dirigida a Sheila. Pensávamos que ela estivesse consigo. Naturalmente, estamos preocupados com ela.
- Lamento imenso.
- Bem, oiça, se sabe onde ela está, podia dar-lhe um recado.

Agradeço que lhe diga que me telefone, com pagamento no destino, para Paris, para o Hotel Angleterre. Eu dou-lhe o número.

- Lamento. Adeus - disse a voz do rapaz.

Ouviu-o pousar o auscultador.

-11-

O Dr. Deane ficou parado, de pé, com o telefone na mão e o coração de novo agitado pela taquicardia que o afectava desde que aquela história começara. Pousou o auscultador, viu o seu rosto pálido no espelho e voltou a recordar-se do que ela lhe havia dito naquele dia: "Esquece-me. Sou como o homem da história do jornal, o homem vulgar que foi à loja da esquina comprar cigarros e nunca mais foi visto." E pensar que passara apenas quatro semanas que ela havia chegado a Paris para dar início a umas vulgares férias de Verão. Tinha vindo àquela casa, havia estado naquela mesma sala. Os seus olhos pesquisaram o espelho, como se, por trás dele, a sua irmã pudesse reaparecer. Mas o espelho apenas lhe devolveu o seu próprio reflexo, o seu rosto de judas.

-12-

Primeira parte

Capítulo primeiro

"Põe as tuas coisas no quarto de hóspedes", tinha escrito Peg, e põe-te à vontade. Só volto às seis., Sheila Redden".

pousou a mala pesada, e procurou debaixo do tapete, no último degrau da escada, no lugar onde a carta de Peg dizia que a chave estaria. Tirou-a, meteu-a na fechadura e a porta abriu-se para dentro, com um gemido das dobradiças. Quando se inclinou de novo para pegar na mala, um enorme gato malhado ultrapassou-a e entrou para o apartamento. Seria o gato de Peg? A Senhora Redden entrou, chamando Bichano, bichano", embora provavelmente bichano nada significasse para um gato francês, segundo calculava. Os gatos franceses não se chamavam todos Minou? Seguiu até ao hall de entrada, sempre a chamar Bichano, bichano", maldito gato, mas nessa altura viu-o, muito à-vontade, a beber água de um pratinho na cozinha. Então estava tudo certo. Despiu o casaco.

Tudo estava calmo ali, àquela altura, os ruídos da rua transformavam-se num sussurro distante. Na sala, imaginando a bela vista que iria admirar, abriu a janela central e saiu para a estreita varanda. Lá em baixo, o Sena contorcia-se por entre ruas cheias de história, como qualquer cidade irlandesa jamais conheceria, e, olhando para baixo, viu surgir, sob as sombras da Pont Saint-Michel, um barco de turismo que deslizava para o Sol, cheio de turistas empilhados no vasto convés, olhando na sua direcção. Se a viram, deveria parecer-lhes uma francesa rica, na sua luxuosa casa, em frente da Île Saint-Louis. O barco de turismo começou a deslizar para o lado, como se tivesse perdido o leme, e, depois, endireitando-se, dirigiu-se para a Notre-Dame, agitando a água castanha e suja. A Senhora Redden inclinou-se sobre o gradeamento de ferro da varanda para olhar para a rua, Seis andares mais abaixo, onde os criados de avental branco, minúsculos como as figurinhas de noivos que se colocam nos bolos de casamento, corriam de um lado para o outro, entre as mesas dispostas no passeio. Veio-lhe à memória a visão da salinha da sua casa. O jardim, tijolos cobertos de hera, a colina de Belfast, a Cave Hill, a espreitar

por cima do muro do jardim, com os seus cumes semelhantes ao perfil de um gigante adormecido, com a cara voltada para o céu cinzento. Mesmo em frente da casa, ficava o pico mais alto da colina, aquele a que chamavam o Nariz de Napoleão. Lembrou-se dele, naquele momento em que olhava para a cidade de Napoleão. O Imperador no seu alazão branco, o Marengo, a avançar pela Place des Invalides, triunfante depois de Austerlitz; o bater dos cascos nas pedras da rua, galhardetes de seda, cordões

doirados, barretinas de pele, e a Velha Guarda. O Nariz de Napoleão. "É isto."

Voltou para dentro, fechando as grandes portas da janela, e foi ao hall buscar a mala. Mas nessa altura, o seu coração deu um salto, ouviu alguém que se movia no interior da casa.

Ladrões? Ou pior ainda? Desde aquela bomba em Abercorn, tudo a assustava. Ficou quieta como um rato, a escutar, até que, Oh! Meu Deus! Graças a Deus!, viu de quem se tratava. Havia uma rapariga no quarto dos hóspedes.

- Assustei-a? - perguntou a rapariga, ao descobrir a Senhora Redden e ao reparar no seu olhar.

- Não, de maneira alguma.

A rapariga, americana pelo tom da voz, vestia blue jeans e uma camisa transparente. No meio do quarto, estava aberta uma mochila. A rapariga pegou num pente, numa escova e nalguns acessórios de toilette.

- Eu devia ter-me ido embora há uma hora, mas demorei-me ao telefone. É a amiga de Peg que vem de Belfast, não é?

- Exactamente.

- Chamo-me Debbie Rush.

- Sheila Redden - disse a Senhora Redden, e houve uma pausa embaraçosa.

- Então - perguntou a rapariga -, como vão as coisas em Belfast?

- Oh, como de costume.

- Deve ser duro, não é? Acha que conseguirão resolver aquela baralhada?

A Senhora Redden expressou um sorriso que se esforçou por tornar amistoso. Americanos! Kevin tinha uma tia americana que viera de Boston visitá-los, no último Verão, era cansativa. Claro, aquela rapariga, provavelmente, trabalhava com Peg. Devia ser isso.

16

- Parece-me que têm é de correr com os ingleses de lá para fora - disse a rapariga.

A Senhora Redden não lhe concedeu uma resposta.

- Trabalha no escritório de Peg? - inquiriu.

- Na Rádio Europa Livre? - A rapariga desatou a rir. - Nem por sombras. Sou amiga de Tom Lowry. Ele é amigo de Peg, e, como houve uma falha no meu voo charter de regresso, ele falou com ela, e como Peg é um amor, deixou que me alojasse aqui até a senhora chegar.

A Senhora Redden sentiu-se imediatamente culpada.

- Então estou a correr consigo?

- Não, não, não há problema. Esta noite vou para um hotel e amanhã apanho o avião, espero.

A rapariga levantou a mochila e ajeitou-a às costas. Os seios espetaram-se por baixo da blusa fina. A Senhora Redden ajudou-a a ajeitar a mochila sobre os ombros.

- Oh, obrigada - disse a jovem. - Sinto-me feliz por ter de descer as escadas, não de as subir. Que pensa destas escadas?

- São boas para manter a linha - disse a Senhora Redden.

- Sim, é verdade.

A rapariga, enfiando os dedos sob as correias da mochila, voltou-se e marchou como um soldado para o hall. A Senhora Redden apressou-se a abrir-lhe a porta da frente.

- Tive muito prazer em conhecê-la - disse a rapariga.
- Lamento correr consigo desta maneira.
- Não, não, passe umas boas férias. Até à vista.

A Senhora Redden, conservando a porta aberta, não queria fechá-la sem a rapariga desaparecer, pareceria má educação, ficou a olhar para a cabeça loira que descia, até a escada ficar vazia.

Quatro horas mais tarde, a Senhora Redden e Peg Conway estavam a festejar o seu encontro com um jantar em La Coupole. Dois homossexuais que entravam no restaurante pararam, olharam para a Senhora Redden, disseram um segredo um ao outro, e depois fizeram-lhe uma cerimoniosa vénia.

- Tens a certeza de que não os conheces? - perguntou Peg.

17

- Não, claro que não.
- Devem ter-te tomado por qualquer outra pessoa.
- Ou talvez pensem que sou um homem com um vestido enfiado.

Peg riu-se.

- Estás louca, porque haviam de pensar isso?
- Por causa da minha altura. Do modo como sobressaio sentada nesta cadeira.

- Quando é que perdes essa mania quanto à tua altura?

- Nunca se perde - disse a Senhora Redden.

- A propósito de maricas - Peg começou a rir de novo -, gostava de saber o que sucedeu ao Rice Lindinho.

- Esse era o fim.

Riram-se ambas, ao recordarem-se dele: era um colega do Queen que usava uma camisola do comprimento de um vestido curto e que se sentava sempre no lugar da frente, durante as aulas, a polir as unhas com uma escovinha de camurça.

- A mãe dele morreu - disse a Senhora Redden. - Vi a notícia no Belfast Telegraph, há alguns anos.

- Lembras-te de quando ela rondava a Associação de Estudantes; à espera para lhe entregar o almoço num cesto de piquenique?

Riram-se.

- Ouvi dizer que ele foi para Inglaterra - disse a Senhora Redden.

- O Lindinho?

- Penso que sim.

- Olha lá - perguntou Peg -, tu e Kevin nunca pensaram em emigrar?

- Oh, Kevin nunca deixaria Belfast.

- Porque não?

- Teria de começar de novo, iniciar uma nova clínica. Além disso, ele não quer viajar. Levou-me dois anos a convencê-lo a vir ter comigo nesta viagem de férias a Villefranche.

- No entanto, lembro-me que ele gostava de se divertir - disse Peg. - Lembras-te das corridas?

Ao falar, lembrou-se dele, daquele enorme marido de Sheila,

de pé, na cerca dos sócios, no Curragh, com um distintivo de sócio na botoeira, erguendo o binóculo para observar a pista.

18

- Oh, sim, costumava ser divertidíssimo. Íamos de carro até Dublin, pernoitávamos no Buswells Hotel, depois passávamos o dia inteiro nas corridas, e comíamos bem antes de voltarmos para casa. Mas agora ele não tem tempo para isso.

- Tem de se arranjar tempo.

- Farta-se de trabalhar - disse a Senhora Redden. - Naquela clínica conjunta. E agora tem um trabalho extra como consultor cirúrgico no Exército Britânico. Fazem-no ir três ou quatro vezes por semana ao Q.-G. deles em Lisburn. É trabalho demais para um homem só. E posso-te garantir que isso não contribui nada para melhorar a sua disposição.

Peg Conway nem estava a escutá-la. Olhava para a porta. Tinha estado toda a noite à espera que Ivo aparecesse, mas agora parecia-lhe já pouco provável. Disse:

- A propósito de Villefranche, passei ultimamente um fim-de-semana infame, mas estupendo, no Sul de França.

A Senhora Redden ficou embaraçada:

- Ah, sim?

- Ele chama-se Ivo Radic. É jugoslavo.

- Um jugoslavo - disse a Senhora Redden. "Com que então havia um homem novo".

- Um refugiado. Ensina inglês e alemão numa incrível escolazinha particular do Décimo Sexto Bairro. De qualquer modo, é muito melhor do que Carlo.

- Que sucedeu a Carlo?

- Não me perguntes. A mulher que fique com ele. Pelo menos, Ivo é divorciado.

- Ivo Radic - disse a Senhora Redden, como a experimentar o nome.

- Encontrei-o casualmente - disse Peg. - Hugh Greer... Lembras-te de Hugh Greer?

- Claro - disse a Senhora Redden.

Hugh Greer era professor no Trinity e o primeiro e grande amor de Peg.

- Bom! Hugh tem um aluno americano em Dublin, um rapaz chamado Tom Lowry. Pediu a Tom que viesse ver-me quando estivesse em Paris, este Verão. E Tom assim fez, e depois convidou-me para ir tomar uma bebida ao apartamento dele. E o companheiro de quarto dele é Ivo. Assim, desta estranha maneira, conheci Ivo por causa de Hugh Greer.

19

- Então ainda te conservas em contacto com Hugh?

- Sim. Pobre Hugh. Tem um cancro, sabias?

- Oh! Meu Deus! Onde?

- Num pulmão.

- Que idade tem ele?

- Uns cinquenta. Ouve, gostavas de conhecer Ivo?
Sheila pensou: "Que se pode dizer num caso destes?"
- Claro que sim - respondeu.

- Bem. Digo-te o que vamos fazer: acabarmos de comer e depois vamos tomar um café a uma casa chamada Atrium. A casa de Ivo e de Tom fica mesmo à esquina. Vou telefonar-Lhe, para ver se Ivo pode ir ter connosco - disse Peg, erguendo-se imediatamente, muito determinada, para ir ao cabinet de toilette, onde estavam os telefones.

A Senhora Redden ficou a vê-la e, depois, à sua maneira tímida e furtiva, lançou uma olhadela às pessoas que estavam na divisória ao lado, um velho francês de ar aristocrático e o seu jovem filho; ambos comiam ostras Bélon e chupavam o sumo das cascas. Lembrou-se da primeira vez que tinha estado em La Coupole, naquele Verão em que era estudante da Alliance Française. O seu Tio Dán aparecera em Paris e. levava-a a almoçar ali, para Lhe apresentar um rapaz que era o correspondente em Paris do Irish Times. Depois do almoço, foram todos a uma festa ao ar livre... em Fontainebleau, em casa de uma condessa sueca que era amiga do Tio Dan. O Tio Dan conhecia toda a gente. Morrera de cancro. Agora era Hugh Greer que tinha um. No dia do funeral do Tio Dan, fora sozinha de comboio a Dublin. Kevin teve de ficar por causa de uma operação. Todas as pessoas importantes haviam ido ao funeral, o Cardeal, com as suas sedas escarlates, sentado na cadeira episcopal ao lado do altar, durante a missa, no cemitério de Glasnevin, De Valéra, . que tirara o chapéu e ficara com ele sobre o peito, enquanto o padre dizia as orações pelo morto; Mmass, o primeiro-ministro, estava ao lado dele, bem como todos os outros ministros, todo o corpo diplomático, toda a gente. Quando os clarins do Exército Irlandês tocaram a silêncio, após as orações, a Senhora Redden, que estava sentada num grande Daimler alugado, com a Tia Meg, chorou, mas ela não, limitou-se a observar tudo, com a bengala entalada entre os joelhos, como se fosse isso que a mantivesse direita, e, logo que os clarins deixaram de soar, disse:

20

- Esqueci-me dos bolos de fruta. Encomendei sete no Bewley. Diz à Senhora O'Keefe que ponha cinco na mesa com o cherry e as sanduíches. Sheila, estás a ouvir-me?

A Senhora Redden olhou de novo para o velho francês e para o filho, que tinham acabado as ostras e estavam a beber vinho de Loire e a molhar finas fatias de pão escuro com manteiga no molho das cascas. Voltou-se e viu Peg que regressava, atravessando a enorme sala, e que lhe fazia, de longe, um sinal com os polegares voltados para cima. O jugoslavo deve ter concordado e lá iam todos três para o Atrium. A Senhora Redden sorriu para Peg, mas ao seu espírito acorrera a imagem do túmulo do Tio Dan da última vez que o vira, quando o visitara, sozinha, dois anos depois do funeral, num dia de tempestade com relâmpagos e trovões, sem uma cruz por cima, sem nada que dissesse quem ele era, apenas uma laje de mármore cinzento de Connemara sobre a campa, ao nível da terra. Com o

seu nome: Daniel Deane. 1899-1966. Tinha comprado uns cravos numa loja perto do cemitério. O Tio Dan gostava de usar um cravo na lapela. O empregado do cemitério deu-lhe uma jarra azul. Deixara-lhe no túmulo cravos vermelhos numa jarra de vidro azul.

No Atrium, Peg escolheu uma mesa com uma boa vista para o Boulevard Saint-Germain. A Senhora Redden recordou-se de novo do modo como os franceses se sentavam à mesa, não voltados para os seus companheiros, mas sim todos voltados por forma a poderem observar quem passava. O jugoslavo ainda não tinha aparecido.

- Adoro estar aqui, a ver passar pessoas - disse a Senhora Redden, olhando para o desfile lá fora.

- A maior parte desta gente fazia melhor se estivesse em casa a estudar, em vez de andar por aqui a pavonear-se em fato de máscara - disse Peg. - No próximo fim-de-semana há exames de fim de período na Sorbone. Graças a Deus, não sou uma mãe francesa.

Mas a Senhora Redden gostaria de vê-lo. Ali as crianças podiam ir para onde quisessem, sem que as mães se preocupassem com as bombas, ou que fossem detidas por uma patrulha do Exército, ou levadas por engano numa rusga policial, ou mortas por uma bala de uma arma de mira telescópica.

21

Se Danny se demorava na escola ou em casa de um colega até escurecer, geralmente, era forçado a passar lá a noite.

O criado aproximou-se.

- Ouve - disse Peg -, se queremos ambas um conhaque, vamos pedi-lo e pegá-lo antes que Ivo chegue.

Caso contrário, pobrezinho, vai insistir a ser ele a pagá-lo.

- Está bem, desde que me deixes pagar - disse a Senhora Redden. - Deux cognacs et deux cafés, s'il vous plait.

- Bien, Madame - disse o criado.

Talvez fosse do conhaque ou talvez da perspectiva de Ivo vir ter com elas, mas o espírito de Peg melhorou de maneira notável.

- Então amanhã à noite vais estar em Villefranche, no mesmo hotel em que passaste a tua lua-de-mel? Isso só pode significar uma coisa: gostaste desse tempo.

Isto aborreceu a Senhora Redden, embora não o mostrasse. Com cerca de quarenta anos de idade, seria de esperar que Peg já tivesse ultrapassado a sua mania de adolescente, de estar sempre a falar de sexo. Mas nada havia a fazer.

- Coraste? - perguntou Peg.

- Oh! Pára com isso.

- Ouve, Sheila, invejo-te. Penso que és uma das poucas pessoas que conheço ainda feliz com o casamento. Decerto és a única que faz uma segunda lua-de-mel... Quantos anos depois?

- Dezasseis.

- Meu Deus, tanto tempo?

- Danny tem quinze. Casámos em 1958.
- Então que idade tens? Trinta e oito? Não pareces nada.
- Ainda terei trinta e sete até Novembro - disse a Senhora Redden rindo.
- Ivo é quatro anos mais novo do que eu. Julgo que isso te parece uma absoluta decadência.
- Oh! Que disparate - respondeu a Senhora Redden, embora pensasse: "Eu não conseguiria fazê-lo, mas eu não sou Peg, ela fez tudo aquilo que eu nunca tive a coragem de fazer, ir a Londres para frequentar um estágio após se licenciar em Letras, depois as Nações Unidas, em Nova Iorque, com a delegação irlandesa, e agora Paris, para ganhar imenso dinheiro com os Americanos. Vive como um homem, livre,

22

com os seus romances, a viajar, sempre em grandes cidades, enquanto eu, pobre de mim, todos estes anos enfiados em casa, a desperdiçar a licenciatura. Creio que já nem conseguiria ganhar o suficiente para me sustentar."

- Sabes - disse a Senhora Redden a Peg -, é trabalhar e viajar que conserva uma pessoa jovem. Sentando-nos em casa sem fazer nada, tornamo-nos de meia-idade em espírito. Ainda há dias pensei nisso. É como se a única parte da minha vida que aguardo com interesse fossem as férias. Há algo terrivelmente errado nisso.

- Julgo que sim - afirmou Peg, mas a Senhora Redden reparou que ela não estava a escutá-la.

Alguém tinha entrado no café e Peg fazia-lhe sinais. A Senhora Redden olhou para o recém-chegado: quatro anos mais novo, a quem julgava ela que estava a enganar? Dez anos, talvez. O rapaz era muito alto, com cabelo escuro e um rosto pálido e ossudo. Usava uma camisola castanha sem gola, calças castanhas de bombazina e umas botas cambadas, no género das que o filho da Senhora Redden tinha usado no ano anterior. Sorriu, ao chegar junto delas, sacudindo a cabeça para afastar dos olhos o cabelo comprido, num gesto que outrora apenas as raparigas faziam.

- Viva, Tom - disse Peg.

Afinal não era o rapaz dela.

- Sheila, apresento-te Tom Lowry. Sheila Redden.

- Viva - disse ele, e depois voltou-se para Peg. - Sou o portador de más novas, lamento. Ivo está outra vez atrapalhado das costas.

- Oh! Não.

Ele sentou-se, à-vontade, montado na cadeira do café, descansando os braços sobre as costas do assento. Olhou para a Senhora Redden e depois disse a Peg:

- Vinha a caminho para se encontrar consigo, mas, um momento depois de ter saído, ouvi-o gritar e fui encontrá-lo na entrada, todo apanhado.

- Vai-me culpar por isso - disse Peg. - Você verá.

- Não, não - replicou o rapaz, mas, quando falou, já não estava a olhar para Peg.

Olhava de novo para a Senhora Redden, o que a fez perguntar

a si própria se teria algo de estranho. Olhou para a saia, mas não era isso. Ele estava a olhar para a sua cara.

- Então que havemos de fazer? - perguntou Peg.

23

- Porque não vêm até nossa casa? Ivo gostava de as ver e eu arranjava-lhes uma bebida.

- Não sei - disse Peg. - Bem, talvez possamos lá dar uma saltadinha. Tu importas-te, Sheila?

- Claro que não.

Que outra coisa poderia dizer? E, como era de esperar, mal ela concordou, Peg pôs-se logo de pé, abandonando os conhaques que ainda não estavam bebidos.

- Espera - disse a Sr.a Redden -, tenho de pagar.

- Eu pago - interpôs Tom Lowry.

- Não, não.

E, assim, após uma certa confusão, a Senhora Redden pagou e começaram todos a avançar por uma rua lateral escura, por trás do Marché Saint-Germain. Peg, como se o diabo viesse a persegui-la, ia à frente, deixando-a só com o estranho. A primeira coisa que pensou em relação a ele foi que era mais alto do que ela, o que se tornava um alívio, mas, por hábito, afastou-se, enquanto caminhavam lado a lado. Parecia um rapaz tranquilo. O Americano tranquilo de Graham Greene. Mas, depois, lembrou-se de que o Americano Tranquilo era uma personagem sinistra.

- É do Norte? - perguntou ele.

- Sim.

- Pareceu-me notar um toque de Ulster. Está aqui em vilegiatura?

Os outros americanos diriam férias", este era diferente.

- Sim.

- Está cá sozinha?

Ela olhou para ele, à luz do candeeiro da rua.

- Desculpe - emendou ele. - É que Peg tinha-me dito que vinha com o seu marido.

- Ah! Ele vai ter comigo a Villefranche amanhã.

- Então está só em Paris por uma noite?

Ela acenou afirmativamente e ele não voltou a falar até chegarem ao prédio, a cuja porta da rua Peg esperava impacientemente. Quando ele tirou a chave para a abrir, a Senhora Redden viu-o olhar para ela de novo, de modo muito semelhante àquele com que ela própria costumava olhar as pessoas quando sentia curiosidade mas não queria que o percebessem.

- Esperem até eu acender a luz - disse ele, fazendo-as entrar para um patamar negro como breu e estendendo a mão,

24

à procura do interruptor, uma daquelas engenhocas francesas de luz fraca que só se conservou acesa o tempo suficiente para

Lhes permitir atravessar à pressa o patamar em direcção ao rés-do-chão onde ele vivia.

Quando enfiou a chave na porta, a luz apagou-se de novo. Abriu a porta às escuras e, entrando, fê-las penetrar num hall brilhantemente iluminado.

Muito pequeno, foi a primeira impressão que ela teve do apartamento. Havia uma minúscula cozinha impecável à direita, uma pequena casa-de-banho, um quarto pequeno ao fundo. Um casaco de homem, escuro, estava pendurado nas costas de uma cadeira, com as pontas de um lenço branco a saírem da algibeira superior. Entraram na pequena sala onde, estendido de costas no chão, se encontrava um homem muito interessante, formalmente vestido de calças escuras, pertencentes a um fato, camisa branca e gravata de lã vermelha. A Senhora Redden pensou num morto à espera do funeral.

- Boa noite. - O homem estendido no chão tinha uma voz profunda, com sotaque estrangeiro. - Desculpem-me por as receber assim.

- Oh, Ivo, querido - disse Peg, ajoelhando-se imediatamente junto dele e passando os dedos pelo seu cabelo, que começava a ficar grisalho.

Não é o género de homem que goste que Lhe mexam no cabelo, concluiu a Senhora Redden, quando o homem estendido no chão voltou a cabeça para a afastar dos dedos de Peg.

- Apresento-te a minha amiga Sheila Redden. Ivo Radic.

O homem elegante sorriu-lhe e disse que estava encantado por a conhecer. Tom Lowry regressou à sala com uma garrafa e quatro cálices.

- Ah! - disse Ivo. - Slivovitz. Podemos oferecer às senhoras um digestivo?

- Querido - disse Peg -, primeiro vamos levantar-te e meter-te na cama.

- Prefiro estar no chão. É terapia.

- Não achas que estarias mais confortável sentado?

- Se não estiver estendido, amanhã não posso dar au las. E se não me apresentar ao trabalho, le Docteur Laporte paga-me outra vez menos no fim do mês.

25

- Mas tu tens uma tábua na cama. Vamos meter-te na cama e sentamo-nos todos no quarto.

O homem elegante riu-se, sem achar graça.

- A sua amiga - disse à Senhora Redden - quer dirigir a minha vida.

- Ivo, por favor - disse Peg. - Pelo menos, estende-te no sofá.

- O sofá é macio demais - disse Ivo.

Continuou a sorrir para a Sr.a Redden.

- Fez boa viagem desde Londres, Madame?

- Na realidade, vim directamente da Irlanda.

- Ah, da Irlanda.

Tom Lowry começou a encher os cálices. Peg tinha-se posto de pé e continuava a olhar para o homem estendido no chão, como se não houvesse ninguém mais na sala.

- Queres dizer-me alguma coisa, querido? - inquiriu ela. -
Estás mal disposto?
- Não, minha querida. Estou até muito bem disposto.
- Bem, então, levanta-te lá.
Tom Lowry, indicando uma cadeira à Senhora Redden,
sorriu-lhe como a pedir-lhe que não ligasse importância àquele
arrufo.
- É a única noite que Sheila passa em Paris - continuou Peg.
- Não deve ser muito divertido para ela ficar ali sentada
contigo estendido assim no chão.
- Oh, não se preocupem comigo - disse a Senhora Redden sem
pensar, e olhou de novo para o jugoslavo.
Tinha olhos escuros, era realmente muito bonito, concluiu,
mas, ao mesmo tempo, era um daqueles homens de quem ela sentia
medo, do género dos que parecem capazes de ser crueis para uma
mulher. Ele voltou-se de novo para ela, sorrindo, sem ligar a
Peg, erguendo o cálice num brinde.
- Nardrovie - disse à Senhora Redden. - E bem-vinda a Paris.
Todos ficaram a olhá-lo, enquanto ele tentava o impossível:
levar o cálice aos lábios e beber o líquido sem levantar a
cabeça da carpete. No último segundo, um fio de líquido
escorreu-lhe pelo canto da boca. Peg, que se tinha afastado e
se sentara, abatida, junto de uma pequena secretária ergueu-se
imediatamente, abriu a mala e tirou um lenço, ajoelhando-se de
novo ao lado dele, limpando-lhe o queixo.

26

- Por favor! - disse ele, afastando a cabeça, mas ela
insistiu em acabar o que estava a fazer.
- Há quanto tempo têm este apartamento? - perguntou a
Senhora Redden a Tom Lowry.
- Oh, a casa, na realidade, é de Ivo. Ele deixa-me dormir no
sofá.
- Bem, devo dizer que são ambos muito arrumados.
- Ivo, levanta-te! - disse Peg, de súbito.
Ivo sorriu, mas não se mexeu.
- Muito bem, então. Se não podes receber as visitas como
deve ser, Sheila e eu vamos para casa.
A Senhora Redden olhou para Ivo e viu o sangue subir-lhe ao
rosto. Peg voltou-se para ela:
- Estás pronta, Sheila?
A Senhora Redden ergueu-se, embaraçada.
- Parte de avião amanhã para a Riviera, Madame? - perguntou
Ivo.
- Sim. Para Nice.
- Ah, a terra do sol. Já não posso dizer o mesmo desta
cidade. Cinzenta, cinzenta todos os dias. Não admira que as
pessoas se enervem aqui.
- Não estou enervada - disse Peg. - Mas vou para casa. Boa
noite, Tom.
- Muito obrigada pela bebida - disse a Senhora Redden a
ambos os homens.
- De nada - disse o rosto, do chão, que depois se voltou, de
pedra, para Peg. - Peço desculpa. Estás bem disposta.

Simplesmente, agrada-te estragar a minha noite e talvez a desta senhora também.

- Boa noite - disse Peg, voltando-se e saindo da sala, enquanto a Senhora Redden sorria desajeitadamente para os homens e seguia-a.

- Eu acompanho-as à porta - disse Tom Lowry. - Vão precisar de ajuda, por causa da luz do patamar.

- Boa noite, Madame - disse Ivo. - Goze bem o sol.

A luz inundou o patamar como se fosse um enorme aquário, mostrando-lhes Peg apressada, a meio do caminho, impaciente por partir.

- Oiça - disse Tom -, porque não volta lá e Lhe diz uma palavrinha? Eu levo Sheila a casa.

- Nem pensar. É a única noite que Sheila cá passa e aquele maldito egoísta tinha de fazer uma cena.

27

- Peg, se não fazem as pazes agora, a coisa vai durar semanas. Por favor, vá ter com ele.

A luz apagou-se de novo. Tom Lowry desapareceu para ir acendê-la. Quando a Senhora Redden voltou a olhar para Peg, viu-a hesitante, por isso disse-Lhe:

- Anda, vai lá. Eu vou até ao Atrium e espero lá por ti.

- Tens a certeza de que não te importas? Oh, ele não deseja ser assim tão chato. O raio do homem não consegue impedir-se de proceder assim. É uma espécie de machismo jugoslavo sem sentido.

- Claro, não me importo nada. Vai lá.

- Eu acompanho Sheila - disse Tom Lowry. - Assim ficam mais à vontade. Depois vemo-nos no Atrium.

Peg sorriu.

- São ambos bestiais.

E assim, minutos depois, a Senhora Redden caminhava por uma rua de Paris, ao lado daquele rapaz que acabava de conhecer, e, de repente, desataram ambos a rir incontrolavelmente.

- Ivo, levanta-te! - exclamou a Senhora Redden.

- A terra do sol! - disse ele, e ambos riram.

Olhando-o, ela viu-o sacudir o cabelo comprido e escuro, com os olhos a brilhar, caminhando ansioso, como se ambos corressem apressados para um encontro excitante. E sentiu-se imediatamente regressar aos seus dias de estudante em Paris, como se nenhum dos anos intermédios tivesse existido, aqueles anos em que cozinhou refeições, comprara roupas para Danny levar à escola, fora amável para a mãe de Kevin, e recebera outros médicos e as suas mulheres e lhes oferecera jantares, todo aquele rol da lavandaria contendo os acontecimentos que tinham sido a sua vida desde que se casara com Kevin.

- Em que parte da América vive? - perguntou-lhe.

- Nova Iorque, Greenwich Village.

- É a margem esquerda, não é?

- Sim. Nasci lá, a falar verdade. O meu pai trabalha no Saint Vincent. É o grande hospital da Village.

- É médico, então?

- Sim.
 - O meu irmão também é médico - disse ela, não se referindo ao marido.
 No Atrium, ele levou-a para o fundo do café, para as mesas dos habitués.
 - Oiça - disse ele -, é o seu primeiro dia em Paris.
 Deixa-me oferecer-lhe champanhe?
 - Champanhe? É muito caro.
 - Não, deixe-me mandar vir - disse ele. - Apetece-me. Sim?
 - Ofereça-me um Pernod.
 - É isso que quer?
 - Sem dúvida.
 Ele fez sinal ao criado.
 - Deux Pernod.
 - Je suis désolé - disse o criado. - Il n'y a pas de Pernod.
 Je n'ai que du Ricard.
 - Ricard, ça va - disse éla. - Au fait, je le préfère.
 - Deux Ricard, alors. (1) - disse ele ao criado, e depois voltou-se para ela: - Não sei porque fui eu a pedir. O seu francês é melhor do que o meu.
 - Foi o que aprendi na Faculdade.
 - Queen?
 - Sim. Você esteve no Trinity, não foi? Aluno do Hugh Greer.
 - Sim. Conhece-o?
 - Conheci-o, há muitos anos. - Voltou a ver Hugh como era então, corpulento, a gaguejar, com umas calças que pareciam sempre curtas demais para ele. - Teve Literatura Anglo-Irlandesa com Hugh? Assistiu ao Show dele sobre Joyce-Yeats?
 - Isso mesmo.
 - E que vai fazer agora? Ensinar?
 - Não sei. Vou fazer uma pausa de um ano para pensar no assunto.
 - Uma pausa de um ano? Deve ser rico.
 - Não, tenho um emprego. Um amigo meu tem um pequeno hotel numa estância em Vermont e quer vir para a

*(1) N. T.: - Dois Pernod.
 - Lamento imenso, não há Pernod. Só tenho Ricard.
 - Ricard, serve. Na verdade, até prefiro.
 - Dois Ricard, então.

28 29

Europa no próximo ano. Eu costumava trabalhar para ele no Verão, e agora vou dirigir o hotel enquanto ele estiver fora.
 É um belo local. Faz-se esqui no Inverno, no Verão há o lago.
 - Parece formidável.
 - Porque não vem visitar-me? Sendo eu o gerente, posso fazer-lhe um preço especial.
 Ela riu-se. O criado trouxe o Ricard e deitou água nos copos, fazendo que o líquido passasse de amarelo para um branco de giz. Aquele rapaz, aquele estranho, erguia o copo e

olhava-a nos olhos.

- Sláinte - disse, usando o brinde irlandês.

- Sláinte - respondeu ela.

Quando os copos se tocaram, a mão dele tocou a sua e ela compreendeu, finalmente, o que sentiriam aqueles homens que, ao longo dos anos, segundo Kevin afirmava, tinham tido paixonetas por ela. Agora partilhava-a. As paixonetas tinham-nos feito rir, frequentemente, no passado, como no caso do Pat Lawlor, da Mullen Garage, que, quando ela ia buscar gasolina, tirava o pente da algibeira do fato-macaco e arranjava o cabelo de modo a tapar a calva. Ou o rapaz do talho, do Kennedy & McCourt, que ameaçava os colegas para ser sempre ele a servi-la. Mas tinha havido certas alturas em que não fora nada divertido. Sentia-se sempre envergonhada quando falava com um desconhecido, especialmente se fosse um homem inteligente. Fazia um esforço para ser amável e o homem correspondia e, por vezes, surgia algo no olhar dele e começava um flirt com ela. Nunca lhe parecera que isso tivesse muita importância, até que, havia dois anos, Kevin a acusara, subitamente, de fazer olhinhos aos homens sem sequer notar que o estava a fazer.

- É indecente dizeres isso - respondera. - E mesmo que fosse verdade, que importância tem um flirt inocente?

- Inocente, uma fava - disse Kevin. - O Brian Boland é um caso típico. Qualquer pessoa que tenha olhos percebe o jogo que comesas a fazer com ele, mal entra na sala. Até a tua voz muda, comesas a imitar o maldito sotaque de Oxford do tipo. A pobre Bridget Boland nem te pode ver, e não a censuro. Fazes absolutamente figura de parva.

- Não faço nada disso - disse ela. - Gosto do Brian, não imito a pronúncia dele, mas ele já esteve no estrangeiro, é interessante conversar com ele, sabe falar de outras coisas para além de Paisley e de Provos. Mas se pensas assim, não lhe falo mais. Os Boland são teus amigos, de modo que, se isto te incomoda, nunca mais os convides.

30

Começara a chorar ao dizê-lo, mas Kevin não a largou, começou a imitá-la, a imitar a pronúncia de Brian, mostrando-lhe como ela ficava excitada quando Brian falava de livros, e depois Kevin tinha começado a cantar Dançando no escuro, a troçar dela, e houve a mais horrível, a mais dolorosa das discussões, pois ele era irritante e não queria acabar com aquilo. Mas, mais tarde, sem conseguir dormir, durante a noite, ela havia começado a pensar se Kevin teria razão; seria verdade que aquilo que ela pensava ser apenas esforçar-se por ser simpática era, na verdade, provocar um homem? Depois disso, começou a evitar Brian Boland, e, se por acaso algum homem tentava um flirt com ela, arranjava imediatamente uma desculpa e afastava-se. Não queria dar a Kevin uma oportunidade de recomeçar com aquilo.

Mas naquela noite era diferente. Naquela noite, pela primeira vez, compreendeu de que falava Kevin. Sentiu-se corar e olhou para os olhos do rapaz. Sabia que não devia

encorajá-lo, mas queria fazê-lo. Além disso, Kevin estava a centenas de quilômetros de distância, naquela noite, e, no dia seguinte, ela estaria a centenas de quilômetros a sul daquele sítio. Entretanto, havia aquela excitação, aquela alegria.

Assim, começaram a conversar animadamente, ansiosos por se conhecerem, e ela fez-lhe perguntas sobre os seus dias de estudante em Dublin e ele falou-lhe sobre pensões e senhorias, tornando tudo aquilo muito cómico, de modo que o tempo passou muito rapidamente, até que Peg apareceu, um pouco amarrotada, mas muito satisfeita consigo própria, pedindo desculpa por vir tão tarde.

- Que tal mais uma bebida? - perguntou Tom.

- Não, obrigada - disse Peg.

E todos três saíram do café e ficaram, por um momento, parados no passeio, hesitantes.

- Vou acompanhá-las a casa - disse Tom Lowry. - Apetece-me apanhar ar fresco.

- Está bem, então - respondeu Peg.

E, de súbito, ele estava entre ambas, dando-lhes o braço, encaminhando-as pelo Boulevard Saint-Germain, onde a

31

multidão fazia bicha para ver um filme na sessão da meia-noite. Quando passaram pela bicha, ele soltou o braço de Peg e fê-la seguir à frente, pelo passeio cheio de gente, enquanto se deixava ficar para trás, com o braço dado à Senhora Redden. Ela não deixou de o notar. Sentiu-se encantada. Reparou que ele continuou a agarrar-lhe o braço até à Place Saint-Michel, onde, ainda conversando animadamente um com o outro, se juntaram a Peg, e todos três pararam, junto do semáforo. Na praça havia quatro carrinhas da Polícia, cheias de agentes da polícia de choque francesa, à espera de qualquer problema. Aquilo fez-lhe lembrar a sua terra.

E quando, finalmente, chegaram junto do prédio onde Peg morava, enquanto Peg procurava a chave da porta da rua, Tom Lowry chegou-se mais para ela e disse, quase num sussurro:

- Oiça, se vai fazer compras amanhã, talvez eu possa levar-lhe os embrulhos...

- Oh, não são grandes compras - disse ela, descobrindo que também estava a sussurrar.

Peg tinha aberto a porta e voltou-se para eles, à espera.

- Posso vir buscá-la às dez? - inquiriu ele. - Podíamos ir tomar um café.

- Está bem. Às dez.

E Peg ouviu-a, porque perguntou:

- Almoçamos juntas, Sheila?

- Oh, Peg, julgo que não temos tempo para isso. O meu avião parte à uma e um quarto.

- É pena - disse Peg. - Tom, quando é que a Debbie volta para casa? É amanhã?

- Parece-me que sim.

- Porque se ela não conseguir apanhar um avião, pode ficar outra vez com o quarto dos hóspedes, uma vez que Sheila se vai embora.

- Oh, obrigada. Eu digo-lhe.

Debbie. A Senhora Redden reviu a rapariga bonita da blusa transparente. Porque lhe havia de ter dito que ia tomar café com ele?

Juntas, Peg e ela começaram a subir até ao sexto andar, degrau após degrau.

- Parece-me que fizeste uma conquista - disse Peg.

- Quem? - Tentou mostrar-se surpreendida.

- Tom.

32

- Não sejas pateta. Não sabia o que havia de dizer-Lhe quando me convidou para ir tomar um café. Os Americanos são curiosos, nessas coisas, não são?

- Eu trabalho com eles - recordou-Lhe Peg. - E não são diferentes das outras pessoas. Na verdade, sempre pensei que Tom fosse tímido.

- Gosto dele, é simpático - disse rapidamente a Senhora Redden, e continuou a subir, só parando quando chegou ao patamar do terceiro andar, onde esperou por Peg, que a seguia mais lentamente.

Quando Peg a alcançou, a Senhora Redden, fingindo-se muito divertida, perguntou-lhe:

- Então aquela rapariga sem soutien é minha rival, não?

- Quem? - Peg parou, quase sem fôlego.

- Debbie.

- Nunca se sabe, naquela geração - disse Peg. - No entanto, não me parece.

E seguiu até ao último andar, tirando de novo a chave da porta. Quando a fazia girar, ambas ouviram tocar o telefone dentro de casa.

- É o teu telefone?

- É, mas não faço ideia de quem possa ser a esta hora da noite - disse Peg, abrindo a porta e correndo pelo hall; o telefone parou de tocar mesmo antes de ela levantar o auscultador. - Está? Está? - ficou um momento à escuta e depois pousou de novo o auscultador. - Paciência. Talvez fosse para ti, Sheila.

- Duvido. Kevin não ia telefonar a esta hora da noite - disse a Senhora Redden, mas ali, no hall semiobscurecido, a sua alegria transformou-se num súbito receio.

Voltou a ver os dois Saracen blindados a barricar a extremidade inferior da Clifton Street, vazia, e, logo a seguir ao Army and Navy Club, a clínica de Kevin. Havia uma carrinha azul estacionada em frente do Army and Navy Club. Não havia ninguém dentro da carrinha. Nunca se deixava um veículo sem ninguém. Um soldado vestido de camuflado surgiu a correr (ela ainda não tinha reparado nos soldados) e fez-Lhe rapidamente sinal com a espingarda automática, ordenando-Lhe que se abrigasse num portal. Via, como num quadro, a rua vazia, com o pavimento molhado pela chuva, e a carrinha sem ninguém. Então, de súbito, estilhaços pelo ar, e o barulho que saía do meio da poeira e do fumo, quando a carrinha explodiu.

Viu o enorme buraco cheio de poeira, no local onde tinha sido o Army and Navy Club, as janelas estilhaçadas e as paredes descascadas da clínica de Kevin. Os soldados tinham-na avisado a tempo. Ele e os seus doentes já haviam sido evacuados.

- Queres uma chávena de chá antes de ires para a cama? - perguntou Peg.

- Só se tu beberes.

- Então vamos dormir agora e tomamos o pequeno-almoço cedinho, antes de eu ir trabalhar. Um quarto para as oito é cedo demais para ti?

- Não, não.

Peg avançou para ela, com os braços estendidos, para lhe dar um beijo de boas-noites, mas ali, no hall mergulhado na semiobscuridade, a Senhora Redden viu, não Peg, mas a outra mulher, loira, com o cabelo coberto de poeira, a cara cheia de sangue, que saía a correr da Queens Arcade, agitando o punho erguido: "Filhos da puta dos fenianos!"

- Estás a tremer - disse Peg, beijando-a. - Tens frio?

- Não, não. Quem teria telefonado?

- Talvez fosse engano.

era ele.

A rececionista de Kevin disse:

- A Senhora Redden encontra-se aí?

- É a própria. É você, Maureen?

- Sim, Senhora Redden. Um momento, por favor, o Senhor Doutor deseja falar consigo.

Capítulo Segundo

Croissants, café, conversas, risos, duas mulheres sem a preocupação de levar os filhos à escola, sem marido para alimentar, sem um apaixonado cuja disposição matinal tivesse de ser respeitada a conversar, a descrever os movimentos e os casamentos das antigas amigas, a contar anedotas uma à outra, enquanto Peg se penteava e vestia, uma conversa tão agradável e o tempo a passar tão depressa, até chegar o momento em que se beijaram, se abraçaram, prometeram manter-se em contacto, e, depois, de súbito, Peg foi-se embora.

Fechou-se a porta do hall. Sozinha, a Senhora Redden sentiu o vazio de ficar para trás. Voltando-se, foi até à sala, abriu as janelas e saiu para a varanda, olhando para baixo, na esperança de ver Peg lá ao fundo, na rua. Mal tinha visto Peg mal tinha visto Paris; esta parte das férias estava a acabar.

Então, lá ao longe, viu aparecer Peg, à pressa, pelo passeio fora, com o seu fato cor de sorvete, dirigindo-se para a

esquina do metro.

"Peg!", gritou a Senhora Redden.

"Peg!..." Mas era inútil, à distância de seis andares e com o ruído do trânsito, não havia qualquer hipótese de ser ouvida. Peg tinha partido. Inexplicavelmente, sentiu-se culpada em relação a Peg, sempre tão simpática e tão generosa, porque não fora almoçar com ela, que má educação da sua parte, só porque queria voltar a ver Tom Lowry, não Peg Conway, mas podia ter estado com ambos, podia tomar um voo posterior.

O telefone tocou. Ficou parada, indecisa, enquanto a campainha ressoava pela casa vazia. Talvez fosse Tom Lowry, a telefonar para saber se podia ir ter com ela. Foi atender, mas, mal levantou o auscultador, pressentiu que não.

34 35

- Olá, Sheila. - A voz dele parecia-lhe sempre estranha, ao telefone. - Como vais? A viagem foi boa?

- Sim, ótima - disse ela. - Como vão as coisas aí por casa?

- Bem, é por isso que estou a telefonar-te. A sogra do John McSherry morreu ontem à tarde. O funeral é depois de amanhã. É uma grande chatice.

McSherry era um dos médicos do grupo dele.

- Mas tu não precisas de ir ao funeral da sogra de McSherry - disse ela.

- Aguenta aí. - Sentiu a irritação habitual na voz dele. - A mulher de John está de cama, sofre do coração, como sabes. De qualquer modo, ofereci-me para continuar aqui mais três dias, para ele poder ficar em casa a tratar dela.

- Mas porque tens de ser tu? E Con Cullen, ele pode fazer o trabalho de McSherry, não pode?

- Já me ofereci.

- Mas porquê? Abusam sempre de ti. És sempre tu quem faz os dias extraordinários. Com certeza que, ao menos desta vez, terão a decência de te deixar vir em paz gozar uns dias de férias.

- Ouve, ninguém me obrigou, a ideia foi minha. E, além disso, são só mais três dias.

- Mas estamos em férias! Andamos há imenso tempo à espera desta altura!

- Andas tu - disse ele.

- Que queres dizer com isso?

- Quero dizer que pares de me chatear. Estarei em villefranche na sexta-feira. Diverte-te e estende-te ao sol. Não precisas de mim para isso.

- Então não vens antes de sexta-feira, não é assim?

- Digamos sexta-feira à noite. Depois telefono-te.

- Não vale a pena incomodares-te.

- Que queres dizer?

- Se não queres vir fazer estas férias, não venhas. Sentes-te muito mais feliz em casa, amarrado à televisão.

- Oh, bolas! - Estava a gritar, agora. - Nem toda a gente pode viver como tu, ignorando os factos da vida, a dançar de olhos fechados.

Era a sua ironia favorita. Dançar de olhos fechados.

- Faz o que quiseses - disse ela.
- Estou lá na sexta à noite. Ouve, lamento que isto tenha sucedido.

- Não lamentas nada - disse ela, desligando.

Mas, evidentemente, aquilo era a pior coisa que podia ter feito. Talvez pudesse voltar a ligar e pedir-lhe desculpa, mas isso não resultava, ele considerá-lo-ia como mais um insulto, uma falsa contrição. Não devia ter desligado. Começou a vaguear pelo apartamento, deprimida, regressando à varanda, onde, à procura de uma autojustificação, repetiu em mente a conversa travada. Que pensava ele que uma mulher sozinha fazia no Sul de França? Comer refeições solitárias na sala de jantar, ir sozinha para a praia, arrastar-se pelas ruas de Nice... que férias eram aquelas?... E não era só isso!... Ele nem sequer tinha falado de Danny. Então, envergonhada, recordou-se de que ela própria também não havia falado do filho.

Lá ao fundo, saindo debaixo da Pont Saint-Michel, surgiu uma longa barça negra, deslizando até ficar toda à vista, com a bandeira holandesa a flutuar à popa, e uma corda cheia de lençóis e roupa interior a secar sobre o convés. Na cabina de comando, estava um homem com um boné de marinheiro à alemã, a boca do cachimbo voltada para baixo. Ficou a olhar para aquele barco que passava, para aquele homem que conduzia o seu lar flutuante através das passagens fluviais, até cidades como Bruxelas, Amsterdão e Hamburgo, cidades que ela nunca vira, que talvez nunca visse. Partir para longe de todas estas coisas que a detêm e a prendem, navegar, recomeçar a vida numa cidade como Bruxelas ou Amsterdão. Veio-lhe à mente o local onde Kevin os levava sempre a passar as férias de Verão, uma aldeia de Connemara, com uma doca de pesca no final da única rua, o barco dos pescadores a chegar ao anoitecer, naquela paisagem de bilhete-postal da baía, por baixo dos picos dos dólmenes de Twelve Bens, alguns veraneantes a olhar para o barco que atracava, e, depois, dois pescadores de rosto avermelhado e camisolas engorduradas, com botas pretas de borracha, que vinham do barco, caminhando ao longo do cais, transportando uma caixa de madeira, cheia de peixe, e ela, Kevin e Danny, acompanhados dos outros veraneantes, indo até ao pátio atrás da taberna do Cush, onde se vendia o peixe. E mais tarde, na taberna, Kevin a pagar bebidas aos dois pescadores, Michael Pat Lynch e Joe O'Malley.

36 37

Era aquela a ideia que Kevin tinha de uma fuga. Aquela aldeia era o único lugar distante onde ele gostava de ir.

Tocaram à campainha.

Foi atender, pensando, em primeiro lugar, que fosse a mulher-a-dias que Peg dissera que havia de vir, mas, depois, lembrando-se que podia ser ele. Olhou-se no espelho, tinha o cabelo despenteado pelo vento, por ter estado na varanda, mas não havia tempo para o arranjar, porque voltaram a tocar. Abriu a porta.

Nessa manhã, ele trazia um casaco de tweed, uma camisa aos

quadrados e uma gravata, e tinha o ar de alguém que se arranjou, mas que não está habituado a pensar naquilo que veste. Ela desejou ter tido tempo para arranjar convenientemente o cabelo.

- Bem, Tom - disse, sorrindo -, foi muito pontual. Chegou mesmo mais cedo.

- Peço desculpa. Vim cedo demais?

- Não, não. Já estou pronta.

- Onde quer ir? - perguntou ele. - À Rue Saint-Honoré?

- Oh, penso que as Galerias Lafayette são mais do meu estilo.

- Certo, vamos lá, então.

Andar a fazer compras num armazém, com ele atrás de si; os homens detestam fazer compras.

- Porque não vamos antes dar uma volta? Que tal os Jardins de Luxembourg?

- Parece-me ótima ideia.

Mais tarde, enquanto subiam o Boulevard Saint-Michel, ela disse, sem pensar:

- Isto não muda, pois não? Está tal .e qual como eu o recordava desde os meus tempos de estudante.

- Estudou em Paris?

- Não propriamente. Passei um Verão aqui, há séculos, a aprender francês coloquial na Alliance Française. Na realidade, morei neste mesmo bairro.

- Onde?

- Num casinhoto chamado Hotel des Balcons, perto da Place de l'Odéon.

- Conheço-o - disse ele. - Na Rue Casimir-Delavigne.

- Exactamente.

38

- Tem piada - disse ele -, fiquei lá hospedado no Verão passado. Quando estive lá, lembra-se?

- Oh! - Fez a soma mentalmente: há vinte anos. - Há imenso tempo.

- Nos anos sessenta?

- No princípio dos anos sessenta - mentiu.

- Já estava arruinado?

- Era a minha primeira visita a Paris, tudo me parecia estúpido. No entanto, gostei dele.

- Então o quartier não mudou mesmo?

--- Bem... - disse ela.

E quando começou a falar, voltou, mentalmente, àqueles tempos, recordando-se dos cafés em que se sentara, do Old Navy e do Mabillon, dizendo-lhe como, naquele tempo, Le Drucore era uma enorme brasserie (1) chamada Le Royal Saint-Germain, e, falando-lhe da rapariga australiana de cabelos ruivos e maquilhagem de clown que costumava vaguear pela Rue de Buci, sempre com dois amigos a reboque. Tentava dar-lhe a sensação daquele Verão, a excitação de vir de Belfast e de Dublin para a sua primeira cidade estrangeira. Mas não lhe relatou o final da história, a tristeza que sentiu quando o Verão acabou e voltou ao Queens para mais quatro anos de estudo, fechada no

Ulster por mais quatro anos da sua vida.

Assim, caminhando ao lado dele, chegou aos Jardins de Luxembourg e desceu uma álea de cascalho ladeada por quiosques, imutáveis desde os tempos de Proust, antiquadas estruturas de madeira, cujos ocupantes vendiam balões antiquados, arquinhos para criança, barcos de brincar, botas de montar, chicotes e doces. Chegaram ao rond point e ao lago octogonal e passearam pelos jardins formais, em redor, descendo outra álea, entre árvores, relvados e estátuas esverdeadas de poetas de que ela se recordava, dos domingos daquele Verão distante.

Conversar com ele, com um entusiasmo que esquecera. Em casa, nos últimos anos, as conversas pareciam ter terminado. Em casa, quando ela tentava fazer uma hora de conversa geral, era como flutuar na água. Quando se pensava em mergulhar, mergulhava-se mesmo. Kevin voltava-se para a televisão,

*() Cervejaria. (N. T.)

39

ela para um livro. Ultimamente, lia livros como certas pessoas bebiam. Mas agora, com aquele estranho, a conversa surgia facilmente, à medida que lhe ia contando as coisas passadas naquele Verão; ela e Edna Morrissey, que inocentes eram, como tinham vivido dois dias só com uma baguette cada, porque a mãe de Edna havia enviado a mesada dela para uma morada errada. Tinha estado totalmente enganada quanto aos Americanos, ele não era como todos aqueles cretinos incuráveis, soltando altos berros, que circulavam pela Irlanda, em autocarros de excursão. Era diferente.

Às onze horas, quando o relógio do Palais anunciou lentamente o tempo, com os seus carrilhões, ele pousou a mão sobre a manga dela.

- E se tomássemos agora o tal café?

Pouco depois, sentado com ela a uma mesa da esplanada do Café de Tournon, mesmo abaixo da entrada para o Sénat, onde flics de uniforme azul-escuro e luvas brancas dirigiam o trânsito e os Gardes Républicains faziam sentinela, no exterior das suas guaritas às riscas vermelhas, azuis e brancas, ele inclinou-se sobre a mesa e voltou a pôr a mão no braço dela, como se, inconscientemente, não conseguisse impedir-se de lhe tocar.

- A que horas se vai encontrar com o seu marido esta tarde? Ele vai de avião directamente para Nice?

- Ele não vem hoje.

- Não?!

Explicou-lhe então que Kevin só podia vir na sexta-feira.

- E, mesmo nessa altura, não tem a certeza. Anda terrivelmente ocupado.

- Então é possível que nem venha ter consigo?

- Oh, provavelmente arranja-se para vir na sexta. - Estava furiosa consigo própria, por ter iniciado aquela conversa.

- Mas se ele não vem hoje, porque não fica mais tempo em

Paris? Podia dormir em casa de Peg.

- Bem, já fiz reservas num hotel de Villefranche, tenho o voo marcado e tudo o resto.

- Pode mudar o voo, é fácil. E guardam-lhe o quarto do hotel.

- Não - disse ela nervosamente. - Não, não posso, temos meia-pensão e fiz reservas antecipadamente.

40

É muito complicado. Além disso, Peg está ocupada. Não quero incomodá-la.

- Oh, deixe-se disso, não é problema. E eu não estou ocupado, adorava mostrar-lhe a cidade. Antes de mais, deixe-me oferecer-lhe o almoço. Depois telefono para a companhia de aviação. E para o hotel. É fácil.

"Mas não é nada fácil", pensou ela. "É fácil para ele, mas eu enervo-me muito com coisas deste género, não sou americana, já escrevi para o hotel e paguei o sinal e, especialmente, reservei o quarto 450, e recebi os meus bilhetes e deixei o endereço e os números de telefone à Senhora Milligan. Além disso, e se Kevin muda de ideias e chega a Villefranche amanhã?"

- Não - disse. - Gostava muito mas não posso.

- Almoce, pelo menos. Pode seguir num voo mais tarde.

Mas isso significava telefonar para a British Airways e mudar o voo, talvez ficar na lista de espera doutro mais tarde, chegar a Villefranche de noite, e, além disso, já escrevera para o hotel a dizer que chegava ao princípio da tarde.

- Não - disse. - Vou voltar a casa de Peg, pegar na minha mala e dirigir-me para os Invalides.

- De certeza?

- Sim. Sou mesmo uma atrasadinha.

Ele riu-se.

- Oiça, vou consigo e levo-lhe a mala. Acompanho-a ao aeroporto.

- Para quê? É uma grande viagem de ida e volta.

- Para quê - repetiu ele, rindo de novo. - É preciso haver uma razão?

Não era nada divertido. De que estaria ela a rir-se? De que se riam ambos? Não sabia. Mas ali sentada, a rir-se, no Café de Tournon, sentiu-se de novo como uma desertora. Viu outra vez aquela mulher na Queens Arcade, depois da explosão no Abercorn Café, o cabelo loiro coberto de poeira, o sangue a correr pelo rosto da mulher, o padre ajoelhado no chão a dizer um acto de contrição para um velho moribundo. A Senhora Redden de pé, junto do padre, segurando-lhe no chapéu, e, quando a mulher que vinha a correr os viu, o seu rosto contorceu-se de ódio e ergueu o braço, arrancou o chapéu do padre da mão da Senhora Redden e agrediu-a no rosto, gritando:

41

"Filhos da puta dos fenianos!" Como se a Senhora Redden, o padre e o moribundo é que tivessem posto lá a bomba e não fossem tão vítimas como ela.

Ergueu o olhar para o relógio do Palais, depois olhou para o flic de uniforme azul-escuro que dirigia o trânsito, com a sua mão enluvada de branco, girando como um robot, para fazer sinal aos carros que vinham do outro lado. E aqueles homens das histórias dos jornais que saem de casa dizendo que vão até à esquina comprar cigarros e nunca mais são vistos? Isto é Paris e ela estava aqui. E se não voltasse?

42

Capítulo terceiro

Já tinham chamado duas vezes para o seu voo e agora era, definitivamente, a última chamada. Não podia atrasar-se mais, restava-lhe dizer adeus, voltar-lhe as costas, atravessar o controlo de segurança e entrar no avião. A ansiedade, uma irrasoável ansiedade por partir, surgiu na sua voz, ao dizer:

- Bem, tenho de ir, desta vez.

Ele olhou-a e, nos seus olhos escuros, havia uma pergunta, como se esperasse apenas ver qualquer sinal nos dela.

- Então, adeus - disse ela.

Ele não falou.

- Se for à Irlanda, vá ver-nos.

Ele avançou para ela. Teve a certeza de que a ia beijar, mas, em vez disso, deteve-se e estendeu-lhe a mão desajeitadamente. Por momentos, ela pensou em beijá-lo nas duas faces, à francesa, com um ar de brincadeira, mas a coragem abandonou-a, limitou-se a apertar-lhe a mão e dirigiu-se ao guichet. Havia um homem, com a mulher, à sua frente, na bicha, carregado de caixas de presentes. Voltou-se para olhar para trás. Ele ainda lá estava. Acenou-lhe, ele sorriu e acenou também. Depois, ela ultrapassou o controlo de segurança e, dali, já não podia ver a sala de espera. Quando entrou no avião, já estava aceso o aviso para apertar os cintos e, quando se sentou no seu lugar, apareceu uma hospedeira a oferecer-lhe revistas. Pegou na primeira da pilha, apressadamente, porque queria que a hospedeira se afastasse para poder olhar pela janela voltada para o terminal. Mas apenas via o muro. Nem sinais dele. A porta do avião fechou-se e o avião começou a rodar pela pista, para descolar. Ficou ali, sentada, a olhar, entorpecida, para a capa da revista.

L'EXPRESS L'Après Pompidou

Havia uma fotografia do falecido presidente e, por baixo dela, a legenda:

GEORGES POMPIDOU «L'Avenir n'est interdit à personne, Gambetta».

Enquanto o avião se dirigia para a pista de descolagem, a citação repetia-se na sua mente: «L'Avenir n'est interdit à personne» - o futuro não está proibido a pessoa alguma. O pulsar dos motores aumentou, o avião precipitou-se pela pista e ergueu-se no ar. No exterior da janela, grandes canyons de nuvens abriam-se e fechavam-se como corredores do céu, à medida que o avião se elevava no vazio azul-claro. A ordem de apertar os cintos apagou-se. Pelo intercomunicador, uma voz feminina anunciou que seriam oferecidas bebidas e servido um almoço leve. Recordou-se da confusão que fizera nos escritórios da British Airways, em Belfast, dois meses antes, quando o empregado lhe dissera que o voo em que serviam o almoço estava totalmente esgotado, mas que havia lugar num voo posterior, às três horas. Tinha-lhe pedido que a pusesse na lista de espera do primeiro, porque não queria perder o almoço. E, se não tivesse feito isso, agora estaria a almoçar em Paris com Tom Lowry. Porque não alterou a reserva esta manhã? Porque se ralou com aquele estúpido hotel? Como se enterrou de tal modo na mediocridade, que nem desta vez conseguiu fazer algo espontâneo, aquilo que realmente desejava fazer? O futuro não está proibido a pessoa alguma. A menos que o proibamos a nós próprios.

Noventa minutos depois, o avião começou a aproximar-se de Nice, sobrevoando a linha da costa em Saint-Raphaël e Cannes. Pela janela, via vivendas nas vertentes, piscinas cor de esmeralda, as penas brancas das velas dos iates espalhados pelas baías. Quando, pela primeira vez, tinha visto lá em baixo aquela costa, na sua viagem de lua-de-mel, havia-se voltado para o marido, excitadíssima, dizendo-lhe: "Oh, Kevin, não era maravilhoso se pudéssemos viver sempre aqui?", e ele tomara a pergunta à letra e respondera: "Suponho que sim, se tudo o que eu quisesse fazer fosse esqui aquático, para o resto da vida.", Lembrava-se disso agora, enquanto o avião se preparava para aterrar. Lá em baixo, circulavam carros, lentos como melaço a escorrer sobre a fita da estrada marginal.

O avião passou rente aos topos de uma fila de palmeiras, ultrapassou um amontoado de hangares brancos rectangulares, e aterrou, com um esticão do trem de aterragem e um impulso dos jactos, que lhe causou enjoo.

O velho autocarro que a levou a Nice passou pela Promenade des Anglais e depois meteu à estrada da Corniche, em direcção

a Villefranche, passando sobre terraços, em camadas, de hotéis de luxo, vivendas situadas em altos penhascos, buganvilas suspensas de jardins murados, uma grande vista da baía, curvando-se a partir dos arcos mais pequenos das praias particulares. Voltou a lembrar-se de si própria e de Kevin, naquela viagem de lua-de-mel, à chegada ali, na direcção oposta das praias frias e chuvosas e das pensões geladas, com a fachada coberta de limos, das cidades costeiras do seu país. E agora, quando o autocarro a deixou no cimo da estrada que passava em Villefranche e pegou na mala para seguir a pé até à beira-mar, via que Villefranche era tal e qual como a recordava. Naqueles dezasseis anos, fora a Irlanda a mudar. Belfast, com as suas bombas e barricadas; Dublin, com prédios novos e bancos americanos que estragavam a calma georgiana de Saint Stephens Green. E, por todo o país, nas cidades e aldeias mais pequenas, novos edifícios e novos motéis. Carros por toda a parte: cada lavrador tinha o seu carro próprio, agora, os cavalos e os burros começavam a tornar-se coisa do passado; até nas aldeias do Oeste, a chegada da camioneta da manhã tinha deixado de ser o grande momento do dia. Contudo, paradoxalmente, ali, na Riviera, nada havia mudado. Era como se, há muito tempo, quando aquela parte da costa tinha sido construída, casa após casa, terraço sobre terraço, rua tortuosa após rua tortuosa, nada mais pudesse ser acrescentado. Belfast, com as suas casas arruinadas e as ruas cobertas de destroços, era, agora, para ela, um local estranho. Ali, ao chegar àquela pequena cidade francesa, regressara ao passado, às ruas estreitas e retorcidas que tão bem recordava, às fontes e lojas de recordações, ao edifício da Alfândega, cor de laranja e coberto de poeira, aos barcos de pesca que se alinhavam no cais.

Também o Hotel Welcome estava tal e qual como ela o recordava, com a sua fachada cor de ferrugem exactamente como se via nas pinturas de vue du port feitas em Villefranche cem anos antes. Mas, quando a Senhora Redden entrou no hall do hotel e o groom lhe pegou na mala, viu que algo tinha mudado.

45

A sala de jantar dos residentes não ficava naquele andar? Lembrava-se daquelas noites em que Monsieur Guy, o corado e amável proprietário do hotel, passava entre as mesas dos hóspedes, à hora do jantar, sorrindo, apontando para o céu azul-pastel que se via pelas janelas explicando aos novos turistas que aquela era l'heure bleue, a hora do crepúsculo, devido à qual, dizia ele, "la Côte est connue dans tout les pays du monde, (1).

- Que sucedeu à sala de jantar? - Foram as suas primeiras palavras para a rapariga que estava ao balcão. Esta olhou-a, surpreendida.

- O restaurante é no andar de baixo, Madame. Dá para o cais - disse a rapariga. - Deseja um quarto?

- O meu nome é Redden e já fiz a reserva.

E então reconheceu a mulher do proprietário, uma mulher pálida que estava sentada no pequeno escritório, a conferir

contas. Dirigiu-se-lhe em francês, perguntando-lhe pela sala de jantar desaparecida.

- Ah, isso foi há muito tempo, Madame - disse a proprietária. - Agora, só temos uma sala de jantar para residentes e não residentes. É o restaurante lá em baixo, do lado do cais. A sala de jantar que ficava neste andar, a sala de jantar só para residentes de que se recorda, é agora a sala da televisão. Que se há-de fazer? Os clientes querem televisão, têm de ter uma. E digo-lhe que não é nada bom para o negócio. O nosso bar não é o que costumava ser nesses tempos. Quando esteve cá pela última vez, Madame?

- Oh, há muitos anos - disse a Senhora Redden, agradecendo-lhe e seguindo o groom até ao quarto 450, que fora reservado antecipadamente.

No elevador, perguntou por Monsieur Guy e ele disse-lhe que já havia morrido. Tinha sido num domingo, disse o homem, no pino da estação, fora muito desagradável, e a gerência decidira nada dizer aos hóspedes, afinal as pessoas estavam ali a passar as férias, uma morte não era nada divertida. Por isso a Madame e a família continuaram como se nada fosse e o funeral foi feito em segredo.

- Há quanto tempo trabalha aqui?

*(1) A hora azul, graças à qual a Côte é conhecida em todo o mundo. (N. T.)

- perguntou a Senhora Redden, enquanto o groom subia os estores, revelando-lhe a vista familiar de la rade.

- Ah! - disse ele. - Já sou antigo. Dez anos, pelo menos.

Depois de ela lhe ter dado uma gorjeta e ele lhe ter entregue a chave e feito uma vénia, a Senhora Redden começou a percorrer o quarto. Tinha-o reservado especialmente; era o mesmo em que haviam ficado na lua-de-mel e desfrutava-se a melhor vista de todo o hotel. A mobília era muito semelhante àquilo de que se lembrava; a cama era diferente, mas não maior do que aquela de que Kevin caíra com tão grande estrondo, naquela primeira tarde, quando tinham voltado da praia e feito amor. Havia um toucador do mesmo género, um cadeirão forrado com uma imitação de couro verde e, lá fora, na varanda estreita, a mesma mesinha e duas cadeiras de ferro, onde, na segunda manhã, tinham tomado o pequeno-almoço en terrasse, levando a bandeja lá para fora e descobrindo que o casal do quarto ao lado havia feito o mesmo. Embaraçados, com os seus roupões de lua-de-mel, tinham ficado a comer em silêncio, pois sabiam que os vizinhos eram ingleses. Depois, numa inspiração, ela começou a falar com Kevin em francês e ele grunhiu uma resposta, e os ingleses fizeram-lhes uma vénia delicada e deixaram-nos sós. Mais tarde, na casa-de-banho, com a porta fechada, ela e Kevin tinham desatado a rir, como dois idiotas. Riam-se, nesse tempo. Como se divertiam!

Bem, os tempos mudam. Começou a retirar as coisas da mala, primeiro o estojo de toilette, que levou para a casa-de-banho,

arrumando as peças, certificando-se de que não se esquecera de trazer o seu diafragma. A seguir, pendurou as roupas no quarto, deixando bastante espaço no roupeiro para as de Kevin. Depois de Paris, sentia-se um pouco solitária. Tinha trazido alguns livros e, ao retirá-los da mala, pensou em pegar num, descer ao terraço e sentar-se a ler e a observar as pessoas que passeavam nos cais.

Quando acabou de arrumar a bagagem, estendeu-se, de bruços, sobre a cama. O sol quente entrava pela janela aberta, sentia o cheiro do mar e ouvia o pulsar lento do motor de um pequeno barco, enquanto o pescador circulava pela rade. Com Kevin, mal chegavam ao quarto para mudar de roupa, com os efeitos do vinho que haviam bebido, mal ela despia o vestido, ele puxava-lhe as cuecas para baixo, já com o sexo inchado,

47

sempre ansioso. Fizeram mais amor neste quarto, e mais vezes, do que durante todo o resto do tempo. Depois de Danny, tudo mudou. Como Kevin diz, "as pessoas não estão realmente casadas até terem um filho." A Senhora Kevin era preguiçosa. O único trabalho que Lhe arranjaram foi dar aulas no Saint Mary, e isso teria significado ir viver com Kitty. O pai morto, Eily casada, Owen fora, a trabalhar como assistente, a mãe e Sheila em casa sozinhas, sempre a implicar uma com a outra. Casou-se para fugir. Deus Lhe perdoe. É verdade. Contudo, não teve uma vida muito má. Nem muito boa.

Esta manhã foi estupenda. Esta manhã, passeou pelos Jardins de Luxembourg com alguém com quem gostou de estar, e riram-se, e foi excitante, ele é o género de pessoa por quem seria capaz de apaixonar-se. Mas isso era um disparate, estava tudo acabado.

Levantou-se, mudou de roupa e arranjou a cara. Podia mandar-Lhe um postal daqui. Podia telefonar a Peg para Lhe agradecer e, como quem não quer a coisa, perguntar-lhe pelo endereço dele.

Não havia papel de carta na gaveta da mesa de cabeceira, nem sobrescrito sequer. Podia descer e comprar um postal, só .para fazer passar o tempo.

Mais tarde, vestindo o bom vestido de linho que tinha comprado no ano anterior no Donald Davies, em Dublin, voltou lentamente ao cais, passou pelos quatro restaurantes voltados para o cais, tendo lido as ementas no exterior de cada um deles e entrado em todas as lojas ao fundo do cais, e tendo-se sentado no muro que dava para Saint-ean-Cap-Ferrat, observado os iates e os pequenos barcos amarrados ao cais inferior, escolhido quatro postais e comprado uma bisnaga de Nivea Solaire, Crème Bronzeante, e, mesmo depois de gastar todo esse tempo, quando olhou para o relógio, verificou que não haviam passado mais de duas horas.

Quando se está só, o tempo custa a passar.

Decidiu sentar-se no exterior do Welcome, tomar um café e ler aquele romance de Muriel Spark. Escreveria os postais depois. Tinha lido uma boa crítica daquele livro, mas, ao fim de algumas páginas, pô-lo de lado; aqueles novos romances eram

estranhos, não eram como os antigos.

48

Além disso, o seu espírito voltava constantemente a Tom Lowry, quando ele a acompanhara ao Atrium, na noite anterior, e, naquela manhã, nos Jardins de Luxembourg e no aeroporto, no autocarro com ela. Que sorte tê-lo conhecido.

Vivendo em Belfast, nunca se conhecia ninguém realmente novo. Tinha de telefonar a Peg, pedir-lhe a direcção dele e, depois, pensar em qualquer coisa divertida para escrever no postal. Ou dizer-lhe, de maneira subtil, como havia gostado de o conhecer. Como sentia a falta dele. Mas poderia dizer-lho sem passar por idiota? Decidiu tomar um banho, pensar no caso e, depois, escrever o postal ali no terraço, enquanto tomava calmamente uma bebida antes de jantar.

No elevador, subiu apertada entre um casal francês, um homem de ar jovem e a mulher. O homem olhou-a, com aquele olhar frio e apreciador à boa maneira francesa, e, depois, desinteressou-se dela. Alta demais. Tudo feito num momento, familiarmente, sem malícia. Saiu sozinha, no seu andar.

Na pequena casa-de-banho, a Senhora Redden pôs água quente a correr, depois foi até ao quarto e despiu-se. Nua, observou-se no espelho, pensando que precisava de bronzear-se. Era esbelta e a altura ainda a fazia parecer mais, um corpo de rapariga com uma pele branca e leitosa que Kevin costumava dizer fazê-lo pensar no pecado. Gostava de banhos quentes, quanto mais quentes melhor. Meteu-se na água, deixando encher a banheira, com a mão direita pousada sobre o estômago, embaraçando com os dedos o montículo húmido dos pêlos do púbis. Por vezes, no banho, apalpava-se, tocando nos seios e acariciando-os, mexendo nas ancas e no estômago, como se o seu corpo não fosse seu. Às vezes, pensava em homens e deixava-se levar para uma pequena história, em imaginação, e, dentro do banho quente, masturbava-se. Sentia-se sempre solitária, depois disso.

Agora, ali estendida na banheira, lembrou-se de telefonar para casa. Iria ele anunciar-lhe novo atraso? Parecia-lhe que, em toda a sua vida ele a fizera esperar. Era ele quem ganhava o pão; ele é que fazia os planos e ele é que os alterava. Raramente a consultava. Era ele o homem, ele pagava as contas; comprazia-se nisso. Meu Deus, como ele se comprazia nisso.

Quando saiu do banho, já passava das seis. A Senhora Milligan devia estar a preparar qualquer coisa horrível para o jantar, enquanto Kevin e Danny viam as notícias na televisão.

49

Quando começou a enxugar-se, decidiu telefonar dentro de meia hora. Não podia esquecer-se de perguntar a Danny pelo seu jogo de rãguebi. Mas, quando acabava de se limpar, ressoou pelo quarto a campainha do telefone. Nua, saiu a correr da casa-de-banho, para o atender.

- Il y a quelqu'un en bas pour vous, Madame.
 - Qui?
 - Un Monsieur. Voulez vous descendre? (1)
 A Senhora Redden não respondeu. Que senhor?
 - Deseja descer - repetiu a voz em inglês -, ou prefere que o senhor suba?
 - Eu desço. - Mas não estava vestida, não tinha o cabelo e a cara arranjados. - Daqui a uns minutos - acrescentou.
 Enquanto se vestia, dizia a si mesma que devia ser engano, ou talvez fosse alguém da British Airways, qualquer coisa relacionada com os bilhetes do avião. Se Kevin tivesse mudado de ideias e viesse ter com ela, iria direito ao quarto.
 Apressadamente, enfiou o soutien, o biquini, o seu vestido do Donald Davies, e calçou as sandálias, uma rápida passagem com o baton, uma penteadeira nos cabelos húmidos, e saiu, tomando o elevador. Quando o elevador chegou ao rés-do-chão e parou, naquele momento de travagem antes de, finalmente, se estabilizar, ela compreendeu, de súbito. A porta do elevador aberta, mostrando o hall, e ele ali, de pé, espetando a cabeça ao vê-la, muito excitado, a sorrir, à espera da sua reacção.
 - Viva, Sheila. Importa-se que venha ter consigo?
 Só então notou como estava nervosa.
 - Que diabo faz você aqui?
 - Detesto ficar para trás nos aeroportos.
 Ela ficou a olhar para ele.
 - Quando chegou cá?
 - Acabo de chegar. Aluguei um quarto num casinhoto ao fundo da estrada. Chama-se Les Terrasses.

*() N. T.: - Estão aqui à sua procura, minha senhora.
 - Quem?
 - Um senhor. Deseja descer?

50

- Alugou um quarto? - repetiu ela, estupidamente.
 - Oiça, não é obrigada a receber-me.
 - Oh, não. - Sentiu-se corar. - Na verdade, estava a pensar em si. Fico satisfeita por voltar a vê-lo.
 - Bem vê, disse-me que ia ficar sozinha até sexta-feira. Pensei que gostasse de ter companhia até essa altura.
 - Na realidade, eu ia telefonar para casa a saber se Ke vinha realmente na sexta-feira.
 - Oh! - disse ele, embaraçado. - Bem, não quero interrompê-la. Isto é, se vai telefonar agora.
 Ela olhou para o relógio do hotel.
 - Espere, vou só lá acima fazer a chamada. E depois tomamos uma bebida juntos.
 - OK! Quer que espere por si?
 Ela recordou-se da cara e do cabelo.
 - Não, encontramos-nos aqui às sete. Está bem? Daqui a uma hora.
 - Óptimo. - Parecia desapontado.

Quando entrou no elevador, ela olhou por cima do ombro e ele acenou-lhe. Era, pensou, o gesto inseguro de alguém que receava que ela não voltasse.

Vinte minutos depois, enquanto estava sentada na cama a secar o cabelo com o secador, chegou a chamada. "Parlez, est Londres à la ligne. (1)

Londres ligou-a com Belfast. Ouviu o telefone tocar em casa e pensou no aparelho preto na última prateleira do móvel monacal, no hall, por baixo dos dentes de elefante trabalhados, que sustentavam um velho gongue de bronze que pertencera ao avô de Kevin. O telefone tocou durante longo tempo. Mas ela sabia que eles estavam lá, sentados na sala das traseiras, agarrados àquela maldita televisão.

- Quatro, quatro, um, cinco, cinco - disse a Senhora Milligan, indicando o número da maneira por que Kevin Lhe ensinara a fazê-lo.

- Senhora Milligan? Fala a Senhora Redden.

- É mesmo a senhora? - disse a Senhora Milligan, com o seu sotaque de Donegal. - Está bem, minha senhora? Está em França, ou onde está? Quer que eu chame o Senhor Doutor?

*() Fale. Londres está em linha. (N. T.)

51

- Sim, estou ótima. Como vai tudo por aí?

- Deram cabo da Divis Street na noite passada - disse a Senhora Milligan. - Uma bomba enorme. Dizem que foi a U. D. .F. Seja como for, há dois mortos e uma data de feridos. Uma das famílias era cliente do Senhor Doutor. Coitado do Senhor Doutor, esteve fora metade da noite.

- Ele está aí, agora?

- Está, está; está a comer o seu jantar. Um momento, vou chamá-lo.

Kevin apareceu.

- Sheila?

- Sim, como estás?

- Ocupado.

- A Senhora Milligan disse-me que passaste a noite anterior fora.

- Sim, uma bomba na Divis Street destruiu a parte da frente de uma casa, doentes meus. O pai, pobre desgraçado, morreu, e tenho dois miúdos na Mater, com as caras meio arrancadas.

- Oh, meu Deus - disse ela, embora nada sentisse; tinha ouvido aquilo tantas vezes, tinha-se sentido mal vezes demais.

- Então e tu, como estás? - perguntou ele. - Como está Villefranche? Mudou muito?

- Absolutamente nada. Ouve, e quanto a sexta-feira? Achas que consegues vir?

Ele não respondeu logo, demorando-se o tempo suficiente para que ela percebesse que nem tinha pensado no caso.

- Não tenho a certeza. Tenho um doente com uma operação de emergência na quinta de manhã. É uma operação que tenho de ser eu a fazer.

- Kevin, tu não queres vir, não é verdade?
- Não, não é isso. Mas sucedeu imensa coisa ao mesmo tempo. Lamento imenso. Gostava de poder dar indicações mais exactas.
- Bem, não te rales com isso. - Quando se ouviu a dizer estas palavras, pareceu-lhe que falava alguém estranho dentro dela.
- Ouve, eu telefono-te na quinta de manhã - disse ele. - Estás a divertir-te, não estás?
- Sim, isto é maravilhoso.

52

- Não te sentes muito só?
- Não. Mas gostava de estar contigo.
- Eu sei.
- Ouve, o Danny está aí? Posso falar com ele? Ele está bem?
- Oh, está em grande forma - disse Kevin, e havia uma súbita alegria na sua voz, como se tivesse percebido repentinamente que já não tinha de ir a França. - O mal é que -, disse - não está cá. Deixei-o ir passar a noite a casa do Kearns.
- Oh, bem! Diz-lhe que perguntei por ele, sim?
- Não me esqueço, Shee.

Shee era o nome especial que ele lhe dava. Raramente o usava.

- Bem, boa noite, Kevin - disse.
- Boa noite.

Desligou. Se pusesse uns rolos agora, podia descer às sete. Sentou-se em frente do toucador e viu que ele tinha um interruptor que premiu. Acendeu-se a luz à volta do espelho, como se ela fosse uma actriz no seu camarim. Começou a cantar, com uma voz mimada, tremida, reminiscente: Dançando de olhos fechados, Até a música acabar, Dançamos de olhos fechados...

Foi pontual, às sete. O bar estava apinhado e os criados vinham com frequência ao balcão para satisfazer todos os pedidos.

- Porque não vamos antes dar uma volta? - perguntou ela.
- Óptimo.

Mas depois lembrou-se do cabelo. Pediu-lhe que esperasse e foi lá acima buscar um lenço. Era a hora do dia em que os hóspedes descem todos para jantar, de modo que teve de esperar imenso tempo pelo elevador. Quando, finalmente, chegou ao quarto, pegou no grande lenço Givenchy, em vermelho de fogo e branco, que a mãe de Kevin lhe tinha dado como presente de Natal, e atou-o, em estilo babusshka, em volta da cabeça. Ficou mal. Voltou a colocá-lo, mas saiu mal de novo. Tinha outro lenço, um amarelo de algodão,

53

mas levou imenso tempo a descobri-lo e, quando o experimentou, ficava ainda pior do que o primeiro, e já tinha o cabelo tão despenteado que teve de o pentear de novo, e atou o lenço de outro modo, apetecia-lhe chorar, porque seria que, quando se

tem mais que vestir do que é habitual, nada sai bem? Tentou uma última vez, desejando que o espelho fosse generoso, mas o espelho não era seu amigo. Meu Deus, parecia a Rainha de uma gincana qualquer.

Ao descer de novo, com o elevador a parar em todos os andares, apertada entre quatro pessoas, lembrou-se do chapéu azul-escuro que havia comprado; seria melhor subir de novo e ir buscá-lo? Mas se, depois do jantar, fossem a qualquer lado, que iria ela fazer com um chapéu-de-sol?

No hall do hotel, havia um espelho até ao chão e não pôde impedir-se de parar em frente dele para uma última olhadela masoquista. Olhando para o espelho, viu reflectida a entrada do hotel e, lá fora, Tom Lowry à espera dela. Estava encostado ao gradeamento de ferro, a olhar para baixo, para as pessoas que passeavam no cais. Assim visto através do espelho, pareceu-lhe estranho, um jovem conspirador à espera da sua cúmplice. Contudo, ao mesmo tempo, sentiu um poderoso desejo de ser vista com ele, de partir com ele e deixar tudo para trás. Afastou-se do espelho e correu ao encontro dele.

- Desculpe-me. Tive de esperar montes de tempo pelo elevador.

- Não faz mal. - Apontou para a vista da baía. - Lá em baixo é uma praia?

- É. De pedras.

- Vamos até lá.

E assim desceram um lance de escadas, caminhando lado a lado, ao longo do cais, na mesma direcção que ela tinha tomado nessa tarde. O céu começava a escurecer, os restaurantes enchiam-se de gente e os artistas ambulantes começavam a aparecer, exactamente como noutros tempos. Lá vinha o tipo bem conhecido do ciclista que andava para trás e para diante sobre um unicycle, com um chapéu de mulher cheio de enfeites. Um jovem moreno entoava canções italianas, com um macaco debaixo do braço. O macaco, pequeno e frágil, estava vestido com um tutu e agarrava-se ao dono como uma criança assustada. E havia novos artistas, menos profissionais, um trio de jovens americanos de jeans que andava de restaurante em restaurante, a tocar viola e a cantar canções rock, com as suas vozes fracas e melancólicas.

De súbito, como a um sinal convencional, acenderam-se as luzes em todas as mesas do restaurante por que passavam e, em breve, surgiam luzes também nos barcos ancorados ao longo do cais. Lá longe, na baía, um enorme iate de luxo ostentava uma gambiarra de lâmpadas coloridas que delineavam a sua silhueta, desde a ponta dos mastros ao convés, da proa à popa. Minutos depois, cintilavam luzes de Villefranche a Cap Ferrat, como se toda a baía fosse um palco, enquanto, por trás dela, como um vasto anfiteatro, o céu se tornava negro. Começou a ouvir-se música e a Senhora Redden, escutando as vozes que cantavam, observando o constante desfile de gente, sentiu que os olhos se lhe enchiam de lágrimas de alegria. Descendo com Tom Lowry para a praia de cascalho, passando pelas ruas estreitas da

cidade velha, por trás do cais, começou a contar-Lhe reminiscências de Villefranche, relatando-lhe que, anos antes, a Sexta Esquadra americana havia usado aquela cidade como base, que os Americanos tinham posto sinais de trânsito americanos naquelas estreitas ruelas mediterrânicas. Contou-Lhe que os night-clubs e os bares locais só apresentavam canções do Oeste e música americana, e que a feroz Polícia da Marinha subia e descia as ruas à procura de marinheiros bêbados. E que, nesse Verão, os proprietários dos hotéis locais protestaram porque as mulheres dos marinheiros americanos iam para a praia com rolos plásticos no cabelo. O que arruinava o estilo da estância. Conversa. Mas conversa indefinida, pois nunca se referiu ao ano em que aquilo se passara, nem Lhe disse que lá tinha passado a lua-de-mel. Ele perguntou-Lhe qual era o melhor local para comerem e ela disse-lhe que era a Mère Germaine, e foram até lá, e com aquela sorte que parecia acompanhá-los em tudo o que faziam, um casal idoso pagou a conta e cedeu-Lhes uma mesa que tinha uma vista esplêndida para o porto. O criado trouxe um vinho rosé local e, quando Tom a servia, a Senhora Redden lembrou-se de que ainda trazia aquele lenço horrível na cabeça. Embaraçada, desatou-o, colocou-o no colo, sacudiu a cabeça para soltar o cabelo e sorriu-Lhe.

- Diga-me - perguntou-lhe -, faz muitas coisas destas?
- Que coisas?

55

- Coisas como voar oitocentos quilómetros só porque lhe apeteceu.
- Nunca - disse ele. - Queria estar consigo; Quando nos despedimos no aeroporto, senti-me solitário. É estranho. Nunca senti nada assim, antes.
- A propósito - disse ela -, falei com o meu marido pelo telefone. O mal de estar casada com um médico é nunca se poderem fazer planos com antecedência. Não está aqui antes de sexta-feira, no mínimo, e tenho a impressão de que é capaz de nem vir. Telefona-me na quinta-feira para me dizer ao certo.
- É capaz de não vir mesmo ?
- Não. Está muito ocupado. De qualquer modo, Kevin não aprecia muito férias no estrangeiro. Gosta muito da costa do país.
- Bem - disse ele -, a costa, na sua parte da Irlanda, é bonita. A costa do Norte.

A sua parte da Irlanda. Olhou para as luzes coloridas do iate de milionários, ao fundo da baía. Um dia esquecido, havia muito, veio-Lhe à ideia; o seu pai, com o casaco verde de Verão atirado sobre os ombros, sapatos de ténis brancos e calças de flanela creme, a passear com ela por Portstewart, de mãos dadas - ela tinha doze anos na altura - e, do outro lado, a conversar com o Pai, o juiz McGonigal, a quem o pai tratava por Johnny.

"Oh, Johnny, Johnny", disse o pai. "Não sei. Os filhos de Dan foram para escolas inglesas, falam com sotaque inglês. Fez deles uns pobres ingleses ocidentais. Eu quero que os meus

filhos vivam aqui no Norte, que é a terra deles. Dan fez uma grande carreira, evidentemente, as N. U. e a Europa, e os tratados comerciais, fez imensa coisa, não há dúvida, mas sabes, quando encontro agora o meu irmão, com o seu sotaque inglês, sinto um certo desprezo por ele. Pobre Dan, perdeu-se. Tu e eu, Johnny, continuamos a ser o que éramos, apenas mais velhos. Mas Dan é como um actor, sempre a desempenhar um papel."

E então o pai voltou-se e ergueu-a nos braços e esfregou-lhe a ponta do nariz com o farfalhudo bigode castanho, do modo que era habitual nele. "Olha para esta menina", disse o pai. "Que sucede a uma criança como Sheila quando a afastamos das suas raízes? Ah, não, não, disse o pai sentimentalmente. Talvez eu pudesse ter sido um homem mais rico e fazer um figurão, se tivesse ido para Londres, há muito tempo, quando tive oportunidade. Mas não teria esta filha, compreendes? Teria uma pequena londrina nos meus braços, neste momento, uma pequena Samantha ou um pequeno Beryl, um raio de um nome desses, à inglesa. Oh, minha querida,, disse o pai, fixando-a com os seus olhos azuis sérios, tristes, velados. Promete-me que ficas na Irlanda, sim?" "Se eu disser que sim, compras-me uma tablete de Mars?", respondera ela e o juiz McGonigal riu-se e gritou: "Aí tens, Tim, é tudo uma questão económica, não é por patriotismo, estás a ver?" E o pai, a rir, pô-la no chão e deu-lhe um xelim.

Olhou para aquele estranho cheio de ansiedade, aquele rapaz americano que lhe sorria, bebendo o vinho em pequenos golos.

- Não sei - disse. - Há pessoas que não gostam de sair do local onde nasceram. Outras parecem querer fugir desde que têm idade para andar.

- Qual é o seu género?
- Sou das que fogem.
- Mas não fugiu, pois não?
- Não - afirmou ela.

O cantor do macaquinho aproximou-se deles. Querendo exhibir o animal, pegou-lhe na pata e segurou-lhe no longo braço, tentando fazê-lo pôr-se de pé, direito, em cima do seu ombro. Mas o macaco fugiu de novo para baixo e, tremendo, agarrou-se ao peito do dono.

- Está com medo - disse ela.
- O quê?
- O macaco. Está com medo.

O criado chegou com o primeiro prato, minúsculos peixes fritos. O cantor, acabando a sua canção, veio pedir dinheiro, com o macaco a segurar um púcaro de folha. A Senhora Redden deu-lhe um franco e, mal o cantor saiu do restaurante, o ciclista apareceu, de súbito, à vista de todos, avançando a uma velocidade suicida para a beira do cais, parando a uma distância milagrosa, e pedalando depois para trás, num ritmo de conga. A Senhora Redden encontrou-se a rir com gosto, voltada para Tom. E, no meio da música e das canções, descobriu que ele a olhava do mesmo modo ávido e secreto por que ela o espiara uma hora antes. Kevin e Danny encontravam-se sentados em casa, sem saber que aquilo estava a suceder. E então, de súbito, ele disse qualquer coisa e ela riu-se

já sem a sensação de culpa, outra vez feliz e cheia de entusiasmo.

A partir dali, a noite navegou a todo o pano. Começaram a trocar piadas idiotas acerca das pessoas que jantavam nas outras mesas, acabaram a garrafa de vinho e mandaram vir outra, falaram dos livros que tinham lido, das peças que haviam visto, conversas que ela nunca mantinha em casa, e, sempre a conversar, excitados, saíram do restaurante e foram dar um passeio ao longo da muralha, até Port Darse, onde estavam ancorados dúzias de barcos de recreio. Vaguearam pelo cais, olhando para as corvetas, para as dinghies à vela, para os catamarãs e para um lustroso chris-craft que estava ancorado, com o proprietário estendido numa cadeira de repouso, com a ponta do charuto a formar uma roseta minúscula na noite de veludo. Treparam a uma colina íngreme e pedregosa, até chegarem aos degraus que levavam à cidade velha, onde, por baixo de um solitário candeeiro, num beco coberto de ervas, quatro homens da terra jogavam a pétangue, e o baque das bolas de aço tornava-se estranhamente sinistro, àquela hora tardia. Percorrendo ruas estreitas e desertas, voltaram à pequena praça onde a porta de entrada do Welcome continuava aberta, e o hall era um chocante lago de luz no meio da escuridão circundante, e o porteiro da noite dormitava ao balcão. Nas salas, havia duas televisões fechadas, como sucedâneas de oradores públicos, rodeadas de audiências de cadeiras vazias. Subiram no elevador até ao bar, onde alguns retardatários tomavam uma última bebida, e sentaram-se a uma mesa, no extremo mais afastado da sala. Um criado trouxe-lhes conhaques e a Senhora Redden mostrou-lhe a chave do quarto e disse ao criado que os pusesse na sua conta.

- Que fazemos amanhã?

Ela olhou para ele.

- Há uma praia de areia em Cap Ferrat. Podíamos ir lá no barco da carreira. Levava um almoço tipo piquenique, daqui do hotel.

- Parece estupendo. A que horas?

- Vamos logo a seguir ao pequeno-almoço - disse ela. - Quero queimar-me como uma lagosta.

- Porque não tomamos o pequeno-almoço juntos? Aí às oito, no terraço?

- Está bem.

E então, de súbito, sentiu que Lhe competia fazê-lo.

Ergueu-se e disse:

- Vou subir. Agradeço-Lhe imenso esta magnífica noite.

- Tem mesmo de ir?

- Sim - disse ela, e, abruptamente, voltou-se e dirigiu-se ao elevador.

A cabina estava já à espera e, enquanto subia, sentia ainda a mesma exaltação. Olhou para trás, pela janelinha do elevador, e viu-o de pé, junto da mesa, a olhar para ela. Oh, meu Deus, queria voltar para junto dele." Carregou no botão e o elevador começou a subir, apagando a sua imagem, como um obturador fotográfico.

Capítulo Quarto

Acordou às sete horas da manhã e compreendeu, de súbito, onde se encontrava e o que sucedera. Levantou-se, excitada, e foi até à janela, para abrir as portas. Ao sol frio da manhã, o iate dos milionários continuava ancorado na baía.

Deixou-se ficar, quieta, com a sua camisa de noite de algodão, a mão no fecho, dominada pelo silêncio misterioso daquele convés. Certa vez, em Galway, Kevin e ela seguiam a pé por uma estreita estrada campestre, quando surgiu um enorme Rolls-Royce por trás deles, obrigando-os a entrar na valeta, para poder passar. Nessa altura, havia reparado numa velhota que espreitava, da porta de uma casinha, o enorme carro prateado, e ocorreu-lhe que o marido da velha, em todos os anos da sua vida e com todo o trabalho que fizera, tinha ganho menos do que o custo daquele Rolls. E agora compreendia que Kevin, em todos aqueles anos de operações, suturas, bisturis e sangue não ganhara o custo daquele iate. Porque levam certas pessoas vidas tão especiais?

Lembrava-se de Villa Cara, Groothaesebroekseweg, Wasse, naar, Den Haag, a esplêndida casa do Tio Dan, onde Owen e ela foram passar as férias quando eram garotos: os jardins italianizados, o Mercedes com motorista, os criados de luvas brancas. Elas, as crianças, a almoçar com o Tio Dan e a Tia Meg na enorme sala de jantar, com túlipas holandesas duplas ao centro da mesa e o primeiro-secretário, Bor an, um homem tão baixo que, mesmo aos doze anos, Sheila já lhe chegava ao ombro, e que jogava ténis com ela. Aquela Embaixada irlandesa na Holanda seria o mais perto que já esti vera de uma existência como a da gente daquele iate? Acordarão esta manhã com um criado de luvas brancas a trazer-lhes a bandeja do pequeno-almoço, com uma rosa vermelha? Ordenarão ao comandante que parta para Fermentor depois do almoço? Imagine-se agora descerem ao cais, um barco a motor particular vir buscá-los para os levar, a Tom e a ela, até àquele iate, a âncora içada, os criados a servir champanhe, os dois a dançarem sob as estrelas; navegando para os Açores e para os Mares do Sul. Existirá realmente uma vida assim?

O relógio, que ela pensava ter marcado para as sete, começou a tocar, já atrasado. À pressa, despiu a camisa e sentou-se nua junto do toucador, iniciando um lento e cuidadoso trabalho de maquilhagem. Antes de partir, tinha consultado Madge Stewart, no McElvey. Madge havia tirado um curso com Elizabeth Arden, em Londres, e agora ela estava a pôr a base da mesma maneira que Madge lhe ensinara a usá-la e tirou do estojo a

nova maquilhagem terracota que Madge lhe dissera ser perfeita para o sol. Primeiro, pintou os olhos, sem demasiado eyeliner, procurando obter o aspecto natural de que Madge lhe falara. Esfregou o stick na parte superior das faces, com um toque na testa, junto ao cabelo, para dar a impressão de um princípio de bronzamento.

Ficou satisfeita com o resultado. Tirou do roupeiro o vestido amarelo de Verão, deu-lhe uma rápida passagem com o ferro de viagem, tirou da mala o biquini azul, meteu-o com uma toalha e o creme de bronzear no saco de praia, juntando-lhe o chapéu-de-sol azul, quando se recordou dele. Depois, foi à casa-de-banho, ainda nua, e começou a pentear-se. Não podia esquecer-se dos óculos-de-sol, com aros muito grossos, a grande moda da Vogue, naquele ano. No último momento, pôs o baton e olhou-se ao espelho.

"Horrrível! Demasiado!" Para que confiou na Madge, porque não experimentou em casa, justamente no dia em que queria parecer mais bonita, estava horrível, com eyeliner a mais, era melhor tirar um bocado, Oh, meu Deus. devia ter-se levantado às seis, pusera rouge demais, ia pôr pó-de-arroz, devia começar tudo de novo, mas já era muito tarde, tinha de descer e encomendar o piquenique. Apetecia-lhe chorar, mas se chorasse os olhos ainda ficavam pior. Sentia-se chocada consigo própria por toda aquela preocupação. Mas a verdade era essa. Preocupava-se mesmo.

Desistindo, vestiu a roupa interior e o vestido amarelo e desceu, para encomendar os almoços e estar no terraço antes das nove. Mas Tom Lowry já lá estava: devia ter vindo bastante cedo.

Ao vê-la, dirigiu-se-lhe:

- Eh, está fantástica. Bom dia.
- Nem por isso.
- Está, sim. Que lindo vestido.

Era preciso esperar muito tempo para que um irlandês dissesse a uma mulher que tinha um lindo vestido.

- Obrigada - disse ela.

Às dez, apanharam o barco para Cap Ferrat. A praia era abrigada, elegante e privada, com areia verdadeira, trazida de camião e espalhada sobre as pedras. Ao fundo, ficavam um restaurante e os vestiários, e quando o barco os deixou no pequeno molhe, pagaram as entradas e foram logo despir-se. Alguns minutos depois, a Senhora Redden saiu, com o seu chapéu azul e os óculos escuros novos, sentindo-se nua, branca e conspícua no seu biquini, que também era azul e novo. Enquanto descia os degraus para a praia, curvou instintivamente os ombros, tentando fazer-se mais pequena, olhando com insegurança para o mundo azul que os óculos-de-sol novos lhe revelavam. Duas adolescentes, lisas, queimadas ao ponto da cor de cacau, passaram por ela, como uma censura. Depois, surgiram um homem e a mulher, com os mais mínimos dos cache-rexe, ambos fortes e musculados, de um modo que lhe fez lembrar os cavalos de corrida, como se trotrassem pelo hipódromo. Deu alguns passos, desajeitadamente, pela areia, e parou diante de uma bateria de colchões de praia.

Depois, viu-o aparecer, direito a ela. Vestia uns calções brancos.

- Arranjei dois colchões para nós - disse. - Por aqui.

- Onde? - Olhou para o Sol.

Como se fosse a coisa mais natural deste mundo, ele passou-lhe o braço em volta da cintura, pousando a mão sobre a anca. Ela hesitou, depois começaram a descer para a praia, ele com o braço na cintura dela, ela a caminhar ao lado dele. Quando chegaram junto dos colchões, ela pousou o saco sobre um e sentou-se, com as pernas encolhidas por baixo do corpo.

- Sinto-me como um cadáver, no meio desta multidão.

- Não por muito tempo. O sol é muito forte. Tem óleo de bronzear?

Ela acenou afirmativamente e tirou da mala o crème solaire bronzeador.

62 63

- Ótimo - disse ele. - Ponha-me nas costas e depois eu trato das suas.

Voltou-se, apresentando-lhe as costas. Obedientemente, ela apertou a bisnaga para a palma da mão e começou a esfregar os ombros dele, espalhando o creme. Ele tinha umas costas longas e direitas e um peito encovado, um corpo de rapaz, mais parecido com o de Danny do que com o de Kevin. Pôs mais creme na palma da mão e começou a esfregá-lo logo acima dos calções.

- Ótimo - disse ele.

Voltou-se, estendeu a mão e ela apertou a bisnaga, deitando-lhe creme sobre ela. Ele esfregou o creme pelo peito e pelos braços e depois tirou-lhe a bisnaga.

- Volte-se. Deite-se. Descontraia-se.

Preocupada com a maquilhagem, ela estendeu a toalha por cima do colchão e deitou-se com a cabeça voltada para um lado, a olhar para as calmas ondas do Mediterrâneo, que lambiam a areia como as páginas de um livro a voltar-se, lembrando-se das baías selvagens da sua terra, dos longos quebra-mar gelados, das dunas desertas, da beleza chuvosa da praia de Gorteen. Ele começou a massajar-lhe os ombros e o pescoço, cuidadosa e lentamente, chegando com as mãos até à cintura e depois subindo de novo. A Senhora Redden comprimiu o corpo contra o colchão, excitada, com aquele estranho por trás dela, as mãos dele sobre si, fortes, seguras, acariciantes. E, de repente, ele tirou as mãos.

- E as pernas?

- Oh, posso pôr eu mesma - retorquiu ela.

Torceu o corpo e sentou-se no colchão. Ele tinha estado ajoelhado junto de si e, quando ela se voltou abruptamente, baixou as mãos, como para esconder os órgãos genitais. Ela sentiu-se corar. Começou a aplicar creme nas pernas, estendendo os dedos dos pés para as ondas quentes e calmas. Ele disse:

- Gostava de saber se Debbie conseguiu partir ontem. Chegou a vê-la, não chegou, no dia da sua vinda?

Foi como se ele a tivesse esbofeteado.

- Como sabe que a conheci?

- Ela disse-mo.

- É sua namorada?

- Debbie? - Riu-se. - Meu Deus, não. É amiga da minha irmã.

- É bonita.
- Acha? Eu acho-a chata. Tenho de ser amável para ela, por causa de Martha, mas custa-me a aturá-la. Ufa!
- Que idade tem a sua irmã?
- Tem vinte e quatro. - Tirou uma carteira da cinta dos calções e mostrou-lhe uma fotografia. - Aqui a tem. Martha.
- A Senhora Redden viu uma rapariga de cabelos escuros, com uma raqueta de ténis na mão, a sorrir.
- Os meus pais - disse ele, mostrando-lhe uma segunda fotografia. - Na nossa casa de Verão, em Springs.
- Um homem e uma mulher sentados em cadeiras de vime brancas, no terraço de uma casa, com bosques em fundo, o homem, com uma camisola de gola alta, parecia pouco mais velho do que Kevin, a mulher, graças a Deus, parecia muito mais velha.
- A sua família é jovem.
- Ele está em forma. Mas já tem cinquenta e seis.
- Ela devolveu-lhe a fotografia. Doze anos mais velho do que Kevin.
- A minha avó. - Uma velhota, sentada numa cadeira curva, de espaldar alto, o tipo de cadeira que a Senhora Redden associava a filmes dos Mares do Sul, olhava para a máquina; uns olhos escuros e profundos como os do neto. - A avó é discípula de Teddy Roosevelt. Falinhas mansas e uma grande bengala.
- Nunca tinha ouvido essa expressão.
- Ai, não? Bem, a bengala dela são os cordões da bolsa. O avô deixou algum dinheiro para custear a nossa educação e a avó administra-o. Há alguns anos tive uma grande discussão com ela, porque queria que eu fosse médico como o meu pai. Por isso estive na Irlanda a tirar o meu canudo em Filosofia no Trinity, em vez de ir para Princeton, por exemplo.
- E quem pagou os estudos?
- Oh, o meu pai pagou os dois primeiros anos. Mas, depois, a avó lá se decidiu. Na verdade, foi até muito simpática. Por exemplo, este ano, quando me licenciiei, mandou-me o resto do dinheiro destinado à minha educação. Deu-mo, como prenda.
- Lá no fundo, no restaurante, uma rapariga começou a cantar em espanhol, acompanhando-se à guitarra.

- É você? - perguntou. - Veio de uma grande família?
- Não. Éramos quatro. O meu irmão mais velho, Ned, é dentista em Cork. Tenho outro irmão, Owen, que é médico em Belfast, e uma irmã, Eily, que está casada com um engenheiro e vive perto de Dublin.
- E os seus pais? Estão ambos vivos?
- Não, o meu pai morreu há anos. A minha mãe morreu na Primavera passada.
- Calculo que ainda sinto a falta dela.

- Não sei. Discutíamos um bocado. Certa vez, chamou-me mentirosa nata. Creio que nunca lhe consegui perdoar isso.

Ele riu-se.

- Porque disse ela isso?

- Oh, quando eu era pequena, estava sempre a inventar histórias a meu respeito. Que era filha de um explorador, um parente de qualquer personagem famosa. Tudo menos a verdade: que era Sheila Deane, do 18 Chichester Terrace, em Belfast, uma rapariguinha vulgar.

- E ela chamou-Lhe mentirosa nata por isso?

- Sim. Suponho que não era tão má como isso, no fundo. Pobre Kitty. É curioso, quando me lembro dela, vejo-a sempre com um cigarro na boca, a subir e a descer enquanto ela falava. Era uma grande contadora de histórias e as pessoas gostavam de a ouvir. O mal é que fazia tudo para conseguir que os outros se rissem. Mesmo que tivesse de contar uma história contra nós, ou até contra ela. Morreu de cancro.

- Os cigarros?

- Creio que sim. Há muitos cancros na nossa família. De ambos os lados. O irmão do meu pai também morreu de um.

Ficaram durante algum tempo sem falar. Sob o sol quente, ela começou a sentir sono. Pensou na sua casa. Deixara uma perna de carneiro cozinhada à Senhora Milligan e dissera-lhe que queria que eles comessem muitas saladas e vegetais e que comprasse carne para assar na próxima semana. Mas lembrar-se-ia? Só sabe cozinhar fritos, Danny e o pai vão viver de fritos e bolos até ao meu regresso. Bom, pelo menos, Kevin almoça bem no hospital, três vezes por semana.

Kitty morreu. E o pai também, há muito tempo.

Recordava-se dessa manhã, Owen a entrar no seu quarto, de pijama, para lhes dizer, a ela e a Eily, que fossem ao quarto grande. Kitty a chorar, o pai morto na cama: morrera durante o sono, a meio da noite, com Kitty a dormir ao lado dele. Nessa altura, tivera pena dela, pobre mamã, por acordar assim, de manhã, e encontrar o marido, gelado, a seu lado.

A música espanhola parou e, atrás deles, a rapariga começou a entoar outra canção; era francesa e conhecida, mas a Senhora Redden não conseguia lembrar-se do título.

Voltou-se para Tom, para Lhe perguntar se a conhecia, mas ele não estava lá. Sentou-se, alarmada.

Estava à beira da água, a falar com os rapazes dos barcos.

Chamou-o. Ele voltou-se e fez-Lhe sinal para ir ter com ele.

- Aluguei uma gaivota - disse ele. - Venha, vamos experimentar.

Ela riu-se. Kevin nunca teria feito uma coisa daquelas.

Recostados, a pedalar, as suas pernas impulsionaram o ridículo barquito para a baía, navegando sob as fachadas cor-de-rosa e brancas das enormes vivendas dispostas pelos rochedos acima, com o cheiro do mar nas narinas, indolentemente refastelados sob um céu azul, vendo os pequenos barcos à vela, o friso distante do cais de Villefranche e, mais adiante, uma névoa de calor sobre Nice. Deixou de pensar na maquilhagem, esqueceu-se de que estava a ficar vermelha. Ofereceu o rosto ao sol, como uma hóstia no altar, com aquele rapaz a seu lado, férias, férias, férias, oxalá nunca acabassem.

E, mais tarde, depois de ter voltado ao vestiário, tomado um

duche e envergado o vestido amarelo, foi ter com ele, levando o cesto do piquenique que o hotel tinha preparado.

Ele esperava-a a uma mesa por baixo de um chapéu-de-sol da Cinzano, às riscas vermelhas, brancas e azuis, com uma garrafa de vinho da região dentro de um balde de gelo, ao lado dele. Kevin teria encomendado cerveja. Abriu as embalagens de papel encerado e dispôs-las sobre a mesa, de todas as cores - peito de galinha branco, dois tipos de queijo amarelo, figos maduros pretos, tomates vermelhos-escuros, uvas verdes e pão acastanhado - comeram tudo, como crianças esfomeadas, e beberam o vinho, que lhes subiu à cabeça.

66 67

- Vamos nadar - sugeriu ele.
- Logo a seguir à comida?
- Refresca-nos.

Começou a nadar no mar e nadava bem. Ela deixou-se ficar onde havia pé, não querendo molhar o cabelo. Depois disso, estenderam-se nos colchões, sob o céu sem nuvens. A praia estava mais sossegada agora, pois a maioria dos banhistas tinha ido almoçar a casa. No meio daquela tranquilidade, ela voltou a cabeça para olhar para ele. Os seus olhos estavam fechados, pelo que, cautelosamente, a Senhora Redden ergueu o corpo, apoiando-se sobre um cotovelo, e começou a examinar-lhe o rosto. A dormir, parecia muito jovem. Ele abriu os olhos e sorriu-lhe. Ela recostou-se de novo no colchão e, pouco depois, sentiu que ele lhe pegava na mão. Afastou a sua.

- O que tem?
- Nada.

Ele tentou pegar-lhe na mão outra vez.

- Não faça isso. - Embaraçada, sentou-se, abraçando os joelhos. - Oiça, vamos até ao restaurante beber uma chávena de café.

No terraço do restaurante, passaram pelo casal musculado que estava sentado a uma mesa, a um canto, a beber laranjada e a olhar para um estranho quadro com pedrinhas pretas e brancas. Tom disse que era um jogo japonês chamado go. Agora, que já não estavam em terreno perigoso, a Senhora Redden sentia-se alegre de novo.

- Que havemos de fazer esta noite? Que tal irmos a Nice, darmos uma volta e, mais tarde, jantarmos em qualquer lado?
- Ótimo - respondeu ele.

Encomendaram café e, por momentos, ela sentiu-se tensa de novo, quando ele se inclinou sobre a mesa e lhe tocou o rosto com os dedos.

- A sua cara está queimada - disse ele. - Apanhou sol demais. Como se sente?
- Muito bem.

Mas depois, no vestiário, teve uma dor pungente nos ombros. Sentia a cara quente e, com o sol, o ar do mar e o vinho, achou-se sonolenta, enquanto esperavam no molhe pelo barco que os levaria de novo a Villefranche, e a sonolência aumentou enquanto o barco atravessava a baía e os deixava na doca, mesmo em frente do seu hotel. Pensou em tomar um duche, para

acordar.

- Que fazemos? - perguntou. - Encontramo-nos aqui por volta das cinco e apanhamos a camioneta para Nice?

- Está bem. - Ele estava a olhar para a fachada do Welcome.

- A propósito, qual é o seu quarto?

- Fica no quarto andar. Penso que é o terceiro da esquerda, além.

- Tem uma varanda?

- Tem.

Ele acompanhou-a até à porta do hotel.

- Penso que vou dar um passeio - disse. - Não me apetece ir meter-me na minha cela.

- É assim tão mau?

- Não é propriamente o inferno. Oiça, tem alguma coisa que se leia?

- Tenho alguns livros.

- De que género?

- Alguns policiais, um de Muriel Spark e outro de Doris Lessing. Espere, eu trago-lhos aqui e você escolhe.

- Ótimo.

Quando entraram no hall do hotel, o empregado não estava ao balcão, de modo que ela tirou a chave do suporte.

Tom já tinha carregado no botão do elevador.

- Quer que suba consigo? - perguntou, e ela notou que ele tinha ficado embaraçado, ao dizer aquilo.

- Não, não é preciso, é só um momento.

Ouvia o elevador a chegar. O hotel parecia vazio: a maioria dos hóspedes estava provavelmente ainda na praia.

Podia deixá-lo subir até ao seu andar, pelo menos. Ninguém os viu juntos. Podia trazer os livros à porta e deixá-lo escolher. Poupava duas viagens, para baixo e para cima.

O elevador chegou, mas ela nada disse. Ele abriu a porta.

- Quer que suba consigo no elevador? - perguntou.

Que podia ela dizer? Acenou afirmativamente e entraram no pequeno elevador, subindo, um em frente do outro. Quando o elevador parou no quarto andar, o corredor estava vazio. Ela começou a avançar para o quarto, com ele um passo ou dois atrás. Quando abriu a porta do quarto, lembrou-se de que o deixara todo desarrumado, de manhã.

68 69

- Não quero que veja como sou desarrumada - disse, desculpando-se.

Ele sorriu e ficou no corredor, enquanto ela entrava. Mas a criada já lá tinha estado, a cama estava feita, as coisas haviam sido arrumadas, as portas de madeira estavam abertas e via-se a paisagem pela janela. Pegou na sua meia-dúzia de livros, Penguins e Pantherr, e, ao voltar-se, viu que a porta se tinha aberto. Ele estava à espera, no corredor.

- Que vista fantástica - disse.

- Sim, praticamente, vê-se quase todo o porto. - E, de súbito, pareceu-lhe idiota não o deixar entrar no quarto e disse: - Venha ver. O quarto já está arrumado, graças a Deus.

Assim, ele entrou e chegou à pequena varanda para olhar para

a Gare Maritime e para a capela.

- Essa capela - disse ela - era uma capela de pescadores. Mais tarde, foi reconstruída por Jean Cocteau.

Ele olhou para baixo e depois voltou-se para ela.

- Uma vista fantástica - disse de novo; voltou para dentro do quarto e tirou um livro de cima da cama. - Este parece bom. Kingsley Amis. É policial, não é?

- Ainda não o li - respondeu ela.

Tudo estava certo. Sentia-se satisfeita por lhe ter dito que entrasse.

- Então, pronto, encontramos-nos às cinco - disse ele, e passou por ela, dirigindo-se para a porta aberta para o corredor.

Nesse momento, os seus corpos tocaram-se por um breve instante e ela pousou a mão no braço dele, detendo-o.

- Passei um dia estupendo, Tom. De verdade.

Depois de o dizer, não sabia bem o que se havia passado, mas, desajeitadamente, como se tropeçasse nela, ele encostou a cara à dela e, depois, ainda a agarrar o Penguin, pôs o braço em volta da cintura dela, puxando-a para si. Ela sentiu que tremia. Deixou que ele a abraçasse, com a face encostada à dele. Como se fosse num sonho, afastou-se, olhou para ele :e depois beijou-o nos lábios, com a boca parcialmente aberta, num beijo lento e suave que Lhe deu a sensação de estar prestes a desmaiar.

Separaram-se. Ela voltou-se e fechou a porta do quarto. Sentou-se na beira da cama e ele sentou-se ao lado dela, beijando-a desajeitadamente, enquanto a sua mão Lhe percorria a anca e os seus dedos tocavam na pele nua, por baixo do vestido. Ela voltou a cabeça para o lado.

- Fecha a janela - disse-Lhe.

Ele ergueu-se, para lhe obedecer. Ela pôs-se de pé e foi rapidamente à casa-de-banho, desabotoou a bata amarela, desapertou o soutien e puxou as cuecas para baixo. Olhou para o espelho, viu a linha branca vertical da sua cesariana, e, por um momento, colocou a mão protectoramente sobre ela. Depois, sem nada esconder, voltou-se e regressou nua ao quarto.

Quando ele a viu assim, pareceu ficar espantado, mas imediatamente, como se achasse que devia pôr-se nas mesmas condições, desabotoou a camisa, despiu-a, desapertou o cinto e deixou cair as calças. Usava uns slips brancos que baixou, e, ao livrar-se deles com um pontapé, ela viu-lhe o pénis. Tinha uma forte erecção. Enquanto avançava para ela, o pénis agitava-se à sua frente, para cima e para baixo, a cada passo. Pôs as mãos sobre os ombros dela e beijou-a no pescoço, e, quando o fez, ela apoderou-se daquele enorme pénis e sentiu a sua rigidez. Depois, lentamente, ajoelhou-se no chão e encostou-o ao rosto. Beijou-Lhe a ponta. Ele ficou a vê-la beijar-Lhe o pénis e, depois, suavemente, ergueu-Lhe o rosto com as mãos e, inclinando-se, beijou-a na testa. Ajoelhou-se, ficando em frente dela, no chão, beijou-Lhe o pescoço, estendeu-a sobre o tapete e deitou-se ao lado dela. Beijaram-se nos lábios, num beijo lento, suave, de lábios afastados, e ela sentiu de novo que ia desmaiar. Tal como tinha feito nessa manhã, ele começou a massajá-la, passando-Lhe as mãos pelas costas, dando a volta para Lhe

acariciar o ventre, com os dedos a pesquisar entre as pernas. Voltaram a beijar-se e, num entendimento sem palavras, puseram-se de pé e ela afastou a colcha, pondo à mostra os lençóis brancos. Ele estendeu-se na cama ao lado dela, voltado para ela, acariciando-lhe os seios, com a ponta do pénis latejante a pulsar contra o ventre dela, mesmo por baixo do umbigo. Ela voltou a agarrá-lo e apertou-o. Ele voltou-a, com urgência, fazendo-a ajoelhar na cama. Pôs-se por trás dela e, quando olhou, ela viu-lhe o pénis, vermelho e pulsante, mesmo atrás dela. Depois ele agarrou-a pelas ancas e ela sentiu-o colocá-lo no rego. Nunca tinha feito aquilo antes e, por momentos, receou que ele quisesse enfiar-lho no ânus. Mas, depois, lentamente, compactamente, sentiu-o entrar na sua vagina.

70 71

Inclinou-se para a frente, encostando-se à almofada, com o rosto meio enterrado, sentindo-o penetrar nela. Depois, impulsivo, ávido, jovem, começou a mover-se para diante e para trás, estendendo as mãos para Lhe acariciar os mamilos. Com os olhos fechados, o espírito cheio da recordação do enorme pénis dele e do seu corpo liso de rapaz, daquele pénis que penetrava nela, estendeu a mão para tocar em si própria, excitando-se ainda mais. Nunca tinha feito aquilo assim, nunca o fizera com o homem por trás, e, com os seios a baloiçar e o pénis dele dentro dela, começou a emitir ruídos de prazer. "Agora!", disse ele, detrás dela, e, quando começou a experimentar o orgasmo, sentiu que com ele sucedia o mesmo, enquanto as mãos dele Lhe agarravam as ancas com força, segurando-a, segurando-se a si próprio, penetrando nela com força.

Gritou.

Depois, quente, embora tremesse por causa das queimaduras do sol, sentindo a humidade dentro dela, deixou-se ficar deitada, agarrada a ele, ouvindo o coração bater dentro do peito dele, daquele estranho que quase a fizera desmaiar com um prazer que nunca sentira com Kevin, e cujo pénis começou a beijar e a massajar, sentindo-o inchar, endurecer nas suas mãos, ciente de que, naquele calor, por trás das persianas fechadas, naquela cama, iriam fazer amor de novo, e isso excitava-a; ajoelhou-se, inclinou-se sobre ele, beijou-lhe os olhos, o pescoço, o pénis, beijou-o sem vergonha, com ansiedade; transformou-se em alguém que ela não sabia que pudesse sentir aquilo. As mãos dele agarraram-na, ergueram-na. Colocou-se sobre ele, montada, olhando para ele, baixando-se até o sentir, de novo, penetrar nela.

Ele deixou-a às seis e voltou ao seu quarto. Às sete, encontraram-se de novo a uma mesa do passeio à entrada do Welcome. Ele pegou-lhe na mão por baixo da mesa, mas não falaram do que sucedera.

- Queres ir a Nice? - perguntou ele.

- Não, fiquemos aqui. Comemos aqui. Podemos pôr na minha conta.

- Isso era aborrecido para ti. Eu pago.
 Um jovem de fato preto (já o tinha visto antes no hall) atravessou o bar e saiu para o terraço, à procura de alguém. Com grande surpresa dela, dirigiu-se-Lhe.

- Senhora Redden?
 - Sim.
 - Telefone para si. Da Irlanda. Pode atender no andar de cima, na cabina.
 - Deve ser o meu marido - disse a Tom. - Espera aqui não me demoro.

Enquanto seguia o empregado do hotel até ao elevador, sentiu-se invadir pelo pânico; era algo semelhante àquele medo cego que sentia nos tempos de escola, na manhã do exame, quando entrava na sala, via os examinadores passarem pelas coxias a entregar os pontos, e todas as respostas lhe fugiam da cabeça. O empregado dirigiu-se ao PBX, pegou nos auscultadores, e, depois, fez-Lhe sinal para se dirigir à cabina. O telefone tocou duas vezes. Levantou o auscultador.

- Está? - Tenho de tentar parecer normal, pensou.
 - Shee? Está - Isto significava que ele estava em boa forma, se lhe chamava Shee, ou que pretendia algo.
 - Sim, Kevin, como estás?
 - E tu, como estás? Que tal o tempo?
 - Fantástico, passei um dia óptimo na praia.
 - Bom. Ouve, Shee, eu sei que é chato, mas Martin Dempsey, que ia fazer o meu lugar na próxima semana, está com gripe. É incrível.
 - Oh, meu Deus!
 - Escuta. Estou a tentar compor as coisas com McSherry. Na sexta-feira ele já sabe. Acreditas que pudessem suceder tantas chatices numa semana?
 Ela pensou: "Ele não tem a mínima ideia de vir."
 - Shee, ouviste-me? Estás zangada?
 - Claro que não. Ouve, preferes que eu volte para casa?
 Houve uma pausa do outro lado. Imaginava-o a inclinar a cabeça para o lado e a apertar os olhos, como costumava fazer quando pensava num problema. Finalmente, o Dr: Kevin perguntou:
 - Queres voltar para casa?
 - Não, especialmente. Tal como disse, passei hoje um dia esplêndido.
 - Então, porque não ficas? Não vale a pena estragar mos as férias de ambos, pois não? E talvez eu consiga ir no sábado.

72 73

- Está bem, então. Como vai Danny?
 - Oh, ocupado. Principalmente com o rãguebi.
 - Bem, vê se ele come bem, sim?
 - Claro.
 - Penso que é melhor eu desligar agora.
 - Está bem. Boa noite, Shee. Na sexta falo-te.
 - Certo. Boa noite, Kevin.
 Quando saiu da cabina, o empregado sorriu-Lhe e acenou-lhe. Ela acenou também.

- Merci bien.
- De rien, Madume.
Chamou o elevador para descer de novo. "Ele não vem, ele não vem, teremos toda a semana para nós."
Atravessou o bar, quase a correr, e dirigiu-se à mesa.
- Ele não vem. Não está cá antes de sábado, se chegar a vir.
- Não acredito!
- É verdade. Não temos sorte?
E então, como duas crianças que acabam de pregar uma partida, começaram ambos a rir num riso que era uma fórmula contra as lágrimas, uma libertação que nada podia impedir. Riram-se, recuperaram o fôlego, depois voltaram a rir, até que ela acabou por ficar em silêncio, mergulhada numa onda de culpa.
- Sou horrível.
- Não és nada - replicou ele.
- Nunca fiz nada no género em toda a minha vida. Sei que não acreditas.
- Acredito.
- É verdade, nunca.
Ele acenou afirmativamente.
- Eu sei. Sucedeu-me o mesmo. Quando te segui até aqui, estava cheio de medo de que nem quisesses falar comigo.
Amo-te.
De súbito, a Senhora Redden afastou o olhar do dele. Baixou a cabeça.
- És novo demais para mim.
- Que tolice. Isso não importa.
- Não? Que idade tens?
- Vinte e seis.
- Eu tenho trinta e sete. - As lágrimas chegaram-Lhe aos olhos.

74

- Oh, querida, não penses nisso. Somos perfeitos um para o outro.
Ela meteu a mão na mala, amachucou um kleenex, levou-o aos olhos e ergueu-se.
- Por favor. Vamos ao meu quarto.
- Agora?
- Sim.
O elevador esperava-os ao fundo do bar. Subiram sozinhos. No corredor do quarto andar, começou a procurar a chave e deixou-a cair na alcatifa. Ele apanhou-a, adiantou-se-Lhe, abriu a porta revelando a cama por fazer, a janela aberta. A Senhora Redden ao ver-se no espelho, com os olhos manchados por causa das lágrimas, recomeçou a chorar. Ele abraçou-a e fê-la sentar-se na beira da cama e ela voltou-se para ele, como que em pânico, beijou-o com os lábios abertos avidamente, enfiando os dedos pela camisa dele. Ali, à luz do candeeiro da mesa de cabeceira, ele começou a despi-la e ela ajudou-o, até ficar nua. Ele acariciou-Lhe os seios com os dedos, até os mamilos ficarem espetados. E ela começou a desabotoar-Lhe as calças e depois baixou-Lhas até às ancas, ajoelhando-se para

Lhe puxar o slí, tirando para fora o pênis rígido e agarrando-o, observando-o enquanto se empenava sobre ela. Ele levantou-a, penetrou-a e começou a mover-se dentro dela, e ela movia-se com ele, tão excitada que lhe parecia que o orgasmo ia chegar logo, não conseguia aguentar, aquilo era tão grande: , "meu Deus!",, gritou dentro de si própria. "Quero que isto continue, que isto não pare nunca."

Depois, deixou-se ficar deitada de costas, com a luz apagada, olhando pela janela para o céu da noite, escutando o murmúrio das pessoas que jantavam lá em baixo nas mesas do passeio, junto ao cais. Deviam descer e ir comer. O seu cabelo estava horrível.

- Tenho fome - disse ela.

Ele sentou-se.

- Eu também. Vamos comer.

- Estou horrível.

- Estás linda, estás ótima.

Ele foi à casa-de-banho. Acendeu a luz e esta caiu como um facho sobre a cama, no quarto às escuras. Ela ergueu a mão esquerda e olhou para o anel de casamento que Kevin tinha escolhido para ela na ourivesaria de Samuel, uma tira de ouro

75

e outra de platina, fundidas e entrelaçadas. Examinou-o, como se pertencesse a outra pessoa, e depois fê-lo subir um pouco. Viu o círculo branco no local onde ele tinha estado. Voltou a colocá-lo no lugar.

- Anda, minha preguiçosa - gritou ele. - Vamos para baixo. Quero beber muito vinho.

Sentou-se na cama e olhou-se no espelho do toucador.

- Tenho de arranjar a cara.

- Não, não, estás muito bem assim.

Mas ela arranhou a cara.

76

Capítulo Quinto

Quando Miss Purdue desceu, já tarde, para jantar, o Senhor Balcer estava a tomar o café e a observar o novo casal que Ahmed, o criado, acabava de conduzir a uma mesa próxima. O Senhor Balcer ergueu-se para empurrar a cadeira de Miss Purdue.

- Teve um dia agradável?

- Ótimo - disse Miss Purdue. - E você?.

- Fui a Nice esta tarde - respondeu o Senhor Balcer. - Apanhei dois dos bons.

- Quem? - Miss Purdue parecia aborrecida.

- Willy Brant a sair do Negresco, com uma escolta de polícia motorizada. E, há cerca de uma hora, Caroline Kennedy.

- Onde?

- Na Place Masséma. Não a reconheci, a princípio. Tive de perguntar aos paparazzi que a seguiam.

Miss Purdue estava abatida. Ela e o Senhor Balcer tinham começado aquele jogo cerca de uma semana antes. Todos os dias procuravam celebridades e relatavam as suas descobertas um ao outro, ao jantar. Aquele dia havia sido mau para Miss Purdue.

- Fui ao cinema, por volta das cinco - disse ela. - Por isso, hoje não entrei no jogo. - Aceitou a ementa que Ahmed lhe estendia e olhou em volta.

- Um casal novo?

- Interessante - disse o Senhor Balcer. - São residentes. Ou, pelo menos, ela é.

- Como sabe?

- Não vê a chave do quarto ao lado da sua bolsa?

- Há qualquer coisa de muito estranho neles - disse Miss Purdue, e tanto ela como o Senhor Balcer se puseram a olhar, descaradamente, sabendo que o interesse do casal estava a ser absorvido pelo ciclista, que pedalava para trás e para diante no seu uniciclo, a pequena distância do extremo do cais.

- Anel de casamento - disse Miss Purdue. - Marido e mulher?

76 77

- Ele não é o marido dela - concluiu o Senhor Balcer. - Que idade acha que ela tem?

- Uns quarenta?

- Oh, deixe-se disso. Pode-se lá confiar numa mulher. Eu diria trinta e tal.

Mas Miss Purdue estava a escutá-los.

- Ela é irlandesa.

- Tem a certeza?

- Se vivesse em Londres, teria a certeza. Não só fomos inundados por eles, como não ouvimos outra coisa além do horrível sotaque deles, na televisão, cada vez que explodem bombas por lá.

- Ele é americano - afirmou o Senhor Balcer. - Também podia ser canadiano. - O Senhor Balcer era canadiano.

- Era de esperar que fosse ao contrário - disse Miss Purdue.

- Ela é que devia ser americana. Quero eu dizer, se aquilo é um fim-de-semana desonesto..., como efectivamente parece ser.

Miss Purdue pegou na ementa e fez sinal a Ahmed. O Senhor Balcer continuou a observar o casal, embora eles o irritassem um pouco. Nunca lhe sucedera nada daquele género durante os seus sessenta anos. Jamais alguém olhara para ele com aquele ar de adoração. Viu que eles davam as mãos por baixo da mesa, ouviu os seus risos e as suas vozes felizes, viu-os brindar um ao outro, tocando os copos. O Senhor Balcer ergueu a sua chávena de café. Estava frio.

Quando acabaram de comer, a Senhora Redden sugeriu outro passeio até ao cais. Ele pegou-lhe no braço, mas ela soltou-se e, em vez disso, passou o braço em volta da cintura dele, enquanto ultrapassavam as luzes oscilantes dos barcos de recreio ancorados junto ao cais.

- Estou a pensar - disse ele - que se o teu marido vem no sábado, só temos mais dois dias.

- Talvez não venha.
- Mas se vem?
- Não pensemos nisso.
- Temos de pensar nisso. - Sacudiu a cabeça, irritado. -
Valha-me Deus, odeio fazer as coisas às escondidas. Nunca
andeí com uma mulher casada.

78

- Não precisas de andar. Eu não te convidei.
- Desculpa. - Pôs imediatamente o braço em volta dela.-
Desculpa-me, Sheila. Ouve, posso ficar contigo esta noite?
Podia entrar disfarçadamente e sair antes de todos se
levantarem, de manhã.
Ela não respondeu.
- Ou então podias ir ao meu quarto no Les Terrasses.
- E se Kevin me telefona a meio da noite?
- Achas que ele telefona?
- Talvez. Não sei.
- Olha, não te rales com isso - disse ele. - Eu vou ao teu
quarto e ninguém me vê. Prometo-te.
- Está bem.

Mas, mais tarde, ao subir para o quarto antes dele,
ostensivamente só, sentiu-se como quando era uma criança e
outro miúdo a levava a fazer qualquer coisa. "As pessoas que
estão apaixonadas não têm juízo", disse para si própria. Foi
para o quarto, acendeu a luz e endireitou a cama,
recordando-se de como, da primeira vez, tinha saído nua da
casa-de-banho. Ele devia ter pensado que ela o tinha feito
dúzias de vezes com dúzias de homens. E depois recordou-se do
diafragma. Tinha-o escondido, na tarde da chegada, por baixo
do casaco de malha, na última gaveta da cómoda.

"Não o usei, nem nessa altura, nem depois. Oh, meu Deus, e
se eu estou grávida dele?"

Abriu a gaveta, procurou por baixo do casaco e encontrou-o,
dentro do seu saco de plástico. A cesariana, os dois abortos,
a horrível sensação de culpa quando o usou pela primeira vez,
a conselho de Kevin. Outrora, parecera-Lhe um pecado; agora,
parecia-Lhe tão seguro.

"Oh, meu Deus, como é que pude esquecer-me dele?", pensou
alarmada.

Ouviu-o bater à porta.

- Só um momento - disse.

Rapidamente, correu à casa-de-banho, baixou as cuecas e
colocou-o. Depois, corada e nervosa, voltou ao quarto, abriu a
porta e deixou-o entrar.

- Não encontrei ninguém - murmurou ele, abraçando-a.

Ela fechou de novo a porta. De súbito, como num filme mudo,
ele começou a despir-se a grande velocidade. Ela sorriu e
começou a imitá-lo, mas o vinho que bebera roubava-lhe o
equilíbrio e, quando tentou afastar as cuecas do tornozelo com
uma sacudidela, desequilibrou-se e caiu.

79

Levantou-se, viu-o nu e depois ele apagou a luz por cima da cama. No escuro, com as janelas de madeira fechadas, para impedir a entrada do luar mediterrânico, ela mergulhou na cama, encontrou o pénis dele e meteu-o na boca, sugando-o até sentir que os músculos dele se contraíam, e até ele pôr as mãos na cabeça dela, puxando-a para trás.

- Não, não quero tão depressa, espera.

Sentiu a boca dele nos seus mamilos, as mãos dele movendo-se sobre o seu estômago. A boca dele desceu. Kevin nunca lhe tinha feito nada daquilo; havia lido descrições, mas agora sentia vergonha de que Tom lho fizesse até que sentiu a língua dele dentro dela e, oh, Deus, teve de o atrasar tal como ele lhe havia feito.

Na escuridão, ele afastou-se dela e, depois, ergueu-a, voltando-a de costas para ele, com as mãos na sua cintura. Ouviu a cama, aquela maldita cama, a gemer e a gingar tão alto que não havia dúvida de que as pessoas dos quartos ao lado a pudessem ouvir. Mas, na sua alegria, esqueceu-se disso, deixou de ouvir, e, em breve, teve de o fazer esperar, quieto, e depois podia ter havido todo o barulho do mundo, quando o deixou de novo recomeçar a mover-se dentro dela, atingindo o clímax, quantas vezes hoje não há passado, há isto, apenas isto.

Mais tarde, adormeceu. No seu sonho, Kevin esperava por ela na estação de caminhos-de-ferro, a Great Northern Railway Station, de pé, no extremo da plataforma, por baixo dos anúncios do Daily Express e do Belfast Telegraph. Havia algo de familiar e de ameaçador nessa espera, algo que lhe dizia que já tinha sucedido. A estação estava muito suja e cheirava a tabaco e, na plataforma deserta, havia dúzias de caixas de cartão vazias e amachucadas que tinham contido peixe e batatas fritas. Ela estava vestida de preto; vinha do funeral do Tio Dan em Dublin e, quando chegou à barreira, descobriu que tinha perdido o bilhete e começou a procurá-lo dentro da bolsa. Kevin iria zangar-se com ela, se tivesse perdido outra vez o bilhete. Como não conseguisse encontrá-lo, o guarda bateu irritadamente com o furador de bilhetes na palma da mão, e, depois, fez-lhe sinal para que se afastasse e deixasse passar os outros passageiros. Ela descobriu a carteira e voltou a pagar, para substituir o bilhete perdido. Esperava que Kevin não a tivesse visto pagar. Foi ter com ele e beijou-o, mas Kevin, com um ar estranho, disse-lhe: "Ouvi dizer que não voltavas." Quem poderia ter-lhe dito aquilo? "Ouvi dizer que andavas a dançar de olhos fechados, em França." "Voltei", disse ela. "Então, está tudo terminado, vamos para casa", disse ele. Entraram no Audi novo de Kevin e afastaram-se da estação. Chovia, estava sempre a chover. Atravessavam os Duncairn Gardens e um soldado escocês mandou-os parar, fazendo sinal para encostar. A patrulha andava a fazer uma busca; estavam cheios de pressa, gritando, com o seu sotaque escocês. E então, quando Kevin encostou o carro ao passeio, o carro estremeceu e ela viu, à frente, uma grande nuvem cinzenta de poeira e fumo. A Goose Tavern tinha ido pelos ares; ela conhecia os donos do estabelecimento, uma das filhas deles tinha andado no Glenarm Convent com ela, havia muitos anos,

Nan Gallery, uma rapariga de cabelos ruivos, mas o seu retrato no Irish News, no dia seguinte, sairia a preto e branco. Na fotografia, não se parecia nada com ela. TABERNEIRO E DUAS FILHAS MORTOS NUMA EXPLOÇÃO.

Era um sonho, ela estava a sonhar tudo aquilo, já havia sonhado imensas vezes com aquilo mesmo, desde que tinham posto a bomba na Goose Tavern e que vira a fotografia no jornal. E agora, no seu sonho, seguia por uma estrada, de autocarro, sozinha, sem Kevin nem Danny, chegou junto de uma barreira, não era uma barreira da Polícia, era a fronteira irlandesa, os homens da alfândega saíram e não olharam para ela, fizeram sinal ao autocarro para seguir. Ela não tinha bilhete. Havia um soldado inglês mais adiante, no meio da estrada. O autocarro afrouxou e parou, com um guinchar de travões. O soldado entrou no autocarro e apontou a espingarda para ela, ordenando-lhe que saísse. Ela começou a gritar.

Acordou no quarto às escuras. Não sabia se tinha gritado alto. Voltou-se para o lado direito, esperando ver a fosforescência do despertador de Kevin, mas o seu corpo tocou num corpo nu. Não viu qualquer relógio.

Ele estava a dormir, com um braço atravessado sobre o corpo, como se fosse puxar por uma espada invisível. À luz da madrugada que começava a entrar pelas janelas fechadas, viu as silhuetas do toucador e da cadeira forrada com uma imitação de couro verde. Olhou de novo para ele. Adormecido, parecia tão jovem. Se algum soldado inglês entrasse agora no quarto,

80 81

com a espingarda apontada para eles, ela deitar-se-ia sobre o corpo dele, para o proteger. Daí a pouco, ia-se embora e voltava para o seu hotel. Quando ele saísse, levantava-se e lavava o cabelo.

Mas adormeceu. Quando acordou, eram oito e um quarto e ele já tinha partido. Levantou-se. Já não havia tempo para lavar a cabeça. Tinha de se apressar para ir tomar o pequeno-almoço com ele.

Como de costume, ele havia sido o primeiro a chegar. Levantou-se quando a viu atravessar o bar e fez menção de a beijar. Mas ela viu os outros hóspedes a olharem para eles e abanou a cabeça. Compreendeu imediatamente que tinha feito uma coisa estúpida, por isso, quando se sentaram, pegou-lhe na mão, por baixo da mesa.

- Desculpa. Foi uma parvoíce minha. Quando saíste, hoje de manhã?

- Às seis e meia. Ninguém me viu.

- Ficaste zangado por não te ter deixado beijar-me?

- Claro que não.

- Então que fazemos hoje?

Ele olhou-a.

- Vamos a um sítio onde tu nunca tenhas estado.

- Que género de sítio?

- Uma praia. Um lugar onde possamos estar sem tu te lembrares de que já lá estiveste com o teu marido.

- Podíamos ir para a praia pública - disse ela. - É

razoavelmente má, mas fica só a um quarto de hora de caminho.

- E já lá estiveste com ele?

- Nunca. Ele não quis lá ir. Não suporta as praias de cascalho.

- OK!

Nessa tarde, depois de terem feito um piquenique e tomado banhos de sol, e ido diversas vezes para dentro de água, Tom estendeu-se, feliz, sobre o cascalho da praia, com os braços em volta dela.

- Não é formidável? - perguntou. - É exactamente o que eu desejava.

- Com pedras e tudo?

- Com pedras e tudo. Peço desculpa do que disse esta manhã sobre ti e o teu marido. É natural que fales do tempo em que cá estiveram.

- Nunca mais o farei. Vou modificar-me.

- O quê?

- Sim. E a partir de agora somos oficialmente amantes. Podes vir ao meu quarto, beijar-me em público, fazer o que quiseres.

- Falas a sério?

- Sim.

- Não achas esta praia fantástica? Voltamos cá amanhã.

Capítulo Sexto

O Senhor Balcer não gostava de praia. Não tomava banhos de sol nem nadava. Contudo, em cada um dos dias das suas férias, caminhava pelo cais, depois do almoço, até chegar à praia pública, onde, afrouxando o passo, caminhando pelo passeio que dava para a praia de cascalho, se punha a observar os banhistas lá em baixo. Eram as raparigas que lhe interessavam, e, por vezes, sendo as francesas como são (e as escandinavas ainda mais), avistava uma rapariga de monoquini, com os seios à mostra, ou, então, melhor ainda, um casal a fazer qualquer coisa. Embora, geralmente, isso não sucedesse na praia propriamente dita, mas sim nas cavernas rochosas.

Deste modo, na sexta-feira, por volta das três da tarde, voltou a ver o casal de apaixonados do Welcome. Miss Purdue tinha feito alguns comentários sobre eles, na noite anterior, apontando para a mesa vazia, calculando que eles haviam decidido abandonar o hotel. O Senhor Balcer discordara, a mesa estava posta para dois e ainda tinha o mesmo número de quarto. E agora, quando o Senhor Balcer descobriu o casal, num recanto rochoso, escondido dos olhos de todos, excepto dos seus, não os reconheceu imediatamente. Isto porque não estava a olhar para as caras deles, mas sim para aquilo que estavam a fazer. Especialmente para o que ela estava a fazer. Avançou para eles, sem ruído, a princípio vendo apenas um homem e uma mulher deitados lado a lado sobre uma grande toalha branca; depois, subiu para uma rocha, fingindo observar um barco à vela, na baía. Eles estavam muito ocupados para reparar nele.

Enquanto os olhava, viu a mulher estender a mão e tocar no sexo do rapaz, por fora dos calções. Depois, lentamente, ela começou a esfregá-lo com a mão, para cima e para baixo. O Senhor Balcer sentiu-se quase tão excitado como se aquilo se estivesse a passar com ele. Via o volume aumentar sob os calções brancos do rapaz. Começou a respirar com dificuldade. Tinha esperanças de que continuassem a fazer o que estavam a fazer sem repararem nele. O rapaz meteu a mão no soutien do biquini azul dela, puxando-o de forma a expor o seio.

85

Depois, voltaram-se um para o outro e trocaram um longo beijo, de lábios afastados, enquanto o Senhor Balcer se punha a desejar ardentemente que o rapaz baixasse o resto do biquini dela. Mas o rapaz não lhe fez a vontade. Só nesse momento, com espanto, é que o Senhor Balcer viu a cara da mulher e compreendeu que aqueles eram os seus vizinhos do Welcome. Ficou alarmado e, recuando para voltar à segurança do passeio sobre a praia, começou a trepar até o atingir. Congestionado, prosseguiu o seu caminho.

Nessa noite, quando, como habitualmente, se juntou a Miss Purdue, para jantar, não falou do incidente. A mesa dos dois amantes continuava vazia, embora o restaurante estivesse cheio e houvesse uma série de não residentes à espera, para se sentarem. Um pouco depois das nove, Ahmed apareceu, pôs de novo a mesa para quatro pessoas e sentou nela quatro não residentes. Miss Purdue mandou vir café. Quando Ahmed chegou, perguntou-Lhe:

- Os do número 450, aquele casal, foram-se embora?
- Não, Madame - disse Ahmed. - O escritório informou-me que têm reserva para duas semanas. Mas não vieram esta noite. Se chegarem mais tarde, arranjo-Lhes uma mesa no bar.
- Que estranho - disse Miss Purdue ao Senhor Balcer. - Imagine, a pagarem a pensão e sem a aproveitarem. Creio que sou demasiado parcimoniosa para fazer uma coisa dessas alguma vez. Parece-me um desperdício. É mesmo americano.
- A propósito, leu no jornal quem talvez viesse hoje a Nice?
- perguntou o Senhor Balcer. - Cary Grant.
- Cary Grant? Oh, vale pelo menos três pontos. Espero apanhá-lo.
- Também gostava de o ver - disse o Senhor Balcer. - Lembro-me bem dele em Difamação.
- Ah, sim? - disse Miss Purdue. - Já lá devem ir uns trinta anos.

Quando terminou o café e deu as boas-noites a Miss Purdue, o Senhor Balcer foi dar um passeiozinho depois do jantar. O médico tinha-lhe dito que andasse o mais possível; fazia-Lhe bem ao coração. Mas, a menos que o passeio tivesse uma finalidade (como as raparigas na praia), o Senhor Balcer achava aquele exercício aborrecido. A meio da praça, decidiu ir até à parte alta da cidade, para ver se ainda havia daqueles charutos brasileiros na tabacaria que ficava na estrada principal Nice-Mónaco. Normalmente, achava a subida muito íngreme. Mas naquela noite, com um propósito em vista,

começou a andar em bom ritmo, metendo por um lanço de escadas que começava num largo a meio caminho da cidade velha. Quando atravessou esse largo, passando por um café que ficava no rés-do-chão de um pequeno hotel chamado Les Terrasses, experimentou a sensação do caçador que descobre caça. Eles ali estavam, de mãos dadas, a conversar, frente aos restos de uma refeição. A irlandesa tinha um vestido branco e um cravo vermelho pregado sobre o seio direito, aquele seio que o Senhor Balcer já vira antes, arredondado e nu. Era muito bonita, concluiu, mas demasiado alta, devia ter mais de um metro e oitenta; ela e o rapaz sobressaíam dos outros hóspedes. O Senhor Balcer observou a figura dela. Não se importava nada de ir para a cama com ela. Gostava que ela metesse a mão por dentro das suas calças e lhe massajasse o sexo. De certo modo, tornava-se mais excitante imaginar uma senhora com bom aspecto, respeitável, a fazer coisas daquelas. Com o sexo inchado, mais devagar do que anteriormente, o Senhor Balcer continuou o seu passeio, até à Route de Corniche. A loja continuava a não ter charutos brasileiros, de modo que comprou um belo Schimmelpenninck Coronu, e voltou para baixo, atravessando de novo o largo. A mesa deles no Les Terrasses estava vazia agora, e havia uma garrafa de vinho por acabar dentro de um balde de gelo. Quando passou, acendeu-se uma luz no primeiro andar do hotel e, por hábito, olhou para cima. A janela estava aberta, os cortinados de tule flutuavam, e, diante da janela iluminada, estava a irlandesa, com o rapaz por trás dela, ambos a olhar para as luzes do porto. Por momentos, ficou espantado: que faziam eles ali, quando tinham um quarto no Welcome? Ah! Aquele devia ser o hotel do rapaz. Continuou a andar. Tinha de contar aquilo a Miss Purdue no dia seguinte. Quando chegou ao Welcome, a TV já havia terminado e as salas públicas estavam desertas. Pegou num velho Paris-Match e sentou-se na sala para acabar o charuto antes de ir para o quarto. Ali, sozinho, no meio do silêncio, ouviu passos no hall. A voz de uma mulher.

- Há alguma mensagem para mim?
- Não, Madame.
- Telefonemas?

86 87

- Não, Madame. Tenho cá estado toda a tarde. Não houve telefonemas.

- Obrigada.

O Senhor Balcer, levantando-se, viu-a no hall, com o seu vestido branco, o cravo vermelho pregado sobre o seio.

- Deseja a sua chave, Madame?

- Sim, pode dar-ma já. Vou sair outra vez para apanhar ar antes de subir.

- Alors bonsoir, Madame.

- Bonsoir.

Com que então ia sair outra vez? Mais paródia? Intrigado, o Senhor Balcer saiu da sala da TV e passou por ela, como se fosse também dar um passeio. E, claro, lá fora, na sombra, à espera, como um ladrão, estava o rapaz. O Senhor Balcer,

aspirando o seu Schimmelpenninck, avançou pela praça e, em breve, ouviu o som leve e rápido dos passos dela, quase a correr, ao encontro do seu amante. O Senhor Balcer afrouxou o passo e aspirou o charuto, fingindo saborear-lhe o aroma. Viu o rapaz sair da sombra.

- Tudo bem?

Ela acenou afirmativamente.

- Não houve telefonemas.

- Então ele não vem amanhã.

- Assim parece. No entanto, pode telefonar de manhã.

- Tens medo que ele telefone durante a noite?

- Não - disse ela, beijando o rapaz na cara. - Vamos para o teu quarto.

O Senhor Balcer, lambendo a ponta do charuto para colar a folha de invólucro que se soltara, viu-os subir as escadas até ao largo. Lembrou-se outra vez dos dedos dela a massajar o sexo do rapaz por fora dos calções. Levou a mão ao seu próprio e sentiu-o inchar. Voltando-se, regressou ao Welcome.

A cama do Les Terrasses era pequena e o colchão estava gasto e tinha uma cova no lugar dos milhares de ocupantes anteriores. Parecia impossível sair da cama sem acordar o seu companheiro. Ergueu-se cuidadosamente, ouvindo a cama a gemer, quando se pôs de pé. O luar entrava pelos cortinados de tule, iluminando o rosto dele. O rapaz não acordou. Rodeou a cadeira e o bidé que, com o chuveiro, ficava à esquerda da cama, e foi até à janela para olhar a praça deserta. Para lá dos telhados, via a baía iluminada pelo luar e o iate dos milionários ancorado. Durante horas, tinha sido incapaz de dormir, num estado de excitação e de concomitante desconforto. Dentro de dias, tudo aquilo acabaria. Podia acabar no momento em que Kevin telefonasse a dizer que vinha. Oh, meu Deus, por favor, faz que ele não venha!

Tinha pensado Deus. A palavra surgia-lhe, ultimamente, como uma exclamação sem sentido. Tinha deixado de rezar. Lembrava-se de quando tudo havia mudado, no tempo do Papa João. Tinha começado quando as pessoas haviam perdido o medo da condenação, já não era preciso acreditar no Céu. Pensava, por vezes, que era uma brincadeira de mau gosto que, precisamente quando as pessoas do seu país já não acreditavam na sua religião e já não iam à igreja como dantes, houvesse recrudescido a luta religiosa.

Lembrava-se do que tinha sucedido dois anos antes: Danny reparara que o pai já não ia à missa e, certo domingo, recusou-se, de súbito, a vestir-se para ir à igreja. "O Pai não vai, porque hei-de ir eu?", E quando Kevin se riu e não se zangou com Danny, ela disse para si própria: "Têm ambos razão, porque continuamos com esta obrigatoriedade de ir à missa? Quando ajoelhei e rezei, realmente, numa igreja pela última vez? Nós não acreditamos, qualquer de nós. Não temos de ir à missa, nem de tomar a comunhão, nem nada disso."

E, assim, todos desistiram e agora não entravam numa igreja, excepto em ocasiões especiais, como um casamento ou um funeral. Tal como os protestantes. Claro, ela era forçada a mentir e a arranjar desculpas para o padre da paróquia, quando ele surgia em casa deles, algumas vezes durante o ano, com as

suas alusões e censuras veladas, por não os ver na igreja. E, evidentemente, se alguém lho perguntasse, continuaria a dizer que era católica. No Ulster, hoje em dia, se alguém afirmar que deixou de ser católico arrisca-se a ser considerado vira-casacas. Mas não pensava em si própria como católica. Já não.

Contudo, naquela noite, tendo dito "Oh, meu Deus, por favor", para si própria, lembrou-se de como, outrora, pedia ajuda a Deus para tudo. Lembrou-se dos seus antigos receios, dos seus pecados familiares, e lembrou-se de que, quando ainda andava na escola, sentia uma felicidade especial depois de se confessar. E de que, no domingo após a Sagrada Comunhão,

88 89

avançava pela coxia da igreja até ao seu lugar, sabendo que, se morresse nesse momento, iria para o Céu, porque os seus pecados estavam confessados e perdoados, a sua alma estava limpa e em estado de graça. Parecia-lhe uma outra vida, aquele tempo longínquo cheio de regras e recompensas, quando a oração e o pecado eram reais. Contudo, naquela noite, no silêncio daquele quarto iluminado pela Lua, voltou-lhe a sensação, aquela pura paz da Comunhão do domingo. A sensação invadiu-a, chocando-a, porque aquilo era pecado, ali naquele quarto, cometendo adultério com aquele rapaz, como poderia atingir aquele mesmo estado, aquela pura sensação de paz? Contudo, enchia-a, possuía-a por completo. Era como se o errado fosse certo. A sua família, o seu casamento, tudo o que se tinha passado antes, parecia-lhe agora o seu pecado. Aquelles poucos dias com Tom eram o seu estado de graça. Voltou-se e regressou à cama, estendendo-se ao lado dele, apertando-o nos seus braços, comprimindo-se contra o seu corpo quente. Fechou os olhos. Estava em graça. No seu estado de graça.

Capítulo sétimo

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, foram para o Welcome, encomendaram um almoço de piquenique e, por sugestão do recepcionista, atravessaram a península de Cap Ferrat, para explorarem a praia pública de Beaulieu. Voltaram a beber uma garrafa inteira de vinho com o almoço e, mais tarde, um garoto belga veio ter com eles e perguntou-lhes se queriam jogar ratch. Em breve estavam todos três, em triângulo, a atirar a bola uns aos outros, absorvidos no jogo como crianças. Ela sentia-se despreocupada e satisfeita, atirando ao ar a bola cor-de-rosa vivo. Sabia que devia estar a engordar, a comer todos aqueles almoços enormes e a beber tanto vinho, mas não se importava, e, agora, Tom, invertendo inesperadamente a ordem de atirar a bola, lançou-a para ela de novo, em vez de a atirar ao garoto belga. Decidida a não ser a primeira a perder a bola, correu, mergulhando na água, para a apanhar. O rapaz e

Tom aplaudiram. Ela ficou de pé, com as ondas a lamberem-lhe as barrigas das pernas, pensando a qual deles devia atirar. Ambos começaram a fazer-lhe sinais, tentando atrair-lhe a atenção, pelo que fez uma finta, fingindo atirar a bola de novo para Tom .mas lançando-a com força para o belga que a apanhou em bom estilo, usando apenas uma mão. O garoto hesitou, em vez de a atirar de novo, e perguntou-lhes que horas eram. Tom disse-lhe que passava das três. O garoto belga sorriu e apertou as mãos a ambos, dizendo-lhes que os pais esperavam por ele na cidade. De braço dado, ficaram a vê-lo correr pela praia.

- Vamo-nos também embora? - perguntou ela. - Hoje vamos para o teu hotel.

- OK! Mas era melhor passarmos primeiro pelo Welcom.

Ela olhou para ele.

- Passaste todo o dia a pensar numa mensagem? - perguntou a Senhora Redden.

- Creio que sim. E tu?

- Não. Deixei-me disso. - Beijou-o no rosto. - É mais fácil assim.

91

Uma hora depois, tendo atravessado de novo a península a pé, chegaram ao cais de Villefranche e à entrada do Welcome.

- Espera aqui - disse ela. - É só um minuto.

No hall o rececionista falava ao telefone. Ela olhou para os cacifos, mas não viu qualquer mensagem.

- Alguma coisa para mim? Quarto 450.

- Não, Madame.

- Nenhum telefonema?

- Não, Madame.

Saiu do hotel e fez-lhe um sinal de vitória.

- Nada?

- Nada.

- OK! - disse ele. - Vamos ao meu quarto mudar de roupa.

- Queres tu dizer, ir para a cama - replicou ela.

Riram-se ambos.

Às cinco, algures nas ruas estreitas por trás do Les Terrasses, um sino de igreja fez soar as horas. Estendida no declive profundo da cama de pessoa só, sabendo que ele estava a dormir, ela moveu-se ligeiramente, voltando o rosto para a janela e para os cortinados de tule que flutuavam lá fora, ao sol da tarde.

"Sou eu quem tem de tomar as decisões. Ele sabe-o. Por isso fica furioso e diz que nunca andou com uma mulher casada."

Conservou-se deitada, de olhos abertos. O sino da igreja tocou a meia-hora. "Tenho de me levantar e lavar a cabeça e lavar a cabeça. Arranjo o cabelo e passo a ferro o vestido de chiffon que vou vestir esta noite. Vamos jantar a Nice. Vou levantar-me e deixar-lhe um bilhete."

Decidida, deslizou para fora da cama. A mão dele agarrou-lhe o pulso.

- Onde vais?

- Ao Welcome, lavar a cabeça.

- Lava-a aqui.
- Não posso. Além disso, quero ainda mudar de roupa.
- Volta para a cama.
- Não. Encontramo-nos às sete horas. Vamos jantar a Nice.

92

- Porquê a Nice? É algum jantar de despedida? A nossa última noite.
- Não é a nossa última noite - disse ela.

No Welcome, a proprietária cumprimentou-a com a pergunta habitual sobre o jantar e, ao ouvi-la dizer que não comia no hotel, falou-Lhe de novo na pensão.

- Eu sei. Facture-me a diária completa. Não tem importância.
- Bien, Madame. Comme vous voulez. (1)

Ao subir ao quarto, a cama feita parecia reprovar a sua ausência. Um quarto não usado, refeições não comidas, dinheiro desperdiçado. Tirou do roupeiro o vestido de chiffon e estendeu-o a todo o comprimento, como uma pessoa, sobre a cama, como a substituí-la. Escolheu sapatos a condizer e acabou por decidir-se pelas sandálias azuis, depois tomou um duche e lavou e secou o cabelo. Em seguida, sentou-se em frente do espelho, vestiu-se e pintou a cara. "Ele idealiza-me e eu idealizo-o a ele, cada um de nós considera o outro pperfeito. E tu, espelho, que nunca foste meu amigo, não podes negar este bronzeado do sol, o brilho destes olhos."

Sorriu para o espelho. "Este vestido de chiffon é muito bonito. Estou bonita. Isto é a graça, o tal estado de graça."

A um quarto para as sete, cantarolando baixinho, balouçando o saco de toilette de modo pouco próprio para uma senhora, atravessou o corredor até ao elevador, onde duas mulheres idosas, que o aguardavam, observaram a sua alegre chegada e depois trocaram olhares entre si, como se ela estivesse embriagada. Sorriu-lhes quando todas entraram no elevador e continuou a sorrir-lhes até que, de mau modo, elas a cumprimentaram com a cabeça.

- Boanoite", - disse ela, - Esteve um dia maravilhoso, não esteve?

E, pouco à vontade, elas concordaram. No rés-do-chão, sempre sorrindo, cantarolando, balouçando a bolsa, atravessou o hall e entregou a chave ao recepcionista. Quando ia a atravessar a porta do hotel, a proprietária saiu do seu pequeno escritório com um sobrescrito cinzento na mão.

*() Está bem, minha senhora. Como quiser. (N. T.)

93

- Ce télégramme vient d'arriver, Madame. J'ai téléphoné à votre chambre tout à l'heure, mais vous étiez en train de

descendre. (1)

- Merci, Madame.

Pegou no sobrescrito, meteu-o na bolsa e saiu. Os carros estacionados junto ao passeio e no centro da praça tapavam a passagem, de modo que, para atravessar para o outro lado, teve de andar às voltas, como num parque de estacionamento. Não abriu a bolsa antes de chegar às escadas que levavam ao Les Terrasses. Só então rasgou o sobrescrito com a unha e leu a mensagem dactilografada no impresso do telegrama.

"TELEFONEI DUAS VEZES SEM RESPOSTA. CHEGO VOO A. F. 42 DOMINGO à TARDE. BEIJOS KEVIN."

Depois de o ler duas vezes, voltou a meter o telegrama na bolsa e começou a subir as escadas lentamente, como abalada. A meio caminho, parou, voltou para trás e começou a correr por entre os carros estacionados na praça, regressando ao Welcome, onde, num francês rápido, pediu uma chamada para casa, em Belfast. Disse que receberia a chamada no quarto e, quando abriu a porta, o telefone já estava a tocar. Sentou-se na cama, ouvindo a troca de palavras em inglês para a execução da ligação.

- Quatro, quatro, um, cinco, cinco - disse a voz de Danny.

- Não desligue, por favor. Longa distância. Faça favor de falar.

- Danny?

- Mãe, és tu? Como estás? Como está o tempo?

- Ótimo. E tu, como estás? Tens comido vegetais?

- Sim - disse, irritado. - Queres falar com o Pai?

- Sim, se fazes o favor.

- Bem, ele saiu.

- Onde foi?

- Ver um doente. Disse que voltava já.

- Já jantaste?

- Ainda não. Estou à espera do Pai.

*(1) Acaba de chegar este telegrama, minha senhora. Telefonei agora mesmo para o seu quarto, mas a senhora vinha a descer. (N. T.)

- Bem, ouve, Danny, pede ao Pai que me telefone para o Hotel Welcome, Hotel Welcome, logo que chegue. Diz-lhe que é importante.

- Welcome. Ele tem o número?

- Tem. Jogas rãguebi esta semana?

- Temos um jogo na terça com a equipa do Instituto.

- Como vai o Neil?

- Oh, bestial! O pai dele vai oferecer-lhe uma moto no dia dos anos.

- Que sorte. Bem, não te esqueças de pedir ao Pai que telefone. Fico aqui à espera da chamada.
- OK! Ei, aguenta um bocadinho, Mãe.
- Danny, é uma chamada de longa distância.
- Mas, Mãe, é que eu ouvi um carro.
- Está bem, vai lá ver.

Esperou. Estremeceu, de súbito, como se estivesse com gripe. Ouviu os passos de Danny que corria pelo hall até às traseiras, para ver se o carro do pai tinha entrado. Ouviu vozes, devia ser Kevin; sim, era ele. A voz do marido perguntava: "Ela ainda está ao telefone?"

Sentiu que começava a tremer. Ouviu um som agudo, quando Kevin pegou no auscultador, puxando-o pelo fio ao longo da prateleira de madeira do móvel do hall.

- Está?
- Kevin?
- Sheila, como estás? Recebeste o meu telegrama?
- Recebi, sim.
- Tenho tentado falar contigo ao telefone, liguei às nove e depois às quatro.
- Estava na praia - disse ela.
- Foi o que eu calculei, por isso mandei o telegrama. O que há? Danny diz que é urgente.
- Sim, de certo modo. Ouve, queres realmente vir cá passar as férias? Diz-me a verdade, desta vez.
- Bem, já está tudo arranjado. McSherry faz o meu lugar.
- Kevin, não me respondeste. Queres mesmo vir ou preferes ficar em casa até eu voltar?
- Não, eu vou.
- Porque, ouve - disse ela, e, quando começou a falar, ouviu a tremura na sua voz e pensou se ele a teria ouvido também -, eu só queria dizer-te que, se preferes não vir,

eu não me importo. Tenho estado a pensar que, se tu não viesses, eu ia até Paris passar o resto das férias e fazia companhia a Peg. Gostava muito de fazer isso. Palavra.

- Queres dizer que não te interessa que eu vá? - perguntou ele, enunciando a frase com grande precisão.
- Escuta, não é isso, é que eu sei como tu estás ocupado. E acho um disparate vires agora, a menos que realmente queiras.
- Mas já está tudo arranjado. Sentia-me idiota, se fosse agora anular tudo.

Ela percebeu, então. Ele não sabia que dizer a McSherry depois de lhe ter pedido o favor.

- Ouve - replicou - podias dizer a McSherry que eu vou para Paris e quero fazer compras e que preferias esperar e fazer as férias em Connemara, mais para o fim do Verão. Ele fica encantado, não achas?

Silêncio de novo. Em fundo, ouviu Danny gritar para a Senhora Milligan: "Que pudim há hoje?", - Além disso, eu quero realmente ir a Paris - disse ela. - Só lá estive uma noite. Não tive tempo de ver nada.

- E a reserva em Villefranche?

- Oh, são muito simpáticos. Não há problema. Têm lista de espera para os quartos.

- Bem, isso é tão repentino.

- Sim, mas parece-me lógico.

- Quando vais para Paris?

- Oh, amanhã, ou segunda-feira, o mais tardar. Posso alojar-me em casa de Peg. Ouve, porque não fazemos assim?

- Hum! - respondeu ele. - Acho que posso telefonar a McSherry esta noite. Ele ia fazer uma apendicectomia por mim, amanhã, às nove. Está bem, pronto, , se é isso que tu queres.

- Ouve, Kevin, eu estava com medo de te pedir, mas, na verdade, prefiro estar em Paris do que aqui. Gostava de ver as lojas. E não é o teu prato preferido, pois não?

- Não. E a tua amiga Peg também não, pensando bem. A propósito, quem é o companheiro, de momento?

Sentiu que tremia. Depois, compreendeu o que ele queria dizer.

- Oh, um jugoslavo - respondeu.

- Valha-me Deus.

- Bem, está decidido. Vou para Paris e tu ficas em casa.

- Certo. Só uma coisa. Para o ano, não quero ouvir aquela velha história de que temos de ir para o Sul de França, porque eu não estive lá este ano. Prometido?

- Prometido.

- Bem - comentou ele, rindo -, quando me lembro das cenas que fizeste para me obrigares a ir para França este ano.

- Eu sei.

- OK, então! Vou anular o meu voo. E não gastes o dinheiro todo em Paris, ouviste?

- Não gasto.

- Oh, a propósito, e quanto a dinheiro? A conta aí? Tens dinheiro que chegue.

- Sim, está tudo bem.

- Talvez seja melhor eu mandar um vale telegráfico para Paris. Mando-o para casa de Peg.

- Não, não, não preciso - disse ela; parecia-lhe horrível receber dinheiro dele.

- Precisas, sim. Como vais fazer compras?

- Tenho o meu cartão de crédito do Barclay.

- Mando-te cem libras, para o caso de precisares.

- Não! Ouve, Kevin, tenho dinheiro meu. A herança de Kitty. Owen adianta-me dinheiro dos meus dividendos. Prefiro assim.

- Porquê?

De súbito, sentiu medo. Não convinha fazê-lo suspeitar.

- Está bem, pronto, manda-me as cem libras, que eu pago-te depois, dos meus dividendos.

- OK!

- Bem, boa noite.

- Boa noite, Shee. Escuta.

- Diz.

- Amo-te.

Porque dissera ele aquilo? Quase nunca o fazia ultimamente. Sentiu-se mal.

- Vou desligar - disse ele. - Oiço os ruídos do jantar da Senhora Milligan a ser servido. Boa noite, Shee.

- Boa noite, Kevin.

- Telefona-me de Paris.

- Telefone.

Quando voltou ao Les Terrasses, Tom estava ainda a dormir.
Teve de bater à porta para o acordar.

96 97

- Que horas são?

- Sete e dez.

- Oh, meu Deus, desculpa. Vou apressar-me.

- Não há pressa - disse.

Sentou-se na cadeira junto da janela, vendo-o despir a camisola de marinheiro, às riscas azuis e brancas, que tinha comprado no dia anterior, despir os slips e ir tomar duche. Observou as suas ancas e a cintura estreitas, as longas pernas musculosas, as mãos com aqueles atraentes pêlos negros nas costas. Esqueceu-se do que ia dizer-lhe. Quando ele abriu o chuveiro, olhou-lhe para o pénis. O chuveiro tinha pouca força e em breve a água saía fria, e ele saltou para fora com um grito. Ela pegou na toalha e foi ter com ele.

- Deixa-me secar-te.

- OK!

Ficou quieto, obedientemente, enquanto ela lhe enxugava o peito e o ventre. Por momentos, ela lembrou-se de Danny, anos antes, quando ainda não tinha vergonha de a deixar enxugá-lo. Encontrou uma segunda toalha pequena que Tom usou para secar o cabelo, enquanto ela lhe limpava as costas. Depois, com o seu bom vestido de chiffon, o cabelo arranjado, a cara maquilhada para sair, atirou a toalha para o lado e encostou o corpo dele, ainda húmido, ao seu.

- Amo-te - disse. - Amo-te, sabias?

- Eu é que te amo.

Um momento depois, ele soltou-a.

- Penso que se queres ir a um sítio chique em Nice, é melhor eu vestir uma camisa e pôr gravata.

- Talvez eu já não queira ir a Nice. Podemos comer aqui.

- Tanto faz - disse ele. - De qualquer modo, não podemos fazer planos sem receberes o telefonema.

Ela foi buscar a bolsa e mostrou-lhe o telegrama.

- Recebi isto.

- Quando?

- Mesmo antes de vir para aqui.

Ele leu o telegrama.

- Domingo. É amanhã.

- Sim.

Viu o rosto dele endurecer.

- Que queres fazer, Sheila?

- Que queres tu fazer?

- Eu? - Ele sorriu, sacudindo a cabeça, naquele jeito próprio. - Se é comigo, façamos as malas e partamos daqui esta noite.

- E depois?

Ele olhou-a, como se não compreendesse a pergunta.

- Quero eu dizer, não podemos fugir às nossas vidas, pois não?

- Porque não?

- Oh, Tom, fala a sério.

- Estou a falar a sério. Não vou fugir de nada. Mas tu vais. Ou queres voltar para ele?

Ela não respondeu.

Ele esperou e depois disse:

- OK, é contigo! Mas se decidires não voltar para ele , podemos ir até Paris, arranjar um visto para ti e depois ir para os Estados Unidos. Dentro de poucas semanas podíamos estar lá.

- Mas eu continuava casada.

- Arranjávamos-te um divórcio. Um divórcio, no Haiti, é fácil. Depois, se quiseres, podes casar-te comigo.

- Então, estás a pedir-me em casamento? - Riu-se, de alívio, um riso que lhe soava a lágrimas. - Conheces-me há cinco dias e queres casar-te comigo.

- Sou um temerário - disse ele, sorrindo.

- Pronto, não precisas de fazer planos tão drásticos. Kevin não vem.

- Não vem?

- Não. Quando recebi este telegrama, telefonei-lhe e disse-lhe que queria ir para Paris fazer compras. Ele nunca desejou vir, de qualquer modo. E, assim, não vem mesmo.

- Mas porque não me disseste logo?

Ela encolheu os ombros.

- Era uma espécie de teste? Pensaste que eu ia desatar a fugir?

- Desculpa. Não sabia o que tu farias. Desculpa. Devia ter-te dito.

Ele olhou para ela. A sua irritação desaparecera. Abraçou-a.

- Ouve, é uma boa notícia. Mas e se ele te telefona para Paris?

- Também já pensei nisso. Voltemos para Paris. E, oh, meu Deus, eu disse-lhe que ficava em casa de Peg.

98 99

- Não vais ficar em casa de Peg. Havemos de arranjar qualquer coisa. Vamos para um hotel... o Balcons?

- Ótimo.

- E escuta, eu falava a sério quanto a irmos para os Estados Unidos. E casarmo-nos.

- Achas que não te fartarias de mim?

- Não. Nunca.

Ela voltou-se.

- Não vamos a Nice esta noite. Vamos comer aqui, em qualquer lado.

- Na Mère Germaine? - Ou no Welcome. Estou a pagar aquelas refeições todas. Bem podemos comer lá.

- OK! Quando vamos para Paris?

- Quando tu quiseres.

- Amanhã, então - disse ele. - Vamos amanhã.

Capítulo oitavo

- Parte amanhã?

O empregado da noite, aparentemente pouco interessado na sua própria pergunta, puxou o livro para ele, passando com o dedo pelos registos escritos a tinta, numa página com linhas.

- Sim, tenho de ir mais cedo para casa. Há problema?

O recepcionista, o mesmo jovem moreno que a tinha chamado ao telefone na outra noite, acenou impessoalmente com a cabeça.

- Muito bem, Madame. Amanhã faço-Lhe a conta.

Parte antes do almoço?

Ela hesitou e olhou para Tom. Ele acenou afirmativamente.

- Sim.

- Muito bem. Deseja a chave agora?

- Não, vamos ao bar.

Dirigiram-se para o elevador.

- Pronto - disse Tom. - Não há problema. É só dizer-lhes e eles fazem o que a gente quer.

- No entanto, estou satisfeita por ter sido ele e não a Madame - disse a Senhora Redden, e estava mesmo satisfeita.

Mas aquilo era impossível de explicar: estava ali a enganar o marido, a correr imensos riscos, e, no entanto, tinha-se preocupado durante todo o jantar por causa de uma coisa tão simples como dizer no hotel que saía mais cedo, quando havia feito uma reserva para duas semanas. Agora, o seu espírito dirigia-se já para outra preocupação.

- Quando formos para Paris, tenho de dizer a Peg o que se passa.

- Penso que sim.

- Quero eu dizer, para o caso de Kevin Lhe telefonar a perguntar se eu estou lá. Mas odeio falar-Lhe de nós.

- Não te preocupes com isso - disse ele. - Eu tomo conta de ti.

E assim foi, desde o momento em que ela pagou a conta, na manhã seguinte, ele pareceu tomar conta de tudo,

como nunca havia feito antes, ocupando-se da bagagem, arranjando-lhe um lugar junto da janela no avião, encomendando champanhe à hospedeira; transformando o almoço a bordo numa festa. Mas, apesar de tudo isso, quando aterraram em Paris, ela deixou-se de novo invadir pela sensação de ansiedade. Em Villefranche, tinham estado isolados, o seu universo resumia-se a meia dúzia de praias, um cais, o terraço de um restaurante e dois quartos de hotel. Anónimos entre outros veraneantes, haviam-se movimentado sob a protecção de uma multidão. Mas, agora, aproximavam-se da vida que ela tinha abandonado. Agora, ao tomarem o autocarro para Paris, penetravam de novo em terreno perigoso, oferecendo-se outra vez ao mundo, seu inimigo.

Quando chegaram ao terminal da cidade, havia começado a chover. Ele abriu o saco de campismo e tirou um casaco de

borracha muito irlandês. Ela sorriu, quando ele o vestiu. O rapaz tirou, também, um boné de tweed do bolso da gabardina e enfiou-o na cabeça, comicamente.

- Perfeito - disse ela. - Estou a ver-te agarrado ao balcão no bar de O'Donoghue.

Apanharam um táxi nos Invalides e, quando este parou em frente da velha fachada do Hôtel des Balcons, a chuva quase tinha parado. O vento soprava com força, comprimindo-lhes as roupas contra os corpos, fazendo que os cabelos lhes tapassem os olhos. Enquanto ele pagava ao motorista, ela correu para a entrada do hotel, levando a sua mala, e esperou ali, desconfortavelmente, até o táxi partir. Aproximaram-se juntos do balcão de madeira encerada para pedir um quarto de casal. A recepcionista, depois de observar o livro com ar de dúvida, tamborilou com o dedo numa página, voltou-se para verificar as chaves e, com um súbito sorriso, pegou numa chave e conduziu-os ao longo de dois lanços de escadas, por um corredor forrado a linóleo, que cheirava a detergente, abriu uma porta, acendeu uma luz e perguntou-lhes se o quarto servia. E, depois de responderem que sim e de a mulher lhes entregar dois impressos para preencher e a chave e sair, ficaram sós num quarto de tecto alto, com uma grande cama de casal, um pesado guarda-fatos de pinho escuro, um lavatório amarelado, um bidé a um canto e uma varanda que dava para a rua, com persianas. Ela agarrou-se a ele e abraçou-o, encantada com aquele quarto escuro cheio de castanhos senhoriais e verdes institucionais, que, se algum deles nele tivesse entrado só, lhe teria parecido de uma tristeza de purgatório. Ali, naquele quarto, separada do mundo, ela sentiu voltar a alegria anterior. Aquela era a casa deles. Daí a alguns minutos, iriam sair a passear em Paris. Nada mais importava.

Quando ele pousou o saco a um canto, ela reparou na marca que tinha.

- Corpo de Sinaleiros? Estiveste no Exército?
- Não, isto é um excedente de guerra.
- Diz-me uma coisa, isso é toda a tua bagagem?
- É verdade. Todos os meus bens mundanos.
- Queres dizer que isso é tudo quanto trouxeste da América

para estes três anos?

- Bom, tinha alguns livros e papéis, mas expedi-os para casa, no mês passado.

- Sim? Quando tencionavas voltar?
- Tenho um voo charter marcado para o dia vinte e oito.
- Deste mês?
- Sim.

Ela afastou-se dele, foi até à janela, abriu as persianas e saiu para a varanda.

- Eh, não está a chover aí fora?

Ela não respondeu. Momentos depois, voltou, foi até à cama e pegou na gabardina.

- Vamos tomar um café.
- À chuva?
- Sim.

Ele ajoelhou-se imediatamente e começou a tirar camisolas, meias e um casaco de desporto do saco. Ela lembrou-se de Danny, ao voltar do acampamento de escuteiros, a alguns anos,

a tirar as roupas da mochila, do belo casaco de tweed que ela lhe tinha comprado no Austin Reed, todo amachucado no chão, com uma grande nódoa de óleo nas costas. Recordou-se da discussão que havia tido por causa do casaco, lastimando o dinheiro que gastavam a comprar-lhe boas roupas. Viu Tom Lowry tirar do seu saco um pequeno guarda-chuva dobrável e abri-lo, para o experimentar, com um ruído cavo.

- Voilà, Madame.

Ela pôs na cabeça o seu chapéu azul de lona.

- Vamos.

102 103

Mas, quando desciam para o Carrefour Saint-Germain, encolhidos debaixo do chapéu, a chuva transformou-se numa torrente que invadia tudo, enchia os esgotos, molhava-lhes as roupas, e foram forçados a abrigar-se no Saint-Claude. Ele pediu café e sentou-se, descontraído, a fazer comentários divertidos sobre as pessoas que passavam. Ela riu-se, uma ou duas vezes, mas falou pouco, e, logo que a chuva parou, perguntou-lhe se podia sair de novo. Assim, voltaram para a Place de l'Odéon e subiram a rua tortuosa que levava à Ecole de Médecine, misturando-se com a grande multidão ociosa que subia e descia o Boulevard Saint-Michel, como se fosse a arcada central de um parque de divertimentos, olhando para as montras cheias de casacos de cabedal e blue jeans, para as suas cafetarias self service, livrarias, brasseries (1), lojas de recordações, cafés de esquina, cinemas e os quiosques que vendiam croque monsieur, cachorros quentes e crêpes Bretonnes. Como sempre, naquele boulevard, os rostos eram novos, numa interminável migração anual de todos os países, de todos os continentes, pousando ali um pouco, durante a longa viagem das suas vidas. Apenas os empregados dos cafés pareciam nativos da rua: com os seus brilhantes casacos pretos e aventais brancos até ao joelho, hábeis a limpar as migalhas com os panos, equilibrando bandejas, abrindo carteiras gordas cheias de notas pequenas para os trocos, eram os verdadeiros zeladores daquela grande artéria, os guardiões dos seus esconderijos e entradas, prudentes mas cheios de segurança, tão diferentes dos seus clientes como os cães das ovelhas.

Quando chegaram junto do gradeamento que encerrava as ruínas medievais de Cluny, ele parou e disse:

- Tu não devias contactar com Peg, hoje?

- Telefone-lhe amanhã.

- E se ele telefona hoje?

- Eu sei. Devia tratar disso.

- Se não tratares, comesas a enervar-te.

Ela teve um sorriso triste.

- Vejo que já me conheces.

- Há telefone naquele bar, além. Ou então, estamos muito perto de casa dela. Queres ir até lá?

*(1) Cervejarias. (N. T.)

- Não. Isso é a última coisa que desejo.
 - Pronto, então vais ver que é um instante ao telefone.
- Diz-lhe só que estás em Paris, que ficaste no Balcons, e diz-lhe que, se o teu marido telefonar, lhe dê o número do hotel. Não precisas de falar de mim sequer.
- E se ela sugere que vá para casa dela?
 - Diz que o teu marido deve vir ter contigo.
 - Oh, és esperto.

Depois, tomando de novo a direcção das operações, ele levou-a pela mão até à cervejaria da esquina, atravessou com ela uma sala cheia de clientes até um lanço de escadas sobre o qual havia uma indicação a néon «LAVABOS - TELEFONE». Disse-lhe que esperasse, comprou um jeton (1) à mulher da caixa, e, depois, levou-a até um corredor forrado a azulejo. Os telefones ficavam à vista, embora parcialmente cobertos por umas campânulas de plástico, que lembravam capacetes de râguebi gigantes. Ele meteu-se debaixo de um, procurou o número de Peg, escreveu-o, entregou-lhe o jeton, e depois subiu a escada, para não ouvir a conversa.

Nessa noite, quando Peg Conway se encontrou com Ivo Radic, para jantarem, disse-lhe:

- Bem, tinhas toda a razão.
- A respeito de quê?
- Ele foi realmente atrás dela para Villefranche. E imagina que estão de volta a Paris. Juntos!
- Eh, bien!
- Não, é incrível, com Sheila Redden! Custou-me a crer. Ela tentou fingir que estava sozinha, a princípio. Mas eu disse-lhe que tínhamos ouvido dizer que Tom havia ido para Villefranche e perguntei-lhe se o tinha encontrado por lá. E, de repente, ela despejou o saco. Ele está com ela no Balcons. E, se o marido dela telefonar, tenho de lhe dizer que não havia quarto para ela e que ficou num hotel. A Sheila! Se tu soubesses como ela é.
- Porque não? - disse Ivo. - Essas coisas sucedem, mesmo a uma irlandesa.

*(1) Ficha para telefonar. (N. T.)

Capítulo nono

A Senhora Redden observou-o, enquanto tirava o impresso do visto do bolso e lho entregava. Não lhe pegou. Ele colocou-o, bem à vista, como uma prova, na mesa de cabeceira.

- Estive a vê-lo no autocarro - disse. - Não tem nada de especial, é muito simples.

- Porque foste lá?

- Não sei. Quando saí da American Express, lembrei-me de ir à Embaixada.

Ela sentou-se na única cadeira do quarto, vestindo a gabardina como roupão, afastada para os ombros, enquanto se pintava. Estava uma temperatura imprópria para a época, e tinham desligado o aquecimento do hotel até Outubro.

- Que horas são? - perguntou.

- Quase meio-dia. Que queres fazer hoje?

Ela encolheu os ombros.

- Pensava em qualquer coisa. Afinal, são as tuas férias.

- Férias de quê?

Atirou com o lápis das sobancelhas para o toucador.

- Desculpa. - Disse alguma coisa que não devia?

Ela ergueu-se, subiu a gabardina para os ombros e voltou para a cama por fazer. Estendeu-se de bruços, fazendo cair o visto consular para o chão. Ele ajoelhou-se, apanhou-o e atirou-o para o cesto dos papéis.

- Pronto, esquece-te disto.

- Não, não o atires fora.

- Porque não? Parece irritar-te.

- Não é isso. Não quero pensar nisso hoje.

Ele foi buscar o impresso ao cesto.

- Ouve, Sheila, não quero fazer nada que te aborreça.

- A culpa não é tua. Alguns dias antes da menstruação, não sou nada simpática. Não esperava que viesse esta semana.

Ele sentou-se na cama e começou a acariciar-lhe os cabelos.

- E quanto a almoço, tens fome?

- Deita-te aqui. Abraça-me um bocadinho.

Ele estendeu-se ao lado dela, envolvendo-a nos braços. Meteu a mão por baixo da gabardina e, puxando as cuecas para baixo, começou a acariciá-la. Ela beijou-o.

- Tempo perdido a pintar-me - disse.

Mas, depois, abruptamente, afastou-se e puxou as cuecas. Saiu da cama, despiu a gabardina, enfiou uma camisola de gola alta castanha pela cabeça e vestiu uma saia.

- Vamos sair e comer uma sanduíche ou qualquer outra coisa. Tenho de telefonar a Peg.

- Ah, combinaste telefonar-lhe?

- Devia ter-lhe telefonado ontem.

Enquanto desciam a escada em curva, ele pôs o braço em volta da cintura dela.

- Ainda bem que não telefonaste ontem - disse. - Passámos um dia estupendo a preguiçar, não passámos?

- Hoje também vai ser bom.

- Talvez não te venha a menstruação. Talvez estejas assim só por não saberes o que vai suceder.

Tinham chegado ao hall. Ela cumprimentou, com um sorriso mecânico, a velhota que estava ao balcão, mas, quando chegaram à rua, voltou-se para ele, com o rosto duro e pálido.

- Julgava que não íamos falar mais do assunto!

- Desculpa.

Ela voltou-se e começou a descer a rua estreita, como se tentasse afastar-se dele. A chuva principiou a cair quando ele correu atrás dela, alcançando-a. Continuaram a caminhar, lado a lado, em silêncio, ela a olhar em frente, como se ele fosse um pedinte que tentasse ignorar. Depois, com uma mudança súbita, tão súbita como o aguaceiro que parara, deu-lhe o braço.

- É da menstruação. E graças a Deus. Sabes, estava com medo de estar grávida.

- Que nome havíamos de dar-lhe?

Mas ela não sorriu.

- Sabes o que estive a fazer esta manhã, depois de saíres do hotel para ires à American Express?

- Não, o quê?

- Estive estendida na cama dizendo a mim mesma que me levantasse, me vestisse e telefonasse a Peg. Estive assim toda a manhã. É mesmo da menstruação. Tinha um pressentimento de que algo horrível havia acontecido ao Danny e que Kevin está a tentar entrar em contacto comigo. Mas não me mexi. Quando se está neste período, preferimos afligir-nos com uma coisa do que fazê-la.

- Olha, eu telefono a Peg, se quiseres. Tu só pretendes saber se o teu marido telefonou, não é verdade?

- Não, eu telefono. Vamos ao Atrium. Posso telefonar-lhe de lá.

Na cabina telefónica do Atrium, ligou para o escritório de Peg. Uma voz de mulher perguntou em francês quem falava. Quando lhe disse o nome, a mulher exclamou:

- Sheila? Estávamos para aqui as duas a falar em francês uma com a outra. Como estás?

- Oh, Peg, olá! Está tudo bem? Tive um pressentimento horrível, esta manhã.

- Onde estás? - perguntou Peg.

- No Atrium.

- Ouve, Sheila, ainda bem que telefonaste. Aconteceu qualquer coisa. Podes vir à Margem Direita e almoçamos, rapidamente, juntas?

- O quê? Tiveste notícias de Kevin?

- Sim. Olha lá, saíste esta manhã? Telefonei duas vezes para o teu hotel.

- Não, estive lá toda a manhã.

- Oh, são incríveis, estes hotéis. Olha, podes vir ter comigo a um café chamado Métropole, na Rue Auber? Daqui a meia-hora. À uma.

- Está bem.

A Senhora Redden subiu. Ele estava à espera dela no bar e havia encomendado duas cervejas.

- Vou contigo - disse ele, quando ela lhe contou a conversa.

- Não, é melhor eu ir sozinha.

- Bem, vamos acabar a cerveja e tomamos o metro e eu espero por ti em qualquer sítio perto.

- Está bem. Mas não posso beber a cerveja. Sinto-me mal.

Quando a Senhora Redden entrou no Métropole, Peg Conway estava a beber um Pernod a uma mesa isolada, ao fundo do restaurante.

- Sei o que estás a pensar - disse Peg,

108 109

quando a Senhora Redden se sentou na frente dela. - Mas preciso desta bebida. E tu?

- Não, obrigada. Sinto-me um pouco enjoada.

- Sheila, receio ter-te arranjado um grande sarilho.

A Senhora Redden baixou a cabeça.

- Estás bem? - perguntou Peg.

- Sim. Continua.

- Bem, para resumir, depois de termos falado ao telefone no domingo, saí com Ivo, e o resultado é que, desde essa altura, não voltei a casa. Desculpa. Esqueci-me por completo de Kevin.

- Ele telefonou?

- Sim. Ambas as noites.

A Senhora Redden baixou a cabeça de novo.

- Eu sabia.

- De qualquer modo - disse Peg. -, fui finalmente a casa por volta das oito da manhã, porque tinha de mudar de roupa antes de ir para o escritório. O telefone tocou, era ele. Por isso, disse-lhe, com um ar muito simpático, que tu não estavas lá. Disse-lhe que tinha outras pessoas comigo e não havia cama para ti, por azar, de modo que estavas num hotelzinho, e dei-lhe o número. E então ele perguntou: "Tem gente aí em casa, consigo, não tem?" E eu repliquei que sim, que tinha. E ele disse: "É curioso, telefonei seis ou sete vezes na noite passada e na noite anterior. Até telefonei duas vezes a meio da noite.", Bem, que havia eu de dizer, sei que foi uma estupidez, mas fiquei atrapalhada e respondi: É verdade, eu não estive cá em qualquer das noites. E ele retorquiu: "Julgava que havia dito que tinha aí gente em casa.", Digo-te, Sheila, parecia que estava no tribunal. E então disse-lhe: "Bem, a verdade é que essas pessoas eram para ficar cá mas não apareceram." Ele pareceu digerir isto durante um minuto ou dois, e depois afirmou: "Peg, estou muito preocupado com Sheila. Tenho estado aflitíssimo nas últimas quarenta e oito horas, por não conseguir contactar com ela. Diga-me a verdade. Passa-se alguma coisa?" então eu respondi-lhe que não havia nada, evidentemente, que tu estavas ótima. "Oiça, Kevin, a verdade é que Sheila quer passar uns dias sozinha e disse-me que você ficava aborrecido se soubesse que ela ia para um hotel, depois de lhe ter dito que ficava comigo. É esta a verdade toda."

Bem. Silêncio mortal do outro lado da linha. E, então, ele perguntou-me: "Pode-me dizer outra vez o número do hotel?" E eu dei-lhe o número. E então, e agora é que vem a parte que me preocupa, quando cheguei ao escritório, achei que era melhor telefonar-te para te avisar. Por isso liguei para o Balcons. Espera aí. Pedi para chamarem a Madame Redden. E eles disseram-me que tu não estavas.

- Mas estava. Estive lá toda a manhã!

- Disseram que havias saído. Disseram assim: "Monsieur et Madame sont sortis." (1) perguntei se tinham a certeza e disseram-me que sim. Inquiri se um senhor havia telefonado e

disseram-me que sim. "Um inglês?", perguntei eu. E disseram-me que sim. "E disseram-lhe que Monsieur e Madame tinham saído?", perguntei eu. E disseram que sim, que lhe haviam dito. Kevin fala francês?

- Sim, um pouco.
- Bem, já percebeste, não percebeste?
- Monsierrr et Madame.
- Exactamente.

Por momentos, ambas as mulheres ficaram em silêncio. Por trás delas, no bar, dois franceses iniciaram uma discussão em voz alta sobre o dinheiro que ganhava Pelé, a estrela brasileira do futebol.

- Ouve - disse Peg. - Tenho de comer qualquer coisa, preciso de voltar ao escritório. Queres alguma coisa?

- Não, obrigada.

Peg chamou a empregada e mandou vir uma sanduíche de presunto.

- Ouve - disse ela -, diz a Kevin que o hotel se enganou. Estão sempre a enganar-se, nestes hotéis.

- Mas, Peg, e se ele foi direito ao aeroporto e se meteu num avião e vem a caminho daqui? E se ele vai ao hotel?

- Eu sei - disse Peg. - Porque não vão vocês os dois para minha casa? Lá estavam seguros, não têm de abrir a porta a ninguém. E se ele não aparecer, da próxima vez que lhe telefonasses dizias-lhe que tinhas vindo para minha casa. E eu vou para casa de Ivo.

- Oh, mas eu não podia fazer-te uma coisa dessas.
- Porque não? Anda. Olha, toma lá a chave.
- Mas não posso pôr-te fora.

*(1) O Senhor e a Senhora saíram. (N. T.)

110 111

- Podes e é o que vais fazer. Na verdade, adoro estar em casa de Ivo, e dás-me um bom pretexto. Porque não te mudas já?

A Senhora Redden pegou na chave.

- É fantástico da tua parte - disse ela, e começou a chorar.

- Então, não te rales - disse Peg.

- Tenho trinta e sete anos. E sabes a idade de Tom.

- E então? E hoje é terça-feira e amanhã será quarta.

A empregada trouxe a sanduíche de Peg e olhou para a Senhora Redden curiosa, ao vê-la chorar. Esfomeada, de súbito, Peg começou a comer.

- Ele é muito bom rapaz - disse. - Ajuizado. E inteligente. Hugh Greer escreveu-me a dizer que era um dos melhores alunos que tinha tido. Ah, Sheila, não chores. Estas coisas estão sempre a acontecer. A monogamia é coisa do passado. Descontra-te e goza a vida.

- Eu sei - disse a Senhora Redden. - Foi a única vez.

"Que quererá ela dizer com isto?", perguntou Peg a si própria, mas como as lágrimas começavam a desaparecer, achou melhor não perguntar.

- Seja como for - disse -, tenho a certeza de que nunca

ocorreria a Kevin que uma coisa destas pudesse acontecer tão depressa. Só estiveste fora uma semana.

- Mas não posso continuar a mentir-lhe.

- Porque não? Há alturas na vida em que a mentira é um acto de bondade - disse Peg.

Olhou para a sua amiga. Conhece-se alguma vez uma pessoa? Sheila Deane, entre todas as pessoas que conhecia, aquela enorme mulher tímida, sempre com a cabeça metida num livro, sempre preocupada com a ideia de se iria encontrar um homem suficientemente alto para ela, e já se sabendo que, quando o encontrasse, deixaria que ele mandasse nela, que a transformasse numa dona de casa, desperdiçando todo o trabalho e todo o estudo de que precisara para se licenciar. Sheila Deane. Contudo, não são, justamente, as pessoas tranquilas as que mais nos surpreendem?

- Madame Chicot, a concierge (1), tem a sua própria chave,

*(1) Porteira. (N. T.)

112

- disse Peg. - Ela entra para fazer as limpezas. Por isso, se alguém bater, não precisam de abrir. Eu vou buscar umas roupas por volta das seis da tarde e depois a casa é vossa. Agora tenho de ir. E não te preocupes, prometes-me?

- Está bem - disse a Senhora Redden, secando os olhos. - Foste tão boa para nós.

- Não sejas parva - disse Peg, levantando-se e saindo, enquanto abanava a cabeça para si própria, pensando nos sarilhos em que as pessoas se metem.

Quando a Senhora Redden saiu do Métropole, poucos minutos depois, Tom Lowry aguardava-a do outro lado da rua. Apanharam o autocarro da carreira 95, de volta à Margem Esquerda, e foram direitos ao hotel, onde falaram com a recepcionista. A mulher disse que não tinha havido telefonemas. "Tem a certeza?", perguntou a Senhora Redden. A mulher respondeu que sim. Mas, como podiam acreditar nela?

Pagaram a conta e saíram. Às cinco horas, chegaram a casa de Peg com os seus pertences. A concierge disse que Madame Conway tinha telefonado a dizer que, se saíssem, deviam deixar a chave debaixo do tapete. Ela viria às seis buscar as roupas. Ao ouvir isto, a Senhora Redden disse:

- Vamos sair para fazer compras. Prefiro não estar cá quando ela vier.

Assim, saíram, explorando as ruas estreitas do quartier. Viram homens a cozinhar pratos exóticos nas montras dos restaurantes gregos e tunisinos, inspeccionaram os cartazes dos cinemas pequenos, e depois, tendo encomendado no talho um frango cozinhado, compraram hortaliça e vinho no mercado próximo e esperaram na bicha da padaria para comprar pão fresco. Quando foram buscar o frango e voltaram a casa, Peg já lá havia estado, voltando a pôr a chave por baixo do tapete.

- Perfeito - disse a Senhora Redden. - Agora vou cozinhar a hortaliça e pôr o jantar na mesa. Enquanto meto o frango no forno, para o conservar quente, tu abres a garrafa do vinho, sim?

Quando entrou na cozinha às escuras, à procura do interruptor, viu-o entrar na sala e acocorar-se junto de uma pilha de discos de Peg, com os blue jeans apertados,

113

esticados na cintura, deixando ver a pele nua das costas até ao princípio do rego. O grande gato malhado de Peg veio ter com ele, encostou-se-lhe, esfregando o lombo contra a sua perna. A música surgiu: barroca. Kevin odiava música clássica. Momentos mais tarde, viu-o chegar à cozinha e servir o vinho, entregar-lhe um copo e, depois, ir até ao quarto. Deixou-se ficar, meio abstracta, a cortar cenouras, com o espírito cheio dele e de música, até que, finalmente, tomada de súbita culpa, voltou-se para olhar para o relógio que estava sobre a mesa da cozinha. Kevin devia já ter jantado naquele momento e estar a olhar para a televisão; Danny estaria estendido no chão da salinha, a fazer os trabalhos de casa, com Tarzan, o cão, estendido ao lado dele. Podia imaginar Kevin, recostado no cadeirão de orelhas, com jornais espalhados à sua volta, a televisão no máximo. Estaria a chover, lá fora, e, por trás do muro de tijolos ao fundo do jardim, espreitaria a escura colina a que chamavam Nariz de Napoleão, erguendo-se na noite sobre Belfast Lough. No centro da cidade, haveria calma, ninguém, além da Polícia e das patrulhas do Exército. Meteu as cenouras numa caçarola com água e acendeu o gás, ouvindo uma ligeira explosão. Era uma mentira imaginar que Kevin estivesse sentado em casa, satisfeito, em frente da televisão. Quem poderia estar satisfeito, depois de tentar dois dias e duas noites comunicar com a mulher, para França, sem saber o que estaria ela a fazer? Não havia desculpa alguma para não lhe telefonar. E era a altura de o fazer.

Foi até à casa de jantar, abriu as gavetas dos móveis, descobriu talheres e guardanapos, e pôs a mesa. Na sala, o disco terminara, e a agulha fazia um som desagradável. Ele saiu do quarto e foi colocar um novo disco. A música surgiu. Vivaldi, não era?

O seu irmão mais velho, Ned, gostava de música clássica. Nessa noite, Ned estaria em Cork, sozinho, com as suas tarefas de solteirão. O seu outro irmão, Owen, encontrar-se-ia em casa, em Belfast, com a família. A sua irmã, Eily, estaria a ajudar os filhos a fazer os trabalhos de casa, em Dublin. Todos eles, na Irlanda, a viverem as suas vidas, como se nada houvesse mudado. Perguntava a si própria se Kevin teria entrado em contacto com Eily ou Owen. Pensava que não.

"Tenho de telefonar a Kevin. Mas, primeiro, vou servir o jantar. Não, quero telefonar já, é horrível não o fazer... Telefono-lhe depois do jantar, quando Danny estiver a dormir."

Um novo disco, desta vez popular, Françoise Hardy a interpretar uma canção que toda a gente parecia cantar em Paris, aquele ano. Foi até à sala e viu-o de pé, junto da

janela. Tomou-a nos braços e, ao ritmo da música, desatou a dançar com ela pela sala, começando ambos a entoar pedaços da canção. Ele tem uma bela voz de tenor. Não sabia. Que mais coisas ignorava a respeito dele, deste seu rapaz? Olhou para o rosto dele, com a testa alta emoldurada pela farta cabeleira escura, os olhos a brilhar à luz do candeeiro. Com quem teria ele feito amor antes dela, que mulher o tornou tão hábil? Ainda pensará nela, seja ela quem for, ou esquece-a, como ela esquece? Imaginem, se ela conseguisse esquecer o seu passado para sempre. O seu passado, essa pequena história que é a sua vida. Essa história que começou no grande leito de latão da mãe, no último andar do número 18 de Chichester Terrace, em 7 de Novembro de 1937, e prosseguiu com a Primeira Comunhão, os Jogos Florais, a National School, o internato no Convento, em Glenarm, e quatro anos em The Queens University, em Belfast. Pareciam, sempre, uma multidão em casa: os quatro; o Pai e Kitty, e as duas tias solteironas. A casa estava sempre cheia de vida, que desapareceu toda, e agora é tranquila como uma recordação, nalgumas fotos de um velho álbum e antigos convites para casamentos e certificados de exames, tudo enfiado na última gaveta de uma pequena escrivaninha na sala da casa da Somerton Road. E a gaveta cada vez está mais cheia. Juntara-lhe a certidão de baptismo de Danny, o seu estranho bebé, nascido por cesariana, uma madeixa de cabelos pretos na cabeça, o rostozinho branco e minúsculo, e muito composto, porque, segundo disse o Dr. O'Neill, saiu perfeitamente do corte, não foi arrastado ao longo da vagina. Recordava-se daquelas férias em Connemara, quando Danny tinha caído do pônei em Clifden, o osso a sair, branco, da pele rasgada da sua perninha, que susto apanhara, maior do que quando tivera os dois abortos. O seu filho. É tudo quanto fizera na vida. À parte ele, a sua vida desaparecerá como as vidas dos seus pais, mais alguns documentos serão enfiados na gaveta, e, qualquer dia, a escrivaninha será mudada para outra casa,

114 115

talvez para a de Danny, tal como se recorda de ter sido mudada para a sua, quando Kevin e ela a trouxeram, entre outros móveis, da casa de Kitty, e a colocaram na sua nova casa, na Somerton Road. Lembrava-se bem de ver os carregadores pegarem nela e pousarem-na no passeio. Parecia tão velha, que imaginou que todos os vizinhos importantes estariam a olhar para ela das suas janelas. Depois não ligava com os outros móveis da salinha, mas ela insistiu para que ficasse ali. E lá está. O seu passado. O seu passado é uma gaveta.

Às nove horas, serviu a refeição, na sala de jantar de Peg. Ele começou a contar-lhe histórias divertidas sobre o Verão em que trabalhara como guarda-florestal no Maine e ela riu-se ao ouvi-lo e não pensou em mais coisa alguma. Estava a oferecer-lhe fruta e queijo quando, de súbito, o telefone tocou, alto e forte, na sala.

Voltou a tocar. Ela não se moveu.

- Queres que atenda? - disse ele.
- Não.
- Pode ser Peg.
- Pode ser Kevin.
Ficaram à escuta, até que parou de tocar.
- Porque poderia ser ele?
- Porque - respondeu ela -, se naquele hotel lhe disseram que nós saímos, não tem outro local para onde ligar.
Ela voltou-se e foi para a sala. Danny, a perna partida, o osso branco a sair da pele. Pousou a chávena de café.
- Escuta - disse -, importas-te de sair por um bocado?
- Agora?
- Sim. É melhor eu telefonar-lhe.
- Claro - disse ele.
Beijou-a e dirigiu-se imediatamente para o hall. Ela ouviu a porta da rua fechar-se. Procurou as instruções na lista dos telefones e ligou directamente para Belfast. O telefone tocou apenas uma vez antes de ser atendido.
- Está? - disse a voz dele.
- Kevin, é Sheila. Está tudo bem?
- Onde estás tu?
- Em Paris.
- Mas onde?
Ela não respondeu.
- Ouve. Desde domingo que estou a telefonar-te. - Ouviu a irritação conhecida na voz dele. - Onde diabo tens estado?
- Estive num hotel nas noites de domingo e segunda. Julgo que me telefonaste para lá. Peg disse-me, mas são incríveis naquele hotel, nunca fazem nada direito. Lamento.
- Julguei que ias para casa de Peg.
- Quis ficar num hotel.
- Porquê?
- Quis, pronto. Como está Danny?
- Deixa lá Danny, Danny está bem, embora isso não te interesse nada. Ouve, que se passa? - Ouviu a respiração dele, pesada e arquejante. - Passa-se qualquer coisa. Ou então alguém está a pregar-nos uma partida muito suja.
- Que queres dizer?
- Pronto, eu já te digo. Quando, finalmente, consegui falar com a tua amiga Peg Conway esta manhã, ouvi uma série de aldrabices sobre pessoas que estavam em casa dela e, depois, já não estavam, e garanto-te que não fiquei nada descansado. Por isso telefonei para o número do hotel que ela me indicou, e a mulher de lá disse-me: "Monsieur et Madame sont sortis". Foi o que ela me disse. Claro, pensei que devia haver qualquer engano.
- Kevin, eu já te disse, fazem tudo ao contrário naquele hotel.
- Espera aí. Perguntei à mulher em francês. Disse o teu nome, letra por letra, afirmei-lhe que eras uma senhora que viajava com passaporte britânico e expliquei-lhe que estava a referir-se a um quarto errado. E ela disse-me que não, que a única Redden que lá estava era a Madame Redden e que estava com um senhor e tinham saído ambos. Foi muito positiva. Já percebes agora o que eu queria dizer-te. Ah, ah! - completou ele, com a pequena gargalhada que costumava soltar quando estava nervoso. - "Monsieur et Madame". Comecei logo a pensar

em meter-me num avião e ir para aí. Com uma pistola na mão.
Ah, ah! Estás a perceber?

De súbito, ela decidiu-se.

- Lamento tudo isto, Kevin. Devia ter-te dito já.

- Que queres dizer com isso? Estás a brincar, por Deus, não estás?

116 117

- Kevin, escuta... - Começou a falar, em frases mal alinhavadas, como quando improvisava uma lição que não tinha preparado. - Eu estive no hotel, sim, e não estava sozinha. E não estou sozinha, agora.

- Em nome de Deus, de que estás a falar?

- Devia ter-te telefonado antes. Mas não sabia que dizer-te.

- Dizer o quê? - A voz dele transformou-se num sussurro.

- Quero dizer, quero dizer... - Deteve-se, para recuperar o fôlego. - Que não volto para casa.

- O quê? Espera aí, Sheila. Que sucedeu? Que sucedeu?

- Estou com outro homem.

- Com quem?

- Não o conheces. Não é isso que interessa.

- Espera aí - disse ele; a sua voz tornara-se calma, era a voz que usava com os doentes, controlada, tranquila, uma voz que dava veredictos de vida ou de morte. - Sentes-te bem?

Estás deprimida por algum motivo? Diz-me.

- Não é isso.

- Quem é esse homem?

- Não quero dizer-to.

- Sheila, sabes o que estás a dizer?

- Sei.

- Muito bem, vou apanhar um avião para aí. Chego lá de manhã.

- Não, Kevin, eu não quero que venhas. Telefono-te dentro de dias. Não serve de nada vires. Só pioras as coisas.

- Onde estás?

- Não te digo.

- E se sucede alguma coisa a Danny? Como posso contactar contigo?

- Por favor, Kevin, não tornes as coisas piores. Eu telefono-te depois de amanhã.

- Calculo que Peg Conway esteja metida nisto.

- Não, ela nada tem a ver com isto.

- Está bem. Lamento. Ouve, Sheila... - Ela imaginava-o de pé, no hall, a apertar os lábios, como fazia quando falava com algum doente que estava a atravessar uma crise. - Sei que tenho gozado um bocado à custa do teu irmão Owen. Mas é um ginecologista de primeira classe e, ouve, coisas desse género sucedem a muitas mulheres. Tu ainda és nova para a menopausa, mas não podemos pôr de parte qualquer possibilidade. Há qualquer coisa errada, compreendes? Sei que te custa compreender isto, estás a sofrer as suas consequências, mas, como te digo, sucede muitas vezes. Ora ouve. Se eu pedir a Owen que te telefone, falas com ele? Fazes isso, como um favor por mim?

- Não.

- Porque não? Tu e Owen são muito íntimos, e ele é um bom médico. Dá-me o número e a hora para ele te telefonar. Sim, Shee?

- Vou desligar. Boa noite.

- Shee, escuta... - começou ele.

Mas ela pousou o auscultador; tinha de o fazer, ele estava a tratá-la como uma doente, era o único modo por que sabia tratar dos problemas. Foi ao quarto de Peg, descobriu uma caixa de Kleenex e assoou-se para impedir a saída das lágrimas que começavam a assomar. Depois, por instinto, foi até à porta de entrada e abriu-a. Ele estava sentado nos degraus, meio lanço abaixo. Voltou-se e olhou para ela.

- Não ouvi nada - disse.

- Eu sei. Entra.

- Falaste com ele?

- Sim.

Ele entrou. Ela enfiou de novo a corrente de segurança, depois de fechar a porta. O rapaz encostou o dedo ao rosto dela. Uma lágrima deslizou sobre a sua unha.

- Oh, querido! - disse ela. - Achas que Peg tem conhaque?

Enquanto ela falava, o telefone tocou. Deixaram-no tocar. Ficaram frente a frente, sem se moverem.

O telefone tocou durante longo tempo.

Ele ergueu-lhe o queixo, olhou para ela e depois beijou-a desajeitadamente nos lábios, e, quando lhe tocou, ela abraçou-se a ele.

O telefone continua a tocar. Depois parou. Ela beijou o rosto dele e uma orelha, afagou-lhe o cabelo comprido, passando-lhe os dedos pela cara, como se fosse cega. E, depois, como sobreviventes de um acidente, dirigiram-se, desajeitadamente, inseguros, abraçados, para o quarto de Peg.

O telefone recomeçou a tocar.

Ele libertou-se dela, voltou-se e correu para o hall, arrancando o auscultador do descanso e deixando-o pendurado

118 119

pelo fio. Voltou para junto dela, beijou-a apressadamente e começou a desapertar-lhe a gola do vestido. Ela fê-lo parar. Foi até ao hall e pegou no auscultador, levando-o ao ouvido. Apenas se ouvia o sinal de marcação. Pousou-o no descanso e voltou para junto dele. Suavemente, o rapaz recomeçou a desabotoar-lhe o vestido. e ela ajudou-o, como se fossem ambos crianças, até que, nus, ficaram frente a frente no quarto às escuras, sem correr as persianas, com as luzes do trânsito nocturno lá em baixo, na Place Saint-Michel, movendo-se por entre as sombras do tecto alto, como reflexos caleidoscópicos num salão de baile. Ouviam ao longe o ruído do trânsito, o chiar de travões, o som abafado das buzinas dos carros. De mãos dadas, acercaram-se do grande leito e estenderam-se sobre ele, na face dela havia ainda a marca das lágrimas, o desgosto e a necessidade dele transformavam-se rapidamente em desejo, a ternura dela transmutava-se em luxúria súbita e urgente. Na semiobscuridade, os seus corpos começaram a entrelaçar-se e a

mover-se.

O telefone recomeçou a tocar. Tocou por longo tempo.

Ele fê-la erguer-se, voltando-a para se ajoelhar de costas para ele, com o rosto meio enterrado na almofada macia, nua, como uma vítima sobre o cepo, enquanto ele se erguia, por trás dela, e o seu pênis a procurava e a penetrava. O telefone continuava sempre a tocar, mas, depois de ele a penetrar, ela deixou de o ouvir. Finalmente, parou de tucar, mas ela nem deu por isso. Na semiobscuridade, os seus corpos continuavam a mover-se com violência e com esforço.

120

Segunda parte

Capítulo primeiro

Quando o telefone tocou, nessa noite, o Dr. Deane e a sua família estavam já na cama. Foi depois das notícias das onze, e, enquanto se vestia, ouvia a música de discos que vinha do quarto das filhas. Agnes, a sua mulher, seguia pelo corredor para ir à casa-de-banho e parara junto do quarto delas, batendo a avisá-las: "Anne e Imelda, desliguem isso, vão acordar a avenida inteira!"

O telefone tocou precisamente no momento em que o gira-discos foi desligado. Ele levantou o auscultador, esperando que fosse uma doente.

- Dr. Deane - disse.
- Owen, fala Kevin Redden.
- Oh, viva, Kevin, como estás?
- Escuta, Owen, desculpa incomodar-te a esta hora da noite, mas tenho um problema. Posso ir aí falar contigo? É por causa de Sheila.

- De Sheila? Está doente?
- Não, não é isso. É outra coisa.

O Dr. Deane ouvia a mulher na casa-de-banho, a abrir as torneiras. Baixou a voz.

- Kevin, vou antes eu aí. Talvez seja melhor.
- Bem, custa-me fazer-te sair a esta hora da noite.
- Não faz mal - respondeu o Dr. Deane com voz tranquila, tentando brincar com o assunto. - Estou habituado a chamadas nocturnas.

Estava a vestir-se de novo quando ouviu Agnes sair da casa-de-banho. Parou junto do quarto das filhas, como fazia todas as noites, para perguntar:

- Imelda e Anne, lavaram os dentes?
- Sim, Mamã.
- Então, está bem. Boa noite, minhas queridas.
- Boa noite, Mamã.

Desceu até ao patamar, a abotoar o casaco de tweed.

- Não apagues as luzes do hall - disse.
- Vais sair?
- Que remédio.

- Onde vais, desta vez?

123

- Oh, é um caso na Antrim Road - mentiu ele. - Espero não demorar muito. Não aguardes por mim.

- Leva o cachecol - disse ela.

Chovia. Dentro do carro, pôs os limpa-vidros a trabalhar e lembrou-se de que lhe havia mentido. Detestava fazê-lo. Mas ela tinha o hábito de contar tudo à irmã e a irmã contava à mãe, e toda a gente acabava por saber. E aquilo parecia-lhe assunto grave. Não era nada o género de Kevin Redden telefonar-lhe a pedir ajuda. Ele e Redden não eram muito íntimos, via o cunhado talvez duas vezes por ano em qualquer festa de família, um tipo grande, perfeito, com um riso nervoso e irritante que o desconcertava e o fazia sentir-se pouco à vontade logo que o ouvia. Não era o tipo de pessoa com quem ele esperava que Sheila se casasse. Ela gostava de ler e de teatro. Redden parecia precisamente o contrário - nunca abria um livro, gostava de golfe, da pesca e de coisas no género. Contudo, era bastante esperto, era F. R. C. S. (1) e pertencia ao quadro do Hospital Escolar Real Protestante, o que, tendo em vista o facto de ser católico, revelava a sua categoria. Além disso, Sheila havia-se casado muito nova, numa altura em que ainda se sentia insegura de si própria e das suas possibilidades. Tinha tido preguiça de se empregar, segundo o Dr. Deane se recordava, e era uma rapariga inquieta. Lembrava-se das conversas que haviam tido sobre religião e sobre que fazer na vida que valesse a pena. Esse lado inquieto dela era algo que talvez nem ela própria compreendesse muito bem.

Quando penetrou na estrada de acesso à monumental casa dos Redden, em Somerton Road, viu a porta abrir-se antes de parar o motor do carro. Redden saiu para a noite, bastante nervoso, a apertar-lhe a mão, agradecendo-lhe profusamente que tivesse ido. Nem sinais de Sheila, e, quando entraram na sala, viu que já tinha sido colocada sobre a mesa uma bandeja de prata com uísque, uma garrafa de água Waterford e copos. . A princípio, Redden disse outra vez as mesmas coisas. Que lamentava imenso fazê-lo sair àquela hora da noite. Serviu uísque e ambos ficaram sentados, pouco à vontade,

*(1) Fellow of the Royal College of Surgeon: membro da Real Ordem dos Médicos Cirurgiões. (N. T.)

124

a olhar para o fogo. Depois, de súbito, Redden começou a falar, e contou-lhe a história toda - que havia sido impedido por uma série de incidentes de se juntar a Sheila, a passar férias no Sul da França, que ela tinha ido sozinha, etc., e, finalmente, contou-lhe dos telefonemas.

- Quero dizer, Owen, nem preciso de te explicar que nem queria acreditar no que estava a ouvir. Só posso tirar uma conclusão, é que ela não está bem da cabeça.
- Ela tem estado doente, então?
- Bem, tem umas depressões pré-menstruais.
- Graves?
- É difícil dizer. Tu és ginecologista, eu não. Pensei... achas que poderia ser uma espécie de menopausa?
- Na idade dela? Não, não - disse o Dr. Deane.
- Não percebo. Não faço qualquer ideia de quem possa ser o tal homem. Com certeza que ela não ia fugir com alguém daqui, ao que sei.
- Hum! - disse o Dr. Deane.
- Eu pensei... quero dizer, disse-lhe pelo telefone que talvez tu pudesses falar com ela, Owen. Como irmão e como médico. Ah! ah!
- E que disse ela?
- Oh, estava contra. Digo-te francamente, Owen, não sei o que hei-de fazer.
- É uma grande chatice - disse o Dr. Deane.

Sentia-se mais chocado do que imaginaria. Que ideia a de Sheila de se agarrar a um tipo qualquer, no estrangeiro, e depois contar tudo ao marido pelo telefone. Não parecia normal. Sentiu-se invadir pela angústia: outra vez a história da família. Lembrou-se de Ned, o seu irmão mais velho. Outra história chata.

- Claro, eu podia ir até lá e pôr tudo em pratos limpos - disse Redden. - Mas talvez não fosse a coisa mais razoável a fazer neste ponto. Quero eu dizer, se ela lá está com outro homem, seria apanhá-la em flagrante, por assim dizer. Percebes o que eu quero dizer? Ah, ah! Não podia negar nada, depois.

Infeliz aquela gargalhada, pensou o Dr. Deane, mas o cunhado marcava pontos pela sua sensatez. "Se quer que ela volte, não convém forçar as coisas. Além disso, Sheila não é do género de se deixar amedrontar."

- De qualquer modo, nem sequer sei onde ela está.

125

Tenho telefonado para a casa de Peg Conway, mas ninguém responde.

- Desculpa a pergunta - disse o Dr. Deane -, mas vocês os dois têm-se entendido bem?
- Nem uma discussão.
- Ela teve problemas com homens, antes? Admiradores, etc.?
- Não, não. Ah, ela tem uma certa tendência para o flirt, no entanto. Nem sequer dá por isso. Mas não é nada de grave.
- E antes de partir para férias, como te pareceu ela?
- Bem, estava nervosa. Nisso reparei eu. Preocupada com coisas insignificantes, como se receasse que as férias se estragassem. Claro, nestes tempos, como sabes, quem não anda nervoso, a viver aqui no Ulster?
- E as férias estragaram-se, de certo modo.
- Sim, penso que sim. Eu sei, em parte, a culpa é minha. Para te ser franco, nunca me interessei muito por passar

férias no estrangeiro.

- Diz-me uma coisa - pediu o Dr. Deane -, Sheila falou-te alguma vez da doença do meu irmão?

- Referes-te a Ned, o dentista?

- Não.

- Mas conhece-lo, não conheces.

- Oh, claro, claro. Mas já há muitos anos que não me encontro com ele. Nunca se casou, pois não?

- Pois não. Vivia em Dublin, mas agora está em Cork. Bem, há cerca de três anos, teve uma depressão nervosa. Nenhum de nós soube do caso. Dei por isso casualmente, quando fui a uma reunião em Dublin e o procurei. Estava num estado desesperado. Já não ia ao consultório. Passava o dia sentado no quarto. Com ataques de choro. O caso é que se tinha apaixonado por uma rapariga qualquer, já tarde demais, e ela deu-lhe com os pés. Estava num estado lastimoso, coitado. O resultado disto tudo é que tive de o internar num hospital na Escócia. O psiquiatra recomendou electrochoques.

Kevin Redden assobiou entre dentes.

- Foi tudo feito pianinho, como calculas. Inventámos a história de ele ir fazer um cruzeiro, ganho num concurso, etc. Tratou-se em hospitais de Dublin. Qualquer boato sobre uma doença mental teria afectado a clínica. Além disso, Kitty, a minha mãe não queria que alguém soubesse.

- Mas, agora, está bem?

- Oh, agora está mais que bem. Mudou-se para Cork há dois anos, e vai lindamente. Contudo, o problema é que é sujeito a depressões. E, infelizmente, não é o único da família.

Redden bebeu um longo golo de uísque.

- Ah, sim? - perguntou.

- A minha mãe, aqui entre nós, teve um caso semelhante. Estava na meia-idade quando aquilo sucedeu, de modo que foi atribuído à menopausa. Mas esteve no manicómio de Purysburn, durante alguns meses. Ned e eu sabíamos do caso, mas as raparigas não. E, evidentemente, do lado do meu pai, temos úlceras que é uma coisa por demais. Eu tenho e Eily também.

- Compreendo - disse Kevin Redden. - Ouve, queres outra bebida?

- Não, não, estou bem assim.

Mas Redden ergueu-se, tirou-lhe o copo da mão e insistiu em enchê-lo de novo.

- Então parece-te que no caso de Sheila possa ser algo semelhante? Um ciclo depressivo?

- Não sei. Até agora, ela nunca teve sintomas de depressão ou coisa parecida. Mas é possível que, depois deste episódio, venha a ter problemas.

- Queres tu dizer, se aquele fulano, seja lá quem for, a mandar embora?

- Escuta - disse o Dr. Deane. - Talvez não haja nada de mal com ela. Suponho que saberia melhor o que fazer se a visse.

- Sim. Oh, sim, Owen! Gostava imenso que tu pudesses falar com ela.

O Dr. Deane bebeu um golo do uísque e olhou para a escrivanhinha ao canto da sala, que reconheceu ter vindo de casa da sua mãe. Era a escrivanhinha de Kitty.

- Talvez - disse. - Quinta-feira é o meu dia de folga. Talvez eu pudesse ir a Paris e voltar na quinta à noite. Oh,

talvez pudesse mesmo passar a noite lá e arranjar alguém para trabalhar por mim na sexta. Vou ver o que posso arranjar.

- Ah, se tu, então, me pudesses fazer isso, Owen, era bestial. Eu pago a passagem, naturalmente. É o mínimo que posso fazer.

126 127

O Dr. Deane concluiu que o homem não tinha tacto nem sensatez em assuntos daquele género. Mas, depois, lembrou-se de que a sua Agnes faria o mesmo tipo de oferta.

- Não, não - disse o Dr. Deane. - Eu sou irmão dela.

- Ah, bem, escuta, Owen...

- Não, Kevin. Vou tentar ir na quinta. E telefono-te assim que falar com ela.

- Isso era óptimo. Se ela escutar alguém, serás tu. Sempre me disse que gostava muito de ti.

- Bem - replicou o Dr. Deane -, agora é que se vai ver.

128

Capítulo segundo

Na quarta-feira de manhã, Peg Conway acordou na cama de Ivo. Na noite anterior, quando fora buscar as roupas a casa, tinha-se esquecido de levar uma carta de que precisava no escritório. Por isso, tomou o pequeno-almoço cedo e telefonou para o Quai Saint-Michel. Não obteve resposta. Concluiu que Sheila não atendia o telefone por causa do marido, de modo que, a caminho do trabalho, fez um desvio para ir buscar a carta.

Quando chegou a casa, eram oito e um quarto, mais ou menos. Tocou à campainha, mas não obteve resposta. Voltou a tocar, ouviu um ruído lá dentro, e a porta abriu-se, revelando-lhe Tom Lowry, com o cabelo e os ombros molhados, uma toalha de mãos muito pouco adequada enrolada em volta das ancas. Era um espectáculo capaz de a excitar imediatamente.

- Lamento incomodar. Telefonei antes, mas ninguém respondeu.

- Pois é - disse ele. - Não temos atendido o telefone.

- Vim buscar uma coisa.

- Claro. Entre.

Ela foi até ao quarto, reparando na cama desmanchada, e imaginou-o a fazer amor ali. Subiu para uma cadeira e tirou de cima do guarda-vestidos a grande caixa de cartão em que guardava a sua correspondência particular. Enquanto procurava a carta, ouvia Tom a movimentar-se na casa-de-banho. Quando saiu outra vez, ele estava à espera dela no hall, já seco e vestindo apenas uns blue jeans muito descaídos. Via-lhe a linha dos pêlos do púbis.

- Que tal se sentem aqui? - perguntou ela.

- Óptimos. Eh, não quer tomar o pequeno-almoço connosco?

- Não, já tomei - disse ela, surpreendida consigo própria por não conseguir afastar os olhos do ventre dele; não havia dúvida de que era muito melhor que Kevin.
- Ao menos vou-Lhe fazer um pouco de café. Sheila deve estar a voltar.

129

- Diga-me uma coisa - pediu Peg -, quando é que volta para os Estados Unidos? Ivo disse-me que tem uma reserva num voo charter.

- É verdade. Para o dia vinte e oito. Se formos nessa altura.

- Formos? - Ela não ocultou a sua surpresa.

- Oh! - exclamou. - Não devia ter dito isto.

- Não sabia que estavam nesse ponto.

- Pois estamos. Deseje-me sorte.

De súbito, a recente atracção sexual que sentira por ele transformou-se em raiva.

- Não sei se deva.

- Porque não?

- Não se julga um bocado novo demais para Sheila? No fundo, ela é casada e tem um filho adolescente.

- Deixe-se disso, Peg. A idade não é problema.

"Claro que é, meu rapazinho idiota", apeteceu-lhe dizer, mas calou-se, lembrando-se de que, de certo modo, ela é que tinha dado origem a tudo aquilo, apresentando-os um ao outro.

- Oiça, Tom - disse. - Sou amiga de Sheila há muito tempo. Não sei como é a vida dela em casa. Não faço ideia. Mas, santo Deus, isso é um passo terrível para ela dar, partir assim consigo para a América. Mal se conhecem.

Ele acenou afirmativamente.

- Eu sei. Não estou a tentar obrigá-la a fazer coisa alguma que não queira fazer. Acho que as pessoas devem ser livres de decidir. Se ela resolver ficar com o marido, aceito a sua decisão. Não tentarei pregar-lhe uma partida, garanto-lhe. Fim de discurso.

- Muito bem - disse Peg. - Desculpe-me, se me irritei. Agora tenho de me ir embora. Dê saudades a Sheila.

- OK! E muito obrigado por nos ceder a casa.

Peg saiu e desceu as escadas, com a cabeça invadida pelas notícias que tivera. Seria a vida em Belfast tão desesperada que as pessoas quisessem fugir de lá, fosse como fosse e com quem fosse? Seria isso? Fugir com um rapaz que conhecera uma semana antes! Quando chegou à porta da rua, esta abriu-se e entrou uma mulher que trazia um pequeno embrulho na mão, uma mulher alta com um chapéu de lona azul descaído para os olhos, cheia de pressa, quase chocando com Peg antes de levantar o olhar. Era Sheila Redden.

- Peg? Estiveste lá em cima?

- Sim, tive de ir buscar uma carta.

- Fui agora mesmo comprar croissants. Sobe e toma o pequeno-almoço connosco.

Peg hesitou e depois disse:

- Escuta, podíamos ir até à esquina e tomar um café

rapidamente, só as duas? Quero falar contigo de uma coisa.

- Está bem.

Foram ao Le Départ e pediram dois cafés creme. A Senhora Redden tirou o chapéu de lona.

- Que é isso da América?

A Senhora Redden, sobressaltada, ergueu o olhar, abriu a boca como se fosse rir-se, mas decidiu não o fazer.

- O Tom disse-te?

Peg acenou afirmativamente.

- Bem, não está nada decidido ainda.

- Fico satisfeita por saber isso.

- Porque ficas satisfeita?

- Oh, por amor de Deus! - disse Peg. - Mal conheces o rapaz. Diz-me uma coisa, tens problemas em casa?

- Não.

- Então é Belfast? É a vida lá, as bombas e isso tudo? Compreendo que seja suficiente para te obrigar a fazer uma coisa tão drástica.

A Senhora Redden começou a retorcer nervosamente o chapéu azul entre os dedos.

- Não, não é isso - disse.

- Bem, então o que é?

- Não sei. Nós habituamo-nos às nossas vidas, não tentamos modificá-las. Só compreendi isso quando me apaixonei. Aquilo que estou a fazer parece egoísta. - É aquilo a que as pessoas costumam chamar pecado. Mas sou feliz, de um modo como nunca fui. Será pecado?

- Não. Mas se partes para a América, fazes outras pessoas infelizes. Kevin e Danny. E, no final, talvez tu própria.

O empregado trouxe os cafés. Do outro lado do rio, no Quai des Orfèvres, um carro da Polícia pôs a sireia em funcionamento, afastando o trânsito do caminho, atravessando a Pont Saint-Michel com a sireia a tocar, esquivando-se ao aglomerado de carros em frente do Le Départ, circundando um camião, e partindo, barulhento, pelo Boulevard Saint-Michel fora.

130 131

Quando o silêncio voltou, Peg disse:

- Sheila, não posso crer que fales a sério.

- Mas falo.

- Estás realmente a pensar em deixar Kevin por um rapaz que mal conheces?

- Mas eu sinto que o conheço. Nunca me senti tão próxima de alguém.

- Tens uma paixoneta por ele, é tudo. É jeitoso e sexy.

A Senhora Redden começou a beber o seu café, como se tivesse pressa de acabar com aquilo.

- Desculpa - disse Peg. - Não devia ter dito isto. Mas talvez aches tudo muito diferente daqui a um mês. E, se isso suceder, poderás lamentar-te toda a tua vida.

- Mas agora já não posso voltar atrás. Depois do que se passou.

- Claro que podes. Queres voltar atrás?

- Não quero nada. Estou contente por isto ter acontecido. É só isso que eu penso.

- Mas se isto terminar? - perguntou Peg. - Lembra-te. Eu sei como são as ligações. Julgamos que nunca hão-de acabar. Pensamos que, se findar, nos atiramos ao Sena. Mas a vida não é assim. Tu podes voltar atrás, sabes. As pessoas fartam-se de o fazer.

A Senhora Redden pôs dinheiro sobre a conta que o empregado deixara.

- Talvez. Olha, Peg, tenho de me ir embora. Tenho de ir levar estes croissants a Tom.

- Deixa-me pagar eu.

- Não, já está pago.

- Está bem - disse Peg. - Porque não aparecem por lá esta noite, tu e Tom, para beberem um copo connosco?

- Ficavas muito aborrecida se te dissesse que não? Gostamos de estar sós.

Peg riu-se.

- Bem, pelo menos és franca.

- Peg, posso pedir-te um grande favor? Podemos ficar em tua casa até à semana que vem?

- Claro que sim.

De súbito, a Senhora Redden inclinou-se sobre a mesa e deu um beijo a Peg.

- Tu e Ivo têm sido fantásticos. Nem sabes quanto isto significa para mim.

- Oh, deixa-te disso. Desaparece - disse Peg e sorriu.

Ao ver a amiga pôr-se de pé, colocar o chapéu-de-sol azul e desaparecer a correr, na esquina, com aquele vestido vermelho que provavelmente pensava ser xiquíssimo e que Peg poderia ter-lhe dito estar já fora de moda. "A próxima semana", disse Peg para si própria, "ela quer a casa até à próxima semana. Não é na próxima semana que as férias dela acabam? Sim, é isso, na próxima segunda-feira. Vai para casa, nessa altura. Há-de compreender."

Tom Lowry, na varanda, olhando para o Sena e para a rua, lá no fundo, viu-a, por um momento, no passeio, mesmo por baixo dele, com o seu vestido vermelho e o chapéu-de-sol azul, e, depois, deixou de a ver, quando entrou no prédio. Momentos antes, os sinos da igreja tinham batido as horas. O céu era um pesado e sombrio colchão de nuvens. O vento fazia bater as persianas por trás dele e a chuva salpicava a varanda. Calculava que ela tivesse encontrado Peg. Pensou no que Peg havia afirmado sobre o facto de ele ser novo demais e imaginou se ela teria dito o mesmo a Sheila. Subitamente tenso, entrou e dirigiu-se ao hall. Abriu a porta e ficou a vê-la subir as escadas.

- Encontraste Peg?

- Sim, infelizmente.

- Que te disse ela? Falou de nós?

- Hum, hum! O telefone tocou?

- Não.

- Ótimo. - Foi para a cozinha e colocou os croissants num prato. - Vamos tomar o pequeno-almoço, depois saímos e vamos ver quadros.

- Tenho uma ideia melhor - disse ele. - Vamos fazer qualquer coisa de útil. Tiramos as fotografias para irmos à Embaixada obter o nosso visto de turismo.

- Não, vamos divertir-nos.
- Conseguimos realmente divertir-nos? .
- Porque não?
- Como podes divertir-te, se estás cheia de medo de que o telefone toque? Ou que ele decida vir cá e fazer uma cena?
- Não vem. Se não telefonou esta manhã, é porque se acalmou.

132 133

- OK! E o visto? O meu voo é de hoje a duas semanas. Não temos assim tanto tempo.

- Não! - Levantou-se da mesa como se quisesse bater-lhe. - Ainda não decidi nada, e não vou decidir até me chegar o período. Não posso.

- Desculpa. Desculpa-me, sim?

Ela foi ter com Tom, parou junto dele e abraçou-o, apertando-lhe a cabeça contra a sua coxa.

- Oh, Tom! - disse. - Anda, vamos ao Jeu de Paume ver os Impressionistas. Não falemos disto até amanhã, está bem?

- Está bem.

Na manhã seguinte, depois de um sonho em que ele e a irmã fugiam pela praia de Coast Guard, em Amagansett, perseguidos por dois homens com facas que queriam matá-los, ele acordou alarmado a olhar para um tecto estranho, enquanto o seu espírito o fazia regressar lentamente a Paris, à cama de Peg, com Sheila, ao seu lado. Mas, quando voltou a cabeça, ela não estava lá. Por momentos, ficou à escuta, pensando que já estivesse a pé e andasse pela casa. O único som que ouviu foi o despertador de Peg. Enfiou os jeans e foi para o corredor, pensando que ela tivesse descido para ir comprar croissants para o pequeno-almoço. Mas já havia dois croissants num prato, na cozinha. Ao lado deles, um bilhete.

"Levantei-me cedo e já tomei o pequeno-almoço. Está pão para ti e há café no fogão. Fui dar um passeio. Volto cerca das dez. Beijos. S."

Guardou o bilhete. Uma sensação de alarme, tão ilógica como a que tinha sentido no seu sonho, invadiu-o, enquanto olhava pela janela da cozinha para as sombras do pátio lá em baixo. Chovia. Até àquela manhã, ela nunca havia querido separar-se dele. Mesmo no dia anterior, depois da visita ao Jeu de Paume, quando ela decidira arranjar o cabelo e ele ir dar uma volta, correria atrás dele, a chamá-lo: "Não, não, volta, volta, quero estar contigo, quero estar contigo," repetindo as palavras, como se fossem uma manifestação da sua satisfação. Contudo, hoje, ele estava só. Serviu-se de café e sentou-se, desconsolado, a olhar para a chuva.

A Chapelle d'Accueil ficava num altar lateral mesmo junto à nave, do lado do rio, da Catedral de Notre-Dame. Tinha um confessionário e, em frente do altar, uma mesa com um candeeiro aceso, enquanto o padre estava a atender. Na parede, à esquerda, havia um letreiro:

CONFESSIONS Anglais - English 8-10 12-15 Horaires M. le Père Michel Brault (1)

Sobre a mesa, em frente do padre, havia um grande livro e um dossier que continha folhas de papel com linhas. A Senhora Redden não sabia para que servia o livro nem o que estava escrito no dossier. Saiu das sombras, dirigiu-se à capela, que parecia um pequeno palco iluminado, separado da nave sombria. O padre, o principal actor, ergueu o olhar quando ela entrou e fez-lhe sinal para que se sentasse na cadeira em frente dele, do outro lado da mesa.

- Deseja que eu oiça a sua confissão, Madame? - perguntou, num inglês com forte sotaque.

- Não, desejo apenas falar com alguém.

- Faça o favor - disse ele.

Não parecia um padre. Envergava um casaco de Verão de algodão cinzento, muito semelhante aos que os pastores protestantes usavam no seu país. A camisa também era cinzenta, puída no sítio onde ligava ao colarinho branco de celulóide. Fazia-lhe lembrar o pai, a falar da sua primeira visita a França e a dizer que os padres franceses tinham um ar tão pobre que era uma vergonha. Mas havia sido aquela pobreza que a atraía quando, ao entrar na catedral, por entre a multidão de turistas que se movimentavam, sem rezar, pela nave, vira aquele velho padre gordo e fatigado, sentado à sua mesa junto de um altar lateral, com os óculos baratos deslizando pelo nariz, o seu casaco cinzento puído, as calças largas.

*(1) N. T.: Confissões Em inglês Horário: 8-10 12-15 Rev. Padre Michel Brault.

134 135

Um padre devia ser pobre. Os padres irlandeses não o eram.

Ele olhou-a. Esperava que ela comesse.

- É por causa duma amiga minha. - Havia decidido dizer-lhe assim. - Uma amiga que tentou matar-se.

Ele acenou afirmativamente. Tinha um nariz inchado e picado de bom bebedor. A sua mão, pousada sobre o livro, como se estivesse a fazer um juramento, era grande e branca, não habituada a trabalhos pesados. "Não devia ter começado com isto", lembrou-se ela. "É um erro.", - Padre, sabe se as pessoas que se matam pensam muito nisso antes de o fazerem?

- Geralmente, sim.

- Mas, às vezes, não?

Ele apalpou o nariz inchado com o indicador e o polegar, preocupado.

- Possivelmente. Conhece algum caso desses?

- Bem, esta mulher nunca tinha pensado nisso. Mas, na noite passada, acordou e julgou que quis matar-se.

- Ela disse-Lhe isso?

A Senhora Redden acenou afirmativamente.

- Madame, já pensou alguma vez no suicídio?

Ela olhou-o vivamente.

- Não - disse. - Porquê?

- Porque as pessoas inteligentes pensam muitas vezes nisso. Afinal, como disse Camus, talvez seja a única questão pessoal realmente importante.

Um padre irlandês nunca diria aquilo. De súbito, compreendeu que podia divulgar-lhe a realidade.

- Desculpe. Eu não Lhe disse a verdade. Estou a falar de mim própria. Não de uma amiga.

Ele acenou afirmativamente, esperando que ela prosseguisse.

- Na noite passada - disse -, acordei. Não tinha tido um pesadelo, nem nada do género. Mal acordei, senti-me atraída para a varanda da casa onde estou a viver. Senti que necessitava de subir para o gradeamento e saltar. Era como se algo me guiasse, me obrigasse a fazê-lo.

- Mas não o fez?

- É evidente que não.

Ele sorriu apologeticamente.

- Sim, claro. Mas tentou?

- Quer dizer, se subi para o gradeamento? Sim, subi. Mas, momentos depois, dominei-me e voltei para dentro de novo.

Algures, na zona sombria da Catedral, o organista tocou um acorde, súbito, um som imenso e poderoso como o rugido de um deus. O organista experimentou uma nota aguda, depois uma alta, fina, e começou a tocar a abertura de uma fuga de Bach.

- Talvez deseje castigar alguém - observou o padre.

O som do órgão, erguendo-se, cessou, trovejando, deixando atrás de si um silêncio nos tectos abobadados de pedra.

- Não.

- Às vezes, as pessoas consideram a sua própria morte como um castigo - disse o padre. - Um castigo para si própria. Ou um castigo para os outros.

- Sim. Mas eu não desejo castigar alguém. Nem sequer a mim própria.

O padre fez rodar a cabeça lentamente, como se sofresse de um torcicolo.

- Às vezes, tais desejos são inconscientes.

- Sim, creio que sim. Talvez eu queira castigar-me pelo que fiz. Mas não creio. Sinto-me imensamente feliz, na maior parte do tempo.

- As pessoas felizes não desejam cometer o suicídio, Madame.

- Mas eu sou feliz. Mais feliz do que nunca fui. Mas tenho de tomar uma decisão difícil. Tomá-la-ei.

- E depois de a tomar - perguntou o padre -, continuará a ser feliz?

Ela afastou o olhar e observou a parede à sua direita. Havia nela um enorme quadro a óleo. A inscrição dizia:

SAINT-PIERRE GUÉRISANT LES MALADES DE SON OMBRE Laurent de
1ª Hyre Offert le premier Mai 1635 par 1ª Corporation des
Orfevres

- Não sei - disse. - Seja o que for que eu decida, a minha vida anterior está acabada.
- Madame, é católica?

136 137

- Fui. Creio que já não sou.
- Quando entrou na Catedral, esta manhã, levou os dedos à água benta e fez o sinal da Cruz?
- Sim.
- E pensou Deus está aqui?
- Não, Padre, fi-lo por hábito. E por respeito para com as outras pessoas que podiam ser crentes. Não vim rezar. Caminhava ao longo do Sena a pensar no que me sucedeu na noite passada. Senti que devia falar do assunto com alguém, um médico, talvez. E quando vi a Catedral, pensei: "Talvez um padre tenha experiência, as pessoas contam-lhe coisas deste género." Por isso entrei. E, depois, v i-o.

O padre sorriu, mostrando um grande intervalo entre os dentes da frente.

- Eh bien, espero poder ajudá-la. Talvez me pudesse falar da decisão que tem de tomar.

No silêncio da nave, houve um murmúrio distante dos turistas, o arrastar de muitos pés, quando passou um grupo com o respectivo guia, junto do altar lateral, e alguns olharam com curiosidade para a Senhora Redden e para o padre. Este ignorou a interrupção. Quando os turistas acabaram de passar, a Senhora Redden olhou para ele e abanou a cabeça.

- Não a ajudaria falar do assunto?

A Senhora Redden afastou a cadeira abruptamente e ergueu-se.

- Obrigada, Padre. Já me ajudou bastante falar consigo.
- Devia falar com alguém - disse o padre. - Está a viver sozinha?

- Não.

- Ótimo. Não deve estar só. Deve falar com uma amiga. Fará isso?

Ela baixou a cabeça.

- Ou então venha ver-me outra vez. Estou aqui todos os dias, excepto aos domingos.

- Obrigada, Padre.

- Deus a abençoe, minha filha.

O órgão fez soar notas cristalinas, quando o organista voltou a tocar a abertura de uma fuga. Na nave, um grupo de turistas japoneses reuniu-se num círculo, como se estivesse à espera para executar qualquer manobra complicada. Alguns olharam em volta, como robots,

com pequenos auscultadores nos ouvidos que lhes transmitiam descrições gravadas. Outros tiravam fotografias. Os flashes abriam elipses na obscuridade. A Senhora Redden desceu do altar lateral, atravessou a coxa central esquerda e passou por um grupo de cadeiras vazias. Olhou para o tecto cruciforme, por cima dela, e, ouvindo de novo as profundas notas do órgão, lembrou-se da pergunta que o padre Lhe fizera: "Pensou Deus está aqui?" Não, Deus não está aqui. A Notre-Dame é um museu, a piedade pertence ao passado. Outrora, aquelas naves estavam cheias do poder da fé, com orações e peregrinações, todas as cabeças se inclinavam reverentemente à elevação da hóstia. Outrora, as pessoas ajoelhavam-se ali, na casa de Deus, oferecendo a futura condução das suas vidas contra uma promessa do Céu. Mas agora já não acreditamos em promessas. Que tinha dito o padre? Camus, suicídio, a única questão pessoal realmente importante. Olhou para o altar lateral e viu o padre abrir o grande livro que estava na sua frente e voltar as folhas até chegar a uma página em branco. Viu-o pegar numa caneta antiquada, de aparo, e escrever algo na página.. Estaria a registar a sua visita naquele livro? Uma pequena transacção nos negócios de Deus. Débito ou crédito? Não sabia.

Lá fora, soprava um vento frio saindo de um fole invisível, junto às paredes do jardim do arcebispo, fazendo espalhar um aglomerado de pombos, como se estivesse a dispersar uma manifestação de rua. A Senhora Redden agarrou o chapéu azul, para que não Lhe fugisse da cabeça. O relógio da Pont au Double disse-Lhe que eram quase onze horas. Começou a andar mais depressa. Chovia.

- Preocupado? - perguntou ela.
- Claro que estava. Por momentos, pensei que tivesses voltado para a Irlanda.
- Sem a mala? - Riu-se. - Não me conheces.
- Bem, onde foste?
- Oh, apenas dar um passeio. Desculpa. Deves estar cansado de estar aqui toda a manhã sentado, à espera.
- E estou - disse ele. - Vamos sair. OK?
- Claro.

Enquanto desciam as escadas, ela passou-lhe à frente, descendo dois degraus de cada vez. Ele correu atrás dela, transformando a descida numa corrida a fingir, pensando que a disposição dela parecia muito melhor naquele dia.

Talvez pudesse puxar o assunto ao almoço.

- Para que lado vamos? - perguntou.
- Depende do sítio onde quiseres almoçar.
- O Restaurant des Arts está OK.

Lá fora, a chuva parecia ter parado, mas o céu continuava cinzento, cheio de nuvens. O vento soprava contra os seus

corpos, enquanto caminhavam pela Rue Danton.

- Fala-me lá desse passeio.

- Oh, fui andando ao longo do Sena até à Pont d'Austerlitz e, à volta, entrei na Notre-Dame.

- Que fizeste lá, foste à missa, ou coisa parecida?

- Falei com um padre.

De súbito, ele sentiu-se mal. Em Villefranche, ela tinha-lhe dito que já não era católica praticante. Mas havia vivido tempo suficiente na Irlanda para desconfiar de tais protestos de liberdade. Um padre parecia-lhe má notícia.

- E que tal? - perguntou.

- Ele citou Camus. Surpreendeu-me.

- Camus a propósito de quê? Religião?

- Não, de suicídio.

- Que disse Camus sobre o suicídio?

- Que talvez seja a única questão pessoal importante.

- Camus exagerou.

- Achas que sim?

- Não sabes qual é a única questão pessoal importante?

- Qual é?

- Nós. Como te sentes hoje, a propósito?

- Melhor.

- Apetece-te falar?

Ela abanou a cabeça.

- Desculpa.

- Não, tens razão. Não posso continuar a protelar as coisas. Mas primeiro tenho de telefonar a Kevin.

Um clochard (1) vestindo um sujo fato de algodão azul colocou-se na frente deles, estendendo-lhes uma mão encardida, com a palma cor-de-rosa voltada para cima: "Dis donc, tu veux me donner des sous, quoi? (2)

*() Vagabundo. (N. T.)

(2) Olha lá, dá-me umas lecas? (N. T.)

Tom Lowry afastou-a da mão estendida, do rosto sujo de poeira, dos olhos irados e baços. Anda, disse, encaminhando-a para longe do intruso. Mas o clochard, correndo atrás deles, murmurando palavras ininteligíveis, puxou de uma garrafa de vinho do bolso e, cambaleando alguns passos atrás deles, começou a beber, enquanto o líquido vermelho, como sangue aguado, lhe escorria pelo queixo e pelo pescoço. "Dis donc, toi?" (1) Apressando-se, voltaram a esquina, deixando-o para trás, e foram dar ao Boulevard Saint-Germain, onde, afrouxando o passo, Tom pôs o braço em volta da cintura dela.

- Diz-me - perguntou -, se telefonares hoje ao teu marido, que Lhe vais dizer?

- Não sei. Prometi telefonar-Lhe hoje, é tudo.

- E, se te perguntar se voltas para casa, que Lhe dizes?

- Que não.

- Tens a certeza?

- Sim. Não posso voltar. Agora, já não.

- Então vem para Nova Iorque. Ouve, eu já preparei tudo. Disse-te que o meu voo parte no dia vinte e oito. Bem, ontem, num impulso, fiz uma reserva para ti num avião da T W A, que parte nessa mesma noite. Chegas a Nova Iorque uma hora depois do meu voo chegar ao Kennedy Airport. Eu estou lá à tua espera. Não há problema com o visto de turismo. Temos imenso tempo para o arranjar. Geralmente, segundo parece, obtém-se no mesmo dia em que se pede.

Ela olhou para ele.

- Já reservaste um bilhete para mim?

- Sim. Podes anulá-lo quando quiseres. Espero que não o faças. Vem comigo. Não precisas de te casar comigo.

- Não me vou casar contigo, não te preocupes - disse ela, rindo-se de súbito.

- E se te cansares dos Estados Unidos, ou de mim, haverá mil dólares em teu nome num banco de Nova Iorque. E um bilhete de regresso. Está combinado?

- És realmente um americano maluco.

- Diz que sim. É uma combinação que te deixa as mãos livres.

*(1) Então? (N. T.)

141

- Bem, - disse ela. - Parece que, afinal, sempre estamos a ter a nossa conversa.

- Não é difícil, pois não?

Abruptamente, ela baixou a cabeça.

- Tenho de telefonar para casa. Tenho de o fazer.

- OK! Vamos procurar um telefone.

- Não. Vai tomar um café e espera por mim. Há uma estação de telefones ali na rua. Daqui a um minuto, vou ter contigo.

Ele beijou-a.

- OK! Estou naquele café, além.

No Bureau de Postes, Téléphones et Télégraphes, a sala dos telefones era na cave. Havia uma multidão de gente cheia de urgência, incluindo muitos estudantes africanos e árabes, turistas alemães e ingleses, todos eles à espera de chamadas de longa distância. A Senhora Redden deu o seu número a uma telefonista loura, grávida, que estava sentada junto de um balcão, ao fundo da sala. A telefonista anotou o número num caderno escolar que tinha na sua frente e disse à Senhora Redden que aguardasse. Sentada num banco, entre um velho que cheirava a desinfetante e um estudante negro cujas faces apresentavam as cicatrizes cinzentas da iniciação tribal, esperou, enquanto observava os movimentos das pessoas que entravam e saíam das cabinas, até que a telefonista, de súbito, apontou para ela e gritou: "Madame? Cabine six!" (1)

Entrou na cabina. O telefone tocou. "Parlez, Madame!" (2), gritou a telefonista, quando ela levantou o auscultador. Sentindo-se como uma actriz de um drama idiota, embora assustador, obedeceu à ordem histérica e perguntou automaticamente:

- Está? Está?

- Quem fala? - Uma voz de mulher, muito distante, com sotaque irlandês.
- O Dr. Redden está?
- Não. Quem fala, por favor?
- É a mulher. Quem fala?
- Oh, é a Senhora Redden? Oiço-a muito mal.

*(1) Cabina seis! (N. T.)

(2) Fale, minha senhora! (N. T.)

142

Fala a Senhora Maureen. O Dr. Redden está no hospital. Disse que, se a senhora telefonasse, Lhe desse o número de lá. Quer tomar nota?

- Um momento - disse a Senhora Redden, procurando no interior da mala a agenda, com o seu lápis minúsculo, com a ponta já gasta até à madeira. - Pronto, Maureen.

- Quatro, cinco, quatro, sete, sete.

- Quatro, cinco, quatro, sete, sete?

- Exactamente. Como está Paris, Senhora Redden?

- Óptima, Maureen. Vou ligar agora para este número.

Obrigada.

Saiu da cabina, foi para a bicha ao balcão, pagou a chamada, pediu à telefonista que tentasse o novo número e esperou, de novo, no banco, ao lado de dois árabes pequenos que a olhavam com ares atrevidos, observando-lhe as pernas, até que a telefonista gritou: "Madame! Novamente a cabina", onde levantou o auscultador do telefone que tocava.

"Parlez, Madame!"

- Está?

- City Hospital. Cirurgia - disse uma voz de homem.

- Fala a mulher do Dr. Kevin Redden, de Paris. Ele está?

- Um momento, Senhora Redden, vou ver se o apanho - disse a voz.

E só então, ali dentro da cabina telefónica de Paris, que cheirava a fumo de tabaco rançoso, ela enfrentou a questão, finalmente. Que Lhe iria dizer? Que lhe podia dizer?

- Está, Sheila? - A voz dele soava falsamente alegre.

- Kevin.

- Como estás? Fico muito contente por te ouvir. Esperava que telefonasses ontem.

- Eu disse dentro de dias.

- Está bem, eu sei. Mas não tenho conseguido dormir, a pensar em tudo isto.

- Desculpa.

- Não, não digas isso. Tenho a certeza de que houve erros de parte a parte. A propósito, recebeste o dinheiro que te mandei?

- Que dinheiro?

- Lembras-te do que te disse, quando telefonei para Villefranche, que ia enviar-te umas cem libras para compras?

Bem, mandei-as para o endereço de Peg Conway. Viste-a?

- Sim. Mas ainda não chegou.
- Bem, já devia ter chegado.
- Vou perguntar a Peg. Obrigada. Depois pago-te.
- Deixa lá isso. Estás com Peg, então?

Ela não respondeu.

- Estou só a perguntar porque, se nem tu nem Peg forem a casa dela, o dinheiro pode estar lá à espera.

- Não, está lá alguém.

- Custa a crer. Telefonei para lá na noite passada e ninguém respondeu.

- Eu tirei o telefone do descanso.

- Então, estás lá? Em casa de Peg?

- Sim.

- Compreendo. E como estás? Posso perguntar isso?

- Estou bem. Como vai Danny?

- Está ótimo. A propósito, eu não Lhe disse nada.

- Oh!

- Quero dizer, ainda espero que ele não precise de saber disto tudo.

Ela não respondeu.

- Ouve, Shee, não seria bom eu ir aí e termos uma conversa franca? Talvez se falarmos disto, consigamos descobrir o que houve de errado.

- Não.

- Shee, as pessoas passam por crises destas. Na noite passada falei com Owen. Ele contou-me o que se passou com o teu irmão Ned. Sabias de Ned, não sabias?

Ned. Owen falou-lhe de Ned? Kitty tinha dito para nunca falarmos disso. " - Falaste com Owen? A meu respeito?

- Sim.

- Sobre isto?

- Bem, tinha de falar com alguém. Estou muito preocupado contigo.

- E que disse Owen?

- Bem, falou-me de Ned, disse que Ned tinha tido uma experiência semelhante há três anos e que tudo terminou num esgotamento nervoso. Teve de apanhar electrochoques, ao que parece.

- Oh, meu Deus, Kevin - disse ela, subitamente furiosa. - Que quer Owen dizer por experiência semelhante,? Ned nunca se casou, estudou para padre, até, lembras-te? E depois começou a andar atrás de uma rapariga que não o quis. É uma situação tão diferente da minha como o dia da noite.

- Está bem, está bem, aguenta aí. Foi Owen que se referiu à possível ligação.

- Qual possível ligação?

- Talvez devesse falar disso com Owen.

- Não quero falar com ninguém. - Não conseguia dizer-lhe: Está tudo acabado, Kevin. - Não vale a pena falarmos do assunto. Agora, não. Hoje, não. Ouve - disse Sheila -, ainda preciso de pensar melhor. Por agora, vou desligar.

- Quando falas outra vez?

- Telefone-te no sábado.

- Até lá, não?
- Não.
- Bem, parece que tenho de esperar. É assim?

Ela não respondeu.

- Está bem. Tem cuidado contigo, ouviste?
- Adeus. Dá saudades por mim a Danny.
- Está descansada. Pobre miúdo. Está à tua espera na próxima segunda-feira. Fica muito desapontado, se vieres mais tarde.
- Adeus - disse ela de novo.

Quando pousou o auscultador, chegaram-lhe aos olhos lágrimas de raiva. Desapontado! Danny, com o seu râguebi e o seu grupo para as corridas de bicicleta. Danny, que mal repara se ela está em casa ou não, desde que tenha as refeições a horas.

Subiu as escadas e saiu para o boulevard. O céu estava cor de ardósia e um vento invernosso varria os papéis do chão, como uma tempestade de areia em miniatura. Quando pôs a mão em frente da cara para a proteger, pareceu-lhe ver Ned, com a sua bata branca de dentista, alto e desajeitado, curvando-se para disfarçar a altura. Viu o seu cabelo ralo e avermelhado, o nariz comprido, afilado e vermelho na ponta. Trazia na mão um fino instrumento de aço e sorriu quando ela o empurrou, infantilmente, pensando que era uma broca. "Então, é só um espelho,", disse, mostrando-lhe um pequeno círculo inclinado,

144 145

na ponta do instrumento. "Agora, vamos dar uma olhadela."

Owen tinha-lhe dito que, quando visitara Ned, daquela vez, no seu apartamento em Leeson Street, o encontrara sentado, de roupão, ao meio-dia. Desatara a chorar quando Owen falara com ele. Estava incapaz de se mexer, incapaz de se ocupar das suas necessidades mais simples. "Sofria de má nutrição, calcula", dissera Owen. Mas Ned estava perfeitamente bem, agora. Eily tinha-o visto no Verão anterior. Quando ela fora a Cork, ele havia-a levado a passear no seu carro. Tinham ido até Cobh, perto do mar. Ela disse que Ned estava normal, mas mais calado, não tão alegre como costumava ser.

Nunca deviam falar de Ned fosse a quem fosse. Kitty fixara essa regra e todos haviam concordado. Ela nunca contara a Kevin, porque fizera aquela promessa. Contudo, na noite anteriór, Owen contara-Lho, sem mais nem menos.

- Que tal foi? - perguntou Tom Lowry, levantando-se quando ela chegou junto da mesa.
- Tudo bem.
- Não pareces muito bem.
- Estou bem.
- Queres café? Ou queres almoçar?.
- Não - disse ela. - Come tu qualquer coisa. Depois voltamos para casa.

- Il y a une lettre recommandée pour vous, Madame - disse a concierge. - Je l'ai mise en aut. (1)

A carta registada tinha sido metida por baixo da porta. Estava no chão de madeira polida, ao lado de uma circular e de

um jornal. Um selo inglês, o seu nome e endereço na letra de médico, de Kevin. "Deve ser a tal", pensou ela. Abriu-a e encontrou uma ordem de pagamento sobre o Barclays Bank, em França, no valor de cem libras. E, junto, um bilhete dele, escrito em papel da clínica.

*(1) Chegou uma carta registada para si, minha senhora - disse a porteira. - Deixei-a lá em cima. (N. T.)

146

KEVIN REDDEN M. B., F. R. C. S. 22 CLIFTON STREET BELFAST

Querida Shee

"Aí vai o dinheiro de que te falei em Villefranche. Estou muito preocupado, mas, tenta compreender-me, és tu quem me preocupa. Pensa em nós. Danny manda-te saudades. Beijos do Kevin".

Amarrotou o bilhete e enfiou-o na bolsa. Colocou o sobrescrito com a ordem de pagamento na mesa do hall.

- Tom?

Ele saiu da cozinha:

- Diz.

- Apetece-te deitar-te?

Ele riu-se e agarrou-a pela cintura, levantando-a no ar.

- Sou grande demais, põe-me no chão.

- Não, não és.

Rapidamente, levou-a ao colo para o quarto e depô-la sobre a cama de Peg.

- Oh, meu Deus! - gritou ela, ao cair sobre o colchão. - Vais partir a cama.

- Cala-te - disse ele. - Despe-te!

Pôs-se de pé na cama, enrolando os collants, para os despir. Tirou o resto da roupa e, nua, ficou de pé junto dele, que se curvava, de costas para ela, para despir as calças. Esperou até que ele ficasse nu e, depois, com insegurança, caminhou sobre o colchão macio e trepou para as costas dele, colocando-se-lhe às cavalitas, como fazia com o pai, quando era pequena. Rindo, ele agarrou as pernas dela, com as mãos para a frente, como estribos, e, com os braços dela em volta do pescoço, ambos nus, correu para a sala e depois, voltando-se, percorreu o corredor até à cozinha, enquanto ela o esporeava, a ele, ao seu garanhão, com os calcanhares descalços.

- Volta para a cama - gritou. - Hop, adiante!

A campainha da porta tocou.

Ele parou, escorregando, no centro do hall.

- A concierge? - sussurrou ela.

Ele voltou-se e, sempre com ela às cavalitas, correu para

o quarto e fechou a porta com um pontapé. Pousou-a no chão e ficaram ambos à escuta. Não era a concierge. A porta do hall não se abriu. Em vez disso, pouco depois, a campainha soou de novo. Ele olhou para ela.

- Quem será?

Ela encolheu os ombros, espantada. Ele estendeu a mão para os jeans.

- Queres que vá abrir?

Ela abanou a cabeça. A campainha soou uma terceira vez. Ele enfiou os jeans.

- Vou espreitar pelo ralo.

- Não. Podiam ver-te abri-lo.

Sentou-se na cama e ele sentou-se a seu lado. Ela parecia tremer. A campainha voltou a tocar, e ambos continuaram sentados, prisioneiros daquele som, à espera. Mas não houve um quinto toque. Ao fim de algum tempo, ela levantou-se, vestiu a saia e a blusa e, descalça, sem roupa interior, foi até ao hall. Ele foi ter com ela, precisamente no momento em que ela se baixava para apanhar o pedaço de papel que tinham metido por baixo da porta. Era uma folha dobrada e, nas costas, estava escrito Miss P. Conuay.

- Para Peg - disse.

Mas, nessa altura, o papel abriu-se pela dobra. E ela viu o cabeçalho.

54 DUNDRUM ROAD BELFAST

Cara Peg

15.15 h

Estou em Paris e fico cá esta noite, no Hotel Angleterre. estou ansioso por contactar com Sheila, mas não sei onde encontrá-la. Se puderes ajudar-me, contacta comigo para o meu hotel. Entretanto, vou esperar um pouco no café da esquina, para o caso de voltares daqui a momentos para casa. Cumprimentos.

Owen Deane

P. S. - Telefonei para o teu escritório, mas disseram-me que tinhas a tarde livre.

Entregou-lhe o bilhete e observou-o enquanto lia.

- Quem é Owen Deane?

- É o meu irmão.

148 149

Capítulo terceiro

Aproximou-se da esquina da Place Saint-Michel, como se estivesse no seu país e lhe dissessem que havia um atirador na rua seguinte. Por momentos, perguntou a si própria se ele lá estaria com Agnes. Agnes, que era muito capaz de o obrigar a trazê-la com ele, mesmo nesta penosa viagem. Mas, quando chegou à praça, protegida pela multidão que saía e entrava no metro, viu o irmão, sozinho, no Le Départ, na extremidade do café, perto da Rue de la Huchette. Tinha à sua frente uma cerveja e um jornal, mas não o lia. Parecia mais interessado nas antiguidades expostas pelos rapazes e raparigas, que tocavam viola, abancados junto das fontes do centro da praça.

Ele não a tinha visto. Estava com o aspecto de um turista, com a sua gabardina assertoada, o chapéu verde de aba estreita. Que velho parecia, que falhado. Num momento de culpa, pensou: "Se tiver de o apresentar a Tom, vai fazer-me parecer velha." Mas, depois, ele tirou os óculos e pegou no jornal, com o seu ar estudioso e preocupado, que Lhe fez lembrar o irmão quando era mais novo. Pobre Owen, devia estar a recear aquele encontro.

Saiu do seu esconderijo perto do quiosque dos jornais e passou, por ele como se não o visse. Mas ele não reparou nela. À esquina da Rue de la Huchette, ela parou e olhou para trás. Ele olhava para o lado oposto. Dirigiu-se rapidamente para o café, parou por trás dele e, inclinando-se, disse-lhe ao ouvido: "Desculpe-me, senhor. É um detective particular?", Ele assustou-se, voltou-se de repente e pôs-se de pé de um salto, arrancando os óculos do nariz, agarrando-a desajeitadamente, apertando-a num abraço. A cara dele arranhou-a, apesar de a barba estar feita.

- Sheila. Ias-me matando com um susto.

Ela continuava a abraçá-lo, muito apertada a ele; nunca tinha percebido porquê, mas, quando se encontravam, ela e a irmã ou os irmãos, de súbito, todas as mulheres, maridos e filhos deles pareciam membros de outra raça, sem fazer parte da família, daquela família cuja dedicação era anterior a todas as outras.

149

Mesmo com Ned, o irmão com quem já não estava em contacto, sentia o mesmo. Era como se fossem sobreviventes de um outro país, de uma minúscula nação, cujas recordações históricas se limitavam a brincar a agarrar em casas chuvosas e alugadas em Portrush, no Verão, a serem alinhados dois a dois pelo pai para marcharem para o Pool à tarde, para nadarem; a competir para ganharem medalhas em embaraçosos concursos de poesia; ao

dia em que uma criada chamada Annie matara um rato nas águas-furtadas; e todos ficarem muito quietos depois do jantar, na esperança de que Kitty se esquecesse de os convocar para rezarem o terço; aos gelados de domingo, quando um dos rapazes ia ao McCourt comprar palhinhas e duas garrafas de limonada; e àquela famosa fotografia de família em que o pai os dispôs sobre um escadote, encostado à casa das ferramentas do jardim, todos vestidos com os seus casacos novos, barretes da escola e luvas, em quatro degraus da escada, o mais velho no cimo, enquanto Kitty, com o cigarro pendurado da boca, erguia o flash e o pai, espreitando-os pela Rolleiflex, ordenava a todos que sorrissem.

Naquele momento, o segundo a partir do cimo da escada sorria-lhe com certo cuidado.

- Peg disse-te que eu estava aqui?

- Não - respondeu ela. - Eu estava lá em casa quando tu bateste, mas não abri a porta. Depois, vi a tua nota.

- Bem - disse ele, e, confuso, fez um gesto apontando para a mesa. - Senta-te, sim?

- Chegaste agora mesmo?

- Sim, há cerca de uma hora. Queres beber alguma coisa?

- Um café, talvez.

- Tens a certeza de que não queres qualquer coisa mais forte?

- Qual é a tua ideia? Embebedar-me e levar-me para casa?

Ele sorriu.

- Pelo menos, encontrei-te. Tinha um pressentimento horrível de que fazia toda esta viagem e não te encontrava. Ou, então, que te encontrava e tu me agredias com a mala na cabeça.

- Ainda posso fazer isso.

Então, olhou em volta.

- Paris. É bonito, isto, não é?

- É.

- A nossa família ganhou horror às viagens. Vamos sempre para Donegal e Galway, e coisas no género.

- Eu sei.

- Imagina que Eily e Jim levaram os miúdos a Espanha no ano passado. Parece que se divertiram muito por lá.

Ela fez uma careta.

- Naquelas horrorosas aldeias de férias britânicas na Costa del Sol. Mais valia não saírem do país.

- Contudo, não posso atirar a primeira pedra - disse o Dr. Deane. - Tanto Agnes como eu adoramos Kerry. As miúdas também. É quase uma segunda casa para elas.

- Como vão as pequenas?

- Oh, muito bem. Imelda passou no exame, na semana passada. Agnes e eu ficámos encantados. Saímos e comprámos uma garrafa de champanhe, para festejar.

Ela sorriu.

- E Agnes, como está? - perguntou.

- Está em excelente forma. Já te tinha dito que é campeã de golfe? Ganhou a taça para senhoras do seu clube, no mês passado.

- Fantástico.

- É verdade, anda a escrever poesia, também. Há pouco tempo, publicaram um poema dela, num jornal religioso, The Messenger. Já é um começo, não te parece?

Ela olhou-o. "Pobre querido Owen."

- Na verdade, é - disse.

Durante a pausa que se fez, ele chamou o criado.

- Queres creme no teu café?

- Não - respondeu. - Un express - disse ao empregado.

- Bien, Madame.

- Esqueço-me sempre - disse ele. - Estás em tua casa, aqui em França.

- Sim. Sempre me senti em casa, aqui. No meu país é que não.

- Lembras-te daquela vez em que aqui estivemos os dois, há anos, a caminho de visitar o Tio Dan, em Haia?

- Tem piada - disse ela -, pensei nisso mesmo, há dias.

150 151

- Lembro-me que fiquei muito impressionado com o modo como afastaste o carregador, em francês. Em calão e tudo.

Ela sorriu e acenou com a cabeça. "Quando é que ele entrava no assunto?"

Foi como se tivesse falado em voz alta. O irmão tirou o seu feio chapéu da cabeça e pousou-o sobre a cadeira ao lado. "Que ralo já está o cabelo dele. Que idade tem ele? Oito anos mais do que eu?"

Ele voltou o rosto para o céu cinzento, como se estivesse a tomar banhos de sol.

- Diz-me uma coisa, Sheila, como te tens sentido?

- Como é que vocês os médicos dizem? O melhor que é de esperar.

Ele voltou-se para a olhar. Havia bolsas acastanhadas por baixo dos seus olhos azuis-claros.

- Falei com Kevin uma noite destas.

- Já sei. A quem mais falou ele do caso?

- Ninguém - disse o Dr. Deane. - Agnes sabe, claro, mas não te rales, fica muda como um penedo, garanto-te.

Viu a descrença no rosto dela. Não podia culpá-la. Acabou a cerveja.

- Que te contou Kevin, exactamente?

- Contou-me que tu Lhe disseste que talvez não voltasses para casa.

- Nada mais?

- Disse-me que tu Lhe afirmaste que tinhas alguém. Outro homem.

- Isso surpreendeu-te, Owen?

- Sim, é verdade. Embora eu pense que essas coisas acontecem. As pessoas passam por um período de mutação. Querem mudar as suas vidas. Acredita, vejo disso todos os dias nas minhas doentes.

- Tu só tratas com mulheres.

- Sim, trato com mulheres, evidentemente, mas isso também sucede aos homens.

- E porque te parece que as pessoas queiram mudar as suas vidas?

- Geralmente, porque estão a chegar à meia-idade. Sentem-se insatisfeitas. Querem realizar qualquer coisa.

- E tu tratas do caso como de um problema médico?

- Eu não disse isso.

152

- Kevin acha que é um problema médico.

Ele olhou-a de soslaio.

- Kevin disse-te isso?

- Tu e Kevin discutiram o meu caso. Bem o sabes. Tu até lhe contaste da depressão de Ned. Acho que foi indecente da tua parte. Numa coisa tinha Kitty razão, o que sucedeu a Ned só a ele diz respeito, a mais ninguém.

- Kitty está morta - disse o Dr. Deane. - Por isso não vou criticá-la. Mas acho que ela estava erradíssima. Teria sido muito mais fácil para Ned se os seus amigos e a sua família tivessem reconhecido abertamente o que se passava com ele.

- Talvez. Mas concordámos não dizer a ninguém. Eu nem sequer falei do assunto a Kevin.

O empregado chegou, pôs-Lhe a chávena de café à frente, metendo a conta por baixo do pires. O Dr. Deane apontou para o seu copo de cerveja e disse desajeitadamente: "Encore, s'il vous plait. (1)

- Pois - disse ela -, o que tem a ver a depressão de Ned com tudo isto?

- Sheila, posso fazer-te umas perguntas?

- Que perguntas?

- Como te tens sentido? Tiveste falta de apetite, insónias, tonturas, dificuldades em te concentrares, irritabilidade? Tiveste alguma coisa deste género?

- Não. Sinto-me muito bem, obrigada.

- Não te tens sentido deprimida?

- Não.

- A ideia de deixares o teu marido e o teu filho não te aflige?

- Claro que sim. Mas isso não é uma depressão.

- Está bem, não é depressão, per se. Mas com certeza que não te sentes feliz com o que estás a fazer, pois não?

- Não sei, Owen. É complicado. Na maior parte do tempo, sinto-me feliz. Sinto-me viva, de um modo como nunca me senti. Mas, na noite passada, acordei e apeteceu-me suicidar-me. Creio que sei porquê. Foi porque não sentia coragem para enfrentar o que me está a suceder. Procurava ainda uma saída. Uma maneira de continuar a sentir o que sinto,

*(1) Outra, se faz o favor. (N. T.)

153

sem ter de pagar por isso. Agora já sei que não é possível. Tenho de pagar. Aceitei a ideia.

- E como vais pagar, dizes-me?

- Não sei. Mas sei que não posso voltar para casa. Essa parte da minha vida acabou.

- Não acabou - disse o Dr. Deane. - Que tolice! Não podes fazer que o teu marido e o teu filho desapareçam da tua existência, só por o queres.

- Talvez. As pessoas fogem das suas vidas. Nunca leste daquelas histórias - nos jornais - sobre um homem que sai de casa, dizendo que vai comprar cigarros à esquina e nunca mais se ouve falar dele?

O empregado trouxe outra cerveja.

- A questão é - disse o Dr. Deane -, que tu não és um homem, e não desapareceste. Na verdade, deves mesmo achar isso muito difícil.

- As mulheres também desaparecem.

- E de que ias viver?

- Tenho as minhas acções da Consul e as outras que Kitty nos deixou. Já me chegavam para alguns meses, para começar. As minhas acções ainda estão em teu nome, não estão?

- Estão - disse o Dr. Deane. - Queres que as venda?

- Sim, agradeço-te. Podias mandar-me o dinheiro.

- Então esse teu novo homem não pode sustentar-te?

- Eu não disse isso.

- Desculpa. - O Dr. Deane provou a cerveja. - Sheila, que se passa? Não eras feliz, em casa?

- Tu és feliz em casa? Alguém o é?

- Referes-te à Agitação?

- Oh, meu Deus, não. Não se pode culpar a Agitação por tudo. Isso tornou-se a nossa grande desculpa. Temos a Agitação. É a única coisa em que acreditamos.

- Não sei se estou a compreender-te bem, Sheila.

- Os protestantes não acreditam na Inglaterra e os católicos não acreditam em Deus. E nenhum de nós acredita no futuro.

- Isso é um prognóstico muito sombrio, devo dizer-to.

- Em que acreditas tu? Acreditas que se viveres uma boa vida na Terra irás para o Céu? Acreditas na política? Acreditas em tentar fazer deste mundo um local melhor para se viver? No tempo do Pai, as pessoas acreditavam nessas coisas. O presente fazia sentido, porque eles acreditavam que haveria um futuro. Hoje em dia, todos nós pensamos é em viver o melhor possível. Não é verdade?

- Por isso é que decidiste fazer isto? Para te divertires?

- Não. Aconteceu-me.

- Mas não pode durar - disse o Dr. Deane. - Sabes isso, não sabes?

- Isso não está em causa.

- Está, sim - disse o Dr. Deane. - Ouve, não fiques zangada, mas Kevin deve ter razão. Essa tua decisão pode ser sinal de perturbação mental.

- Como Ned? Oh, Owen, por amor de Deus!

- Pronto, mas a verdade é que o problema dele começou com um caso de amor.

- Não há comparação.

- Então vamos pôr o caso de outra maneira. Ned teve uma depressão nervosa. Mas não foi o único. É possível que tenhamos uma fraqueza desse género na nossa família.

- Quem é que teve isso? Quem mais? - De súbito, sentiu-se assustada.

- Kitty.

- Kitty?

- Foi depois de tu nasceres. Parece que tinha a mania do suicídio. De qualquer modo, passou três meses no manicómio de Purtysburn.

- Mas isso não sucede às mulheres, por vezes, depois de terem um bebé, essa mania do suicídio?

- Depressão pós-parto. Sim. Mas não creio que fosse o caso dela.

Sheila inclinou-se para a frente e fechou os olhos. O ruído do trânsito pareceu-lhe invulgarmente alto.

- Foi para isso que vieste? Para me assustares?

- Vim ajudar-te, se puder. Estou preocupado contigo.

- Então pensas que eu possa estar a sofrer de uma perturbação mental?

- Podes estar a fazer aquilo a que os psicanalistas chamam acting out. (1)

*() Expressão usada em psicanálise para designar as acções que apresentam, na maior parte das vezes, um carácter impulsivo, rompendo com os sistemas de motivação habituais do indivíduo. (N. T.)

154 155

- Não achas possível que eu me tenha apaixonado?

- Sim, claro - disse o Dr. Deane. - Mas isso não significa, necessariamente, que estejas bem. Ouve, quem é esse tipo? Posso conhecê-lo?

- Não.

- Porque não? Tens vergonha dele?

- É americano. É dez anos mais novo do que eu. Só nos conhecemos há duas semanas e estamos a viver juntos. Ele quer tomar conta de mim. Quer que eu vá com ele para a América e me case com ele. Ou não case com ele. A decisão é minha. E é tudo. Tenho a certeza de que isto só confirma o teu estúpido diagnóstico.

- Eu não fiz qualquer diagnóstico.

- Bem, seja como for, é esta a situação. Sou como o homem que saiu para comprar cigarros e não voltou. Esquece-me. Oh, sim. Vende-me as acções, está bem? Escrevo-te uma carta a dizer-te para onde deves mandar o dinheiro. Fazes-me isso?

- Vendo-as logo que receber a tua carta. Está bem?

- Obrigada. Agora, quero que voltes para casa, Owen. Nada podes fazer aqui. Pensas que posso estar louca. Eu sei que não estou. Por isso, vamos despedir-nos. Com amizade.

- Oh, deixa-te disso. Pelo menos, jantamos juntos.

- Desculpa. Tenho um encontro.

- Bem, posso juntar-me a ambos?

- Não.

E então, envergonhada, estendeu a mão por cima da mesa e agarrou na dele. Apertou-a.

- Desculpa, Owen.

Mas, nesse momento, viu, a cinquenta metros de distância, Tom Lowry, de pé, junto da entrada do metro, a observá-los. Como ousava ele espiá-la? Tinha-lhe dito que a esperasse em

casa. Mas, apesar de furiosa, sentiu, ao mesmo tempo, a excitação de o ver. Soltoou a mão do irmão e disse:

- Muito bem, se só vais amanhã, tomo o pequeno-almoço contigo. Estou no teu hotel por volta das oito.
 - Óptimo, Sheila. Tenho de telefonar a Kevin esta noite. Que vou dizer-lhe?
 - Diz-Lhe que não há nada a fazer.
- O Dr. Deane curvou a cabeça.
- E quanto a Peg, ela está por aí?
 - Sim. Porquê.

156

- Talvez ela jante comigo. Não te importas que eu entre em contacto com ela, pois não?

- Ela também é tua amiga - disse a Senhora Redden.

Procurou o número do telefone de Ivo e escreveu-lho num papel que Lhe entregou, enquanto se punha de pé.

- Pronto. Qual é o teu hotel?

- O Angleterre.

Ela inclinou-se e beijou-o no rosto.

- Até amanhã de manhã - disse.

Dirigiu-se rapidamente para a rua, misturando-se com a multidão. Avançou até à beira do passeio, esperou com as outras pessoas e, depois, quando a luz mudou para verde, atravessou apressadamente a praça para se meter no passeio central, donde, quando no segundo semáforo surgiu o verde, partiu para a segurança do passeio do outro lado da praça. Depois, voltou-se e viu que Tom, que a seguira, ficara detido no passeio central pela luz vermelha. Viu-o olhar para os automóveis que se aproximavam e atravessar a correr, a pouca distância deles. Sentiu o coração apertar-se-Lhe de medo, até ele atingir a segurança do passeio. Quando ele correu ao seu encontro, abraçou-o.

- Podias ter morrido!

E, então, abraçada a ele, recordou-se do irmão. Voltou-se e olhou através da praça para o local onde ficara sentado. Nessa altura, o irmão acenou-Lhe. Lentamente, ergueu o braço e acenou-lhe também.

157

Capítulo Quarto

Na manhã seguinte, depois de tomar o pequeno-almoço com a irmã, o Dr. Deane tomou o autocarro para Orly. Tinha deixado de fumar três anos atrás, mas, quando chegou a Orly, foi direito às lojas francas, comprou um maço de Gauloises e abriu-o. A primeira fumaça fê-lo sentir-se tonto. Aspirando o fumo, foi a outro balcão e, como penitência, comprou frascos de água-de-colónia Chanel para a mulher e para as filhas.

Depois, ainda a fumar, entrou no bar e pediu um brande com soda. Tinha pensado em telefonar a Agnes do aeroporto para Lhe dizer que voltava para casa, mas, depois de beber o brande, pediu outro e decidiu fazer a chamada quando parasse em Londres. A meio do segundo brande, mudou de ideias e perguntou ao barman onde ficavam os telefones. Mas, quando começou a dirigir-se para as cabinas, ouviu a chamada para o voo de Londres.

Pronto. Teria de decidir mais tarde o que contar-lhe. Não ia dizer-lhe que havia perdido a calma e gritado com Sheila. Era exactamente o que Agnes gostaria de ouvir. Contudo, era isso que tinha feito. Que maneira era aquela de tentar ajudar as pessoas, pôr-se aos gritos com elas? Devia ter ido ao Louvre esta manhã, ver alguns quadros, e, à tarde, ir pedir-lhe desculpa. Um médico nunca devia tentar tratar a própria família. Não resulta. Se o seu pai tivesse sido médico, que teria feito? Que lhe teria dito?

O Dr. Deane dirigiu-se para o avião a pensar no seu pai e nos grandes amigos do seu pai, o Dr. Byrne e o juiz McGonigal, recordando as suas discussões sobre Shaw e Joyce, sobre a política de Mussolini em relação ao Vaticano, e a moralidade da neutralidade da Irlanda durante a guerra. Não eram intelectuais, mas homens que liam muito, que gostavam de discutir e desprezavam o golfe, que nunca se preocupavam com as dimensões das suas casas nem com o modelo dos seus carros. Aquela antiga geração apaixonada, culta, devota, ainda Lhe parecia mais admirável e interessante no seu entusiasmo e inocência do que as gerações posteriores a que pertencia. O seu pai teria destruído os argumentos de Sheila. O seu pai nunca poria o prazer diante dos princípios, como Sheila fazia,

159

especialmente num affaire du coeur. Mas aquela antiga geração vivia na certeza das suas crenças, como Sheila dissera. Era esse o ponto, exactamente esse. Se estivessem em 1935, e Sheila fosse a irmã mais nova do seu pai, toda a conversa teria sido conduzida dentro de um contexto de pecado. Ele só poderia conduzi-la no contexto da doença. O seu pai teria falado das obrigações morais em causa. Ele apenas podia avaliar os riscos emocionais.

E, mesmo assim, caminhava sobre gelo fino. Saberia se ela estava doente, de facto? Claro que não. Na sua opinião, aquilo que ela está a fazer pode pôr em perigo a sua saúde mental e causar-lhe desgostos e remorsos. Mas teria a certeza absoluta disso? Todas as suas opiniões são reversíveis. Dizem que isso é sinal de inteligência, mas será? Há quinze anos, as pessoas como ele liam Freud como se tivessem descoberto a resposta. Parecia-lhes um génio. Hoje, já não estava tão certo disso. Contudo, quando falou essa manhã com Sheila, tinha a boca cheia de frases de livros de psicanálise, muito confortáveis porque oferecem uma explicação que se adapta aos seus preconceitos. O acting out, o estado de fuga,, etc. Tudo vem nos livros. Os livros têm constituído o seu substituto para a vida. Que sabe ele sobre uma mulher apaixonada? Raios

partam isto tudo. Ela parecia feliz, não parecia? Pode faltar-se de afirmar a si mesmo que ela está a atravessar uma fase maníaca, mas não é psiquiatra, é ginecologista. Para que se meteu nesse assunto?

Talvez por causa de Ned. O único inferno que conhece verdadeiramente é o inferno da depressão nervosa de Ned. E como se pode explicar esse inferno a uma pessoa que se crê feliz? Que está - como ela disse - "em estado de graça"?

A hospedeira, no cimo da escada, verificou o bilhete, sorriu-lhe e disse-lhe que se sentasse onde quisesse, na classe turística. Havia tão poucas pessoas no avião que tinha uma fila de três lugares só para ele. Tirou o chapéu e colocou-o ao lado, por cima do Times. Na noite anterior, ao jantar, aquele jugoslavo havia dito que o tal americano estava louco por Sheila. Como tinha ele dito? "Apaixonar-se é um crime geralmente cometido pelos inocentes. Por isso, raramente se safam." Muito aforísticos, aqueles franceses. Só que ele não era francês.

Mas Peg Conway pensa que tudo aquilo acaba na semana que vem, quando Sheila deixar a casa dela. Assim esperava,

160

mas não acreditava. Pensa que ela é uma fugitiva nata: vai fugir com aquele rapaz. Existe aquele toque de excentricidade na sua família, uma certa instabilidade. Ned e Kitty, e agora Sheila. Não esquecendo ele próprio. Não, não se esquecia dele mesmo.

Quando o avião levantou voo, endireitou-se, rígido, com as mãos agarradas aos braços do assento. Atravessavam uma nuvem muito espessa e ia jurar que o motor da esquerda estava a funcionar mal. Outrora, teria dito um acto de contrição, naquele momento. Mas apenas se lembrou que Agnes havia dito que abria uma loja de confecções, se algo lhe acontecesse. O que era um disparate, porque ela não tinha jeito algum para negócios, nunca conseguiria dirigir uma loja. O avião começou a abanar. Se se despenhar, Agnes vai culpar Sheila da sua morte.

Mas então o avião penetrou num céu azul e vazio e o letreiro de apertar os cintos apagou-se. Aquela excentricidade da família. Se Sheila tivesse juízo, compreenderia que só a esperam chatices. Como diziam as velhas de Donegal acerca de uma rapariga solteira que ficara grávida: "Está agora a chorar o que riu no ano passado." Com Sheila, sucederá o mesmo. Ele avisou-a, disse-lhe: "Estás a portar-te como uma idiota e uma egoísta, quanto tempo pensas que isso vai durar? Daqui a dez anos, vais parecer mãe do rapaz."

Claro, nessa altura ele já estava a gritar. Verdades que era preferível calar. Antes disso, que diabo, estavam a conversar sensatamente. Antes de começar a berrar, disse-lhe: "Falas de ser feliz agora. Mas pergunto-te: Achas que podemos ser felizes nesta vida?", E ela riu-se e acusou-o de ser ainda católico. Mas ele respondeu-lhe: "Não, falando a sério, achas que é possível a alguém ser mais do que intermitentemente feliz na vida? A felicidade contínua não é um estado possível

para quem tem miolos. Se fôssemos sempre felizes, tornávamo-nos insensíveis e egoístas a toda a infelicidade que nos rodeia. És feliz agora, concordo. Mas acho que isso não pode durar."

"Eu também acho", disse ela.

"Bem, então, voltou ele, se não durar e te deixar ainda mais infeliz do que eras antes, valerá realmente a pena tudo aquilo que pareces disposta a sacrificar por isso?", E ela disse que isso não era coisa que se pudesse avaliar. Afirmou: "Kevin costumava dizer-me que a vida não era dançar de olhos fechados. Conheces essa canção?

161

Dizia que eu não era prática, que eu nunca enfrentava os factos. Estava enganado. Se eu não fosse prática, nunca me havia casado com ele. Teria ido para Londres ou Paris e tentado arranjar um emprego, por muito pouco lógico que isso possa parecer. Se eu fosse romântica, tentaria uma vida diferente.", "Mas podias não a ter encontrado", replicou o irmão. "Sim, é verdade", disse ela. Mas tinha tentado. É disso que me culpo agora. De não ter tentado."

E, raios, aquilo irritou-o, e disse-Lhe: "Acho que é um bocado tarde para tentares agora."

Nunca devia ter dito aquilo. Foi nessa altura que Lhe afirmou que ela era egoísta e idiota e que o rapaz era novo demais para ela. Começou a berrar com ela. Que maneira era aquela de tentar ajudá-la?

A hospedeira veio oferecer-Lhe cigarros sem direitos. Agradeceu, tirou os Gauloises do bolso e acendeu um. Que vai dizer Agnes quando o vir a fumar outra vez? Que Lhe havia de dizer quando chegasse a casa? Ela não iria guardar a história só para ela. Também lhe podia dizer que estava tudo arranjado, que é só uma combinação entre Sheila e Kevin e que Sheila voltava para a semana, conforme o previsto. É o que Peg pensa. Esperava que ela tivesse razão. Sim, era isso que ia dizer a Agnes. A coisa ficava nesse pé.

162

Capítulo Quinto

Estava deitada, na semiobscuridade, com a janela aberta aos ruídos do trânsito nocturno ao longo do Sena. Os braços dele envolviam-na, a sua cabeça descansava no seu ombro, e ele falava-Lhe do futuro, tal como ela teria falado se tivesse a sua idade e fosse solteira.

- Seja como for - disse ele -, a primeira coisa a fazer na segunda-feira é irmos à Rue Saint-Florentin. Tens o teu passaporte. É britânico, não é?

Quando fazem amor, ele parece mais velho e mais experiente do que ela. Será por isso que ele planeia sempre o futuro de ambos depois do sexo? O sexo parece dar-lhe autoridade. Como será que ele sabe sobre sexo tanta coisa que Kevin nunca soube? Todos os americanos farão estas coisas?

- Logo que estejamos nos Estados Unidos - disse ele -, não haverá problemas com a renovação do visto. Vamos pedir que te deixem ficar como emigrante. Pode-se fazer isso.

Ele vê as vidas de ambos em termos de movimento, de disporem de dinheiro suficiente para irem para um local, de arranjarem vistos e trabalho, de começarem a vida juntos. Contudo, oferece-lhe sempre a possibilidade de voltar atrás. Dinheiro em seu nome num banco de Nova Iorque, um bilhete de volta, sem recriminações, se mudares de opinião, Sheila. Ontem, disse-lhe: "Nunca se podem forçar as pessoas, na realidade. No final, elas fazem aquilo que têm de fazer." Mas será assim? Ela não podia pensar na hipótese de o perder. Se ele sentisse o mesmo quanto a ela diria alguma vez "se mudares de opinião, Sheila"? Talvez. É jovem, é americano, é homem. Não caiu nos erros que ela já cometeu. Não tem medo, como ela tem. Se se preocupa com o facto de Kevin vir à procura dos dois, nunca o demonstra.

- Estás a dormir? - perguntou ele. - Estás a ouvir-me?

- Claro que estou a ouvir-te. Quanto dizes que custa a minha viagem para Nova Iorque?

- Oh, aí uns quatrocentos dólares.

- É o mesmo para voltar?

163

- Certo.

- E quanto dinheiro temos, neste momento?

Ele riu-se e beijou-a na testa.

- Então queres-me pelo meu dinheiro.

- Não, a sério. Quanto temos? Dois mil dólares? Cinco mil dólares? Ou quanto?

Ele ficou em silêncio, por momentos, a fazer contas.

- Suponho que uns cinco mil, no total. Qualquer coisa parecida. Tenho uns dois mil dólares em dinheiro e travelers checks. e o resto numa conta na minha terra.

- Então não podes gastar tanto dinheiro comigo.

- Que melhor maneira há para o gastar? Além disso, vou ganhar dinheiro em Vermont. Estás a falar com o novo gerente de Pine Lodge.

- Eu também tenho algum dinheiro. Acções. Valem cerca de duas mil libras, penso eu.

- Então estamos ricos - disse ele. - Volta-te e deixa-me encostar às tuas costas.

Obedientemente, ela voltou-se e sentiu-o mover-se por trás dela e o seu pénis endurecer. Ele beijou-a no pescoço e depois, quando começou a acariciar-lhe os seios e a apertar-lhe os mamilos, ela ouviu uma sereia, lá em baixo, na noite. Excitada, voltou-se para ele, e agarrou-lhe no pénis.

Mais tarde, a meio da noite, o telefone começou a tocar. Acordou, sobressaltada, com aquele som agudo, no meio da noite tranquila. Levantou-se, num impulso, agarrando na gabardina e enfiando-a enquanto corria para a sala. Enquanto tacteava, à procura do interruptor, sentiu as pernas húmidas e, quando acendeu a luz, viu um fio de sangue da menstruação a escorrer entre as pernas. Voltou atrás, em pânico, tirou um Kleenex da caixa da mesa de cabeceira e, depois, agarrou no auscultador como se fosse um inimigo.

- Está? - Ouviu o silêncio de uma ligação feita. Está? - repetiu.

- Mãe, és tu?

- Danny? Estás bem? Sucedeu alguma coisa: O teu pai está bem?

- Está.

- Danny, como encontraste este número? O teu pai está aí?

164

- Está a dormir.

- Bem, o que há? Danny, o que se passa?

- Nada. Quero falar contigo.

- Mas estamos a meio da noite.

- É verdade que não voltas para casa?

- Quem te disse isso?

- O Tio Owen esteve cá ontem à noite. Ouvi-o dizer isso ao Pai.

- Que disse ele?

- Contou que tu lhe dissesse que não voltavas. E que ias para Nova Iorque viver com um americano.

- O teu pai sabe que ouviste isso?

- Sabe. Fiz-lhe perguntas sobre o caso.

- Oh, meu Deus! - disse ela. - E como descobriste este número?

- Encontrei-o aqui, ao lado do telefone. O Pai está a telefonar-te há vários dias. Nem sabias disso?

- Danny, escuta-me. Isto não é um assunto de que eu possa falar-te pelo telefone.

- Porque não? Vais deixar-nos ou não vais?

- Ouve, Danny, isto é um assunto para pessoas crescidas. Desculpa, mas é muito difícil explicar-te. Agora vamos despedir-nos.

- Então sempre vais fugir. Acho isso indecente. Ouviste, Mãe, indecente. É indecente.

Ele estava a chorar, ouvia-o chorar.

- Oh, Danny - disse -, escuta, não chores. Não te aflijas, por favor. Escuta, eu telefono-te amanhã ou na segunda-feira, está bem?

- Porque queres ir para a América? - Berrava, agora, infantilmente. - Não é justo para o Pai, não é justo!

- Pára com isso, Danny. Pára com isso. Pára de chorar. Porta-te como um homem. E agora volta para a cama.

- É indecente. Tu és indecente!

Pousou o auscultador, desligando. Ela imaginava-o, descalço, em pijama, com as faces vermelhas de indignação, manchadas com

as suas lágrimas oleosas. O seu filho, aquela criança de que se recordava sempre como no dia em que lhe tinham tirado uma fotografia com o primeiro fatinho, um minúsculo casaco de flanela cinzenta e calções, de pé, no cimo das escadas, à espera para descer quando Kevin dissesse que estava pronto, com um sorriso na carinha gorducha, cheio de infantil orgulho.

165

Ela à espera no fundo das escadas, Kevin a tirar fotografias. E, no último degrau, Danny a correr para ela, a abraçá-la, o seu único filho, com os bracinhos em volta do seu pescoço. Afastou-se do telefone e viu Tom Lowry à espera, na entrada escura da sala.

- Era o teu filho?

- Era.

Ele acercou-se dela.

- Pobrezinha.

- Já estou bem.

- Foi o teu marido que o mandou telefonar?

- Não, foi ideia dele.

Sentiu de novo o sangue a escorrer por dentro das coxas.

Afastou-se dele e foi sozinha para a casa-de-banho. Mas, depois, quando voltou para a cama, ele estava à espera dela. Abraçou-a, envolvendo-a nos seus braços, e conservou-se assim até julgar que ela tinha adormecido.

166

Capítulo sexto

Pediram-lhe que pusesse a mala de mão sobre a mesa. O guarda dos Fuzileiros dos Estados Unidos inspeccionou o seu conteúdo e, depois, ela e Tomatravessaram um pátio muito francês e entraram numa sala com a indicação PASSAPORTES. O escritório, tal como o edifício, parecia mais francês do que americano, mas, para lá do local de espera, viu uma enorme bandeira americana, impecavelmente limpa, impressionantemente apresentada, de modo que parecia mais o símbolo de uma religião do que uma bandeira nacional. Por momentos, teve como um pressentimento do que seria a América, um país limpo, de bandeiras desfraldadas, cujo povo falava uma língua estranha, mas conhecida, gente cujos hábitos pareciam diferentes mas que era, estranhamente, como família, porque os Americanos eram os verdadeiros cidadãos daquele outro local que ela toda a vida tinha visto no cinema. E havia algo dessa curiosa dicotomia na maneira por que o funcionário consular a chamara ao balcão e a interrogara, algo avuncular, embora agourento, naquele homem de rosto simpático com os seus óculos à aviador, que observava o seu pedido de visto, lhe perguntava qual a ocupação do marido, se seguia num voo regular ou charter. Ela havia

declarado que ia visitar uma amiga que a tinha convidado, dando o nome e o endereço da irmã de Tom, e explicara que o filho e o marido ficaram na Irlanda, onde voltaria dentro de duas semanas. O funcionário leu a declaração com atenção, enquanto ela esperava, segura de que os seus modos tão perturbadoramente amigáveis não tardavam a transformar-se numa fria recusa. Mas nada disso sucedeu. Após algumas perguntas mais, o impresso e a sua fotografia foram metidos num dossier e pediram-lhe que aguardasse. Pouco depois, foi chamada ao balcão. O pedido de visto tinha sido normalmente processado e o visto carimbado no passaporte. Passava das duas horas quando saíram do edifício da Rue Saint-Florentin e, de súbito, Tom desatou a berrar como se tivesse ficado louco.

- Conseguimos, conseguimos! - disse ele. - Estava cheio de medo de que houvesse azar.

167

- Mas disseste que ia ser fácil.

- E foi. Foi bestial. Mas imagina que eles resolviam ir confirmar com o teu marido. Foi isso que me meteu medo. Mas não te rales. Conseguimos. Já é um bom sinal. E isso é que interessa.

Ela beijou-o.

- OK! - disse ele. - Agora temos de ir festejar. Vamos até a Le Drugstore e vou oferecer-te um almoço à americana. Hamburques e cerveja.

- Está bem. Nunca te vi tão feliz.

- Mas porque não? Está tudo a correr bem, não está? Estava morto de medo, quando te vi ali ao balcão. Contudo, penso que o facto de seres casada e teres um filho ajudou bastante.

Corou e disse:

- Desculpa. Bem, percebes o que quero dizer.

- Sim, claro - disse ela. - Vi o cônsul olhar para a minha aliança. Tenho a certeza de que ajudou.

Mas ele continuava embaraçado, corava ainda.

- É que... ouve, eu sei pelo que tu passaste. Aquele telefonema do teu miúdo na noite de sábado. Às vezes, tinha medo que tudo isso te afectasse. E hoje, finalmente, vi-te pedir o visto. Oh, Sheila, vai ser fantástico! Vais adorar Vermont! Ouve, não sei como dizer-te isto, mas sinto-me grato por te teres decidido por mim.

Ela beijou-o.

- Cala-te.

Mas, meia hora mais tarde, quando estavam sentados no terraço envidraçado de Le Drugstore, ele sentiu vontade de falar outra vez do mesmo.

- Sabes, não me sinto culpado por te levar comigo. Creio que devia sentir-me. Mas não sinto. Sinto-me apenas grato... a ti, à Embaixada, a toda a gente. É como se fosse o dia dos meus anos.

Ela olhou através do Arc de Triomphe, em frente. No cimo do monumento, passavam pessoas, minúsculas como brinquedos, olhando a cidade por baixo delas.

- Quero dizer - explicou ele -, não sei o que faria esta semana se tu dissesse que não vinhas comigo.

- Olha para aquelas pessoas.

- Onde?

- Ali em cima. Estive lá, uma vez. Tem uma vista fantástica de Paris.

- Como se vai para lá? - perguntou ela. - Sobe-se escadas, ou quê?

- Não, há um elevador.

Ela empurrou o hambúrguer. Ele reparou que ela mal Lhe tocara.

- Podemos ir lá agora? - perguntou.

- Porque não?

- Então vamos. Vamos logo que tu acabes.

Quatro turistas que falavam holandês, em voz alta, com a tranquila confiança das pessoas que sabem que a sua conversa não pode ser compreendida, entraram no pequeno elevador com eles, para a viagem até ao alto do Arc de Triomphe. Quando saíram para uma plataforma de pedra branca e avançaram até à extremidade do plinto, ela notou que não havia qualquer gradeamento de protecção. Lá em baixo, como os raios de uma roda, as avenidas saíam do seu núcleo central.

- Não é fantástico? - perguntou.

Olhou para baixo, para a Avenue de la Grande-Armée e depois para o Sacré-Coeur e para a Tour Eiffel.

- É como um cemitério. Os prédios lembram lápides tumulares. Mas ele não parecia ouvi-la.

- Em Nova Iorque, a grande vista é do Empire State Building. Imagina, na próxima semana, tu e eu podemos estar lá em cima, a olhar para o Central Park, o Hudson River, o edifício das Nações Unidas e tudo o mais. Vamos fazer isso, OK?

- Vou sentir saudades de Paris.

- Se tiveres saudades de Paris, gostarias de ir a Montreal? Fica a cerca de uma hora de Vermont.

Ela aproximou-se mais do extremo do parapeito, inclinando-se, olhou para baixo. Sentiu que ele se aproximava, por trás dela.

- Gostava de saber se há muita gente que salta? perguntou ela.

- Não é difícil. Por que raio não põem um resguardo conveniente?

168 169

Ela sentou-se no plinto de pedra, balançando as pernas por cima do parapeito. Com as mãos agarradas ao extremo do plinto, inclinou-se ainda mais.

- Sheila? Isso é assustador. Volta para trás.

Ela inclinou-se para a frente, sentindo a vista turvar-se-Lhe. Sentiu as mãos dele agarrarem-lhe os ombros. Respirou fundo e encostou-se às pernas dele.

- Não tens medo das alturas? - perguntou ele.

- Costumava ter. Um medo terrível.

- Vamos. Põe-te de pé.
Ela recuou as pernas e pôs-se de pé, sacudindo a poeira da saia.
- Desculpa. Vamos para baixo, então.

170

Capítulo sétimo

A Senhora Milligan colocou uma fatia de tarte de ruibarbo sobre um prato, pôs junto dele um pires prateado com natas e levou a bandeja para a salinha. Ele mal tinha tocado na costeleta de porco com batatas.

- Ah, o Senhor Doutor não comeu a sua costeleta?
Era tão boazinha. O homem do talho arranjoua especialmente.
- Danny está a dormir?
- Sim, adormeceu logo.
- Tomou o comprimido?
- Eu mesma Lho dei. Agora coma o seu jantar. Vá lá.
- Não, já comi bastante.
- Vou ter de dá-lo ao Tarzan.

Tarzan, ao ouvir o seu nome, levantou-se do tapete, com as orelhas espetadas, a cauda grossa e peluda a bater na mesinha do café.

- Bem, o Tarzan parece estar com fome, não estás, bicho? - perguntou o dono.
- Oh, esse cão era capaz de comer até rebentar - disse a Senhora Milligan, pegando na bandeja do jantar e pondo a tarte no lugar dela. - Experimente um bocadinho. Fi-la eu própria.
- Está bem. E o café?
- É só um minuto, Senhor Doutor.

Os olhos ansiosos de lobo-de-alsácia do Tarzan passavam da Senhora Milligan para o dono e, de súbito, compreendeu.

Dando saltos para a bandeja, seguiu a Senhora Milligan pelo corredor que levava à cozinha.

Kevin Redden ouviu-a sair. Saberá alguma coisa? Danny ter-Lhe-á dito alguma coisa? Tinha-o avisado de que devia calar-se. Olhou para o aparelho de televisão. No écran, os concorrentes de um concurso de dança: um canalizador inglês, de lacinho branco e casaca, fazia deslizar o seu par, de vestido de noite, sobre o soalho empenado e polido, nas voltas da Valsa do Aniversário. A Senhora Milligan voltou e pousou sobre a mesa uma bandeja com o café. Simplesmente, não era café, era uma cafeteira cheia de água quente e café instantâneo num boião.

171

Sheila não teria permitido aquilo: o café dentro de um boião.

- Não precisa de mais nada, Senhor Doutor?
Ele acenou negativamente, mas ela não reparou.

- Deseja mais alguma coisa? - repetiu.
- Não, muito obrigado, Senhora Milligan. Boa noite.
- Não se esqueça de comer esse bocadinho de bolo.
- Está bem. Boa noite.

Ouviu-a sair da sala. Dentro de minutos, acabaria de lavar os pratos e subiria. Estava a viver lá em casa, durante as duas semanas de férias de Sheila, e tinham alugado uma televisão para ela. Uma vez lá em cima, não voltaria a mexer-se, nessa noite. Tirou um livro de receitas do bolso e olhou outra vez para as notas que tinha garatujado:

"Falar do modo como D. ouviu a conversa. E da visita de Owen aqui. Vou na quarta. Quero falar, agora."

Enfiou o garfo na tarte e, para contentar a Senhora Milligan, deu-lhe duas dentadas. Fez café instantâneo e baixou o som da televisão, ficando à espera de ouvir os passos da governanta a subir a escada. Os bailarinos fantásticos giravam e retorciam-se no écran. Quando a ouviu subir, meteu o livro de receitas no bolso e dirigiu-se ao hall, onde se encontrava o telefone, sobre uma prateleira por baixo dos dentes de elefante que seguravam o gongue de latão. Lembrava-se de, quando era pequeno, se tocar o gongue para o jantar, na casa de seu pai. E, nos tempos do seu avô, tinha servido para chamar para as refeições nada menos de quinze pessoas, pais, filhos e parentes solteironas. Agora, nunca era usado. Ligou para França, para o número de Peg Conway. Sentia-se invadir pela ira, enquanto o telefone tocou durante uns dois minutos. Voltou a pousar o auscultador e meteu outra vez o bloco no bolso. O melhor era ir fechar as portas. Foi até à porta da frente, abrindo primeiro a porta interior e depois a pesada porta exterior. Chovia. À luz da lâmpada do pórtico, observou as sombras do arruamento e do portão da frente, por trás do qual se viam os candeeiros da Somerton Road. Fechou e aferrolhou a porta da rua e depois a porta interior.

Por hábito, quando voltou para o hall, bateu com os dedos no vidro do barómetro que estava na parede. Aquele barómetro nunca tinha trabalhado muito bem. Agora, a agulha estava voltada para BOM TEMPO. Regressou à salinha, passando pelo aparelho de televisão e pelos seus espectrais bailarinos que giravam incessantemente, e foi até à cozinha fechar a porta das traseiras. Quando apagou a luz e olhou através da janela, viu que McCusker, o jardineiro, tinha deixado o carrinho-de-mão à chuva. Na copa, Tarzan ergueu-se com a cauda a abanar do seu leito feito de sacas de batatas. Afagou o cão, fechou-o de novo e, depois, voltando ao hall, subiu as escadas até ao andar de cima e espreitou para o quarto do filho. A luz estava acesa e Danny dormia, de boca aberta.

Redden apagou a luz, e depois entrou no seu quarto, onde, em frente dele, se abria a cama extravagante que haviam

comprado quando se mudaram para aquela casa. O lado direito da cama era o seu; havia quase duas semanas que o lado esquerdo não era usado. Voltou-se, abruptamente, como se tivesse visto algo que lhe desagradasse, e regressou ao patamar. Do quarto da Senhora Milligan, no terceiro andar, vinham risos, do aparelho de televisão. Desceu até às traseiras da casa e entrou numa porta, procurando o interruptor a que não estava habituado. Descobrimo-o, inundou o pequeno recinto com a luz crua, sem protecção.

Era a sala dela: a sua sala de costura, a sala onde ela fazia as contas da casa, lia, às vezes, e fazia sabe Deus que mais coisas que ele desconhecia. Estava desarrumada. Havia uma tábua de passar a ferro aberta, no meio, um manequim de modista, com um molde pregado com alfinetes, erguia-se no canto mais afastado, e havia uma pequena máquina de costura Singer com um suporte antiquado, junto de uma grande pilha irregular de revistas femininas. Do chão até ao tecto, duas das paredes da sala estavam cobertas de livros, dispostos nas velhas estantes pintadas de escuro que ela tinha trazido da casa dos Deane, quando sua mãe morrera. Aproximou-se das prateleiras, olhando para as lombadas dos livros, como se pudesse encontrar neles uma indicação da quilo que ela realmente era. Aqueles volumes grandes, nas prateleiras de baixo, tinham sido do pai dela: colecções forradas a azul de Shakespeare, Milton, Dryden, Pope; volumes em verde e doirado de George Bernard Shaw. Havia duas prateleiras com edições Everyman, livros gastos e sem cor; depois os Penguins e alguns livros franceses, Gide e Valéry, e Anatole France:

173

deviam ser os livros que ela usava quando andava a estudar francês no Queens. Havia pequenos livros de poesia, na sua maioria em francês: Rimbaud, Baudelaire e outros escritores cujos nomes desconhecia. Hemingway e Saki, o Ulysses, de Joyce, que ele se lembrava de ter lido, anos antes, considerando-o um livro indecente. Pensou se ela teria mais livros indecentes escondidos algures naquelas prateleiras. Na de cima, havia livros para raparigas e outros no mesmo género. Tirou dessa prateleira um de aspecto estranho, com a lombada de pano vermelho, mas, ao abri-lo, descobriu que era um atlas com o nome dela numa placazinha de cobre «Sheila Mary Deane, VI de Junho, Convento das Irmãs da Piedade, Glenarms, Irlanda do Norte». Voltou a pôr o livro na prateleira. Sempre metida em livros: poesia, teatro, romance. Uma série de porcarias. Lembrava-se de a ouvir conversar com Brian Boland sobre autores modernos". Lixo. Como se o facto de ler uma porcaria de uns romances a tornasse melhor do que ele.

Sentou-se na pequena e velha cadeira de verga, ao lado da mesa de costura. No pequeno calendário de parede, ela tinha feito um círculo em volta de uma data. Compreendeu que era o dia em que partira para França. Por baixo do calendário, havia uma velha arca de gavetas, com fotografias emolduradas em cima. Levantou-se e foi olhar para elas: seriam a chave? Claro, no lugar de honra estava o Tio Dan, o embaixador, a

causa de uma série de noções idiotas que ela tinha. Pegou na fotografia do tio de Sheila: um homem grande e gordo, de ar zombeteiro, de smoking, a apresentar as suas credenciais à Rainha Juliana da Holanda; o embaixador a sorrir para a Rainha, ambos gorduchos. Pousou a fotografia e começou a ver quem mais tinha ela no seu altar particular. Os dois irmãos, Owen e Ned, havia longo tempo, numa estância balnear. Um dos seus familiares, o velho Professor Deane. Ela, quando garota, às cavalitas do pai. -E aquela fotografia que tirara a Danny, nas escadas, com o seu primeiro fatinho, quando era pequeno. E onde está ele? Gostava de saber.

Mas depois viu, por trás das outras fotografias, uma grande foto emoldurada dele e de Sheila, com os seus trajes de casamento, a cortar o bolo no Imperial Hotel, a mão dele sobre a dela, a encaminhar a faca, Ambos sorrindo para o fotógrafo. Observou de perto o rosto da noiva, oh, que bonita ela era,

174

com um sorriso um pouco idiota, naquele dia, porque estava ligeiramente embriagada com o champanhe, com um vestido de tule que a fazia parecer ainda mais alta, de modo que ultrapassava em altura ambas as mães, a dela e a dele, que estavam por trás deles, a fumar, chefes rivais reunidas por pouco tempo. E depois, dolorosamente, recordou-se de como tinham seguido de avião para Londres e de lá para Villefranche, onde, naquele quarto de hotel, a vira totalmente despida, pela primeira vez. O mesmo sítio onde ela, na semana anterior, estivera com um americano qualquer, talvez na mesma cama em que tinham ficado na sua lua-de-mel, puta ordinária, miserável.

No andar de baixo, o telefone começou a tocar. Apressou-se a descer, correndo para o hall, desejando lá chegar antes que Danny acordasse. Não era ela, claro, era do Q.-G. do Exército Britânico, em Lisburn, para falarem do caso que ele tinha para operar na manhã seguinte. Escutou a voz de sotaque inglês e disse o que queria que fosse feito. "Pode esperar um momento, Doutor?", disse o sargento, e depois apareceu o oficial de dia a pedir desculpa por terem telefonado tão tarde. Disse-Lhes que não se preocupassem e desligou. Se fosse a Paris na quarta-feira, faltaria à sessão operatória para o Exército. Talvez fosse melhor explicar o facto ao Coronel, no dia seguinte. Aquele trabalho para o Exército era tremendo. Bem, ela não queria que ele o aceitasse, queixava-se sempre disso. Devia tê-la ouvido.

Voltou-se, inquieto, e dirigiu-se para a sala grande, que, ultimamente, apenas utilizavam quando aparecia alguém lá em casa. Acendeu um candeeiro e baixou os estores. Continuava a chover. Sentou-se no enorme sofá, naquele mesmo sofá em que ela se sentara a falar de livros com Brian Boland, daquela vez que ele a acusou de se atirar aos outros homens. Sempre pensou que ela fosse inocente, que não conhecesse os homens nem aquilo que eles pretendiam. A tal história do dançar com os olhos fechados. Pareceu-Lhe que o inocente era ele. Ela bem fingira ser tímida, ser uma boa esposa, boa mãe para Danny, e,

entretanto, em que pensava? Foi aquele maldito tio que deu cabo dela, aquele embaixador gordalhuço. Passava o raio da vida toda a pensar em viver em sítios como Paris, para onde acabou por ir na semana passada, sozinha, e lá estava à sua espera aquele jovem americano, feito por medida para ela, acabadinho de sair do Trinity, com o seu canudo em Filosofia,

175

com uma tese sobre o rol-da-roupa-suja de James Joyce. Foi o que Owen disse: o tipo acabara de sair do Trinity. Que lindo, os dois a palrarem sobre Camus e Yeats e sabe-se lá que mais, e ela toda contentinha por não estar com ele, a ter de falar de doentes e da agitação no país. Lindo, Paris e o americanozinho e pronto, põe o tipo louco por ela, convence-se de que está louca por ele, tal e qual como sucedeu com Brian Boland. Foi isto mesmo o que sucedeu, até apostava.

Sentou-se ao piano de cauda da sala, ergueu a tampa e tocou uma nota, depois fechou-o de novo, tão desajeitadamente que a tampa caiu com estrépito. Quando as pessoas souberem que a sua mulher fugiu com outro homem, vão sentir pena dele, ou gozar à sua custa. Não sabia o que era pior. Há vinte anos, teria mandado o padre falar-Lhe. Mas, hoje em dia, ninguém liga aos padres.

Olhou para o relógio de pulso, um Longines de ouro, presente de licenciatura do pai. Decidido, ergueu-se, foi ao hall e ligou outra vez o número de Peg Conway. O telefone tocou durante longo tempo. "Então ela não responde, pois não? Está bem. Posso ficar aqui toda a noite."

Mas, ao fim de oito toques, alguém ergueu o auscultador.

176

- Está? - disse ele.

Não houve resposta. Talvez tivesse ligado para um número errado.

- Kevin? - Era a voz dela.

- Sim, sou eu.

- Como está Danny?

- Que te interessa isso? - Por Deus, desta vez vou dar-Lhe forte.

- Como está ele?

- Está deprimido. Tive de lhe dar comprimidos para dormir.

- Oh, não!

- Isso admira-te muito? Sabes o que sucedeu? No sábado à noite, veio cá o teu irmão Owen e, quando acabámos de conversar, encontrámos Danny nas escadas, a ouvir. Pobre miúdo, está desfeito.

- Sim. Telefonou-me a meio da noite.

- O quê?

- Telefonou-me para aqui. Para Paris.

- Danny? Como descobriu o número?

- Disse que estava ao pé do telefone, no hall.
 Ele respirou fundo, tentando controlar a sua ira.
 - Meu Deus, Sheila, fazes ideia do que estás a fazer-nos?
 Ela não respondeu.
 - Escuta, eu vou a Paris. Temos de resolver isto.
 - Não, Kevin.
 - Estou aí amanhã à tarde. Tenho de operar às oito, mas parto logo a seguir.
 - Kevin, não serve de nada vires cá. Absolutamente de nada.
 - Compreendo. Então tencionas escapar-te para Nova Iorque, sem sequer te incomodares a dizer-nos adeus, não é assim?
 - Quem te disse que ia para Nova Iorque?
 - A tua amiga... Peg Conway disse-o a Owen, naquela noite. Oh, sim, e contou-lhe que esse americano é dez anos mais novo do que tu. Que lindo! Ah, ah! É uma gracinha. Sim, estou mesmo a ver. Quando tiveres cinquenta anos, o teu macho tem trinta e nove. Cinco anos menos do que eu agora. E estás a ver-me na cama com uma mulher de cinquenta anos? Consegues imaginar?
 Ela não falou.
 - Muito bem - disse ele -, vamos tentar conversar como bons amigos. Vou dizer-te uma coisa. Se recuperares o juízo e voltares agora, dou-te a minha palavra de que nada te direi. Nada. Porque quero que voltes para casa. Quero-o por causa de Danny. Estás a ouvir-me, Sheila? E também por minha causa. Vens, Sheila?
 Ficou à espera. Ela ainda estava na linha.
 - Segundo ponto - continuou ele. - Se voltares agora, ninguém saberá de nada. Só Owen, eu e o pobrezinho do Danny. Agnes também sabe qualquer coisa, mas não é nada de importância. Owen obriga-a a calar-se. Ah, ah! Se queres ter umas semanas mais antes de voltares para casa, também não faz mal. Está tudo certo. Sentimos a tua falta, mas está bem. Estás a ouvir-me, Sheila?
 - Kevin, lamento imenso o que aconteceu, acredita.
 - Espera, ainda não acabei. Há uma coisa mais. Julgava que o nosso casamento era feliz mas devia estar enganado. Eu era feliz, mas talvez tu não fosses.

176 177

Talvez eu não te tenha prestado tanta atenção como devia. Sei que não devia ter começado a trabalhar para o Exército, porque isso te aborrecia. Lamento tudo isso. Mas os tempos estão maus aqui e as pessoas nem sempre fazem o que devem. Agora vou-te dizer uma coisa que não te contei antes. Tenho pensado muito nisto, sabes? E concluí que, suceda o que suceder no Ulster agora, as coisas nunca mais correrão bem. Nunca mais. Pelo menos no nosso tempo. Havemos de pagar por estas complicações toda a nossa vida. Não concordas?

Ela não respondeu.

- Olha, Shee, lembras-te de falarmos em emigrar? Foi há dois anos, não foi? E eu disse que não. Pois bem, mudei de ideias. Acho que devíamos emigrar. Vamos para o Canadá ou para a Austrália, para onde tu quiseses. Com a minha profissão,

arranjo trabalho em qualquer parte e, no estrangeiro, ganho o dobro do que ganho aqui. Ah, ah! Diz-me só para onde te apetece ir. Toronto, Sydney, qualquer outro local, e eu prometo-te que lá estaremos na próxima Primavera. Ou até no Natal, se o desejares. E não te rales com Danny. Passa a jogar hóquei sobre gelo em vez de rãguebi. Ah, ah!- Há-de gostar. Que dizes, Shee?

Esperou um pouco.

- Não reages? Está bem. Não precisas de decidir já. Só quis dizer-te. Agora, outra coisa, estive a ver os voos que há na quarta-feira. Posso ir de carro até Dublin, deixar o carro no Collinstown Airport e apanhar um voo directo que chega a Paris às dez e doze. Podíamos almoçar juntos, só nós os dois.

- Não, Kevin.

- Só almoçar. Só conversarmos, então?

- Não.

- Eu volto logo a seguir ao almoço e nem falamos do outro assunto, se não quiseres. Só quero ver-te. Só uma hora ou duas.

- Tenho de me mudar amanhã. Vou para um hotel.

- Não te estou a falar de amanhã - disse ele. - Falo de quarta-feira. Já te terás mudado, nessa altura.

- Não, Kevin. Por favor não venhas. Se vieres, não me encontras.

Era esse o seu pior receio. Tinha mais uma carta e decidiu jogá-la.

- Bem - disse -, de qualquer modo, talvez não pudesse ir. Não queria dizer-te isto, mas Danny não está nada bem. Tem uma temperatura de trinta e nove e meio. A menos que a febre baixe, talvez seja melhor eu ficar com ele.

- Oh, meu Deus, que tem ele?

- Adoeceu na noite passada. Ouve, o que é que tu Lhe disseste quando ele te telefonou?

- Nada. Disse-lhe que não podia falar do assunto com ele. Disse-lhe que lhe telefonava dentro de um dia ou dois.

- Bem, então acho melhor fazeres isso.

- Está bem. Quando é que devo telefonar?

- Amanhã, à hora do jantar. Achas bem?

- Acho - respondeu ela.

- E ouve, Shee, tens algum número para onde eu possa telefonar-te? Em caso de emergência.

- Espera - disse ela. - Ouviu-a pousar o telefone; pouco depois, ela voltou: - É Odéon, oito, oito, zero, cinco.

Anotou o número.

- Está bem. É um hotel?

- Sim. Que te parece que ele tenha? Será alguma infecção?

- Sabes como são os miúdos. Pode ser qualquer coisa.

- Então telefono amanhã à hora do jantar - disse ela.

- Certo. Boa noite, Shee.

- Boa noite.

Pegou no livro de receitas, rasgou a página com o número e voltou para a salinha. Tinha-se esquecido de desligar a televisão e agora, falando sem som, um padre protestante olhava para ele, do écran, transmitindo uma oração da noite. Deixou-se ficar sentado na obscuridade da saleta, em frente da lareira, onde o fogo estava quase apagado, a olhar para o pastor. Alguém tem de a impedir. Alguém tem de a proteger de

si própria. Está louca. Sim, louca. Não Lhe digo nada quando ela telefonar amanhã. Vou dizer-lhe que Danny está muito melhor. Que não se preocupe.

O pastor, sorrindo, inclinou a cabeça. O écran ficou escuro. Depois, apareceu o sinal de fim da emissão. A Rainha. Kevin Redden ficou a olhar para a Rainha. Levantou-se, fechou a televisão e foi para o hall. Consultou o livrinho junto do telefone e marcou um número.

- Fala o Dr. Deane.

178 179

- Owen, é Kevin. Eu sei que já é tarde, mas não podia ir aí falar contigo? Receio que seja urgente.

- Claro, Kevin. Estou à tua espera.

O Dr. Deane, que esperava o seu visitante, ia abrir a porta, quando ouviu Agnes a mover-se no quarto. Voltou atrás e viu-a junto do toucador a pintar-se, com o seu melhor roupão às flores por cima da camisa. Voltou-se e sorriu-lhe.

- Vou descer um bocadinho, só para o cumprimentar. É só por delicadeza.

- Por favor, querida, não vás.

- Que queres dizer? - gritou ela.

- Shhh. Acordas as miúdas. Acho melhor tu não desceres, querida.

Devia ter calculado que, mal ela soubera que Redden lá ia, não descansava enquanto não se metesse no assunto. Depois, começou a ver se o convencia.

- Escuta, tu vais andando, e eu faço uma chávena de chá e levo-lha. Há-de apetecer-lhe uma chávena de chá.

A campainha tocou de novo.

- Eu dou-lhe um uísque.

- Não queres que eu oiça a conversa, não é?

Sabia que ela ia começar uma sessão de gritaria. Mas desta vez havia de marcar a sua posição.

- Ficas aqui! - disse, e fechou a porta do quarto.

- Com que então é assim, não tenho direito a descer e receber um visitante na minha própria casa!

A voz dela ressoou através da porta fechada, e, quando ele se voltou, encontrou a filha, Imelda, no patamar, em camisa de noite.

- Papá, estão a tocar à campainha.

- Sim, eu sei. Volta para a cama, pequenita. É por causa de um doente.

Ela acenou afirmativamente, obediente, com o rostozinho gorducho emoldurado por aqueles papelotes que ele tanto detestava. Quando começou a descer a escada, a campainha soou uma terceira vez. Aquele Redden não compreendia que já era tarde? Olhou para cima, para se certificar se Imelda já estava no quarto, antes de acender a luz do hall e abrir a porta de entrada. O seu visitante vinha sem chapéu e sem gabardina, apesar de chover torrencialmente. Viu o grande Humber de Redden estacionado na passagem, e notou que Redden tinha deixado o portão que dava para a rua aberto.

- Entra, Kevin, entra - disse.

E conduziu-o até à sala, que viu, de súbito, com os olhos de um estranho, desarrumada e pobre, com a mobília escondida por aquelas horríveis coberturas feitas de chintz amarelo que Agnes tinha comprado num saldo da Paróquia. Havia discos pelo chão, espalhados pelas pequenas e pelos seus amigos. Foi à casa de jantar e abriu o aparador, voltando com uma garrafa de Paddy, dois copos e um sifão.

- Tomas qualquer coisa, não tomas, Kevin?

Redden acenou com a cabeça, distraidamente, e pôs-se de pé junto da lareira, aquecendo-se por trás, levantando a cabeça, como um homem que se prepara para fazer um discurso em público.

- Desculpa vir maçar-te a esta hora. Provavelmente, já estavas na cama, não?

- Agnes é que estava. Mas eu gosto de me deitar tarde - mentiu o Dr. Deane. - Ela está a dormir.

Pegou na garrafa.

- Diz quando queres que eu pare.

Serviu o uísque. Redden pediu um pouco de soda e depois ficou a olhar para dentro do copo.

- Falei esta noite outra vez com a tua irmã - começou, usando as palavras «tua irmã,», como se fosse uma espécie de agente estranho ao caso, a iniciar um relatório.

- E?

- Ofereci-lhe tudo o que ela sempre desejou. Até me ofereci para emigrar. Não estava zangado com ela, fiz tudo o que podia para falarmos razoavelmente. Mas é inútil. Penso que ela vai pirar-se para a América um dia destes.

- Pensas?

O Dr. Deane bebeu um longo golo. O estômago deu logo sinal. Tinha-se esquecido de tomar o seu Gelusil e começou a procurar o tubinho dos comprimidos no bolso do casaco.

- Assim parece.

- Isso é mau.

- Tenho de a impedir - disse Redden. - Por ela própria, e por Danny.

180 181

- E como é que o fazes, Kevin?

- Bem, falei para a Embaixada Americana em Dublin, hoje. Tenho um doente que tem lá um amigo. Parece que os Americanos têm uma série de regulamentos quanto às pessoas que podem entrar. Nada de comunistas, de depravados morais, de pessoas com casos de loucura na família, etc. e tal. O tipo diz que ela deve ter pedido um visto de turista em Paris. É uma coisa que se consegue facilmente. Mas, se descobrirem que ela vai a fugir do marido e do filho, e, em especial, se houver um caso de instabilidade mental na família, acho que consigo impedi-la. Por isso vim cá esta noite.

- Ah, sim? - exclamou o Dr. Deane.

Estava sentado no seu velho cadeirão e olhava para o fogo que morria, enquanto a dor ia desaparecendo por efeitos do Gelusil.

- Vai ficar furiosa comigo, é claro - disse Redden. - Mas

creio que, no fim, acabará por me agradecer. Estou a tentar ajudá-la, afinal.

- Hum!

- Tu também podias ajudar - disse Redden.

- Eu?

- Bem, com aquela questão dos casos da família - disse Redden, parando e olhando para a porta.

O Dr. Deane voltou-se e, como já calculava, viu que ela afinal tinha descido. Estava de pé junto da porta aberta, com o seu roupão de flores, o cabelo preto todo arranjado, fingindo surpresa total.

- Owen? - disse, então, representando. - Oh, Kevin, és tu? Vi luz. Julguei que o meu homem tinha adormecido outra vez, agarrado a um livro. Kevin, como estás? Owen contou-me o que se passou, claro. Lamento imenso.

- Viva, Agnes - disse Redden, pondo-se de pé.

Ela sorriu.

- Queres uma chávena de chá?

- Oh, não - disse Redden apressadamente. - Estávamos a tomar uma bebida.

O Dr. Deane compreendeu que tinha de fazer qualquer coisa, e imediatamente. Levantou-se, foi ter com ela, beijou-a na face, porque ela preocupava-se muito com manifestações públicas de afecto.

- Vai-te deitar, querida - disse. - Eu vou já para cima.

Mas ela nem olhou para ele e dirigiu-se a Redden.

- Tens notícias de Sheila?

Redden corou e abanou a cabeça. O Dr. Deane, prevendo mais perguntas, tocou-lhe suavemente no ombro. Era apenas uma sugestão de lhe abrir caminho, mas ela voltou-se para ele, com o rosto contorcido numa máscara de raiva.

- Boa noite, querida - despediu-se ele, suavemente.

- Boa noite, Kevin - disse ela, voltando-se para Redden com um sorriso tenso.

- Boa noite, Agnes - respondeu Redden.

O Dr. Deane fechou a porta, logo que ela saiu.

- Desculpa. Dizias tu?

- Bem, eu podia ir a Paris e falar com a Embaixada Americana. Se tivesse uma nota tua, sobre a tal história da família, seria muito útil.

- Ah, raios, Kevin, preferia não fazer isso - disse o Dr. Deane. - É a minha irmã. Parece-me pouco ético.

- Mas eu só a usava como último recurso. Só se eles insistissem em provas para corroborar. Quero dizer, creio que bastará contar-lhes a minha história.

O Dr. Deane acabou o uísque de uma só vez.

- Talvez - volveu. - Além disso, não possuo provas de que ela tenha alguma coisa.

- Não quero dizer nada quanto a ela. Só quero que me dês uma nota sobre Ned e a tua mãe.

- Francamente, prefiro não o declarar. Não são coisas que se façam.

- Então o que se faz? - perguntou Redden, levantando a voz.

- Que faço eu? Devo ficar agarrado aos princípios e ver o meu casamento destruído, a minha mulher a correr o risco de uma depressão nervosa... se não sofre já dela? Diabo, Owen - disse Redden, e o Dr. Deane viu como ele estava esgotado, com os

olhos a brilhar, a voz a tremer de emoção. - Estou a pedir-te que nos ajudes a todos nós. Estou a pedir-te que escrevas uma simples declaração de um facto que te garanto que apenas será usado como última cartada. E dou-te a minha palavra de honra que isto fica entre nós. Sheila nunca o saberá. Garanto-te.

- Não é isso - disse o Dr. Deane, e a sua própria voz também estava invadida pela emoção.

- Estou a pedir-te que me ajudes, porque estou desesperado,

182 183

- disse Redden, e havia algo terrivelmente desconhecido na sua voz, a quebra de tom de um homem que nunca tinha chorado, mas que estava prestes a fazê-lo. - Claro, é o último recurso. Evidentemente, vou lá para falar com ela, para discutirmos o assunto, para lhe dizer que a amo, para ver se ela ganha juízo. Faço tudo isso antes de tentar impedi-la de sair, compreendes? Quero dizer, impedi-la é a última coisa que pretendo fazer, porque ela nunca mo perdoará. Sei-o. Mas se o nosso casamento e o nosso filho não a fazem voltar à razão, tenho de tentar qualquer coisa. Pensei em escrever à família do rapaz na América, se arranjasse o endereço deles. Pensei em matar aquele patife. Pensei em tudo, Owen. Os últimos dias têm sido um inferno para mim.

- Eu sei - disse o Dr. Deane.

Levantou-se e serviu-se de uma boa dose de uísque.

Redden inclinou-se para a frente, olhando para o fogo. Tinha começado a chorar. Limpou os olhos com as costas da mão.

- Como te disse, continuo a ter esperanças. Amo-a. Quero que ela volte.

O Dr. Deane olhou para o seu uísque e depois bebeu-o. As dores da úlcera percorreram-no como uma onda. Kevin Redden estava a tentar servir-se dele. Não estava certo, mas o que é que estava certo? Ela acaba provavelmente por ter mesmo uma depressão nervosa, se aquele rapaz correr com ela. Imaginou-a, sentada, sem se mexer, como Ned, num quarto, em Nova Iorque.

- Eu só te estou a pedir que me escrevas uma nota a confirmar aquilo que me contaste sobre o teu irmão e a tua mãe. Nada sobre ela. Tal como dizes, não temos provas de que esteja doente. Mas podes dizer na tua nota que não sabes se será conveniente, dadas as circunstâncias, que ela vá para a América nesta altura. Apenas uma carta para mim, é tudo.

Apenas uma carta para Kevin. O Dr. Deane bebeu o resto do seu uísque. Sentiu a cabeça expandir-se numa onda de intoxicação. Apenas uma carta para o seu cunhado, uma carta que provavelmente nunca será necessária. Só para o ajudar um pouco perante o cônsul americano.

Ergueu-se, foi até à secretária, sentou-se com certa insegurança e desatarrachou a tampa da sua caneta de tinta-permanente antiquada. E, nesse momento, viu a fotografia em sépia do pai, nos seus trajos de académico, que havia colocado em lugar de honra sobre a lareira. Na fotografia, o pai tinha um ar severo, com a boca apertada, a mão a agarrar a gola de pele. Os olhos do pai, graves, velados, olhavam-no com uma reprovação magoada e familiar. "Deixa de ter pena de ti

próprio", ter-Lhe-ia dito o pai. Faz qualquer coisa. É para bem dela, não é? Bem, é ou não é? Decide-te.

Começou a escrever:

Dr. Kevin Redden, M. B. , F. R. C. S. Merrymount 408
Somerton Road Belfast

Caro Kevin,

Venho confirmar os factos que te relatei na nossa recente conversa em relação à minha irmã mais nova, Sheila. Tal como te disse...

Parou e ergueu a cabeça. A dor voltou, a dor já conhecida da sua úlcera.

- Kevin - disse -, serve-te de outra bebida, sim? E deita-me um pouco para mim, também, como um bom rapaz.

184 185

Capítulo oitavo

Estava no chuveiro da casa-de-banho de Peg, com uma feia touca de banho na cabeça, quando o ouviu correr o cortinado da cabina, por trás dela. "Oh, não entres!", pediu, envergonhada por ele a ver com aquela touca horrível. Mas ele meteu-se também debaixo do jacto de água e, todo molhado, abraçou-a por trás, depois tirou-lhe o sabonete da mão e começou a ensaboar-lhe as costas, as coxas, acariciando-lhe o rabo com a mão. A espuma tornava-a escorregadia entre as mãos dele, quando, sorrindo, se voltou, esquecendo-se da touca, e lhe tirou o sabonete, ensaboando-o todo, até estar coberto de espuma. Olhou para o pénis dele, inchado e palpitante, e começou a ensaboá-lo e a esfregá-lo de tal modo que a erecção aumentou. Rindo, abraçaram-se debaixo do jacto de água, retirando a espuma, e depois Sheila saiu do chuveiro, tirando a touca da cabeça.

Ele saiu atrás dela, secando-lhe as costas e o rabo e, meios secos, a correr, rindo como crianças, foram para o quarto e, aí, às oito horas de uma manhã cinzenta e chuvosa de Paris, ele acariciou-lhe os seios até que, embriagada e cheia de desejo, ela sentiu a mão esquerda dele tocar-lhe, excitando o clítoris, e depois a mão direita dele guiar o pénis grosso e rígido para dentro dela. Ainda dez minutos antes havia estado debaixo do chuveiro, com o espírito sombrio por causa do telefonema de Kevin, na noite anterior, a pensar na doença de Danny e em que teria de telefonar nessa noite para casa, sabendo que aquele era o seu último dia naquela casa, porque Peg telefonara a dizer que voltava; era terça-feira, o dia que haviam combinado. Peg disse que podiam ficar no quarto de hóspedes, mas Tom respondeu que iriam passar o resto da semana

num hotel. E agora, todas aquelas sombrias responsabilidades que enfrentara debaixo do chuveiro pareciam-lhe tão inconscientes como um sonho. Fizeram amor e depois repousaram um pouco, e fizeram amor de novo, e passaram pelo sono. Finalmente, ele ergueu-se.

- A que horas temos de mudar-nos para o hotel?
- Esperamos até depois do almoço - disse ela.
- Está bem. Que queres fazer esta manhã?

187

- Quero arrumar a casa. E devemos deixar um presente para Peg, talvez flores, e uma garrafa de conhaque.

- Está bem.

Ela aproximou-se dele e pousou-lhe a mão sobre o estômago nu.

- Tenho de telefonar para casa às seis.
- Não te rales, Danny já deve estar bom. Foi uma gripe, talvez.
- Eu sei. Mas suponho que tenho de lhe dar uma explicação. Ele ficou em silêncio, por momentos.
- Bem - disse ele -, não lhe digas definitivamente que vamos para Nova Iorque. Ainda não.
- Porquê?
- Porque o teu marido pode vir cá e fazer uma cena. Ou pode telefonar para a Embaixada e tentar retirar-te o visto.
- Também pensei nisso - disse ela.
- Então não lhe digas nada.
- Está bem. Mas tenho de o fazer em qualquer altura.
- Mas não o faças hoje.

Nessa tarde, voltaram para um quarto do rés-do-chão do Grand Hôtel des Balcons. Era maior do que o quarto que tinham ocupado sete dias antes e, desta vez, a varanda dava para um pátio interior e para as traseiras dos edifícios vizinhos. Às cinco e meia, foram ao Atrium e, às dez para as seis, ela desceu e ligou para Belfast.

- Kevin?
- Viva, Shee.
- Como está ele?
- Oh, está ótimo. A febre baixou e está sentado a comer. Provavelmente foi algum vírus. Está melhor.
- Queres que fale com ele?
- Bem, não sei. Não és propriamente muito estimada cá em casa, de momento.

- Pelo menos podia mandar-lhe um beijo.
- Está bem. Espera, eu pergunto-lhe.

Largou o telefone. Ela ficou à espera, dentro da campânula de plástico, olhando para o corredor, onde a encarregada dos lavabos, uma mulher forte, de bata branca, estava sentada,

188

a tricotar um pullover. Em frente da mulher, havia uma bandeja com três moedas de um franco, presas com uma fita de celofane. A Senhora Redden olhou para a mulher e para a bandeja, e sentiu que começava a tremer. "Se me vou embora naquele avião e nunca lho digo, nunca o digo ao meu único filho, que pensará de mim, que sentirá a meu respeito, pelo resto da vida? Voltarei a vê-lo?", - Está? - Não era Danny, era Kevin.

- Sim.
 - Ouve, Shee, ele não quer falar contigo.
 - Oh!
 - Talvez seja melhor. Por agora, quero eu dizer.
 - Sim - disse ela; já tremia menos.
 - Pensaste no que te disse na noite passada? Acerca de emigrarmos.
 - Sim.
 - Bem, e tens boas notícias para mim, espero? Ah, ah!
 - Kevin, não faria qualquer diferença se emigrássemos.
 - Compreendo. Então partes para a América, não é?
 - Eu não disse isso.
 - Bem, vais ou não vais para a América? Ou tencionas escapar-te sem nos dizeres nada?
 - Kevin, eu já saí de casa. Eu disse-te isso.
 - Então não te importas de não voltar a ver Danny?
 - Isso depende de ti.
 - Está bem. Não voltarás a vê-lo. Ele não há-de querer ver-te. Especialmente depois daquilo por que vai ter de passar quando toda a gente souber que a mãe fugiu e o deixou. Quando for conhecido pelo miúdo cuja mãe deu em puta.
 - Não vale a pena falarmos, pois não?
 - Espera aí - disse ele. - Ah, Shee, desculpa-me, perdi a calma! Quando me das notícias outra vez?
 - Não sei. Adeus, Kevin.
- Pousou o auscultador. Sentiu a tremura aumentar e, ao mesmo tempo, começou a sentir náuseas, como se fosse vomitar. Ficou parada um momento e depois subiu as escadas, a tremer, até ao café, e viu um homem elegante, de cabelos grisalhos, sentado à mesa a conversar com Tom. Não o reconheceu logo, mas, ao aproximar-se, lembrou-se de que era Ivo, o amigo de Peg. Quando ela apareceu, o homem grisalho pôs-se de pé, fazendo-lhe uma vénia exagerada.
- Bonsoir, Madame. Que prazer voltar a vê-la.

Puxou uma cadeira para ela. Sheila olhou para Tom, que parecia preocupado.

- Tudo bem? - perguntou ele.
 - Sim, está muito melhor.
 - Ótimo.
- Fez sinal ao empregado e colocou a mão sobre a dela.
- Tens aspecto de precisar de uma bebida. Um Pernod, OK?
 - Então partem para a América? - perguntou o jugoslavo.
- Ela olhou para Tom.
- Eu gostava muito de ir para a América - disse o jugoslavo.

- A França não é país para um estrangeiro. Muito pouco democrática, especialmente para refugiados dos países socialistas. Invejo-a, Madame. Claro, vai é ter de viver com este tipo. - Deu uma palmada nas costas de Tom. E eu sei, por experiência, que não é nada fácil.

Ao rir, mostrou os dentes brancos e iguais, mas, no fundo da boca, ela detectou o grampo de metal de uma placa.

- Sheila não é uma dona de casa tão exagerada como tu - disse Tom. - Por isso, entendemo-nos bem.

Nessa altura, o empregado colocou o Pernod sobre a mesa. Enquanto Lhe misturava água, ela notou o tremor da sua mão.

- À votre santé - disse o jugoslavo, erguendo o seu copo de vermute.

- À la vôtre - correspondeu.

O jugoslavo sorriu-Lhe, com um ar de conquistador.

- Madame, criou um monstro. Este tipo. Está diferente desde que a conheceu. Ciumento. Se eu lhe sorri, regarde sa gueule!

(1)

Ela olhou para Tom. Desejava que aquele idiota se fosse embora. Mas Tom riu-se, embaraçado.

- Peg e eu tivemos o prazer de conhecer o seu irmão médico - disse o jugoslavo. - Um homem encantador.

- Onde está Peg? - perguntou ela.

- Não a viu lá em baixo?

- Não.

*(1) Olhe para a cara dele! (N. T.)

190

- Espere. - Voltou a cadeira e espreitou para o fundo do café. - Ah, lá vem ela.

Peg subia a escada, vindo dos lavabos, com um casaco verde e calças cinzentas, com a carteira a bater na anca, enquanto avançava para a mesa, com um ar pouco amigável.

- Então estás aí? - perguntou Peg. - Andamos a brincar às escondidas. Pensei que te encontrávamos aqui.

A Senhora Redden ergueu-se, e, com um ar culpado, inclinou-se para beijar a sua pequena amiga.

- Julgava que tu e eu iríamos contactar - disse Peg.

- Desculpa. Peg voltou-se para Tom.

- A propósito, agradeço-Lhes muito as flores e o conhaque. Não deviam ter feito aquilo.

- Que quer beber? - perguntou Tom.

- Nada, obrigada. Como vão vocês?

- Óptimos. Já temos o visto para Sheila.

- Antes de ir para a América, disse o jugoslavo, quero fazer-lhe um jantar. O peru especial. Cúrka na Popdvarku.

- É fantástico - disse Tom a Sheila.

- E champanhe - acrescentou o jugoslavo. - Temos de ter champanhe. Vamos combinar um dia.

- Sheila, gostava de falar contigo - disse Peg em voz baixa.

- Talvez devêssemos beber já o champanhe, - volveu o jugoslavo. - Para festejar a obtenção do seu visto.

- Não - respondeu Peg. - Pelo menos para mim, não. Sheila e eu temos uma coisa a fazer. Tu e Tom podem acabar as vossas bebidas e esperar aqui por nós, não demoramos muito.

- Que coisa é essa? - perguntou o jugoslavo.

- São só dez minutos - retorquiu Peg.

- Le donne, le donne (1) - disse em italiano o jugoslavo, sorrindo.

Tom Lowry olhou para ela.

- Estás OK, Sheila?

- Claro que sim. - Pôs-se de pé, pegando na bolsa. - Não nos demoramos.

Peg saiu com ela e, voltando-se, ao chegar à rua, acenou,

*(1) As mulheres, as mulheres. (N. T.)

191

com a mão, sorrindo falsamente para os dois homens. Depois, deu o braço à Senhora Redden.

- Vim aqui especialmente para ver se te encontrava.

- Onde queres ir?

- Vamos andando.

A mão de Peg, agarrada ao braço da Senhora Redden, parecia a mão de um carcereiro. O céu estava escuro e adivinhava chuva; o vento era frio, o dia morria.

- Sabes, é claro, que estive com Owen uma destas noites?

- Sim, lamento imenso. Deve ter sido difícil para ti.

Peg não respondeu, limitando-se a guiar a Senhora Redden para a Rue de Seine.

- Pobre Owen - disse. - Já não o via há uns dez anos.

- Está muito velho, não está? - voltou a Senhora Redden.

- Nenhum de nós está a remoçar.

- Eu sei.

- Ele está preocupado contigo, Sheila. Disse-me que receia que venhas a ter um esgotamento nervoso?

- Isso é um disparate.

- É?

- Pois é. Como já não conseguem incutir-nos o medo de Deus, incutem-nos o medo de enlouquecer.

- Mas preocupou-me. Aquela conversa toda sobre depressão e crise mental.

- Apaixonarmo-nos é uma crise mental.

- Oh, Sheila! - disse Peg.

A Senhora Redden voltou-se, olhando para uma montra cheia de malas, para ver, não a exposição, mas um pálido reflexo do seu rosto.

- De qualquer modo, se não resultar, posso sempre voltar - disse.

- E o teu filho?

- Danny tem quinze anos. Não é uma criança. Daqui a três ou quatro anos é ele que me deixa.

Peg acendeu um cigarro ao fim de duas tentativas com fósforos. Aspirando-o, voltou-se para a Senhora Redden, como se tivesse tomado uma decisão.

- Aquilo que me preocupa, no entanto - disse ela -, é que as pessoas da idade de Tom apaixonam-se e desapaixonam-se muito facilmente. Já não te lembras de como eras quando tinhas vinte e seis anos.

- Quando eu tinha vinte e seis anos, estava casada e já tinha um filho. E agora, podemos voltar para o Atrium?

- Não tenho nada com isso, não é?

- Penso que não.

- Desculpa.

- Eu é que peço desculpa - voltou a Senhora Redden, colocando o braço em volta da amiga. - Ouve, tens sido estupenda para nós, emprestando-nos a casa e ajudando-nos.

- Eu é que empurrei Owen para ti. Desculpa-me.

- Está bem, pronto - respondeu Peg. - Já disse o que tinha a dizer. Escuta. Ivo e eu vamos ver o novo filme de Godard às sete. Querem vir connosco?

- Não, obrigada. Vão vocês.

- Pronto. Mas Ivo quer fazer-lhes um jantar uma destas noites, antes de se irem embora. Quando partem?

- Na sexta à noite.

- Então que dizes a quinta?

- Quinta? Está óptimo.

Quando entraram de novo no café, os dois homens ergueram-se.

- Les voici (1) - disse o jugoslavo. - Onde estão os vossos embrulhos?

- Não comprámos nada - replicou Peg. - Ivo, vamos dar-lhes de jantar na minha casa na quinta-feira. Fazes o teu peru?

- Com muito prazer. Cúrka na Podvarku.

- Eu levo o champanhe - disse Tom.

Peg beijou a Senhora Redden.

- Quinta, então. Às sete.

Quando Peg e Ivo saíram, a Senhora Redden sentou-se à mesa e terminou, apressadamente, o seu Pernod.

- Que queria ela? Uma conversa de coração aberto?

- Qualquer coisa nesse género.

- Ivo também.

- Que disse ele?

- Oh, que eu vou dar cabo da tua vida. Estragar o teu lar feliz. A propósito, que tal o telefonema para Belfast?

*(1) Ei-las. (N. T.)

192 193

- Assim, assim.

- E o teu marido? Não lhe disseste nada?

- Não: Mas ele afirmou-me que se eu for para a América, nunca mais vejo Danny.

- Canalha! - Estendeu a mão por cima da mesa e agarrou a dela. - Estás chateada?

Ela abanou a cabeça e olhou através do vidro para a torrente de trânsito que desembocava da Rue du Four como carrinhos eléctricos numa feira. De súbito, inexplicavelmente, sentiu que caía da corda bamba mental em que se tinha equilibrado nas

duas últimas semanas.

- Que tens, Sheila?

Olhou para ele.

- Supondo que te diziam que nunca mais me vias. Que farias tu?

- Não ligava.

- Mas supondo que era eu a dizer-to.

Ele fixou-a.

- Isso é algum jogo?

- É uma pergunta.

- É por causa de Danny? Fez-te mudar de ideias?

- Não, só te perguntei o que farias.

- Queres dizer, se eu te deixava partir?

- Sim, creio que é isso.

- Se é isso que queres, terás de o fazer tu. Vais desistir de mim?

- Oh, querido - disse ela -, o mais provável é que suceda o contrário.

- Que queres dizer?

- Nada. Acabemos com esta horrível conversa. Fui eu quem a começou. Desculpa. Que fazemos esta noite?

- O que tu quiseres.

- Porque não descemos o rio, apanhamos o autocarro para a Bourse e vamos jantar àquele sítio onde estivemos na sexta-feira?

- Aquele sítio barulhento?

- Sim - disse ela -, apetece-me barulho.

Capítulo nono

Em Belfast, naquela quarta-feira de manhã, Kevin Redden ergueu-se mal surgiu a luz do dia. Barbeou-se e vestiu-se como se fosse casar-se, escolhendo o seu melhor fato escuro, a camisa e a gravata que ela tinha escolhido para ele no Natal anterior e que nunca havia usado. Experimentou e pôs de parte dois lenços de seda para o bolso superior, antes de se decidir pelo de linho branco, sem enfeites. Observou-se no espelho e voltou a escovar o cabelo para não ficar muito agarrado à cabeça. Bebeu uma chávena de chá, fez uma pequena mala com utensílios para uma noite; e, lembrando-se dela, juntou-lhes Valium e um forte sedativo. Depois, despediu-se da Senhora Milligan e de Danny (que pensava que ele ia apenas a Dublin) e, às oito horas, estava no seu Audi novo, e seguia para o Sul. O carro foi detido e revistado por uma patrulha do Exército Britânico, perto da fronteira, mas mesmo com esse atraso, chegou ao Collinstown Airport, perto de Dublin, às dez e um quarto. Tomou as disposições necessárias para estacionar o carro durante a noite, e o seu bilhete foi visado na sala de espera do aeroporto, meia hora antes da chamada para o voo. Havia nevoeiro baixo sobre o Continente. Os voos para Zurique e Bruxelas estavam atrasados, o que lhe provocou uma forte

sensação de ansiedade.

Mas o voo para Paris foi chamado a tempo. Duas horas mais tarde, depois de aterrar em Orly e passar pela alfândega francesa, dirigiu-se a um telefone e ligou para o número que ela lhe dera. Era, como suspeitava, o mesmo hotel para onde já havia telefonado. Tomou nota do endereço e, mais tarde, no autocarro que o levava à cidade, escreveu-o cuidadosamente, letra por letra, num dos seus blocos de receitas.

GRAND HÔTEL DES BALCONS 6, RUE CASIMIR-DELAVIGNE

Mostrou o bloco a um motorista da praça de táxis dos Invalides, perscrutando o rosto do homem, para ver se compreendia. Depois de ele acenar afirmativamente,

195

Redden entrou para a parte de trás do carro e sentou-se, sem reparar nas ruas por que passava, até o táxi entrar na Place de l'Odéon e parar diante da pouca atraente entrada do hotel. Pagou a corrida e entrou no hall, com a gabardina e a maleta na mão. Tinha ensaiado as perguntas, como se se preparasse para um exame oral e, no seu francês indiferente, iniciou o interrogatório.

- Pardon, Madame. Quel número de chambre de Madame Redden?

(1)

A recepcionista do hotel, mulher de meia-idade, olhou para ele e respondeu-lhe num inglês de sotaque tão carregado como o seu francês:

- Madame Redden. Quarenta e oito.

- Ela está cá?

- Não, Monsieur, ela saiu.

- Sabe quando volta?

- Não. Na maior parte das vezes, depois do almoço, eles voltam para o quarto.

- A que horas?

- Duas, três horas.

Olhou para o relógio. Era uma e meia. Olhou para trás de si e viu uma mesa pequena e dois cadeirões numa salinha.

- Talvez possa esperar um pouco.

- Como desejarr.

Atravessou o hall e sentou-se numa das cadeiras. Na maior parte das vezes, depois do almoço, eles voltam para o quarto. Lembrou-se da sua lua-de-mel, havia muito tempo, em Villefranche. Costumavam fazê-lo, depois do almoço, excitados pelo vinho. Bem, hoje não ia ela fornicar. Não ultrapassou esse pensamento. Ali estava ele, com o seu melhor fato escuro, no hall de um hotel, numa cidade estrangeira, à espera que a mulher chegasse com o amante. De súbito, sentiu-se como um homem atingido por um acidente e levado para o banco de urgência de um hospital. Sabia onde estava e o que tinha sucedido. Mas não sabia o que ia passar-se.

Mas, ao fim de ali estar durante meia hora, sentiu-se invadido por uma nova angústia. E se ela entrasse, o visse,

*(1) Por favor, minha senhora. Qual o número do quarto da Senhora Redden? (N. T.)

196

e desatasse a fugir, obrigando-o a persegui-la? Ergueu-se, sorriu para a recepcionista, que nem reparou nele, saiu e olhou para um lado e para outro da rua estreita, atravessou-a e colocou-se na porta de uma loja esquecida que parecia vender calçado ortopédico. Fingiu examinar os moldes de gesso que estavam na montra, sem perder de vista a entrada do hotel. O importante era deixá-los subir, depois bater à porta e enfrentá-los. Diria ao americano que tinha de falar a sós com a mulher e depois ficaria com ela no quarto. Desse modo, retê-la-ia num local donde não pudesse fugir-lhe. Em casa, ela acabava sempre as discussões fugindo para o andar de cima e metendo-se na sala de costura.

O céu escureceu. Começou a chover. Abotoou a gabardina e começou a mover-se, inquieto, no portal, olhando para um lado e para o outro da rua. De súbito, compreendeu que estava a tremer. Era como se, sem o notar, se tivesse deixado invadir pela ira. "Não podes perder a calma." Contudo, enquanto transmitia a si próprio este aviso, ele transformou-se em palavras de um código que não era entendido por aquele outro homem, aquele estranho que tremia e humedecia os lábios ressequidos, que olhava para um lado e para o outro da rua, como um criminoso que aguarda a sua presa.

Pouco depois das duas horas, um trovão súbito ressoou como um aviso sobre os Jardins de Luxembourg onde, de braço dado, entre um pequeno grupo de espectadores, a Senhora Redden e Tom Lowry observavam um argelino, um ganês e um indiano que, acorados nos degraus de um coreto militar abandonado, estilo belle époque, tocavam duas gaitas e uma cítara, para seu próprio divertimento. O relâmpago brilhou por sobre as árvores, deixando o céu mais escuro depois da sua passagem. Quase imediatamente, a chuva desabou, acabando com a música, pois tanto os executantes como a audiência correram pelos degraus acima, para se abrigarem sob o telhado hexagonal do coreto. Aí, olhando as bâtegas de chuva, a Senhora Redden lembrou-se da Irlanda, de férias já antigas, quando a chuva, implacável, inevitável, punha fim aos piqueniques, aos jogos de ténis, às tardes na praia, empurrando os veraneantes para a prisão de uma sala de pensão. Estremeceu e apertou mais a cintura de Tom.

197

Na última manhã das tais férias de Verão, ela e as outras crianças viam o pai a carregar o carro e compreendiam que,

nessa noite, já dormiriam nas suas próprias camas, em casa.

Inevitável, implacável, a tempestade parou. Viu Tom olhar para o relógio.

- Que horas são?
- Duas e vinte. Queres ir um bocado para o hotel?
- Está bem.

Seguiram pelos jardins e desceram a Rue de Vaugirard. Nessas férias, diferentemente do que sucedera nas outras antigas, não iria dormir na sua casa. Daqui a duas noites, sobrevoaria o Oceano Atlântico e, no sábado, já estaria no Novo Mundo. Ia para a América. Ia recomeçar a sua vida. Mas, ao pensar nestas palavras, custava-lhe a imaginar como seria essa nova vida. E sentiu medo, de novo.

Quando atravessavam a Place de l'Odéon e entravam na Rue Casimir-Delavigne, parou e olhou para ele.

- Tom, e se tu fosses para Nova Iorque sozinho, esta semana?
- Que queres dizer?
- Espera. Supondo que eu te seguia, talvez de hoje a duas semanas? Isso dava-te tempo para pensar. E, se ainda quisesses que eu fosse ter contigo, garanto-te que ia.
- Sabes o que é esse plano? - inquiriu ele.
- O que é?
- É medo de voar - disse ele, rindo-se. - Estás com medo de voar, é isso ou não é?

- Não, não.
- Ai é, é - disse ele, a rir.

Ao olhar para Tom, ela sentiu vontade de não o deixar, não quis estragar as coisas, e riu-se também.

- Talvez seja - disse.

Ele pegou-lhe na mão e dirigiram-se para o hotel.

Quando Kevin Redden viu a mulher a descer a rua, de mão dada com um estranho, o seu primeiro instinto foi recuar mais para o interior da porta da loja de artigos ortopédicos, porque sentiu vergonha de estar a espiá-los. Aquela vergonha, que não compreendia, era contrabalançada por uma insaciável curiosidade que o forçava a olhar para o americano que lhe roubara a mulher. Por isso, escondendo-se, espreitando através da montra, verificou que o estranho era muito mais novo do que ele, aproximadamente da mesma altura, e nada no género das caricaturas de americanos que a sua fantasia criara. Parecia alguém do seu país, um interno de folga, talvez até um estudante de medicina.

Vinham a rir-se. Oh, sim, aquela puta sem coração, que se preparava para abandonar o seu filho único, vinha a rir-se! Por momentos, pareceu-lhe, com inquietação, que ela tinha olhado para o outro lado da rua, directamente para o portal onde ele se escondia. Depois, de mãos dadas, ela e o homem entraram no hotel. Saiu do seu esconderijo, com a respiração entrecortada, como se tivesse subido a rua a correr. "Tenho de me acalmar." Voltou-se para a montra e tentou ver o seu reflexo. Mas a montra estava suja e o céu cinzento, de modo que apenas pôde ver um homem de gabardina, com uma maleta na mão, como um vendedor ao domicílio. Esperou uns momentos e depois atravessou a rua e entrou no hotel. A mulher de meia-idade continuava ao balcão. Não se dirigiu logo para ela,

primeiro entrou na salinha e despiu a gabardina, porque não se considerava bem vestido com ela. Colocou-a, juntamente com a maleta, sobre um dos cadeirões. Se fossem roubadas, paciência: não queria ir bater à porta dela e aparecer-lhe com uma maleta na mão. Depois de endireitar a gravata e tocar no lenço para se certificar de que estava no lugar, dirigiu-se ao balcão.

- A Senhora Redden já voltou?
- Sim, senhorr, acaba de entrarr.
- Disse quarenta e oito?
- Sim, senhorr. Deseja que telefone?
- Não, não, eu subo. Ela está à minha espera - disse, e apressou-se a subir as escadas, antes que a mulher tivesse oportunidade de responder.

Subia os degraus a dois e dois. No último, tropeçou, enfiando o tacão na passadeira. Enquanto avançava pelo corredor, à procura do número, tirou o seu segundo lenço da algibeira das calças e limpou as palmas das mãos, que estavam suadas. Quando chegou à porta que tinha o número 48, bateu suavemente. Duas pancadas.

- Allô, oui - disse uma voz de homem. - Entrez. (1)

*(1) Sim. Entre. (N. T.)

198 199

"Devem estar à espera da empregada." Abriu a porta e, nessa altura, viu-a de pé junto da janela, de costas para ele, a apertar a gabardina em volta do corpo. Compreendeu porquê. Já se tinha despido, aquela puta nojenta. As roupas estavam sobre a cadeira. O amiguinho dela tinha tirado o casaco. Ela voltou-se.

- Kevin!
Ele não lhe respondeu. Olhou para o homem.
- Importa-se? - disse. - Queria falar com a minha mulher.
O homem olhou para Sheila.
- Tom, importas-te de esperar por mim lá em baixo?
- É isso que queres? - disse o homem.
Era mesmo um americano, com um sotaque nitidamente nasalado.
- Sim, peço-te. - O americano acenou afirmativamente e olhou furioso para Redden.
- Com licença - disse, obrigando Redden a ceder-lhe a passagem.

O médico fechou a porta e viu a chave do hotel na fechadura, com uma esfera de madeira pendurada. Deu a volta à chave, fechando a porta, e depois meteu-a no bolso.

- Que julgas tu que estás a fazer?
- Estou a certificar-me de que não te vais embora.
- Dá-me essa chave.
- Cala-te - disse ele -, e senta-te.
"Não deves falar-lhe assim. Não percas a calma," avisou ele, tranquilizando a pessoa imprevisível que o controlava agora, mas era tarde demais, tinha perdido a calma. Já havia feito dela uma inimiga.

- Desculpa - disse. - Não queria mostrar-me zangado.

- Tens todo o direito de estar zangado - respondeu ela, sentando-se na cama e olhando-o. - Kevin, eu disse-te que não viesses. Não serve de nada.

- Mas tem de servir - replicou.

Em casa, estendido na cama, sem dormir, naquelas últimas noites, tinha planeado tudo isto, ser simultaneamente sensato e bondoso, embora ameaçando-a de um modo tranquilo e profissional. Mas ela não era uma das suas doentes, já nem sequer lhe parecia a sua mulher, por isso, cheio de pânico e ira, notou que a tal pessoa imprevisível tomava posição dentro dele, e que essa pessoa, grandecíssima idiota, estendia as mãos como um pedinte, sorria e tentava pôr um pouco de riso na voz ao dizer:

- Trago o meu melhor fato. Já reparaste?

- Reparei, sim.

- E sabes porque trago o meu melhor fato, Sheila?

Ela abanou a cabeça.

- Vesti-o porque quero que tu voltes para casa. Estava com esperanças de que talvez, quando me viesses, pensasses que não sou assim tão desajeitado. Ah, ah! Pensei para comigo, "aquele amigo dela, aquele americano, deve fazer-me boa concorrência. Provavelmente, parece alguma estrela de cinema. Ah, ah! "

- Kevin, pára com isso.

- E nota, o rapaz é mesmo jeitoso. E é muito mais novo do que eu. Ah, ah! Ouvi dizer que se licenciou no Trinity. Tu e ele podem fartar-se de falar sobre escritores modernos e outros assuntos cheios de interesse. Ah, ah! Aí, não posso eu competir, receio bem.

- Kevin, pára.

- Desculpa. Peço desculpa. Esperava conseguir ser muito simpático. Pensava, calcula, que chegava aqui hoje e conversava contigo e talvez me fosse embora, para passar a noite em qualquer sítio, e depois voltava amanhã para conversar outra vez contigo, antes de me ir embora. Claro, senti um certo choque ao ver-te aqui, despida, com outro homem no quarto. Ah, ah! Mas não faz mal. Já me recompus, agora. Compreendo que perdi a batalha. Quando vais para a América?

- Em breve.

- Então já tens o teu visto americano?

- Já.

Ele assobiou entre dentes.

- Então, nada do que eu possa fazer te fará mudar de ideias, não é assim?

- É. Lamento imenso, Kevin. Tratei-te... fui indecente para ti e para Danny. Mas sucedeu. Apaixonei-me por um outro.

E, naquela altura, a pessoa imprevisível dentro dele deixou de conseguir sorrir e de tentar conquistá-la.

- Na verdade. Tal como nos romances. Sim, exactamente. Foi dos livros, evidentemente, que tiraste essas ideias.

Não da vida real. Todos esses romances e todo esse lixo que tens na tua saleta lá em casa. Às vezes, penso que esses autores que escrevem todas essas tretas deviam ser condenados:

Ou talvez devêssemos passar receitas para livros, tal como se faz com os remédios. Não para serem tomados oralmente. Não para as pessoas que não sabem distinguir o bem do mal. Sim. Porque tu não és a heroína dum raio dum livro. E o nosso miúdo que ficou em Belfast não saiu de um livro. Neste momento, está ele sentado na sala de Somerton Road, à espera que a Mamã volte para casa. E eu não sou o marido estúpido e enganado de um romance qualquer. Nem tu, nem esse americano, a fornicarem há duas semanas, fazem parte de uma grande história de amor romântica.

- Não fales em fornicar. Podemos conversar sem falares disso.

- Ah, sim? Oíçam a filha de Maria! Não gosta de dizer fornicar, mas fá-lo. Mas eu digo fornicar, porque é disso que se trata. Sexo, nada mais do que sexo. Jovem garanhão americano encontra-se com senhora casada solitária num romance secreto na Riviera. Ela abandona a família para fugir com ele para a América. " Já estou a ver os títulos no «Assim vai o Mundo».

- Pronto - disse ela -, é verdade, o sexo tem grande parte no caso.

De súbito, ele bateu-lhe. Não soube que o ia fazer, antes de Lhe ter dado a bofetada. A gabardina abriu-se e ele viu-a de collants, com os seios nus.

- Sexo, não é? - Ouviu-se a si próprio gritar. - É isso que tu queres, é só sexo o que queres?

E, enquanto gritava, notou, chocado, que sentia erecção. Agarrou-a e empurrou-a para cima da cama, estendendo-se sobre ela, enquanto, com a mão esquerda, Lhe começava a puxar os collants.

- Kevin, pára com isso. Sai de cima de mim!

Mas então, a tal pessoa imprevisível que estava dentro dele viu uma mulher estranha que tinha estado na cama a fornicar durante duas semanas com um americano qualquer, uma mulher que ele já não conhecia, uma mulher que queria sexo, que queria ser usada. Sexo, ele dava-Lhe sexo, se era disso que ela precisava, iria passar os dias a fornicá-la. Olhou, fascinado, para as suas longas coxas brancas e para o ventre e para os pêlos escuros do púbis, enquanto puxava os collants para baixo, lutando com ela, rasgando-Lhe os collants, vendo a sua pele branca e leitosa, que costumava fazê-lo pensar no pecado.

- Kevin, estás louco, pára com isso!

Começou a lutar com ele. Bateu-lhe na cara, quando ele recuou e se pôs de pé, abrindo o fecho éclair das calças, tirando para fora o pénis, que segurou como um cacete na mão, olhando para a sua ponta vermelha e depois para ela:

- Queres então fornicar, é isso que tu queres, não é? Fornicar!

- Kevin, deixa-te disso! Pára.

Tentou erguer-se, mas ele bateu-lhe com força, obrigando-a a cair sobre a cama, e estendeu-se sobre ela, pregando-a ao leito.

- Cala-te! - disse ele. - Vou foder-te, ouviste? Foder-te como a uma prostituta, que é isso que tu és.

E então, ao compreender que não conseguia livrar-se dele, ela começou a soluçar, mas as lágrimas dela ainda o excitaram mais, e agora, com ela nua, libertou-se das calças e forçou-a

a abrir as pernas, enfiando o pénis dentro dela, e começou a mover-se para diante e para trás, aguentando o orgasmo que, na sua terrível excitação desconhecida, dificilmente conseguia controlar: aquela não era a sua mulher, era uma mulher estranha num hotel francês, e o facto de ela chorar, de ter medo e de sentir repulsa por ele, tornava a sua excitação ainda maior. E então, quando enfiou as mãos por baixo dela, agarrando-lhe as bochechas do rabo, puxando a para ele, pareceu-lhe que ela correspondia e, num impulso de satisfação, o orgasmo iniciou-se. Ouviu-se a si próprio soltar um gemido de prazer que não era vulgar nele.

Ficaram estendidos, arquejantes, com a cama desmanchada, e a mulher começou a afastar-se dele, a sair da cama, a vestir-se, enquanto ele a observava, e depois passou por trás dele e foi para o canto do quarto. Ouviu água a correr no lavatório. Já não estava irritado. Sentia-se curiosamente em paz. Sentia que se controlava de novo. Sentou-se e vestiu as calças, afivelou o cinto, puxou as pontas do colete, endireitou o lenço no bolso superior do casaco e penteou o cabelo espesso e encaracolado. Ela estava junto do lavatório a fazer qualquer coisa à cara, tal como se estivessem no seu quarto, em casa.

- Tu voltas comigo - disse.

202 203

Ela continuou a arranjar os olhos.

- Não é verdade, Sheila?

Ela tirou um pente da bolsa e começou a pentear-se.

- Quando estiveres pronta - continuou -, levo-te a mala e descemos, e digo ao teu amigo que voltas para casa. Tomamos um táxi para o aeroporto e apanhamos o próximo avião para Londres. Ainda conseguimos uma ligação para Dublin esta noite. Tenho o carro à espera no aeroporto. Po derás estar em casa com Danny antes da meia-noite. E não se fala mais do assunto. Nenhum de nós voltará a falar disto. Vamos tratar o assunto como se... como se fosse uma coisa que lemos num livro. Ah, ah! E fechamos o livro.

Ela continuava a pentear-se.

- Além disso - disse ele -, não tens possibilidades de viver na América, sabes. Não te permitirão que fiques.

Observou-a quando disse isto e viu-a olhar para ele através do espelho.

- Oh, podias sair daqui agora, com um visto de turista. Eu podia, ou não podia, impedir-te de ir. Mas, uma vez lá, é muito diferente. Já falei com a Embaixada Americana em Dublin. Sei como aquilo é. Basta eu dizer a verdade aos Americanos: que tu não és turista, que não tens tenções de voltar à Irlanda, que estás a viver na América com um homem que não é teu marido. E, além disso, tenho uma carta de Owen, com informações sobre a tua mãe e o teu irmão, e as suas depressões nervosas. Duas depressões já, na família. As doenças mentais são algo que os Americanos detestam profundamente. Foi o que me disseram na Embaixada em Dublin. Tenho lá um bom contacto.

Aguardou. Ela continuava a pentear-se.

- Sei o que estás a pensar - disse. . - Pensas que estou a dizer isto para te chatear. Mas não é verdade, Sheila. Estava irritado, confesso. Mas já não estou. Porque, basta olhares para os factos. Há duas semanas e meia nunca tinhas ouvido falar daquele garoto. Ias passar as férias comigo. Isto não é normal, Sheila. Decerto compreendes isso?

Ela não respondeu.

- Não, suponho que não. Estás naquilo a que se chama a fase maníaca. Disseram-me que não durava muito, essa fase. Dentro de poucas semanas, estarás na fase número dois... a fase mais profunda da depressão. E Deus ajude aquele rapazinho que está lá em baixo, quando ela começar.

A Senhora Redden meteu o pente na bolsa e fechou-a. Não olhou para ele.

- Tens contigo a carta de Owen? - perguntou.

- Sim. - Tirou a carta do bolso interior do casaco e estendeu-lha para ela a ler. - Mas não lhe toques.

Ela aproximou-se e leu a carta.

- Não é para a Embaixada Americana. É apenas uma carta para ti.

- Serve para corroborar a declaração que tenciono fazer à Embaixada.

;Ela voltou-se e foi até à janela, olhando para o amontoado de edifícios em volta do pátio. Ele nada disse. Convém deixá-la pensar no assunto. Ela voltou-se de novo, dirigiu-se à cama e começou a compor as roupas. Ele conservou-se silencioso. "Sim, é melhor deixá-la compenetrar-se bem.

Dar-lhe tempo para compreender.", Depois de acabar de arranjar a cama, ela foi ao roupeiro, abriu uma gaveta e tirou uns collants novos. Vestiu-os, de costas para ele. Ele observava-a. A mulher calçou os sapatos e pegou na bolsa. Foi até ao espelho, colocou o chapéu-de-sol azul, puxando-o até aos olhos. Voltou-se para ele.

- Estás pronta? - inquiriu Kevin. - Onde está a tua mala?

- Vou descer - disse ela. - Aconselho-te a voltar para casa.

- O quê? - A ira avermelhou-lhe o rosto.

- Deixa-me acabar. Seja o que for que suceda comigo, Kevin, nunca mais volto para ti. É definitivo.

- Oh, outra coisa - disse ele -, aquele garoto que está lá em baixo deve ter família na América. Posso descobri-la através dos registos no Trinity. Posso informá-la daquilo em que o filho se meteu. Uma esposa e mãe fugida, com possibilidades de doença mental. Ah, ah!

- Abre a porta, Kevin.

- Só depois de dizeres que vens comigo para casa.

Ela começou a gritar. Ele deu a volta à cama, para a fazer parar, mas ela fugiu-lhe, a gritar, e o som dos seus gritos era terrível, assustava-o. Pela primeira vez, acreditou que ela estivesse louca. Voltou para trás e, procurando a chave nos bolsos, encontrou-a e abriu a porta. Ela só parou de gritar quando ele abriu a porta e a deixou passar.

- Jesus Cristo, tu estás louca - disse ele.

Ela passou por ele e, uma vez mais, aquela pessoa imprevisível começou a gritar dentro da cabeça dele, uma pessoa louca de raiva, que a chamava.

- Pois bem, vai! Mas vais ser deportada, ouviste? E, quando te mandarem de volta para Belfast, divorcio-me de ti. E nunca mais vês Danny. E vais acabar num manicómio, que é o sítio de que precisas.

Ela desceu as escadas à pressa e ele correu atrás dela, a gritar, e chegaram ambos ao hall, onde a recepcionista os olhava, alarmada e com um ar de desaprovação, e onde o americano se encontrava de pé, no meio da sala, pronto a bater em alguém. Ela correu logo para ele, que a envolveu nos braços.

- Estás bem? - perguntou.

- Estou.

O rapaz voltou-se e olhou para Redden. A recepcionista disse algo em francês, muito irritada, mas Redden não compreendeu. Fechou os punhos e ficou a olhar para o rapaz, também pronto a lutar. Mas Sheila deu o braço a Tom.

- Vamo-nos embora - disse.

Viu-os dirigirem-se para a entrada. Correu atrás deles, agarrou-a pelo pulso e gritou:

- Se saís aquela porta com ele, estás perdida. Isso garanto-te eu.

- Acredito - disse ela. - Agora larga-me.

Ele sentiu então que não aguentava vê-la mais. Largou-lhe o pulso e correu para a salinha, pegando na gabardina e na mala. Ela e o rapaz iam a sair, mas ele ultrapassou-os. Era ele que a abandonava. Na rua, foi apanhado por um aguaceiro, mas não se deteve. Correu pela calçada abaixo, com a gabardina no braço, o seu melhor fato escuro todo ensopado. Quando chegou ao cruzamento da Rue Casimir-Delavigne com a Rue Monsieur-le-Prince, a praça de táxis estava completamente vazia. Continuou a caminhar sob a chuva penetrante, em direcção aos grandes boulevards. Nunca olhou para trás.

Quando a Senhora Redden o viu sair pela porta do hotel como um louco, parou.

- Espera! - disse ela.

- Deixa-o ir - replicou Tom.

Ficaram no hall a ver a chuva cair. Ao fim de um momento, ela avançou e espreitou, olhando para um lado e para o outro da rua.

- Já se foi?

- Sim - respondeu ela.

- Que sucedeu lá em cima? Porque gritaste?

- Ele não queria abrir a porta para me deixar sair.

- Canalha. Que disse ele? Que vai fazer?

- Nada. Só conversa. Não te preocupes com ele.

- Tens a certeza?

- Tenho.

- Achas que ele volta?

- Não.

Capítulo décimo

Tinha parecido uma bela ideia, quando Ivo a propôs, na altura do champanhe, na quinta-feira à noite, depois de lhes servir o seu jantar jugoslavo especial. Peg e ele iriam acompanhá-los à Gare des Invalides para tomarem uma última bebida de despedida, antes de eles se meterem no autocarro para o aeroporto. Mas, efectivamente, às sete e cinco de sexta à tarde, quando o táxi entrou numa avenida ladeada de árvores em frente dos Invalides e parou junto de uma porta onde se lia DÉPART (1), a Senhora Redden, muito nervosa, voltou-se para Peg e disse-lhe:

- Odeio estas despedidas. Não podíamos despedir-nos aqui no táxi? Não podem deixar-nos aqui?

E Peg Conway, ao ver a tensão no rosto da amiga, concordou, beijando-a sentimentalmente, abraçando-se a ela e dizendo:

- Oh, .Sheila, desejo-te muitas felicidades.

- Que é isto? - disse Ivo.

Ele e Tom estavam a tirar as malas do porta-bagagens.

- Eles preferem que nos vamos - disse Peg. - Que lhes digamos adeus agora.

- Ah! - disse Ivo. - Então tenho de ler o meu belo poema aqui na rua?

- Sim, querido.

E assim, enquanto o motorista do táxi esperava, Ivo puxou de uma folha de papel que disse conter uma tradução de um clássico jugoslavo e, com grande embaraço de todos, leu uns versos sentimentais sobre uns amantes que partiam para a viagem da vida. E depois houve mais abraços e promessas de se escreverem, Ivo e Peg voltaram para o táxi, que desapareceu na curva, com a mão de Peg a acenar para ambos, através da janela aberta. Ficaram sós, os dois, deixando finalmente Paris, e ela foi esperar para o grande hall da gare, enquanto ele corria a um guichet para comprar bilhetes para o autocarro.

*() Partida. (N. T.)

Por trás dela, na gare de partida, os funcionários consultavam horários, perfuravam programas de computadores e visavam bilhetes. Uma longa fila de viajantes avançava, disposta em duas bichas, para os guichets do bureau de change. Um grupo de turistas, identificável pelas malas de voo idênticas e amarelas, comprava recordações nas lojas e fazia bicha junto do quiosque dos jornais, escolhendo revistas brilhantes. Dois miúdos, inventando maneiras de matar o tédio da espera, passaram a correr pela Senhora Redden, com os braços abertos, imitando aviões. Ela lembrou-se de Danny quando tinha a idade deles e afastou o olhar, incapaz de os fitar. E, então, viu Tom, que se dirigia para ela, com o saco de campismo ao ombro, e a mala dela na mão esquerda.

- Tudo pronto - disse ele. - Apanhamos o próximo autocarro.

- Deixa-me levar a minha mala.
- Não, não me custa nada.

Ao balcão da T W A, no Aéroport Charles de Gaulle, o funcionário observou o bilhete e pediu que lhe mostrasse o passaporte. Devolveu-lhe o passaporte, rasgou parte do bilhete, perguntou quantas peças de bagagem tinha e se desejava um lugar na zona de fumadores ou de não fumadores. Tom pousou a mala dela na balança. O funcionário prendeu-lhe uma etiqueta de check-in e colocou-a no tapete rolante. Ela viu a mala deslizar e desaparecer nuns batentes de borracha que se abriam, como uma boca, para a receber.

- O embarque é às nove e quinze, porta nove - disse o funcionário. - Muito obrigado, Senhora Redden. Boa viagem.

Já haviam registado o saco de campismo de Tom no balcão dos voos charter. Agora, para saírem de França e voarem para uma nova vida, tinham de ser revistados. Os passaportes foram examinados por um polícia francês, a bagagem de mão e eles próprios foram revistados, à procura de armas, e entraram num limbo de salas, bares, quiosques de jornais e lojas francas, para irem esperar os seus aviões separados. Sentaram-se num sofá vermelho, a mão dela na dele.

- Está, finalmente, a acontecer - disse ele. - Sentes-te nervosa?

- Não.
- Tens a mão fria.
- Estou bem.

Ele tirou um cartão do bolso.

- Olha, no caso de haver qualquer atraso no meu avião, vou-te dizer o que hás-de fazer. Aterras em Nova Iorque no terminal da T W A. Vais ao balcão da companhia e pedes-lhes que verifiquem a hora de chegada do meu voo. Esperas na sala até eu aparecer. Toma, está tudo neste cartão, o nome da firma do charter, o número do voo e o número do telefone para ligares. Mete-o na bolsa.

No quadro electrónico em frente deles, um súbito click assinalou uma alteração. A informação sobre o voo dela não se modificou, mas o dele indicava agora o número da porta e a anotação de que o voo saía a horas. Às oito e vinte, chamaram os passageiros. Ele sorriu-lhe e ergueram-se ambos, dirigindo-se às portas de vidro onde uma hospedeira aguardava para verificar os bilhetes.

- Pelo menos, o facto de o meu voo partir primeiro significa que podes estar certa de que lá estarei à tua espera, quando chegares - disse ele.

- É verdade.

- Tens o teu visto e o teu passaporte. Não há problemas, pois não?

Ela acenou negativamente.

- No entanto - perguntou ele -, não é horrível separarmo-nos, mesmo por algumas horas?

Meteram-se na bicha de passageiros que se dirigia para a porta. Quando chegou a vez de ele mostrar o bilhete à hospedeira, a Senhora Redden passou-lhe os braços em volta do pescoço.

- Amo-te - disse. - Imagina se não nos tivéssemos conhecido.

Amo-te.

Ele beijou-a.

- Até à vista, em Nova Iorque. Olha, porque não vais até ao bar, e tomas uma bebida e comes uma sanduíche? Só jantas por volta da meia-noite, pela nossa hora.

- Sim, acho bem.

Mas continuou a abraçá-lo e beijou-o de novo, não o largando antes de todos os outros passageiros terem passado e a hospedeira, que os esperava, dizer, compreensivamente:

- Desculpem-me. São horas de partir.

210 211

- Amo-te - disse ela, uma última vez, e ficou a vê-lo mostrar o bilhete e entrar no corredor.

No fundo do corredor, ele voltou-se e acenou-lhe. Um assistente fardado apareceu e a hospedeira entregou-lhe os bilhetes.

- Quarante-huit (1) - disse a hospedeira.

- Quarant-huit - concordou o assistente.

Correram lágrimas incontrolláveis dos seus olhos. Acenou-lhe. Ele acenou, também, uma última vez e depois voltou-se. Mas ela continuou a acenar-lhe mesmo após ele desaparecer.

*(1) Quarenta e oito. (N. T.)

212

Capítulo décimo primeiro

O padre seguiu pela coxia lateral da Catedral de Notre-Dame, pouco depois das onze da manhã, e subiu os degraus da Chapelle d'Accueil. Dirigiu-se à mesa situada no centro da capela e acendeu o pequeno candeeiro de leitura. Olhou para o confessional, à sua direita, e para o altar vazio, atrás de si, depois, despiu a velha gabardina de plástico e colocou-a sobre um pequeno móvel. Com as suas calças largas e o casaco de algodão cinzento todo puído, os óculos a meio do nariz, parecia uma figura cómica. Um comediante de Deus, a preparar-se para uma estranha comédia. Sentou-se à mesa, abriu o grande livro e escreveu qualquer coisa, com uma caneta de aparo que mergulhou num frasco de Quink.

Estava ainda a escrever quando se apercebeu de que uma mulher tinha subido os degraus da capela e esperava para Lhe falar. Olhou-a, espreitando através dos óculos, enquanto ela ajeitava o cabelo ruivo que se escapava em caracóis mal penteados por baixo de um chapéu azul. O chapéu estava puxado para baixo, para esconder os olhos inchados por lágrimas recentes. Reparou nesses detalhes. Já tinha reconhecido a mulher.

- Bom dia, Madame - disse ele, erguendo a sua grande mão branca como uma bênção e fazendo-lhe sinal, com os dedos inclinados, para que se sentasse na sua frente e ela sentou-se, do outro lado do candeeiro.

- Lembra-se de mim, Padre? - A sua voz era tão baixa, que ele mal conseguia ouvi-la.

- Desculpe-me - disse. - Sou um pouco surdo.

- Lembra-se de mim?

- Sim. Era a senhora que disse que tinha de tomar uma decisão difícil.

- Sim, é verdade.

- E já a tomou?

- Sim.

A voz faltou-lhe ao falar, e o padre, compreendendo, inclinou-se um pouco para a frente, para a luz, pondo a mão em pala, com os dedos largos e curtos a cobrir os olhos,

213

como se estivesse num confessional, escutando sem ver o penitente.

- Quer falar sobre isso?

- Não sei - disse ela. - Eu devia ir para a América. Mas não fui, porque...

Não terminou, mas ele estava habituado àquelas coisas. Sabia esperar.

- Não pude - disse, finalmente.

- Ia viver na América?

- Sim. Com alguém. Até utilizei o bilhete. Foi por isso que vim ter consigo. Preciso de dinheiro. Tenho de pagar o bilhete que desperdicei.

- Não compreendo - disse o padre. - Não foi, mas usou o bilhete?

- Deixei que o pessoal do aeroporto me verificasse o bilhete. Fui ao aeroporto. - De súbito, riu-se, mas o padre não ergueu o olhar. Sabia que era um riso destinado a disfarçar as lágrimas. - Até expedi a minha mala para Nova Iorque. Toda a roupa que tinha.

- Porque fez isso, Madame?

- Porque não queria que a outra pessoa soubesse que eu não ia. Se ele soubesse, não teria partido. Não quero aborrecê-lo com tudo isto. Vim cá por causa do dinheiro. Compreende, há um dinheiro que devo receber. Gostava que ele me fosse enviado ao seu cuidado. Poderá ajudar-me?

O padre acenou afirmativamente, com os dedos ainda a esconder os olhos.

- Penso que sim. Vão mandar-lhe dinheiro para aqui e eu devo guardar-lho até o vir buscar. É isso que deseja?

- Não. Eu vou para Londres. A pessoa que vai enviar o dinheiro é o meu irmão. Ele poderá perguntar-lhe onde estou, mas não quero que ele o saiba. Pode dizer-lhe que estou doente, mentalmente doente. Mas não estou. Por isso, não deve dar-lhe o meu endereço. Quero dizer, o endereço que lhe indicarei de Londres.

- Ainda não tem endereço em Londres. É isso?

- Sim. Logo que arranje um lugar, informo-o.
- Diga-me uma coisa - pediu o padre -, na semana passada, falávamos de Camus. Recordas-se?
- Sim, Padre.
- Disse-me, quando falámos, que sentia desejo de se matar. Ainda o sentes?

214

- Não.
- Tem a certeza?
- Oh, sim! - disse ela e riu-se de novo, aquele riso que se assemelhava às lágrimas.
- Pode dizer-me porque mudou?
- Não sei, Padre. Na noite passada, fiquei num hotel barato, horroroso. E foi a noite em que decidi não ir para a América. Já vê... Seja como for, quando cheguei à janela do quarto, não senti vontade de saltar. Absolutamente nenhuma. Por isso, já acabou tudo. - Abriu a bolsa, tirou um lenço e assoou-se.
O padre juntou as mãos, como se estivesse a rezar.
- Disse que seu irmão pensa que possa estar doente. Porque julga ele isso?
- Porque é médico e há uma história de doenças mentais na nossa família. Mas eu estou bem, estou perfeitamente, Padre. Não quero que me ajude, se não acreditar nisso.
O padre olhou para a mão esquerda dela.
- É casada?
- Sou.
- Deixou o seu marido?
- Deixei, sim.
O padre separou as mãos, colocando as palmas sobre o livro.
- Compreendo. E, agora, vai iniciar uma nova vida?
- Sim.
- Recordo-me de que, da última vez em que falámos - afirmou o padre -, me disse que não era religiosa.
- Disse.
O padre olhou para fora do círculo de luz, para a escuridão da nave.
- Acredita em Deus?
- Acreditei. Agora já não.
- Porque não, Madame?
- Porque não faz sentido. Não se pode continuar a acreditar depois de se pensar que a ideia de Deus é ridícula.
O padre sorriu, mostrando o intervalo entre os dentes.
- Eu posso - disse. - E faço-o.
Ela olhou-o, através das pálpebras inchadas.
- É uma coisa curiosa para um padre dizer.
- Eu sei - continuou o padre. - Não faz sentido. Mas acreditar em Deus é como estar apaixonado. Não são precisas,

215

razões, provas ou justificações. Está-se apaixonado, voilà

tout. A senhora sabe como é.

A mulher começou a chorar.

- Desculpe - disse o padre. - Deseja que a ajude quanto a esse dinheiro terei muito gosto em fazer como pretende. Dê-me instruções.

- E não diz a ninguém o endereço? Haja o que houver?

- Haja o que houver - garantiu o padre.

Meteu a mão por baixo do tampo da mesa, abriu uma gaveta e tirou dela uma folha de papel barato com linhas.

- Escreva aqui o seu nome, para eu saber, quando chegar uma carta para si.

Mergulhou a pena no frasco de Quink e entregou-lha. Ela escreveu o nome e depois um segundo por baixo.

- Este é o do meu irmão - disse. - É ele quem vai enviar o dinheiro. Eu dou-lhe o meu novo endereço assim que me instalar. E obrigada, Padre. É muito bondoso.

Estendeu-lhe a folha de papel por cima da mesa.

- Muito bem, Senhora Redden. Agora, se fosse a si, ia descansar um pouco.

- Não se preocupe. Mais uma vez, obrigada.

- Deus a abençoe, então - disse o padre.

Ela desceu os degraus, saindo do pequeno recinto iluminado da capela para as sombras da enorme nave, onde, dia após dia, os turistas se movimentavam pelas coxias como aves inquietas e estúpidas. O padre voltou a sentar-se e abriu a gaveta do lado direito. Tirou um velho dossier de cartão, preso com um grande clip. Colocou a folha de papel com o nome dela num pequeno sobrescrito rectangular e meteu-o por baixo do clip. Pegou na caneta e, como aide-mémoire, escreveu sobre o sobrescrito:

Irlandaise - Argent faire suivre. (1)

Passou um pouco e espreitou por cima dos óculos. Depois, acrescentou:

Tentative de suicide? (2)

*() Irlandesa - Fazer seguir dinheiro. (N. T.)

(2) Tentativa de suicídio? (N. T.)

Terceira parte

Capítulo primeiro

Ao fim de dois dias em Paris, o Dr. Deane decidiu que o melhor era voltar para casa. Era médico, não um detective e descobrira já o que podera. A partir de agora, parecia-lhe provável que as suas investigações se reduzissem a seguir todas as mulheres altas que visse na rua, na esperança de que

uma delas se voltasse e ele descobrisse que era a irmã. Além disso, a sua taquicardia estava pior e, na noite anterior, no quarto do hotel, havia começado a afligir-se com as mais sombrias possibilidades. Por isso, telefonou a Peg Conway para lhe dizer que se ia embora e agradecer-lhe a sua ajuda; depois mandou um telegrama para Belfast, a indicar a hora da chegada. Tivera esperanças de que a sua filha mais velha, Anne, fosse de carro até ao aeroporto, para o levar para casa. Mas, quando aterrou em Belfast, foi Agnes quem encontrou.

- Bem - disse ela, depois de Owen a beijar. - Bem-vindo a casa, Sherlock Holmes. Eu tinha razão, não tinha? Foi uma empresa inútil.

- Sim, de certo modo - respondeu, pois não era prudente contradizê-la. - Mas, no conjunto, acho que valeu a pena.

- Mas como?

- Bem, eu já te digo, querida - e, pegando-lhe no braço, encaminhou-a para fora do aeroporto; - estava a chover e fazia tanto frio que custava a crer que fosse Verão. - Na realidade - continuou -, descobri qualquer coisa. Ela não está na América. Provavelmente, continua, ainda, em França.

Pensava lançar aquilo como uma bomba, mas podia ter dito apenas que estava a chover, tal a atenção que Agnes lhe prestou. Ela descobriu a senha de estacionamento do carro e Owen abriu o guarda-chuva que a mulher trouxera. Sob a sua protecção, dirigiram-se ao carro.

- Recordas-te da carta que o amigo Lhe enviou ao cuidado de Peg? Bem, havia um endereço americano no sobrescrito. Por isso, peguei o touro pelos cornos e telefonei para lá, a perguntar por Sheila. Não estava lá. Depois, perguntei,

219

por ele, que veio ao telefone. Foi muito hostil, para falar verdade, mas fiquei com a impressão bem definida de que sabe tanto como nós onde ela está. Na realidade, creio que há muitas possibilidades de ela continuar ainda em França. Já te digo porquê.

- Telefonaste para a América? Quanto custou?

- Oh, não foi muito. Peg não queria que eu pagasse, mas sempre a obriguei a aceitar umas libras.

- Porque não abriste a carta?

- Ah, não, não podia fazer isso.. Tenho-a comigo, no entanto. Pensei enviá-la a Sheila quando souber para onde devo enviar o seu dinheiro. Não achas que é a melhor ideia?

- Esqueceste-te de pôr o cinto de segurança - disse Agnes.

- É verdade. Obrigado, querida. - Fechou o cinto e saíram do parque de estacionamento. - Ontem, fui ver o tal padre.

- O padre francês?

- Sim, aquele para quem ela me disse que enviasse o dinheiro. Um homem muito simpático. Ouve confissões em inglês. De qualquer modo, armei-me em inocente com ele, não disse uma palavra sobre o estado mental de Sheila. Só lhe contei que estava preocupado, porque podia haver problema para receber o dinheiro na América, devido aos regulamentos cambiais. E o padre disse-me: "Sua irmã não está na América."

- Então onde está? - perguntei. - Disse-me que não podia revelá-lo, mas que não havia necessidade de Lhe mandar o dinheiro em dólares. Então, perguntei-lhe: "Para onde devo mandá-lo e em que moeda?" Respondeu-me que ainda não sabia, mas que me informaria logo que pudesse. Claro, isso preocupou-me, percebes? Quero dizer, o facto de ele ainda não ter tido notícias de Sheila. Percebes o que quero dizer, querida? Espero que esteja bem.

- Não te aflijas tanto - disse Agnes e riu-se -, Sherlock Holmes. Ir a Paris e telefonar para Nova Iorque. E sabes o que devias ter feito? Deixar-te estar sentadinho em casa, no 54 da Dunderum Road.

- Que queres dizer, querida?

- Refiro-me a Sheila. Telefonou-te esta manhã. Vai telefonar outra vez às nove da noite.

- Onde telefonou? Disse-te onde está?

220

- A mim não me contou nada, nem sequer teve a delicadeza de me mandar chamar. Falou com a Imelda e quando a pequena perguntou se queria falar comigo, disse que não, que voltava a telefonar.

- E Imelda não lhe disse que eu estava em Paris?!

- Disse, pois.

- E Imelda não perguntou onde estava?

- Como é que Imelda podia saber?

- Sim, calculo. De qualquer modo, é uma grande notícia, não é? Não imaginas os pensamentos sombrios que tive em Paris, na noite passada. Nunca me perdoaria, se lhe tivesse acontecido alguma coisa.

- Não te rales, nada lhe vai suceder. Eu não te disse que ela estava bem? Uma mulher que deixa o marido e o filho depois de três semanas de paródia, não vai matar-se.

Eu não te disse isso?

- Pois disseste, querida - observou o Dr. Deane.

As filhas estavam a fazer o jantar, quando ele e Agnes chegaram a casa. Beijou-as, deu-Lhes os lenços de seda comprados na loja franca de Paris e, depois foi para a salinha, fechando a porta, dizendo que pretendia ler o correio. O que ele queria era um bom uísque. Serviu-se e acendeu a lareira.

Talvez devesse telefonar a Kevin Redden, mas, francamente, não Lhe apetecia fazê-lo. Nunca mais havia conseguido ser muito simpático para ele desde que Redden deixara escapar que tinha mostrado aquela carta a Sheila. E, na sua última conversa, Redden havia-lhe dito que fizera um relatório completo à Embaixada Americana em Dublin e que, além disso, ia pedir o divórcio na base de abandono do lar. Portanto, para quê telefonar-Lhe e dar-lhe a notícia? Que lhe interessava? Por isso, em vez de telefonar, o Dr. Deane emborcou um segundo uísque. Quando o acabou, as filhas apareceram à porta e disseram-Lhe que o jantar estava na mesa. Comida era a última

coisa que desejava, mas tinha ainda de esperar uma hora pelo telefonema de Sheila, pelo que foi até à casa de jantar e conseguiu comer um pouco de presunto e de couve-flor. Imelda tinha feito um bolo de chocolate com recheio de creme e Agnes estava muito satisfeita com ela e louvou-a muito, de modo que ele foi forçado a prová-lo.

221

- Essa fatia é grande demais para mim - protestou, e, nessa altura, o telefone tocou.

Levantou-se precipitadamente e correu para a salinha, fechando a porta atrás de si, antes de levantar o auscultador. Mas era tarde demais. Agnes já havia corrido para o hall e levantado o auscultador.

- Fala Agnes, Sheila - ouviu-a dizer.

- Viva, Agnes. Owen já voltou?

- Sim. Como estás? Onde estás tu?

- Viva - disse ele, interrompendo a conversa. - Sheila?

- Olá.

- Agnes, eu gostava de falar com Sheila a sós, se não te importas.

Pagaria por aquilo mais tarde, sem dúvida, mas tinha de o fazer.

- Está bem, vou desligar - disse Agnes.

E pousou o auscultador, mas ele não se deixou enganar. Sabia que ela ainda estava na linha. Pelo menos, agora estaria calada.

- Está, Sheila? - disse. - Sabes que fui a Paris à tua procura? Tenho andado terrivelmente preocupado. Como estás?

- Estou bem.

- Onde estás?

- Owen, estou a telefonar-te por causa das acções. Recebeste a minha carta?

- Sim, recebi. E vendi-as todas e renderam cerca de mil e seiscentas libras.

Ouviu Agnes respirar fundo na outra linha. Ela nem imaginava que fosse tanto.

- Podia ter sido mais - justificou-se. - Mas o mercado está baixo. Como queres que te seja pago? Através de um banco seria o melhor, julgo eu.

- Não pode ser posto numa conta postal?

- Penso que sim. Em França, há disso?

- Não o quero em França. Quero-o pagável em Londres.

- Então estás em Londres, não é?

Ela não respondeu.

- Podes pô-lo à minha ordem nos Correios de Londres? Posso abrir conta nos Correios de Belsize Park, em Haverstock Hill.

- Isso fica em Hampscead - disse ele. - Conheço essa área. John Devaney vivia aí perto. Em Parkhill Road.

- Quanto tempo leva o dinheiro a chegar a Londres?

- Não sei. Uns dias, uma semana, não sei ao certo.

- Bem, há uma parte, que quero que seja já paga - disse Sheila. - Devo-a. É o equivalente a quatrocentos e quinze dólares. Podias enviá-los directamente a alguém nos Estados

Unidos?

- Claro que sim. A quem o envio?
- Tens um lápis?
- Sim, dispara.
- Para o Senhor Tom Lowry, Pine Lodge, Rutland, Vermont.
- Sim, falei com ele há dias.
- Onde? - a voz falhou-lhe.
- Telefonei para Vermont. Ele escreveu-te uma carta ao cuidado de Peg, em Paris. Trazia esse endereço. Telefonei-lhe, esperando ter notícias tuas.
- Como está ele? - A sua voz era um sussurro, agora.
- Parece estar bem. Tenho aqui a carta dele, posso mandar-ta. Mas, Sheila, acho que fizeste o que devias, não partindo com ele. A propósito, de que vives?
- Estou muito bem.
- Sinto-me pessimamente por o Kevin te ter mostrado aquela carta que Lhe escrevi. Não devia tê-la escrito e ele não ta devia ter mostrado. Eu só queria ajudar-te. Acreditas-me?
- Não importa, agora - disse ela. - E obrigada por me venderes as acções.
- Ouve, Sheila, adorava ver-te. E se eu fosse aí de avião e te entregasse o dinheiro? Tenho a carta para ti, também. Só quero falar meia hora contigo. E prometo que não faço sermões. Ela hesitou.
- Trazes o dinheiro e a carta?
- Sim, vou ao meu banco logo de manhã. Diz-me onde nos encontramos.
- Podes vir amanhã? Amanhã à tarde.
- Ir aonde?
- A Londres - disse ela. - Encontramo-nos às seis no portão do Primrose Hill Park, em frente do jardim zoológico de Regents Park, na Prince Albert Road. Sabes onde é?
- Estou a anotar. Hei-de encontrar. Às seis, disseste?

222 223

- Sim. E só falamos meia hora. Podes estar em casa amanhã à noite. Está bem?
- Sim. Está bem.
- Então até amanhã às seis. E obrigada, Owen.
- Tem cuidado contigo - disse.
- Ouviu-a desligar e depois Agnes desligar também. Recostou-se no sofá e olhou para a lareira, à sua espera.
- Bem, és mesmo um molengão - proferiu, entrando. - Viste como ela mandou em ti? Pareces o rapaz dos recados. E vais-lhe entregar mil e seiscentas libras.
- É o seu dinheiro, querida.
- E a carta. Só quando lhe falaste da carta do amiguinho é que sua excelência mudou de ideias quanto a ver-te. Se vais, Owen, fazes figura de parvo.
- Eu quero vê-la - disse ele. - Julgava que tinhas desligado o telefone.
- Oh, ainda bem que falas disso. Foste muito mal educado, custou-me a crer no que ouvia. Até me apeteceu chorar. Tu e a tua família, parece que estás casado com eles e não comigo.

Dizes à tua mulher, na sua própria casa, que desligue o telefone, como se fosse uma intrusa.

Anne e Imelda estavam à porta. Tinham-na ouvido.

- Era a Tia Sheila, Papá?

- Sim.

- E onde está?

- Em Londres. Fizeste chá ou café?

- Café - disse Anne. - Queres que to traga para aqui?

- Sim, gostava.

- Então vais, hem? - recomeçou Agnes. - Cupido, o mensageiro do amor, vai e leva-lhe a carta do amigo. Bem, nunca ouvi nada parecido.

- Agnes. Por favor.

- Que foi? Só fiz uma pergunta. Só quero saber quantos bilhetes de avião mais vais ter de pagar para andares atrás dela. Porque não lhe pedes, ao menos, que te pague as despesas das suas mil e seiscentas libras?

- Mamã! - disse Anne, pegando num braço da mãe.

- Anda, Mamã! - clamou Imelda, pegando-lhe no outro braço.

E conseguiram aquilo que ele nunca conseguiria. Levá-la dali para fora. Dar-lhe um pouco de paz.

224

Capítulo Segundo

A encarregada de todas as sucursais de Hampstead das Lavandarias Fastkleen era uma mulher robusta e desajeitada, dos seus cinquenta anos, com um rosto vazio como o de um actor depois de o pano descer. Dirigia-se a todos os clientes, fosse qual fosse a sua idade ou sexo, como querido ou querida". Preocupava-se muito com os erros nos trocos e contava tudo duas vezes; contudo, em caso de crise, quando a roupa de algum cliente se perdia, era um modelo de paciência, voltando etiqueta após etiqueta, e conseguindo quase sempre descobrir os artigos em falta. No primeiro dia em que a Senhora Redden lá trabalhou, a encarregada passou a manhã com ela e depois deixou-a à vontade durante a tarde, voltando pouco antes da hora de fechar, para recolher os ganhos do dia.

- Tudo bem, querida? Tudo bem? Ótimo. Amanhã já poderá dirigir a loja sozinha.

Na tarde do terceiro dia, a encarregada chegou por volta das quatro e notou que a Senhora Redden tinha estado a chorar.

- Passa-se alguma coisa, querida? Há clientes que a aborrecam?

A Senhora Redden disse que não, que estava bem, que tudo corria lindamente.

- Isso é ótimo, querida - disse a encarregada, e tirou da prateleira por baixo do balcão um letreiro que dizia «VOLTO DAQUI A 15 MINUTOS». Colocou o letreiro na montra.

- Vamos ao outro lado da rua, num instante.

- Está em Inglaterra há muito tempo, querida? - perguntou a encarregada, quando, sentadas ao fundo do bar, pedira já um porto e um sherry seco.

- Não, há cerca de uma semana.
- Tem onde ficar?
- Tenho um quarto. Perto de Haverstock Hill.
- Carote, aposto?
- Sim.
- Tem amigos em Londres, querida?
- Não, não tenho.

225

- Precisa de entrar para um daqueles clubes sociais. Há um clube irlandês em Camden Town. Temos umas pequenas irlandesas a trabalhar na sucursal de Hampstead Village, e elas levaram-me lá na semana passada. Divertimo-nos bastante. Gosto de canções irlandesas. Não vai ficar muito tempo neste emprego, pois não?

- Que quer dizer?
- É de esperar que possa conseguir melhor, querida. Esteve na Universidade, não esteve? Vi isso na sua inscrição. Em breve arranjará um emprego em que lhe paguem mais, penso eu.
- Oh, este emprego serve-me. Pelo menos, por agora. Não quero arranjar um trabalho que não possa fazer, compreende?
- Sim, quer aguentar-se. Está certo. É casada, querida?
- Fui casada.
- Bem, bebamos ao que fomos. A propósito, querida, se tiver de sair da loja, é melhor telefonar-me primeiro, para eu a substituir. Temos inspectores, sabe. É que, por vezes, as raparigas deixam a loja por um bocadinho, para comer ou coisa parecida. É difícil fixarmo-nos, especialmente quando se é nova.
- Muito obrigada. Foi muito simpático da sua parte.
- Sim. Oh, rimo-nos imenso naquela noite no clube. Havia lá um tipo que cantava as tais canções. Rimo-nos! A gente sente-se um pouco solitária, calculo, quando se chega a um lugar novo. Escute, querida, o melhor é voltar agora para a loja. Vemo-nos amanhã às cinco e meia. Certo?

O quarto ficava nas águas-furtadas de uma casa vitoriana, de terraço, na extremidade menos elegante do Gloucester Garden. O tecto era tão inclinado que, quando estava na cama, parecia-lhe que vinha a cair por cima dela. Tinha um grande roupeiro, cujas gavetas e compartimentos estavam vazios porque ela ainda não comprara roupas para mudar. Havia também um cadeirão e uma secretária voltada para a janela, que dava para quatro longos e estreitos jardins de traseiras. À tarde, quando voltava da lavandaria, comia à secretária e depois sentava-se no cadeirão e lia livros da biblioteca local até desaparecer a luz dos dias de Verão. À noite, sonhava muito. Os seus sonhos eram eróticos e frequentemente cheios de ciúme, especialmente um sonho repetido, em que se via de pé na varanda do quarto do Hôtel Welcome, enquanto ele fazia amor

com uma rapariga, na cama, dentro do quarto. Sonhava frequentemente com acidentes, sonhava que ia com ele num avião que se despenhava, ou que se abraçava a ele enquanto o carro onde seguiam caía de um rochedo. Por vezes, aqueles sonhos faziam-na acordar e ficava deitada, sem dormir, a pensar no que estaria Tom a fazer, imaginando se estaria a pensar nela, tal como ela estava a pensar nele. E pensava muitas vezes em dinheiro; dantes, nunca pensava em dinheiro. Agora, pensava como costumava gastar seis libras para arranjar o cabelo, sem sequer notar que as gastara. Lembrava-se dos seus três primeiros dias em Londres, de como tinha ficado apenas com duas libras na carteira depois de pagar uma semana de renda do quarto. Punha-se a pensar por que motivo Oaen não havia escrito ao padre Brault para Paris, ou por que motivo o padre Brault não lhe tinha enviado o dinheiro. O pé-de-meia de Kitty. Agora parecia-lhe imenso dinheiro.

Ganhava vinte e cinco libras por semana e pagava dez libras por aquele quarto. Era demasiado. Mas os outros que vira tinham um ar muito sujo.

Depois, enquanto estava estendida a pensar, sob a parede inclinada, surgia a luz da manhã e eram horas de se levantar e correr pelas ruas meio desertas para ir abrir a lavandaria às oito.

Enquanto trabalhava, começava a pensar nele de novo.

Era sempre assim, desde que deixara o aeroporto, havia duas semanas. Mesmo quando estava muito ocupada, a fazer trocos ou a procurar as camisas de um cliente, erguia o olhar de cada vez que a campainha da porta tocava, como se Tom pudesse entrar a todo o momento. Sabia que isso não poderia suceder. Sabia que não havia meio algum por que ele pudesse localizá-la. Não queria que ele entrasse. Contudo, não conseguia impedir-se de olhar. Pensava nele constantemente. Sabia que um dia deixaria de estar sempre a pensar nele. Mas tal ainda não tinha sucedido.

Por isso, quando, finalmente, conseguiu coragem para telefonar a Owen e ele lhe disse que tinha uma carta de Tom, sentiu uma urgência terrível em saber o que ele havia feito e o que lhe escrevera. Por esse motivo, concordara em que Owen lá fosse. Era um disparate.

226 227

Pelo menos era o que pensava agora. A Senhora Dixon tinha vindo às cinco e meia, como habitualmente, recolher as receitas do dia, e concordara em deixá-la sair uns minutos mais cedo e em fechar ela própria a porta. Por isso, às dez para as seis, dirigiu-se a pé pela Regents Park Road até Primrose Hill e entrou no parque. Estava uma tarde quente de Verão. Mais adiante, seguindo pela rua, uma rapariga e um rapaz soltaram os seus cães que, libertos das trelas, começaram a correr em círculos absurdos, ladrando e agitando as línguas de alegria. À sua esquerda, num vasto relvado que o calor amarelecera, quatro rapazes jogavam à bola, servindo-se dos casacos como balizas improvisadas, enquanto dois velhos caminhavam lentamente por um carreiro, erguendo as vozes numa

discussão, sem reparar na paisagem pastoral da colina, nos relvados, no panorama de Londres, distante e parada na neblina da tarde de Verão. Tinha dito a Owen que se encontraria com ele na entrada que ficava mais perto do zoo. Quando se aproximou do portão, lembrou-se de que ele esperava que ela viesse da rua e não do parque. Provavelmente, vê-lo-ia antes de ele a ver. Assustou-se por momentos ao pensar se Owen teria falado a Kevin daquele encontro e se Kevin viria com ele, por acaso. Já não podia confiar em Owen. Mas, de certo modo, não pensava que Kevin viesse, por isso foi andando, num passo mais lento, agora, pensando de novo naquilo que a obsecava: a carta de Tom e o que ele teria dito. Assim, quando o relógio da igreja, algures, começou a bater as seis horas, passou pelo recreio das crianças, pelas mães, o recinto de areia, os baloiços, e dirigiu-se ao portão onde Owen devia estar. Viu-o logo e, enquanto se aproximava, espreitou para reparar se estaria só. Estava. Encontrava-se debaixo do quadro de avisos do parque, alto e pouco à vontade, com o mesmo fato verde que vestia quando ela falara com ele no mês anterior. Trazia uma pequena mala de homem de negócios e voltava-se para um lado e para o outro, olhando para baixo e para cima, como se ela pudesse passar sem que ele a visse.

Hesitou, com vontade de voltar para trás, com receio de tocar de novo o mundo que tinha abandonado. Mas havia a carta, a última palavra por dizer. De súbito, apressou o passo.

228

O Dr. Deane havia chegado cedo. Não se apercebera de como estava nervoso com a perspectiva daquele encontro, até o táxi o deixar junto do portão, do outro lado do zoo. Esperou meia hora, fumou dois cigarros e descobriu que os tinha acabado. No dia seguinte, deixaria de fumar.

A princípio, pôs-se a observar a rua, para a ver chegar pela Prince Albert Road. Mas, à medida que as seis horas se aproximavam, lembrou-se de olhar para o parque e, com grande surpresa sua, viu-a a descer a Primrose Hill. Estava ainda a boa distância e vestia um fato azul que Lhe pareceu quente para a época. Quando ela entrou, uns cães que brincavam na relva atravessaram-se no seu caminho, forçando-a a parar. Acenou-lhe. Sheila acenou também.

Começou a dirigir-se para ela. Quando a viu mais de perto, reparou melhor no seu rosto. Algo havia mudado.

Não sabia dizer o quê exactamente, mas parecia mais velha.

- Olá, Sheila - disse, dando-lhe um beijo hesitante, sem saber como seria acolhido, mas ela abraçou-o, tal como nos velhos tempos em que eles eram a Família.

- Estou encantado por te ver bem - disse ele. - Estava. preocupado contigo, sabes.

- Há ali um banco - disse Sheila. - Sentemo-nos.

Owen deu-lhe o braço, enquanto seguiam pelo caminho.

Era difícil ver se ela estava deprimida ou não. De certo modo, parecia-lhe que não. Pelo menos, nada como o Ned.

- Que tal a viagem?

- Agitada.

- Continuas a ter medo de voar?
- Sempre. A propósito, tenho aqui o teu dinheiro. E mandei o outro para a América, esta manhã.
Sentiu-a ficar rígida.
- Era o que tu querias, não era?
- Sim. Que disseste? Puseste alguma indicação?
- Mandei-o por vale postal. Só dizia no telegrama que ia da tua parte.
Ela sentou-se. Parecia distraída.
- Saberá ele a que se refere?
- Oh, calculo que sim - disse o Dr. Deane. Sentou-se ao lado dela e abriu a mala. - Aqui tens o resto da tua herança. Mil quatrocentas e vinte e duas libras, pagáveis no Barclays Bank, na sucursal de Leicester Square. Receio que não seja tanto como esperava que fosse.

229

Sheila pegou no sobrescrito sem olhar para ele e meteu-o na bolsa.
- Obrigada. Trouxeste a minha carta?
- Sim.
Tirou da mala um sobrescrito de avião com os selos americanos, já um pouco amachucado. Ela pegou na carta, olhou para o endereço e meteu-a cuidadosamente na bolsa.
Inclinou-se para a frente, com a cabeça para baixo, como se fosse desmaiar. Ele tocou-lhe no braço.
- Estás bem?
- Sim - respondeu; ergueu a cabeça e olhou para o parque. - Como está Danny, sabes?
- Agnes telefonou para tua casa há uns dias. Está triste, claro. Era de esperar. A propósito, Sheila, há uma coisa que quero dizer-te. Gostarias de voltar, e ficar em nossa casa algum tempo? Temos imenso espaço.
- Não, obrigada.
- Ou então podia arranjar-te uma casa. Penso que, se vivesses em Belfast, Kevin não te impediria que quisesses Danny de vez em quando. Até talvez o deixasse ficar contigo, uma vez por outra.
- Tenho um emprego aqui.
- Que género de emprego?
- Numa loja.
Sentiu-se irritado com ela.
- Compreendo. Trabalhas numa loja. Vives sozinha em Londres. É isso o que queres fazer da tua vida?
Ela não respondeu. Abriu de novo a bolsa e olhou para a carta americana.
- Anda - disse Owen, irritado. - Anda, lê-a lá, se é isso que desejas.
Um jovem de barba e blue jeans passou por eles a empurrar um carrinho alto, em estilo inglês, com dois gémeos dentro. Um lânguido setter irlandês seguia o carrinho, voltando-se para enfiar o nariz nas saias da Senhora Redden. Ela afastou a cabeça do cão e, depois, levantou-se.

- É melhor ir-me embora agora - disse Sheila. - Agradeço imenso que tenhas vindo e que me trouxesses o dinheiro.

A irritação abandonou-o. Em vez dela, sentiu, absurdamente, vontade de chorar.

- Fica mais um minutinho, sim? Quero dizer-te que lamento ter escrito aquela carta a Kevin. Não pensei que ele a utilizasse daquela maneira.

Ela olhou para a colina.

- Ele levou-a à Embaixada?

- Receio bem que sim.

- Então, se eu quisesse ir para a América agora, impediam-mo?

- Provavelmente. Mas tu não queres ir para a América, pois não? Acho que tomaste a decisão certa. Eras velha demais para aquele rapaz, Sheila.

- Acho melhor despedirmo-nos agora.

- Tão cedo?

- Sim.. Muito obrigada pelo que fizeste.

Desajeitadamente, aproximaram-se um do outro.

Desajeitadamente, ela beijou-o.

- Escreves-me? - perguntou ele. - Vai-me dizendo como estás.

- Talvez. Adeus, Owen.

Separou-se dele e, voltando-se, começou a caminhar rapidamente pelo arruamento, alcançando e ultrapassando o rapaz que empurrava o carrinho. O Dr. Deane ficou a vê-la, à sua irmã, que viera até ali olhá-lo como a um espião e regressava ao campo inimigo, àquele mundo desconhecido para lá do parque. A sua irmã, aquela mulher alta de fato azul, que subia a vastidão da colina como se corresse para um encontro urgente, e que se tornava cada vez mais pequena sob o sol enevoadado da tarde, até chegar a um grupo de árvores onde o arruamento fazia uma curva, que a escondeu da sua vista. Tinha esperado que ela se voltasse, que acenasse, que olhasse uma última vez para trás. Mas ela deixou-o tal como tinha deixado o resto, Danny, Kevin, o lar. Sem olhar para trás. Ficou parado um momento e depois dirigiu-se para o portão do parque. Ela continuou a andar. Atravessou a Primrose Hill, e desceu por entre as árvores, até chegar ao arruamento que levava ao portão de Elsworth Terrace. Havia famílias a fazer piqueniques na relva, enquanto as crianças brincavam umas com as outras, por entre os grupos que comiam. Não abriu a carta antes de chegar a um caminho tranquilo, ladeado por árvores, que marginava o parque.

230 231

PINE LODGE RUTLAND, VERMONT 05701

Terça feira - Querida

Cheguei aqui depois de te esperar toda a noite de sexta feira no Kennedy Airport. O meu avião chegou à tabela e fui para a T W A, esperar pelo teu, que também chegou a horas.

Pensei, a princípio, que talvez tivesses sido retida na imigração por causa daquela carta que o teu irmão escreveu, mas depois disseram-me que nem tinhas entrado no avião. Não podia acreditar. Mostrei-lhes a tua mala, ali, por reclamar, no recinto das bagagens. Depois, conclui que devias ter sentido pânico e mudado de ideias no último momento. Foi isso? E porquê? Tens medo que o teu marido tente fazer-te deportar? Ou foi por causa desse disparate da idade, ou por causa do teu filho. ou então porquê? Agora, começo a pensar noutra coisa. Planeaste tudo isto desde o princípio? Deixaste-os visar o bilhete e registar a tua mala, só para que eu de nada suspeitasse? Começo a pensar qe estou muito perto da verdade. Lembro-me de que nunca fizeste nada para vir para cá. até que eu te forcei.

Bem, foi esse o meu erro. Já te disse antes, as pessoas fazem o que têm de fazer. Eu não queria forçar-te a vir. Se decidiste voltar para o teu marido, desejo-te boa sorte, não posso impedir-to. Nem sequer conheço o teu endereço. Suponho que poderia telefonar ao teu marido, mas já fiz suficientemente figura de idiota.

Seja como for, cá estou eu, a trabalhar no hotel. Envio-te esta carta ao cuidado de Peg, na esperança de que ela ta entregue. Se mudares de ideias, telefona-me à cobrança e eu arranjo-te outro bilhete e ajudo-te a tratar do visto e estarei lá para te receber, quando chegares. Se não, se todas as coisas que disste eram mentiras e tudo isto não passou de um romance que já terminou, assim seja. Mas quero que saibas que, para mim, foi a sério e que é verdade que te amo.

Tom.

Havia um banco de madeira no extremo do caminho. Sentou-se e leu de novo a carta. Deixou-se ficar ali por longo tempo. As famílias que faziam os piqueniques começaram a arrumar os cestos e a dobrar as mantas. Algum tempo depois, era ela a única pessoa naquela área do parque. O Sol começou a pôr-se por trás da névoa de Verão e das nuvens doiradas, e o guarda do parque começou a subir a colina, com as chaves do portão na mão. Sheila leu a carta uma terceira vez e, depois, ao dirigir-se para o portão, rasgou a carta e o sobrescrito em pequenos pedaços, e atirou-os para um cesto do lixo. O guarda do parque esperava por ela para fechar. Atravessou o portão e seguiu rua fora, como qualquer mulher vulgar, a caminho da esquina, para comprar cigarros.

FIM

Data da Digitalizaçãpo

Amadora, Novembro de 1998

